



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

SERGIO WILLIAN DE CASTRO OLIVEIRA FILHO

**“CANDIDA”:
MISSÕES E RELAÇÕES DE GÊNERO EM UM ROMANCE
PROTESTANTE NO ALVORECER DO SÉCULO XX**

CAMPINAS

2018

SERGIO WILLIAN DE CASTRO OLIVEIRA FILHO

**“CANDIDA”:
MISSÕES E RELAÇÕES DE GÊNERO EM UM ROMANCE
PROTESTANTE NO ALVORECER DO SÉCULO XX**

Tese apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de Doutor em História, na Área de História Cultural.

ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. ELIANE MOURA DA SILVA

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE DEFENDIDA PELO ALUNO SERGIO WILLIAN DE CASTRO OLIVEIRA FILHO, E ORIENTADA PELA PROF^a. DR^a. ELIANE MOURA DA SILVA.

CAMPINAS

2018

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): Não se aplica.

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

OL4c Oliveira Filho, Sergio Willian de Castro, 1985-
"Candida" : missões e relações de gênero em um romance protestante no
alvorecer do século XX / Sergio Willian de Castro Oliveira Filho. – Campinas,
SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Eliane Moura da Silva.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas.

1. Protestantismo. 2. Missões - Brasil - Ficção. 3. Relações de gênero. I.
Silva, Eliane Moura da, 1953-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: "Candida" : missions and gender relations in a protestant novel at
the dawn of the twentieth century

Palavras-chave em inglês:

Protestantism

Missions - Brazil - Fiction

Gender relations

Área de concentração: História Cultural

Titulação: Doutor em História

Banca examinadora:

Eliane Moura da Silva [Orientador]

Rui Luis Rodrigues

Marcos Aparecido Lopes

Leonildo Silveira Campos

Margarida Fátima Souza Ribeiro

Data de defesa: 07-02-2018

Programa de Pós-Graduação: História



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Tese de Doutorado composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão pública realizada em 07 de Fevereiro de 2018, considerou o candidato Sergio Willian de Castro Oliveira Filho: **APROVADO**.

Prof^ª. Dra. Eliane Moura da Silva

Prof. Dr. Rui Luis Rodrigues

Prof. Dr. Marcos Aparecido Lopes

Prof. Dr. Leonildo Silveira Campos

Prof^ª. Dra. Margarida Fátima Souza Ribeiro

A Ata de Defesa assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no processo de vida acadêmica do aluno.

*A todas as Marys, Carys, Candidas,
Marthas, Carolines, Virginias, Annes,
Minnas, Harriets, Phebes, Elizabeths,
Sarahs, Claras, Margareths, Lillys, Agnes,
Winonas, Blanches, Rebeccas, Marcias,
Kates, Charlottes, Sallies, Annies, Elizas,
Lucilles e tantas outras.*

AGRADECIMENTOS

À Luana Pierre, minha companheira há mais de uma década, que compartilha comigo sonhos, aspirações e felicidades, agradeço pelo amor e companheirismo incomparáveis.

À Dorothy, o maior presente da minha vida, que nasceu e cresceu juntamente com a escrita deste trabalho. Essa pequena é a minha grande inspiração, cada sorriso (e sempre são muitos) me deu forças pra prosseguir.

À minha mãe, Adizia, que sempre me apoiou nas minhas escolhas pessoais e profissionais, mostrando-me o caminho que considerava correto, mas me dando liberdade para seguir meus passos. Não canso de dizer que todas minhas conquistas devem tributo a essa mulher batalhadora de quem me orgulho de ser filho.

À minha irmã Tatiana, pelo amor que nutre nosso relacionamento. Enquanto caçula, posso afirmar que sua presença é cativante e suas gargalhadas apaixonam quem quer que seja.

À minha segunda mãe, Enedina, por sua dedicação e amor incondicionais à Luana, Dorothy e a mim. Sem seu apoio não teríamos conseguido.

À minha orientadora, Professora Doutora Eliane Moura da Silva. Creio que qualquer palavra que insira neste espaço não poderá descrever a gratidão que tenho por esta pessoa que me ensinou muito mais do que aquilo disposto nos currículos acadêmicos. Mais do que uma orientadora, uma amiga deveras querida.

Ao Professor Doutor Edgar De Decca (*In memoriam*), pelos preciosos ensinamentos que tive a honra de receber enquanto aluno do Programa de Pós-Graduação em História da UNICAMP, tanto em sala de aula como no memorável exame de qualificação ocorrido em sua residência.

Ao Professor Doutor Carlos Eduardo Berriel, pelas sugestões riquíssimas apresentadas em minha banca de qualificação.

Aos amigos de doutorado: Sara; Carlos; Paulo; Harley; Tiago; Gustavo; Júlia; e Patrícia – todos membros do melhor *Team*, pelos momentos agradabilíssimos de convívio e crescimento acadêmico, cabendo menção especial à criação do promissor Centro de Estudos em História Cultural das Religiões (CEHIR).

À amiga Cláudia Silva – Claudinha – que gentilmente agraciou-me com a revisão do texto da presente tese.

Aos meus familiares, aos quais me desculpo por não citar nominalmente, mas que sem sombra de dúvida fazem parte da trajetória de feição deste trabalho.

À minha tia, Anete Oliveira, por ter sido o canal pelo qual pude ter acesso à fonte documental mais importante deste trabalho, o romance “Candida”, de Mary Hoge Wardlaw.

Ao Vice-Almirante Armando de Senna Bittencourt, que sempre apoiou e interessou-se pelo aprimoramento profissional e intelectual daqueles que comandou, destacando-se como um Comandante que vislumbrava uma visão de excelência acadêmica para a Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM). A ele, devo agradecimentos especiais pela confiança a mim dispensada.

Ao Vice-Almirante José Carlos Mathias, que manteve a mesma linha entusiástica de seu antecessor na formação de seus subordinados.

Aos pesquisadores e funcionários do Departamento de História da DPHDM: Paulo Castro; Carlos Lopes; Ricardo Guimarães; Daniel Gusmão; Anderson de Rieti; Wagner Bueno; Caio Demílio; João Santana; Antonio Modesto; José Haroldo; e Luiza Helena, pelo ambiente agradável e de enriquecimento profissional cotidiano.

Aos amigos Vivian e Pedro, pela terna amizade e apoio nos perrengues cotidianos.

Aos militares do Hotel de Trânsito da Escola Preparatória de Cadetes do Exército em Campinas (EsPCEx), do Hotel de Trânsito do Centro Preparatório de Oficiais da Reserva do Exército Brasileiro em São Paulo (CPOR-SP) e do Comando do 8º Distrito Naval (Com8ºDN); os quais de maneira tão hospitaleira e prestativa sempre me receberam.

Aos funcionários do Arquivo Histórico Presbiteriano de São Paulo, pelo modo solícito que fui atendido nas ocasiões em que utilizei os serviços desta instituição.

Por fim, um agradecimento aos amigos da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha, em especial a “*los guerrilheiros*”, pela sincera amizade e por tornarem meus dias mais alegres com as infindáveis “guerras”, o que em muito contribuiu para me dar leveza e serenidade nos momentos mais difíceis da consecução deste trabalho.

*Era uma noite bella de primavera, a branca lua
passeava na abóboda azul do firmamento, e derramava
os seus brilhantes raios sobre os negros cabellos da
minha amada.*

*As estrellas como milhares de lâmpadas accezas,
allumiavam o recinto perfumado do jardim em que nos
achávamos, e ébrio de amor e felicidade apertei contra
o meu peito aquella que é para mim a única mulher em
todo o universo, digna de habitar meu jovem coração...*

.....
*O sol nascia no Oriente, e beijava lentamente as flores
que desabrochavam às ardentes carícias d'aquelle que
as ennamorava.*

*E n'essa manhã risonha de verão, os lábios sorridentes
de meu amor encostaram-se aos meus n'um beijo mais
cheio de delicias e venturas do que o sol podia colher de
todas as flores que adornavam o tapete de relva em que
pisavam...*

.....
*O grande luminario do dia desaparecia vagaroso atraz
da sombra das arvores da floresta.*

*As aves voavam em procura de seus ninhos abrigados,
em quanto nós infelizmente fitávamos o céu que mudava
suas opulentas cores para o melancholico cinzento das
tardes de outono.*

E com um profundo suspiro dissemos – Adeus.

(Virginia Randolph Wardlaw, 31/01/1901)

RESUMO

Em 1902, a missionária presbiteriana Mary Hoge Wardlaw publicou, pelo *Presbyterian Committee of Publication*, o romance intitulado “Candida; or, by a way she knew not. A story from Ceara”. Mrs. Wardlaw fora enviada ao Brasil em 1880 com seu esposo, o Reverendo De Lacey Wardlaw, onde permaneceram até o ano de 1901, tendo sido responsáveis pela instalação de igrejas presbiterianas nas cidades de Fortaleza, Mossoró e Baturité. A trama central do romance de Mary Wardlaw gira em torno da implantação de uma comunidade protestante na Província do Ceará durante a década de 1880, de modo a se inserir como uma forma de escrita missionária enquanto um gênero literário que encontrou guarida no meio protestante norte-americano ao enfatizar as missões transculturais. Apesar dos vários embates realizados nos púlpitos e em meio impresso durante a primeira metade do século XIX acerca da validade do romance com teor religioso, a segunda metade deste século e o princípio do século XX viram o romance religioso missionário lograr êxito, tornando-se um sucesso editorial, ganhando novas tramas na medida em que ocorria a expansão do movimento missionário e tendo extrema relevância no meio feminino, pelo fato de as mulheres terem se constituído como a maior parte de suas autoras e leitoras. Tomando esta obra literária enquanto fonte e objeto de pesquisa, nosso problema girou em torno do fato de ter sido uma obra escrita por uma missionária protestante com bastante ênfase dada a personagens femininas, das quais buscamos perceber se “Candida” constituiu-se como um espaço privilegiado utilizado por Mary Hoge Wardlaw na construção de uma série de formulações a respeito do modo como percebia o mundo que lhe rodeava. Nosso objetivo foi discutir de que modo uma obra literária, vista enquanto um romance missionário-protestante, inseriu-se em um contexto que, ao mesmo tempo, trazia questões de extrema relevância às missões protestantes no Brasil e nos Estados Unidos, e às relações de gênero no seio das comunidades protestantes norte-americanas do princípio do século XX. Para tal, debruçamo-nos sobre o romance de Mrs. Wardlaw não para desenvolver um trabalho de crítica literária, mas, sim, tendo por pressuposto a articulação entre literatura e história, enfocando as relações de gênero entrelaçadas às práticas missionárias protestantes. O resultado de tal abordagem aponta para um arcabouço de práticas e visões de mundo desenvolvido em um contexto de intensas transformações nas perspectivas de papéis atribuídos a homens e mulheres (casadas e solteiras) no âmbito das missões transculturais protestantes no alvorecer do século XX.

Palavras-chave: Protestantismo; Missões; Romance; Gênero.

ABSTRACT

In 1902 the Presbyterian Missionary Mary Hoge Wardlaw published by the Presbyterian Committee of Publication the novel titled “Candida; Or, by a way she knew not. A story from Ceara”. Mrs. Wardlaw was sent to Brazil in 1880 along with her husband, Reverend De Lacey Wardlaw, where they remained until 1901, and were responsible for the installation of Presbyterian churches in the cities of Fortaleza, Mossoró and Baturité. The central plot of Mary Wardlaw's novel revolves around the establishment of a Protestant community in the Province of Ceará during the 1880s, to be inserted as a form of missionary writing as a literary genre that found shelter in the Protestant milieu American emphasis on cross-cultural missions. Despite the various clashes in the pulpits and printed media during the first half of the nineteenth century concerning the validity of the religious novel, the second half of this century and the beginning of the twentieth century saw the missionary religious novel succeed, becoming a success in publishing, gaining new plots in the extent to which the expansion of the missionary movement occurred and having extreme relevance in the feminine environment, because women have constituted themselves as the majority of its authors and readers. Taking this literary work as the source and object of research, our problem revolved around the fact that it was a work written by a woman Protestant missionary with a great deal of emphasis on female characters where we sought to understand whether 'Candida' constituted a privileged space used by Mary Hoge Wardlaw in the construction of a series of formulations regarding the way she perceived the world around him. The purpose of this research was to discuss how a literary work, seen as a missionary-protestant novel, it was inserted in a context that at the same time brought questions of extreme relevance to the Protestant missions in Brazil and the United States, and to gender relations Within the American Protestant communities of the early twentieth century. To that end, we focus on Mrs. Wardlaw's novel, not to develop a work of literary criticism, but rather to presuppose the articulation between literature and history, focusing on gender relations intertwined with Protestant missionary practices. The result of such an approach points to a framework of practices and world views developed in a context of intense transformations in the perspectives of roles assigned to men and women (married and unmarried) within the scope of the cross-cultural protestant missions at the dawn of the twentieth century.

Keywords: Protestantism; Missions; Novel; Gender.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: LIVROS PUBLICADOS PELO <i>PRESBYTERIAN COMMITTEE OF PUBLICATION</i> DE RICHMOND NO ANO DE 1902...	71
TABELA 2: FUNDOS DESTINADOS ÀS MISSÕES ESTRANGEIRAS PELA IGREJA PRESBITERIANA DOS ESTADOS UNIDOS ENTRE 1899 E 1904.....	92
TABELA 3: LOCAIS COM MAIOR FINANCIAMENTO PELO <i>BOARD OF FOREIGN MISSIONS</i> EM 1904.....	93

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: MARCA D'ÁGUA DE ABERTURA DO CAPÍTULO 1 – REPRODUÇÃO DE IMAGEM PUBLICADA NO PERIÓDICO <i>THE MISSIONARY</i> DE SETEMBRO DE 1903, QUE TRAZ UMA ILUSTRAÇÃO DO ROMANCE “CANDIDA”	39
FIGURA 2: PROPAGANDA DE PUBLICAÇÕES DO <i>PRESBYTERIAN COMMITTEE OF PUBLICATION</i>	100
FIGURA 3: PROPAGANDA DE LIVROS COM TEMÁTICA MISSIONÁRIA PUBLICADOS PELO <i>PRESBYTERIAN COMMITTEE OF PUBLICATION</i>	101
FIGURA 4: MARCA D'ÁGUA DE ABERTURA DO CAPÍTULO 2 – REPRODUÇÃO DE PÁGINA DO PASSAPORTE DE MARY HOGE WARDLAW DATADO DE 1917	105
FIGURA 5: MARCA D'ÁGUA DE ABERTURA DO CAPÍTULO 3 – REPRODUÇÃO DA CAPA DO ROMANCE “CANDIDA”	160

SUMÁRIO

NOTAS INTRODUTÓRIAS	13
PRÓLOGO.....	20
INTRODUÇÃO: O VELHO MARINHEIRO, A MISSIONÁRIA E O HISTORIADOR.....	29
CAPÍTULO 1: O ROMANCE MISSIONÁRIO PROTESTANTE	39
1.1. UM GÊNERO LITERÁRIO SOB OS AUSPÍCIOS DIVINOS: DE MALDITO A ABENÇOADO	40
1.2. PROTAGONISMO FEMININO: AS AUTORAS DOS ROMANCES	61
1.3. UMA ESCRITA MILITANTE PROTESTANTE	82
CAPÍTULO 2: AS MULHERES DE MARY HOGE WARDLAW	105
2.1. CANDIDA: A PROSÉLITA.....	106
2.2. FLORINDA: ESCRAVA, NEGRA E MISSIONÁRIA.....	117
2.3. THERESA, GLÓRIA, CHRISTINA E JOANNA: AS CATÓLICAS QUASE IRREDUTÍVEIS	130
2.4. MRS. CARY: MRS. WARDLAW NO ESPELHO	143
2.5. ESTRELLA: O ALVORECER DE UMA NAÇÃO PROTESTANTE	153
CAPÍTULO 3: O PROTESTANTISMO ROMANCEADO DE “CANDIDA”	160
3.1. “NO MUNDO TEREIS AFLIÇÕES”: A ÊNFASE NA PERSEGUIÇÃO	161
3.2. “MAS TENDE BOM ÂNIMO”: O ROMANCE COMO MANUAL MISSIONÁRIO.....	183
3.3. “EU VENCI O MUNDO”: O DISCURSO TRIUNFALISTA	203
CONSIDERAÇÕES FINAIS: <i>CHERCHEZ LES FEMMES</i>	220
BIBLIOGRAFIA E FONTES	226

NOTAS INTRODUTÓRIAS:

Candida, ou por uma trama desconhecida: uma breve apresentação da obra

A redação do presente trabalho aliada à leitura e valiosas observações preliminares por parte de professores e amigos demonstraram a necessidade de uma exposição prévia do principal documento analisado nesta tese. O fio condutor desta pesquisa trata-se de um romance publicado em 1902 nos Estados Unidos pelo *Presbyterian Committee of Publication*, intitulado “*Candida, or by a way she knew not: a story from Ceara*”, de autoria de Mary Hoge Wardlaw. Tal produção literária, cujo título principal foi por nós replicado, constitui-se de modo ambivalente como documento e objeto de nossa análise historiográfica.

Por se tratar de um livro que teve apenas uma edição (1902) e, muito provavelmente, cujo único exemplar existente no Brasil esteja sob nossa guarda, “Candida” não se constitui como uma ficção de amplo conhecimento do público geral, de modo que, seguir-se-á nas próximas linhas um breve introito com informações sobre a obra e sua autoria.

O uso de um romance que rendeu apenas uma edição como fonte primordial e objeto de análise da presente tese não se justifica pelo seu sucesso editorial enquanto produto literário, mas, sim, pela sua representatividade documental preme de possibilidades ao historiador, isto é, mesmo que “Candida” não esteja inserido no universo dos *Best Sellers* missionários protestantes norte-americanos, bem como sua autora não tenha sido uma das missionárias estadunidenses mais célebres que atuaram no Brasil durante o século XIX, o teor de constituição de tal obra, o espectro cultural que possibilitou a constituição deste tipo de escrita e a biografia da autora nos permitiram construir uma série de discussões relacionadas à percepção de elementos fundamentais para se compreender as missões transculturais protestantes estadunidenses de fins do oitocentos e princípio do século XX.

“Candida” não é uma obra isolada no contexto literário estadunidense do período de sua publicação, de modo que sua análise é realizada sob o arcabouço de um diálogo necessário com outros trabalhos ficcionais de mesmo teor publicados à época, bem como com os meios editoriais que lhes deram suporte. Não obstante, percebe-se uma intensa originalidade nas linhas de Mary Hoge Wardlaw quando debruçamo-nos sobre a trama da obra que traz aspectos relacionados às experiências e visões de mundo da missionária que passou duas décadas no Brasil, especialmente na Província (e depois Estado) do Ceará.

Ademais, deve-se ressaltar que no desenvolvimento desta pesquisa não se procedeu uma abordagem restrita a uma fonte documental, ou seja, o leitor perceberá que, mesmo estando o romance de Mrs. Wardlaw em destaque por toda a nossa análise, ele é posto em diálogo constante com diversas outras fontes documentais.

Não obstante, o objetivo destas notas introdutórias não consiste em uma análise crítica da obra ou da biografia de Mary Hoge Wardlaw, na medida em que tal procedimento será contemplado nos capítulos da tese. O caminho que será seguido nos próximos parágrafos deste tópico aponta para uma sintética apresentação descritiva da trama de “Candida” e de breves lampejos da trajetória de sua autora, a fim de que o leitor possa encontrar maior firmeza no sinuoso terreno pelo qual caminhará nas páginas subsequentes.

I. A trama da obra

“Candida” ambienta-se majoritariamente na Província do Ceará, trazendo um claro recorte cronológico: 1880 a 1889. Distribuída em trinta e três capítulos, o cerne da estória consiste em demonstrar como se deu o processo de conversão ao protestantismo de uma família de brasileiros nos primeiros anos de atuação de uma missão protestante na cidade de Fortaleza.

A personagem principal trata-se de Candida, que surge aos leitores com cerca de dezoito anos de idade em seu casamento com Augusto na Igreja da Prainha, isto é, quando ambos ainda eram católicos romanos. No decorrer da narrativa, o leitor descobre que Candida é filha (órfã) de um vaqueiro da fazenda do Sr. Joaquim de Oliveira – pai de Augusto – na cidade de Baturité (interior da Província do Ceará). Por conta da origem social da noiva, as irmãs de Augusto e, principalmente, a mãe de tal personagem (Dona Clementina) nunca viram com bons olhos o casamento do irmão/filho. Dona Clementina tinha planejado para o filho uma união matrimonial com Lucília Neves, herdeira de outro proprietário de cafezais da região de Baturité.

Apesar disso, os jovens protagonistas, cuja paixão surgira ainda na meninice, não seguem os desígnios de Dona Clementina e selam o matrimônio apoiados por Joaquim de Oliveira que sempre nutriu simpatia pela filha daquele que tinha sido seu melhor vaqueiro.

Anos antes do casamento, Candida, juntamente com suas três irmãs – Glória, Christina (mais velhas) e Joanna (mais nova) - que além de órfãs de pai também o eram de mãe,

havia partido de Baturité para a cidade de Fortaleza e ficara sob os cuidados de uma tia viúva chamada Theresa.

Se o aspecto social gerou descontentamentos em relação à Candida na família de Augusto, um aspecto religioso geraria uma dolorosa cisão entre a heroína da trama e suas irmãs. O velho Joaquim de Oliveira era protestante, convertera-se em uma de suas diversas viagens à Pernambuco onde já havia uma missão protestante instalada; de modo que, para as devotas irmãs católicas de Candida, era inadmissível conceber a união matrimonial da irmã com o filho de um protestante. Assim, nenhuma das três irmãs se fez presente na cerimônia religiosa, tampouco na singela recepção aos noivos organizada por tia Theresa em sua residência.

Apesar da família relativamente abastada de Augusto, o casal não parece ter tido auxílio pecuniário algum da família Oliveira. Após o matrimônio, o leitor é apresentado a uma residência bem humilde, com pouco mobiliário e sustentada pelos trabalhos de Candida como passadeira e costureira na alfaiataria de tia Theresa, enquanto Augusto trabalhava na *H-Works*, uma companhia inglesa responsável pela estrada de ferro no Ceará. Em contrapartida, a autora explicita a todo instante a recíproca devoção amorosa entre os recém-casados.

Como presente de casamento, Joaquim de Oliveira dá ao casal um Novo Testamento. A leitura doméstica de tal livro aliada à chegada de um casal de missionários protestantes estadunidenses à cidade – Mr. e Mrs. Cary – são fundamentais para a conversão do casal. Inicialmente, Augusto converte-se à nova fé diante de uma Candida que se mostra resistente, mas que ao se aproximar de Mrs. Cary acaba também abjurando do catolicismo.

Concomitantemente ao processo de conversão do casal, nasce-lhes o primogênito: Timotheo. Neste ponto surge na trama outra personagem relevante à conversão definitiva de Candida, que é Florinda.

Florinda é uma escrava protestante, que, com cerca de onze anos de idade, é enviada por Joaquim de Oliveira para auxiliar sua nora nos afazeres domésticos e nos cuidados de Timotheo. A princípio, Candida antipatiza com a ideia de ter uma criada, mas logo se encanta pela nova moradora da casa, por sua inteligência e prestatividade, além de perceber o quanto Timotheo se afeiçoara à garota. Florinda, por sua vez, fica encantada com o filho de Candida e sempre que surge oportunidade fala a respeito da Bíblia com o jovem casal e os agrada entoando hinos religiosos.

Por toda a trama, a autora apresenta momentos de crise e conflitos. Dentre eles, apresenta-se o afastamento de Candida de suas irmãs, fator que se constitui como um dos aspectos que causa intenso sofrimento à protagonista. Apesar da irmã mais velha – Glória – ter partido para o Pará e casado com um inglês, as outras duas irmãs continuam morando em Fortaleza e, paulatinamente, iniciam uma reaproximação com a família de Candida. Timotheo faz parte de tal processo, pois passa a receber a atenção das tias, a princípio sem o conhecimento de Candida, nos passeios que o pequeno faz com Florinda ao Passeio Público da cidade. Contudo, uma trágica reviravolta sela a reaproximação de Christina e Joanna à Candida: Timotheo é acometido por uma violenta febre que o leva à morte em poucos dias. Tal episódio de reconciliação fraternal se dá em um emocional contexto de consolação mútua ante tamanho sofrimento.

Um novo tom de dramaticidade é dado à obra após um pequeno salto temporal. Pouco antes da morte de Timotheo, Augusto pedira demissão da *H-Works* pelo fato de tal empresa exigir que seus funcionários trabalhassem aos domingos, o que não se coadunava com o preceito protestante da guarda do domingo. Além de ser mais desgastante por fazê-lo trabalhar sob forte sol, a nova colocação de Augusto não lhe dava o mesmo retorno financeiro anterior de modo que, após a morte do filho, ele decide partir para o Norte do Império, especificamente para o Vale do Amazonas, a fim de trabalhar na gerência de seringais da região. Quando de sua partida, o casal já tinha uma nova filha, a recém-nascida Estrella.

Na ausência de Augusto, diversos acontecimentos se desenrolam no Ceará. No espectro social, ocorre a abolição da escravatura (o que não significa o afastamento de Florinda, pelo contrário ela torna-se uma espécie de membro da família); no pessoal, Candida constrói uma sólida amizade com a missionária Mrs. Cary. Nesse ínterim, ocorrem as conversões de Christina, Joanna, Cosmo (esposo-primo de Joanna / filho de Theresa) e da renitente tia Theresa. Além disso, vários relatos de perseguições à comunidade protestante são descritos na obra, desde ataques na imprensa, passando por ofensas verbais nas ruas, até violência física com ataques a pedras ou com fogos de artifício.

Enquanto isso, a situação na região amazônica não é nada favorável a Augusto. Diante da expectativa inicial de apenas retornar ao Ceará em melhor situação financeira após acumular dinheiro, Augusto acaba adquirindo uma severa enfermidade que o faz regressar a contragosto para Fortaleza a fim de tratar sua débil saúde. Na companhia de Candida e da

pequena Estrella, ele parte para o clima serrano de Baturité onde rapidamente se recupera e realiza com a esposa diversas visitas aos habitantes pobres das cercanias da fazenda de Joaquim de Oliveira disseminando o protestantismo.

Após essa temporada em Baturité, o já revigorado Augusto retorna ao Vale do Amazonas enquanto Candida parte para Fortaleza. Apesar de ainda não ter caído nas graças da mãe de Augusto, Candida surpreende positivamente Dona Clementina, pois a conversão da jovem havia lhe trazido uma busca pelo aprendizado das letras e da matemática, sendo auxiliada por Mrs. Cary em tal intento.

Glória, a irmã mais velha de Candida e a mais ferrenha católica da família, retorna ao Ceará. Tornara-se uma pessoa extremamente amargurada, pois havia sido abandonada pelo marido inglês (George Lewis Barton). Alia-se a tal frustração o fato de toda a família ter se convertido ao protestantismo, o que faz Glória alimentar um misto de raiva e inveja de Candida, a quem atribui tais conversões.

Pouco tempo depois, Candida toma conhecimento de que Augusto fora vítima de um engodo na região amazônica, pois investira todos os seus recursos em uma sociedade com um homem chamado Jorge Luiz, que fugira levando todo o seu dinheiro. Candida descobre que tal homem tratava-se do marido inglês de Glória (George Lewis) que enganara simultaneamente sua irmã e seu marido.

A saúde de Augusto deteriora novamente e mais uma vez seu retorno ao Ceará se dá a fim de buscar a reabilitação, contudo, dessa vez, sem sucesso. Mesmo com toda dedicação e cuidados da esposa Augusto morre. Outra personagem que também falece nesse ponto da estória é tia Theresa. Apesar do sofrimento advindo com a viuvez e a perda da tia, nesse momento da trama ocorre a conversão de Glória, que pode ser apontada como a personagem mais resistente ao protestantismo da narrativa.

Candida, agora viúva e mãe da pequena Estrella, necessita prover seu lar com o trabalho de costureira, porém é acometida de uma doença nos olhos que a impossibilita de continuar em tal ofício. Soma-se a tal drama pessoal a severa seca que assola a Província do Ceará no ano de 1888. Diante do apelo de Dona Clementina em obter a guarda de Estrella para propiciar à garota um “futuro” (bom casamento), Candida não cede à sogra e passa a trabalhar como governanta com o apoio das irmãs e do cunhado.

Finalmente chega o ano de 1889 e a seca acaba. Estrella é apresentada como uma criança protestante exemplar. A amizade de Candida com Mrs. Cary fica cada vez mais forte. Na comunidade protestante de Fortaleza, dirigida pelo Reverendo Cary, a heroína da estória se destaca em seu trabalho como professora da Escola Dominical. Por fim, a estória termina com a autora anunciando a Proclamação da República no Brasil e um futuro que se apresentava como brilhante para a pequena Estrella.

II. A autora

Mary Hoge Wardlaw nasceu em 1855 em Baltimore (Maryland). Pertencente a uma família sulista relativamente proeminente e composta por várias gerações de ministros presbiterianos, era filha do Reverendo William James Hoge, tendo recebido como nome de batismo Mary Swift Hoge.

Em julho de 1880, Mary contraiu matrimônio com o Reverendo De Lacey Wardlaw, ministro presbiteriano recém-egresso do *Union Theological Seminary* e aspirante a missionário. Um mês depois, ambos partiram como missionários filiados ao *Board de Nashville* para o Brasil, especificamente para a cidade de Recife, a fim de auxiliar o trabalho do Reverendo John Rockwell Smith.

Um ano após a chegada ao Brasil, nasceu a primeira filha do casal: Virginia Randolph Wardlaw (autora do poema que serviu de epígrafe a presente tese). Em 1882, os Wardlaws recebem a missão de instituir uma comunidade presbiteriana na cidade de Fortaleza, capital da Província do Ceará, de modo que, entre grande parte do período que compreende o final de 1882 e o primeiro semestre de 1901, o Ceará foi o lar deste casal de missionários. Foi neste período que nasceram as outras três filhas de Mary Hoge Wardlaw: Mary Louise (1883), Blanche Lewis (1886) e Caroline Cunningham (1891). Além disso, outros locais tiveram comunidades presbiterianas formadas pelo trabalho do casal Wardlaw: Baturité (Ceará) e Mossoró (Rio Grande do Norte).

Em 1901, já desvinculados da missão presbiteriana, a família partiu para os Estados Unidos, instalando-se em Bell Buckle, no Tennessee. Um ano depois, Mary Wardlaw teve seu romance "*Candida, or by a way she knew not: a story from Ceara*" publicado pelo *Presbyterian*

Committee of Publication. Mary Hoge ainda atuaria como missionária por um verão nas Cumberland e Allegheny Mountains no Tennessee durante a primeira década do século XX.

Entre 1917 e 1919, a autora de “Candida” realizaria outro trabalho missionário, desta vez em Sagua la Grande (Cuba), com duas de suas filhas (Mary Louise e Caroline Cunningham). No começo da década de 1920, Mary e Lacey Wardlaw fixaram residência em Miami. Até sua morte, no ano de 1934, Mary Wardlaw teve uma efetiva participação em associações de escritoras, passando a se dedicar à escrita de poesias, e na comunidade presbiteriana local, participando de sociedades femininas e lecionando para turmas infantis de origem hispânica.

PRÓLOGO¹

Estupefata ela fechou o livro, não se esquecendo de marcar a página 112 com uma pequena folha de carvalho de seu jardim que caíra no outono passado, para continuar a leitura no dia seguinte. Que triste era ler sobre uma criança que em tenra idade deixava o mundo dos vivos. Estava bastante frio naquela época do ano e Maggie procurou um bom lugar próximo à lareira para ler aquele novo romance que adquirira na igreja naquela manhã de domingo.

Ela não conseguia lembrar qual tinha sido a última vez, em suas cinco décadas de existência, que havia deixado de ir à Escola Dominical na Igreja Presbiteriana que ficava a quatro quadras de sua casa na pequenina cidade de Carthage. E, naquele domingo, um livro exposto na livraria da congregação tinha chamado sua atenção. A capa vermelha com duas imensas palmeiras, um homem de chapéu a cavalo e uma grande casa ao fundo, tudo isso somado às letras douradas havia lhe encantado logo que batera os olhos nele.

Ávida por livros daquele gênero, isto é, romances; Maggie não se importou em gastar um dólar para adquirir o livrinho aparentemente tão simpático e com um título chamativo: “Candida, ou por um caminho que ela não conhecia”.

Seu esposo, não gostava muito de romances, via-os como uma série de asneiras escritas para “mulherzinhas sentimentais e sem cultura”. Porém, aqueles que se vendiam na livraria da igreja eram diferentes, pois surtiam, em sua opinião, um efeito positivo nas mulheres – “Esses são diferentes, são textos edificantes” – dizia ele a si mesmo, na medida em que tratavam de feitos notáveis de bons cristãos.

Assim, Maggie encontrava apoio de seu marido para a leitura deste tipo de literatura. E não eram poucos os livros com tal temática que a família Graves tinha à sua disposição. Uma dezena destes romances já compunha a pequena biblioteca dos Graves, nos quais Maggie fazia questão de escrever, orgulhosamente, a lápis seu nome e sua cidade: “Maggie H. McNeill Graves, Carthage - N.C.”.

Então, naquele gélido domingo de janeiro, após retornar da Escola Dominical, Maggie sentou-se em sua cama e passou a consumir vorazmente o livrinho que comprara. Antes

¹ Este prólogo trata-se de uma aventura criativa que tomou por base alguns elementos existentes nas fontes que auxiliaram a forjar a presente tese. O nome da personagem principal deste texto – Maggie H. McNeill Graves - e sua cidade – Carthage, NC - foram retirados do exemplar da obra ‘Candida, or by a way she knew not. A story from Ceara’, que pertenceu à Maggie Graves e que utilizamos como fonte, o qual tem o nome da proprietária registrado a lápis. Fora isso, parte dos nomes e acontecimentos deste prólogo são invenções do autor deste trabalho.

de iniciar a leitura das letras, resolveu ler as imagens presentes no livro, logo ficou extasiada com as ilustrações do país em que se ambientava a trama do romance: o Brasil. Quão interessantes aquelas palmeiras da terra chamada Ceará, que curiosa a cena do velho mercado da cidade de Fortaleza, como eram exuberantes as imagens do vale do Amazonas.

Viajando em tais pensamentos, Maggie, quase que instintivamente, arrancou todas as páginas contendo ilustrações e colocou-as em uma gaveta de seu quarto onde guardava seus pequenos tesouros sentimentais: uma fotografia quase apagada de sua mãe; uma carta apaixonada de seu marido, quando este tivera que viajar a Cuba; um pequeno broche e duas fitas vermelhas.

Sentindo tremer seu maxilar devido ao frio, Maggie tratou de se dirigir à confortável poltrona próxima à lareira na sala de estar. Enlanguesceu-se em meio às almofadas e passou a ler sua nova aquisição.

Logo os olhos de Mrs. Graves vislumbraram que aquele livro se tratava de mais um escrito sobre missionários em terras estrangeiras levando a palavra da salvação às pobres almas perdidas. Ela via nisso um grande e verdadeiro espírito cristão. Nunca tivera ela mesma coragem ou ocasião para seguir tal destino, porém cria que fazia sua parte no auxílio a tais empreitadas toda vez que comprava e lia um livro que falava destes bravos missionários; livros, estes, que, por sua vez, inspiravam-lhe a contribuir com ofertas especialmente voltadas aos irmãos missionários que estavam em terras longínquas.

Contudo, inconfessadamente, o que mais lhe agradava neste tipo de leitura não eram as proezas, dificuldades e êxitos alcançados pelos missionários. O que mais a interessava eram as curiosas descrições que os escritores desses romances, geralmente missionários, faziam de terras distantes e estranhas que haviam conhecido.

Maggie nunca saíra de seu país. Diferentemente da maioria de seus compatriotas, ela tinha um espírito extremamente sedentarizado, apegado à pequena Carthage, mas isso não a impedia de ter um fascínio por histórias de outros locais do globo. Seu marido era bastante reservado, até mesmo com a esposa; assim era difícil tirar dele muita coisa da época em que estivera em Cuba servindo à Marinha. Dessa forma, aqueles livros a possibilitavam um acesso a essas histórias.

O livro da vez, escrito por uma missionária chamada Mary Wardlaw, levava os olhos de Maggie a percorrerem linhas sobre o Brasil, mais especificamente sobre um local chamado

Ceará. Aquelas palavras a transportavam para longe daquele frio que sentia com tanta intensidade naquele dia; a brisa do mar e o brilho do sol destoavam completamente do que ela, em um relance, via pela janela de sua sala de estar. Nunca tinha ouvido falar nesse local antes. Sobre o Brasil sabia muito pouco, alguma coisa sobre a região Amazônica e nada mais.

Paulatinamente, foi se deixando levar pela personagem principal às ruas de uma cidade chamada Fortaleza, embeveceu-se com as muitas flores cultivadas por esta personagem – “Ah! Como amo as flores, pena que nessa época do ano não tenho nenhuma para contemplar” – e, assim, ao fechar seus olhos em rápidas pausas entre os parágrafos, quase podia sentir o cheiro das flores coloridas descritas naquelas letras negras; encantou-se com o amor do jovem casal de protagonistas e com a doçura do pequeno filhinho deste casal apaixonado.

Mas, de maneira drástica e precoce, a pequena criança adoece e morre, justamente quando seus pais haviam optado por se converterem ao protestantismo. O que poderia parecer um grande motivo de revolta se torna, paradoxalmente, o mote de consolo e alívio ao jovem casal.

Neste ponto, Maggie fechou o livro, marcando a página com a folha de carvalho, e, enquanto vagava entre seus pensamentos e emoções, teve um súbito retorno à sala de estar ao ser chamada por seu esposo para a realização da leitura dominical da Bíblia. Excetuando-se os meses que George estivera ausente por conta da guerra, a leitura de textos bíblicos aos domingos era uma prática que não deixara de ocorrer na casa de Maggie nos mais de vinte anos de matrimônio. George se considerava um bom cristão. Buscava respeitar os variados preceitos apregoados na igreja que frequentava, dentre eles a dedicação do domingo às práticas relacionadas à fé.

Porém, naquele dia, a concentração de Maggie aos textos sagrados não se deu como de costume. Constantemente lhe vinham à mente construções imagéticas do jovem casal que perdera, tão abruptamente, seu primogênito. Pensava em seus dois filhos, pela graça divina, crescidos e já morando em seus próprios lares. Lembrou-se das várias noites em claro que passara devido às enfermidades de seus pequeninos, mas nada se comparava à ideia de perdê-los como o que havia lido no romance.

A noite chegara e, ansiosamente, Maggie esperava que o tempo logo passasse para que no dia seguinte ela pudesse explorar a página 113 de seu romance do momento. Geralmente tinha tempo para suas leituras no final da tarde, quando já havia retornado da escola primária onde lecionava e resolvido todos os seus afazeres domésticos diários.

Assim, os dias passaram rapidamente naquela semana. Folha a folha, Maggie seguiu os passos dos vários personagens: brasileiros e brasileiras, católicos e protestantes, missionários americanos, trabalhadores ingleses; simultaneamente, tinha uma breve noção dos acontecimentos ocorridos cerca de vinte anos antes na remota terra chamada Ceará: emancipação dos escravos, secas terríveis, epidemias mortíferas, migrações para a Amazônia, proclamação da República no Brasil.

Curiosamente, sem nunca antes haver pisado naquela terra estrangeira, sentia como se fosse íntima da missionária que atuara naquele romance. Parecia que a entedia, parecia que a personagem Mrs. Cary era uma amiga de infância. Os conselhos de Mrs. Cary à Candida e suas irmãs pareciam ser direcionados à própria Maggie. A amizade e o carinho da missionária para com a protagonista da trama, sem deixar de lado a dedicação às próprias filhas Evangelline e Nellie. Quão difícil deve ter sido educá-las em outro país. Tudo isso mexia com os sentimentos daquela leitora.

E, de repente, Maggie se deu conta de que as histórias de Mrs. Cary (a missionária da ficção) e de Mrs. Mary (a autora missionária do romance) se fundiam. Como gostaria de conhecer pessoalmente aquela mulher escritora, sua nova desconhecida íntima!

Naquele exato momento, a 840 quilômetros de distância da casa dos Graves, uma mulher um pouco mais velha que Maggie esquentava seu corpo próximo a uma simplória lareira de uma humilde choupana nas montanhas do Tennessee. Em suas mãos, um pequeno caderno era golpeado por um lápis de tempos em tempos delineando os versos de alguma poesia que surgiam na mente daquela senhora.

Longe de seu esposo e de suas quatro filhas, a escritora-missionária Mary se empenhava em um novo projeto: ser missionária, em seu próprio país, nas inóspitas *Highlands* americanas. Outrora, havia dedicado mais de vinte anos de sua juventude à missão em outra nação e, agora, após tanto tempo longe de casa, partira mais uma vez para esta nova empreitada.

Mas, era curioso como, a cada instante, sua experiência anterior tomava de assalto seus momentos de meditação solitária. Tantas alegrias e sofrimentos misturavam-se em suas memórias: o nascimento de suas filhas no Brasil; os amigos que fizera; as crianças que instruíra;

as perseguições que sofrera; a morte trágica de amigos por conta da febre amarela e da varíola. A grande questão sempre era: Valeu o sacrifício? Sua resposta estava em um livro de capa vermelha que ela mesma escrevera, a resposta vinha em tom de esperança. Não tinha a mínima ideia de que em uma bela casa da pequena Carthage (e talvez em outros recantos de sua pátria) uma mulher lia e solidarizava-se com esta esperança.

O tempo passou. Maggie nunca saiu de Carthage, enquanto Mary morou seguidamente no Tennessee, em Cuba e na Florida. Os dias, meses e anos levaram em seus braços Maggie e Mary até já não mais existirem além de nas lembranças de seus familiares. Um pequeno livro de capa vermelha com letras douradas com o nome timbrado de Mary Wardlaw e manuscrito de Maggie Graves seguiu seu fascinante destino, passou por várias mãos e olhos que talvez não se encantaram por ele como sua primeira dona. Quem sabe esquecido em um canto empoeirado de uma biblioteca doméstica; vendido por alguns poucos vinténs a uma loja de livros usados e lá esquecido novamente por anos e anos.

Até que, em um recanto da terra em que Mary dedicara tantos anos de sua vida e a trama de um romance, alguém se interessou novamente por esta mulher que, na sua velhice, distraía-se escrevendo poesias em Miami. “Candida” ganhou, então, um novo leitor-historiador. E Mary, mais um íntimo desconhecido.

INTRODUÇÃO:

O VELHO MARINHEIRO, A MISSIONÁRIA E O HISTORIADOR

Os historiadores voltam desse mundo [da vida entre os mortos] como missionários que partiram para conquistar culturas estrangeiras e agora retornam convertidos, rendidos à alteridade dos outros. Quando retornamos nossa rotina diária, às vezes contamos entusiasmados nossas histórias ao público. Mas poucos param pra ouvir. Como o velho marinheiro, falamos com os mortos, porém temos dificuldade em nos fazer ouvir entre os vivos. Para eles, somos maçantes.²

O “velho marinheiro”, aludido pelo historiador Robert Darnton na citação acima, trata-se do protagonista de um dos marcos fundadores do Romantismo inglês. Publicado em 1798, *The rime of the ancient mariner*, de autoria de Samuel Taylor Coleridge, consiste em um poema/narrativa dividido em sete atos e que se constitui como o maior poema deste autor.

O texto inicia apresentando o encontro de um velho marinheiro com três jovens que estão a caminho de um casamento. Um dos jovens é detido pelo velho que anseia contar-lhe sua história. O marinheiro segura tal jovem que, por sua vez, tenta livrar-se do velho homem, porém os olhos cintilantes do estranho o enfeitiçam, fazendo-o sentar em uma pedra para ouvir a história, mesmo escutando ao longe o barulho da festa de casamento que se iniciara.

A história, marcada por um enredo extremamente fantástico, trata do relato de uma viagem experienciada pelo velho marinheiro, na qual toda a tripulação do navio em que estava morre, com exceção dele; e, após sete dias, os mortos se levantam e manobram a embarcação até o porto, onde o velho marinheiro é resgatado por alguns homens em um bote, enquanto o navio soçobra com sua sinistra tripulação.

Nessa jornada, várias menções são feitas às maldições, à morte (encarnada em uma mulher que o velho marinheiro encontra pessoalmente), a Deus. Finalmente, o marinheiro encerra sua história, diversas vezes entrecortada pelo assombro de seu jovem ouvinte, que fica marcado profundamente pela narrativa que ouvira e que o torna “*A sadder and a wiser man. He rose the morrow morn*”³.

O velho marinheiro, já distante dos mares e agora errante em terra firme, é aquele que não consegue se calar diante da lembrança de suas experiências. Ele encarna duas categorias

² DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*: mídia, cultura e revolução. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 12.

³ COLERIDGE, Samuel Taylor. *The rime of the ancient mariner*. New York: D. Appleton & Co., 1857. p. 51.

apresentadas por Walter Benjamin⁴ como as que tornam tangíveis a figura do narrador, isto é, o marujo viajante e o camponês sedentário. Sua figura, inicialmente de incômodo aspecto, logo cativa seu ouvinte, seduzido pelos olhos cintilantes e pelas palavras do narrador.

Esse sentimento de entusiasmo em contar algo de sua experiência pessoal a alguém é compartilhado por outras duas figuras arquetípicas apresentadas por Darnton na citação que abre a presente introdução: o missionário que retorna de terras distantes e o historiador. O ato de “narrar” trata-se de uma necessidade quase ontológica a tais sujeitos.

Diversas são as características que aproximam essas três figuras (o marinheiro, o missionário e o historiador). Uma delas é o encontro com a alteridade. Alteridade, esta, confrontada a partir de uma viagem. Conforme aponta Benjamin: “‘Quem viaja tem muito a contar’, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe”⁵. O velho marinheiro e suas aventuras por mares e terras distantes e inimagináveis, que resultam muitas vezes em narrativas fantásticas; o missionário e seu engajamento na conversão de pessoas de outros espaços geográficos diversos do seu, engajamento forjado pelo sentimento que Todorov denominou de “amor”, levando, por vezes, o missionário ao “risco de querer transformar o outro em nome de si mesmo”⁶; e o historiador que se choca diante da alteridade radical⁷ do tempo, na medida em que, conforme a emblemática epígrafe de L. T. Hartley ao seu romance ‘O Mensageiro’, “O passado é um país estrangeiro. Lá eles fazem as coisas de maneira diferente”, e como tal traz em si os mais diversos estranhamentos culturais passíveis de serem encarados por quem viaja.

Também poderíamos destacar a sede pela narrativa que provém da experiência, isto é, “O narrador retira o que ele conta da experiência: de sua própria experiência ou da relatada por outros. E incorpora, por sua vez, as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”⁸. Assim, a experiência vivida passa a exigir de tais sujeitos uma propagação àqueles que a não experimentaram diretamente.

⁴ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8 ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012. pp. 214-215.

⁵ *Ibidem*, p. 214.

⁶ TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América: a questão do outro*. 3 ed. Tradução de Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 245.

⁷ Jean Baudrillard e Marc Guillaume denominam de “*l’altérité radicale*” quando se percebe o “*outro*” como aquele: “*qui n’est pas moi, ce qui est différent de moi, mais que je peux comprendre, voire, assimiler*”. In. BAUDRILLARD, Jean & GUILLAUME. *Figures de l’altérité*. Paris: Descartes & Cie, 1994. p. 10.

⁸ BENJAMIN, Walter. *Op. cit.* p. 217.

O missionário que dedicou alguns anos (na maioria das vezes a fase da vida em que tinha mais vitalidade), décadas ou toda a sua vida no cumprimento daquilo que acreditava ser sua missão sagrada neste mundo vê em seus atos o fundamento para elaboração de relatos que visam a perpetuação da missão.

No entanto, a relação com o “outro” estabelecida pelo viajante (seja ele missionário, marinheiro ou historiador) não traz como produto final apenas as concepções forjadas nos momentos que antecederam a viagem, pelo contrário, é o contato travado na territorialidade outra que forjará a reinterpretação do “outro” e de “si” mesmo, ou seja, apropriando-nos do conceito articulado por Mary Louise Pratt, podemos inferir que tais sujeitos também formam suas impressões acerca dos outros a partir da experiência proporcionada pela “zona de contacto”, que seria:

Espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, freqüentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação.⁹

Espaço de encontros coloniais, no qual as pessoas geográfica e historicamente separadas entram em contato umas com as outras e estabelecem relações contínuas, geralmente associadas a circunstâncias de coerção, desigualdade radical e obstinada.¹⁰

Apesar da análise de Pratt voltar-se, em sua maior parte, à discussão das relações e olhares mútuos entre colonizadores e colonizados durante os séculos XVIII e XIX, a perspectiva central da autora acerca da relevância do contato que gera choques, entrelaçamentos e reinterpretações entre e sobre os sujeitos nos é bastante relevante. Soma-se a tal conceito a noção de “transculturização”¹¹, isto é, os relacionamentos desenvolvidos entre missionários estrangeiros e as “almas” que visavam salvar eram marcadas pela assimetria, pois os primeiros se viam como

⁹ PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturaçã*o. Tradução de Jézio Gutierrez. Bauru: Edusc, 1999. p. 27

¹⁰ Ibidem, p. 31.

¹¹ De mãos dadas com o conceito de “Zona de contacto”, Pratt trabalha a ideia de transculturação, que também é relevante para a nossa compreensão dos discursos dos missionários protestantes estadunidenses. A respeito de tal conceito elaborado por Fernando Ortiz, a pesquisadora Nancy Deusen afirma que: “*transculturation was an historical process that affirmed the reciprocal influences between cultures and the ongoing, dynamic interactions between complex systems that constantly reconfigured meanings and relations of power through social relations*” In. DEUSEN, Nancy E. Van. *Between the Sacred and the Wordly: The Institutional and Cultural Practice of Recogimento in Colonial Lima*. Stanford: Stanford University Press, 2001. p. 12. O próprio Ortiz faz uma analogia extraída de Malinowski para tratar do conceito: “*Como bien sostiene la escuela de Malinowski, en todo abrazo de culturas sucede lo que en la cópula genética de los individuos: la criatura siempre tiene algo de ambos progenitores, pero tambien siempre es distinta de cada uno de los*”. Cf. ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1983. p. 80.

detentores de um estilo de vida a-histórico a ser implementado onde quer que fosse; contudo, os missionários não saíam culturalmente ilesos dos relacionamentos desenvolvidos com as pessoas que desejavam converter. Um processo de transculturação ocorria vigorosamente entre os prosélitos, mas, de modo assimetricamente recíproco, os missionários também tinham suas práticas cotidianas e visões de mundo alteradas.

Não era apenas um idioma novo que os missionários protestantes estadunidenses aprendiam. Diante de uma prolongada vivência em terras estrangeiras houve da parte de tais sujeitos a necessidade de adaptação aos aspectos culturais existentes nas estações missionárias. Geralmente a análise é feita somente sob o prisma da imposição/transmissão de um novo modo de vida aos conversos, mas não se pode perder de vista que o processo de transculturação, dentro de suas devidas proporções, também se dava em caminho inverso.

Eliane Silva¹² nos traz um exemplo bastante explícito de tal perspectiva ao tratar da missionária batista sulista Martha Crawford que, após trabalhar na China, entre 1851-1866, retornou ao Alabama no pós-Guerra de Secessão e vivenciou um choque cultural, sentindo-se “estrangeira em sua própria cultura”, optando por retornar à China, lá permanecendo até seu falecimento em 1909, onde:

Estabeleceu um estilo de vida bem próximo ao dos chineses em seu cotidiano usando roupas chinesas e advogando total independência, inclusive material, das igrejas cristãs protestantes surgidas na China (...). As suas fotos desse período mostram uma mulher vestida como chinesa. Quando de sua morte, em 1909, seu funeral e caixão foram ao estilo chinês. Ficou conhecida pelos chineses como *Madam Gao*, nome que lhe foi atribuído assim que chegou a China.¹³

Essa dinâmica não se tratou de uma idiosincrasia de Miss Crawford, mas atingiu em graus diferentes diversos outros missionários no período. Dito isto, podemos agora discorrer acerca do objeto de estudo da presente tese. Buscaremos nas próximas páginas apresentar e analisar justamente as experiências e as narrativas de um missionário, ou melhor, uma missionária, na medida em que, aparentemente, a mera mudança no gênero do sujeito traz uma série de implicações fundamentais na discussão que aqui se inicia. A missionária em questão

¹² SILVA, Eliane Moura. Viajantes e missionárias protestantes norte-americanas: narrativas e alteridades na segunda metade do século XIX. In. DIETRICH, Ana Maria... [et al.]. *Viajantes, missionários e imigrantes: olhares sobre o Brasil*. Campinas: Unicamp/IFCH, 2013. pp. 41-42.

¹³ SILVA, Eliane Moura. *Missionárias protestantes americanas (1870-1920): Gênero, cultura, história*. In. Revista Brasileira de História das Religiões – ANPUH. Ano III, n. 9, jan 2011. p. 32.

trata-se de Mary Hoge Wardlaw (1855-1934), uma missionária presbiteriana estadunidense que atuou no Brasil nas décadas de 1880 e 1890, sobre a qual já esboçamos uma breve biografia no tópico “Notas introdutórias” e a respeito da qual nos aprofundaremos no decorrer do trabalho.

Nosso olhar se voltou para as narrativas de Mary Wardlaw sobre o Brasil e os brasileiros a partir de um romance de sua autoria publicado nos Estados Unidos em 1902, intitulado “*Candida, or by a way she knew not: a story from Ceara*”. Apesar de esta ter sido nossa principal fonte documental, não foi a única: *reports*; cartas; atas eclesiais; e matérias publicadas na imprensa (do Brasil e dos Estados Unidos) nos auxiliaram na análise da visão de mundo de Mary Wardlaw e de alguns daqueles que a rodeavam.

Além disso, tal romance tornou-se, em nossa discussão, mais do que uma fonte, é também nosso objeto enquanto busca de compreensão dos meandros da construção e usos de uma literatura ficcional protestante bastante difundida nos Estados Unidos entre os séculos XIX e XX, que chamaremos de “Romance Missionário Protestante”.

Cabe, porém, fazer uma breve inflexão acerca do romance como gênero e da inserção da obra de Mary Wardlaw em tal universo. Conforme buscaremos enfatizar nas páginas subsequentes, apesar do enquadramento enquanto gênero, o romance trata-se de uma forma literária de difícil caracterização. A heterogeneidade das obras que se compuseram como romances no decorrer dos séculos trouxe aos diversos especialistas – por exemplo: Friedrich Blanckenburg; Friedrich Hegel; György Lucács; Mikahil Bakhtin; Marthe Robert – que se debruçaram sobre sua análise a imensa dificuldade em delimitar e conceituar o gênero romance.

Marthe Robert o tem por um escrito que “não tem regras nem freio”¹⁴, já Bakhtin o considera um gênero vivo, ainda em construção, e como tal acanônico, mas, apesar disso, o crítico literário russo, recorrendo a Blackenburg e Hegel, tenta dar a tal forma de escrita algumas características gerais que a diferenciam da epopeia:

1. O romance não deve ser “poético” no sentido pelo qual os outros gêneros se apresentam como tais; 2. O personagem do romance não deve ser “heróico”, nem no sentido épico, nem no sentido trágico da palavra: ele deve reunir tanto os traços positivos, quanto os negativos, tanto os traços inferiores, quanto os elevados, tanto os cômicos, quanto os sérios; 3. O personagem deve ser apresentado não como algo acabado e imutável, mas como alguém que evolui, que se transforma, alguém que é

¹⁴ ROBERT, Marthe. *Romance das origens, origens do romance*. Tradução de André Telles. São Paulo: Cosac Naify, 2007. p. 14.

educado pela vida; 4. O romance deve ser para o mundo contemporâneo aquilo que a epopéia foi para o mundo antigo.¹⁵

De maneira que: forjado em prosa; de modo inacabado; com personagens dotados de uma humanidade totalmente identificável pelo leitor – que é aquele que sonda os seus mais íntimos desígnios, virtudes e defeitos –; e também com personagens que são moldados no decorrer da trama, ou seja, surgem ao leitor inacabados, sua trajetória na estória é que lhe transformará radicalmente; assim, em linhas gerais, o romance difere dos demais gêneros literários.

O quarto ponto apontado por Bakhtin diz respeito à perspectiva de que a epopeia trazia em sua trama uma luta por excelência pela comunidade, em que o herói, um ser completo desde o princípio, luta contra os inimigos da comunidade; enquanto o romance denota a luta de um herói – ou vários – que, sendo incompleto, constitui-se enquanto indivíduo a partir de suas experiências no mundo em que está inserido. O herói (ou, e na maioria dos casos, heroína) do romance também se insere em uma luta, mas não por uma comunidade ou pela manutenção de certo *status quo*, e sim em uma luta que é demandada por um conflito interno, que lhe coloca muitas vezes em posição de antagonismo aos seus pares.

Assim, a obra de Mary Wardlaw, apesar de não se compor como um dos expoentes mais relevantes deste tipo de literatura, agrega em si as várias características que dizem respeito a tal gênero. Sua heroína – Candida – é moldada radicalmente nos trinta e três capítulos de Mrs. Wardlaw. O conflito e a luta estão presentes, mas desembocam em uma transformação de visão de mundo que vai de encontro à comunidade em que a jovem personagem está inserida, isto é, a abjuração do catolicismo desencadeia uma série de embates e transformações pessoais. Tais embates são constituídos a partir de uma série de aventuras geradas pelo inconformismo dos protagonistas, o que pode ser apontado, consoante Franco Moretti, como uma das características do romance, na medida em que são as aventuras que “expandem os romances ao abri-los para o mundo”¹⁶.

Conforme discutiremos adiante, a trama dos romances de cunho religioso protestante, em especial o romance missionário, possuía uma construção temática comum em vários aspectos,

¹⁵ BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e Estética: A teoria do romance*. 5. ed. Tradução de Aurora Bernadini et. al. São Paulo: Unesp/Hucitec, 1998. pp. 402-403.

¹⁶ MORETTI, Franco. *O Romance: história e teoria*. In. *Novos Estudos – CEBRAP*. Nº 85. pp. 201-212. São Paulo: 2009. p. 204.

em especial a demonstração das transformações (pessoais e sociais) desencadeadas pela conversão ao protestantismo por parte das personagens. Esse novo modo de ver o mundo torna as várias crises individuais dos protagonistas como passíveis de serem vencidas ou, ao menos, melhor suportadas. “Candida” não foge a esse escopo geral, na medida em que, apesar das diversas singularidades que possui e que serão exploradas nesta tese, tal obra é fruto das variadas formas de ver o mundo de Mary Wardlaw. Assim, é importante perceber que, além de escritora, Mrs. Wardlaw também era leitora e seu romance traz uma série de pistas acerca do seu universo de leituras.

Por se tratar de uma obra de caráter religioso, a Bíblia surge com destaque em diversos momentos do livro, muitas vezes inserida nos diálogos das personagens sem sequer ser referenciada sua proveniência, na medida em que, destinado a um público leitor protestante, havia um repertório cultural compartilhado de leituras e experiências, dentre as quais, a rotineira familiaridade com os textos sagrados.

Entretanto, as leituras de Mary Wardlaw não se restringiam à Bíblia e, nas aberturas de quase todos os capítulos, a autora traz uma epígrafe relacionada à temática daquela parte da obra. Há um total de trinta autores citados na obra¹⁷, todos anglo-saxões (britânicos ou estadunidenses), sendo oito mulheres e vinte e dois homens. Apesar da variedade de estilos e obras dos autores citados, alguns pontos em comum podem ser destacados: a grande maioria dos autores (vinte e quatro deles) tinha nascido no século XIX, ou seja, com uma produção literária contemporânea ou ligeiramente anterior à autora de “Candida”; e a literatura da maioria destes autores era composta por poesias, romances ou hinos religiosos de vertente protestante.

Além destas obras abertamente citadas por Mary Wardlaw, é plenamente verossímil especularmos que no rol de suas leituras também havia outros romances protestantes. Uma dessas obras possivelmente foi “*Allison Bain; or by a way she knew not*”, de autoria de Margaret Murray Robertson, publicada em 1887. Não podemos afirmar que houve uma mimetização da parte de Wardlaw ou uma ação por parte do editor de seu romance, mas a similaridade é perceptível já no subtítulo idêntico das obras (“*or by a way she knew not*”).

¹⁷ A saber: Nathaniel Hawthorne, Jean Ingelow, Dinah Maria Mulock Craik, Horatius Bonar, William Cowper, Elizabeth Barret Browning, Anna Bartlett Warner, Adelaide Anne Procter, Chales Mackay, William Cullen Bryant, Robert Browning, Felicia Hemans, Charles Kingley, Edward Young, Alfred Tennyson, Phoebe Cary, John Greenleaf Whittier, Miriam Coles Harris, Frederick William Faber, Oliver Goldsmith, William Wordsworth, Thomas Gray, Oliver Wendell Holmes, George Herbert, Paul Hamilton Hayne, James Montgomery, Henry Wadsworth Longfellow, Owen Meredith (pseudônimo de Edward Robert Bulwer Lytton), Coventry Kersey Dighton Patmore e Mathew Arnold.

Apesar de as tramas das duas obras, separadas por um lapso temporal de quinze anos, serem distintas, alguns elementos conectam Robertson e Wardlaw. A escocesa Margaret Robertson¹⁸ nasceu em 1823 e também era filha de um ministro protestante (Congregacional). Migrara com a família para o Canadá com apenas nove anos de idade, e, entre 1847 e 1848, Miss Robertson foi para os Estados Unidos onde estudou no *Mount Holyoke Female Seminary* (South Hadley, Massachusetts), tendo em seguida se dedicado ao ensino, lecionando até o ano de 1865 na *Sherbrooke Academy* (Canadá). Neste ano, publicou um ensaio sobre educação em um jornal local que lhe rendeu considerável sucesso, levando-lhe, ironicamente, a deixar a docência e a começar a escrever romances, compondo um total de catorze obras até sua morte em 1897.

Conforme McMullen, os temas das ficções de Robertson refletiam:

*faithfully her principal preoccupation as a teacher – the development of an informed, strong, and moral youth, particularly among females – that she was clearly exercising her profession of educator in another mode, one which would permit her to reach a vastly greater number of young people. A concern with Christianity is always in evidence. Her fictitious families read the Bible together and attend church services regularly. (...) The principal agents of Robertson’s Christianity are female, girls and women being the main protagonists of her novels; (...) Her plots are centered on the home and the family, in which women provide love, strength, and unity. Indirectly Robertson treats the family as a microcosm of society, suggesting that a society guided by women would function on the basis of charity, cooperation, and mutual respect, in contrast to the existing male-dominated world of authority, exploitation, and materialism.*¹⁹

De modo similar, Mary Wardlaw (também filha de um ministro protestante e voltada às atividades educacionais) instilou em “Candida” uma preocupação constante com a apresentação de bons cristãos, com a educação nas letras e no aspecto moral de suas personagens, além de, claramente, dispor como sujeitos centrais as mulheres (inclusive meninas). Somado a isso, várias são as ocasiões em que a direção do lar tem de ser assumida (temporária ou definitivamente) por mulheres, como no caso da própria Candida que em um primeiro momento

¹⁸ Para mais dados biográficos de Margaret Robertson Cf. MCMULLEN, Lorraine. *Dictionary of Canadian Biography (verbete Margaret Murray Robertson)*, vol. 12, University of Toronto/Université Laval, 2003.

¹⁹ Ibidem. “fielmente sua principal preocupação enquanto professora - o desenvolvimento de uma juventude informada, forte e moralizada, particularmente entre as mulheres – claramente exercendo sua profissão de educadora de uma maneira que lhe permitiria atingir um número muito maior de jovens. A preocupação com o cristianismo está sempre em evidência. Suas famílias fictícias leem a Bíblia juntos e frequentam os cultos regularmente. (...) Os principais agentes do cristianismo de Robertson são mulheres; meninas e mulheres são as principais protagonistas de seus romances; (...) Suas tramas estão centradas no lar e na família, onde as mulheres proporcionam amor, força e unidade. Indiretamente, Robertson trata a família como um microcosmo da sociedade, sugerindo que uma sociedade guiada por mulheres funcionaria com base na caridade, na cooperação e no respeito mútuo, em contraste ao mundo existente de autoridade, exploração e materialismo dominado pelos homens.” (Tradução livre).

se vê longe de seu marido que parte para o Vale do Amazonas, e, posteriormente, na condição de viúva. Tal se dá no caso de outras duas personagens de extrema relevância na trama: tia Theresa, também viúva que dirige orgulhosamente os negócios da família; e Mrs. Cary, a missionária, que fica responsável durante semanas pelo lar e pela missão nos diversos momentos em que seu esposo precisa viajar para outras cidades.

Não há como afirmar categoricamente a existência da influência de Robertson sobre Wardlaw, contudo é possível supor que esse tipo de perspectiva presente em romances protestantes que circulavam nos Estados Unidos na segunda metade do século XIX acerca dos papéis de gênero no lar e na igreja não foi pontual.

Essa percepção acerca de quais leituras eram consumidas e faziam parte do escopo cultural de Mary Hoge Wardlaw nos é importante na medida em que nos auxiliam a perceber a obra ficcional e sua autoria sob o prisma de duas historicidades, tal qual Sidney Chaloub²⁰ fez ao analisar as obras de Machado de Assis. Assim, “Candida” tem de ser vista tanto em seu recorte espaço-temporal de trama (1880-1889 / Ceará e Vale do Amazonas) como do momento e espaço geográfico de sua publicação (princípio do século XX / Sul dos Estados Unidos da América).

Já apresentamos quase todos os personagens aludidos no subtítulo desta introdução: o velho marinheiro é o trazido por Coleridge, a missionária é a autora do romance “Candida” (Mrs. Mary Hoge Wardlaw); resta-nos apenas apresentar o historiador. O historiador é o que redige essas linhas.

Assim como os demais, o ato de narrar do historiador parte de suas experiências (de pesquisa) e do incômodo de permanecer impassível ante a alteridade do “país estrangeiro” em que esteve. Também como os demais, ele não retornou o mesmo historiador que era quando iniciou sua jornada. O contato com os sujeitos, as culturas e as visões de mundo que fazem parte de seu objeto de pesquisa é similar ao rio de Heráclito de Éfeso, isto é, o historiador que se banha nas águas do rio da alteridade nunca é o mesmo que era quando nele entrou, assim como o próprio rio também nunca permanece o mesmo.

Toda pesquisa histórica possui uma jornada e, como tal, é semelhante a uma viagem, que é cercada por uma série de métodos, técnicas, problemas, surpresas, dissabores, imprevistos e improvisos. Tal como uma viagem, cujo fim não é totalmente conhecido, iniciamos esta pesquisa. Ora, isso não significa dizer que nos propusemos a fazer uma excursão às cegas, de maneira

²⁰ CHALOUB, Sidney. *Machado de Assis: historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

incauta, sem o mínimo preparo, mas que, fazendo uma simplista alegoria com uma viagem de férias, tínhamos uma noção do caminho que queríamos percorrer, acreditávamos estar levando suprimentos suficientes para a jornada, confiávamos em nosso tino como viajantes, entretanto isso não significava a certeza absoluta de que o percurso seria feito sem percalços e mudanças de rotas no trajeto.

Partimos, então, com um plano de viagem, viagem ainda não realizada, mas que iniciou da perspectiva da experiência de jornadas anteriores já feitas por nós, mas que percorreram outros caminhos. Estes outros caminhos é que fizeram desabrochar nosso interesse pela temática da presente pesquisa.

Ainda nos tempos de graduação, iniciamos nossa caminhada de pesquisa historiográfica. Apesar da inexperiência, da pueril bagagem teórica e metodológica, pode-se dizer que aqueles anos iniciais como pesquisadores foram fundamentais para que pudéssemos chegar até aqui. Como trabalho de fim de curso da graduação, dedicamo-nos a um estudo monográfico²¹ acerca da missão presbiteriana norte-americana que atuou na cidade de Fortaleza nas duas últimas décadas do século XIX no que dizia respeito às práticas de ação dos missionários, às conversões de brasileiros ao protestantismo no campo de abrangência desta missão e aos processos de disciplina eclesiástica dentro da Igreja Presbiteriana de Fortaleza no referido período.

Através desta pesquisa, ocorreram nossos primeiros contatos com as figuras do casal de missionários presbiterianos estadunidenses Mary Hoge Wardlaw e seu esposo, o Reverendo De Lacey Wardlaw, que estiveram no Brasil entre 1880 e 1901. Após a conclusão de nossa graduação, optamos por uma expansão de nosso olhar, buscando perceber as práticas e olhares de outros sujeitos estrangeiros e protestantes que estiveram no Brasil durante o século XIX, daí resultando nossa pesquisa de mestrado²². Entretanto, tal pesquisa não perdeu de foco o casal de missionários Lacey e Mary Wardlaw, cujos olhares e práticas foram analisados em conjunto com outros três estrangeiros: Henry Koster, Daniel Kidder e George Gardner. Em tal trabalho de pesquisa, nossa ênfase se voltou a aspectos relacionados aos jogos de alteridade entre estes estrangeiros protestantes e o contato com o Brasil.

²¹ OLIVEIRA FILHO, Sérgio Willian de Castro. *“Emissários do frade apostata”*: Inserção, transgressão e Disciplina Eclesiástica na Igreja Presbiteriana de Fortaleza (1882-1899). Fortaleza Monografia de Graduação UECE, 2008.

²² OLIVEIRA FILHO, Sérgio Willian de Castro. *“Estranho em terra estranha”*: Práticas e olhares estrangeiro-protestantes no Ceará oitocentista. Fortaleza Dissertação UFC, 2011.

Uma das fontes que utilizamos durante nossa pesquisa de mestrado tratou-se justamente do romance “Candida” escrito pela missionária Mary Hoge Wardlaw. Apesar das múltiplas possibilidades oferecidas por tal fonte, abstivemo-nos de explorá-la com maior acuidade na medida em que, devido à expansão que demos à nossa análise que incluía diversas outras fontes, sujeitos e temporalidades, optamos, naquele momento, por uma breve e pontual análise do referido romance.

O amadurecimento teórico-metodológico que se seguiu à conclusão do curso de mestrado nos possibilitou planejar nova viagem. As questões que ficaram em suspenso a respeito de “Candida” e Mary Hoge Wardlaw passaram a reivindicar de nós uma abordagem mais detida. Tal qual já havíamos apontado na conclusão da pesquisa de mestrado:

tomando a liberdade de perceber a interpretação de Michel de Certeau de um ponto de vista inverso, uma das grandes belezas na prática da escrita da história consiste justamente no fato de que, por mais que venhamos a sepultar o passado, exorcizar os seus mortos e desenvolvermos uma série de “elogios fúnebres”, nunca o conseguimos fazê-lo por completo, isto é, sempre deixamos partes deste “morto” insepultas. E eis aí a questão fundamental deste trabalho que se propõe a exorcizar certos sujeitos históricos e contextos sociais, que é justamente o fato de que os mesmos, por possuírem “membros” insepultos em nosso “cemitério”, continuarão a assombrar-nos e procurar-nos.²³

Assim, a presente tese debruça-se sobre o romance de Mrs. Wardlaw, mas não o faz como um trabalho de crítica literária. Tem-se por pressuposto a articulação entre literatura e história, alguns elementos-chave circundam este trabalho como as relações de gênero entrelaçadas às práticas missionárias protestantes de fins do século XIX e princípio do século XX. Apesar de termos um romance como fonte central da discussão, nossa preocupação não se move apenas com relação ao modo como o romance veio a ganhar espaço enquanto gênero literário no meio protestante, mas, sim, de que maneira “Candida” pôde servir como meio empregado pelo projeto missionário presbiteriano do início do século XX por parte da missionária Mary Hoge Wardlaw.

Mas, para além de uma reprodução do discurso missionário ecoado pelas lideranças eclesiásticas, a escrita de uma obra literária possibilitou a Mrs. Wardlaw um espaço de atuação

²³ Ibidem, p. 270. Trata-se de um jogo interpretativo instigado pela leitura que Michel de Certeau faz da escrita da história. Tal autor desenvolve uma alegoria entre a prática historiográfica e o sepultamento, onde, ao escrever sobre o passado o historiador está a enterrar os mortos para que estes possam dar lugar aos vivos. Nas próprias palavras de Certeau, a operação historiográfica se configuraria como um “exorcismo” da morte (passado) que é reconduzida a um plano simbólico visando “liberar” o presente. Cf. CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 108.

pública diferenciada e um modo de manifestar suas visões de mundo, por mais que muitas delas parecessem idênticas as de seus pares masculinos. Forma-se, então, a tríade que delinea nosso trajeto: literatura – relações de gênero – missões protestantes.

A percepção da atuação das missionárias protestantes no período em questão, fossem elas solteiras ou casadas, deve levar em consideração as diversas contradições que envolviam sua condição como mulheres em uma sociedade que apregoava a submissão feminina às lideranças familiares e eclesiásticas masculinas, ao mesmo tempo em que buscava afirmar a superioridade delas diante das mulheres das nações alvo dos comitês missionários. Além disso, um jogo de constantes negociações, por vezes sutis e quase imperceptíveis, foi posto em prática por estas missionárias, a fim de darem cabo a seus projetos relacionados à missão. Conforme afirma Mary Renda, muitas destas mulheres se apropriaram do discurso da distribuição de papéis de gênero no contexto missionário para ampliar seu espectro de ação, por exemplo, como educadoras, médicas, em sociedades missionárias e de temperança:

*Protestant women seized the gendered structure of obligation – the injunction to live out a tightly prescribed model of womanhood, one in which religious piety, maternal care, and domestic industry defined the main contours of acceptable female behavior – to authorize and enlarge their scope of action, from fundraising efforts to work as missionaries and educators to temperance and moral reform activism.*²⁴

Dadas tais diretivas, nosso percurso segue um itinerário composto por três capítulos. Iniciamos o primeiro, intitulado ‘O romance missionário protestante’, com um tópico que discute de que maneira o romance, enquanto gênero literário, encontrou guarida no meio protestante, especificamente aqueles que possuíam por trama as missões transculturais. Tal empreitada teve um árduo caminho de aceitação dentro das comunidades protestantes estadunidenses, onde vários embates foram realizados nos púlpitos e em meio impresso durante a primeira metade do século XIX acerca da validade do romance com teor religioso. Contudo, a segunda metade do século XIX e o princípio do XX veem o romance religioso missionário logrando êxito, tornando-se um

²⁴ RENDA, Mary A. Conclusion: Doing Everything. Religion, race and Empire in the U.S. Protestant women’s missionary enterprise, 1812-1960. In. REEVES-ELLINGTON, Barbara & SKLAR, Kathrin Kish & SHEMO, Connie A. (Orgs.) *Competing Kingdoms: women, mission, and the American Protestant Empire, 1812-1960*. Durham & London: Duke University Press, 2010. p. 371. “As mulheres protestantes aproveitaram a estrutura de gênero da obrigação - a injunção de viver sob um modelo rigorosamente prescrito de feminilidade, no qual a piedade religiosa e os cuidados materno e doméstico definiam os principais contornos do comportamento feminino aceitável - para legitimar e ampliar seu escopo de ação, com esforços para angariação de fundos a fim de trabalharem como missionárias e educadoras para a temperança e o ativismo da reforma moral”. (Tradução livre).

sucesso editorial, ganhando novas tramas na medida em que ocorria a expansão do movimento missionário e tendo extrema relevância no meio feminino, pelo fato de as mulheres terem se constituído como a maior parte das autoras e leitoras de tal tipo de publicação.

No tópico seguinte, o foco se volta para a percepção do papel da autoria desses romances, em que a relação religião-gênero se posta como carro-chefe. Tentaremos demonstrar como se pode perceber espaços de protagonismo feminino no ambiente religioso a partir da escrita de tais obras ficcionais mesmo que em um universo de relações de força assimétrico e em um meio moldado pela ideia de submissão da mulher ao homem. A trajetória de Mary Hoge Wardlaw, enquanto missionária casada, será abordada a fim de se problematizar a tendência historiográfica de tomar as esposas dos missionários apenas como meras sombras dos maridos.

Encerraremos o primeiro capítulo apontando que “Candida” se insere em uma espécie de literatura militante, cuja finalidade ia além do entretenimento dos leitores, visava-se um engajamento no projeto missionário. O missionarismo protestante dentre suas várias necessidades tinha por premência a ininterrupta oferta de trabalhadores e financiamento, assim o romance de Mrs. Wardlaw trazia em seu bojo a apresentação aos leitores da continuidade da relevância das missões. Em um contexto de discussão acerca da relevância da manutenção da América Latina enquanto alvo missionário protestante, “Candida” inseria-se como uma extensão da missão de Mrs. Wardlaw, apontando o Brasil como um espaço degradado moralmente pelo catolicismo e como tal ainda carente de ação missionária.

No capítulo 2, ‘As mulheres de Mary Hoge Wardlaw’, adentramos na trama com foco nas personagens construídas por Mrs. Wardlaw para sua ficção. Apesar de a obra de Mrs. Wardlaw apresentar personagens masculinos relevantes, como Augusto (esposo de Candida), Joaquim de Oliveira (sogra da protagonista) e o Rev. Cary (o missionário estrangeiro); tais figuras são sobrepostas por personagens femininas que assumem o foco central dos conflitos e dilemas que envolvem a personagem principal que é Candida.

Quem seriam essas mulheres de Mary Hoge Wardlaw? A própria Candida (a prosélita); Florinda (a pequena escrava protestante); Theresa, Glória, Christina e Joanna (parentes próximas de Candida e símbolos do catolicismo); Mrs. Cary (a missionária estrangeira); e Estrella (filha da protagonista, nascida sob os auspícios do protestantismo). De modo que elencamos tais personagens a partir da construção que Mrs. Wardlaw faz delas, tomando-as como porta-vozes das visões de mundo que a autora possuía a respeito de alguns elementos que lhe

eram relevantes, por exemplo: o proselitismo; o significado da conversão; a infância; o papel dos missionários; a escravidão; o catolicismo; os trabalhos da esposa de um missionário; a importância de se construir uma nação protestante.

A partir de tal enfoque, analisaremos como a autora de “Candida” não apenas enfatizou a atuação de mulheres no projeto missionário protestante estadunidense do final do século XIX, mas, principalmente, realçou sua percepção a respeito dos papéis que compreendia serem das mulheres protestantes do princípio do século XX.

Por fim, o terceiro capítulo, “O protestantismo romanceado de ‘Candida’”, busca demonstrar três características básicas da escrita missionária protestante de fins do século XIX e início do XX que ganham contornos muito mais viscerais quando transpostos a um romance, que seriam: a ênfase nas perseguições religiosas; a continuidade do trabalho missionário apesar dos reveses; e o discurso triunfalista.

Para cada uma destas características, um tópico foi construído visando perceber como Mrs. Wardlaw buscou, através de “Candida”, dar a tais aspectos um tom de emotividade empática aos seus leitores, criando, desse modo, uma reinterpretação e criação do mundo que circundou a autora durante cerca de vinte anos enquanto missionária no Brasil.

Com tal percurso apresentado no papel de historiador, assemelhamo-nos ao missionário e ao velho marinheiro presentes na citação de Darnton, intentando contar com entusiasmo “nossas histórias ao público”, sabedores que, apesar de “termos dificuldades em nos fazer ouvir entre os vivos” e de por vezes sermos “maçantes”, não conseguimos parar de narrar. Assim como fazia Sherazade, a fim de continuar a sermos ouvidos, apontamos que “muitas são as histórias a contar” e aos primeiros raios da alvorada sempre estamos a afirmar astuciosamente “já é de manhã meu Senhor”. E tal qual o velho marinheiro de Coleridge, com seus olhos cintilantes, confessamos a quem nos ouve que até que tenhamos contado nossa história “*this heart within me burns*”²⁵.

²⁵ COLERIDGE, Samuel Taylor. Op. cit. p. 48.

CAPÍTULO 1

O Romance Missionário Protestante

The aim of this story is, primarily, to show the power of the gospel in Brazil, and, secondarily, to deepen the interest in Brazilians as fellow-beings. If, through its instrumentality, the way of salvation should become clearer to some groping soul, and the Saviour of sinners dearer, I shall be blessed above measure.

(Mary Floge Wardlaw – Prefácio de “Candida”)

CAPÍTULO 1: O ROMANCE MISSIONÁRIO PROTESTANTE

*Preaching of sermons is speaking to a few of mankind;
printing of books is talking to the whole world.*²⁶
(Daniel Defoe, *The Storm*)

1.1: Um gênero literário sob os auspícios divinos: de maldito a abençoado

*“Candida” is a distinct gain to our best literature. Mrs. Wardlaw has brought the Christian world into her debt by writing it. Beside its rich local coloring, interest in the author’s chief aim is heightened and sustained throughout by the charming love story, full of the most delicate and refined sentiment, pearls held together by a golden thread which runs through the book. A book which, like “Candida”, will bear and repay a second perusal, should find a welcome in every Christian home.*²⁷

Quando o romance “Candida” de Mary Hoge Wardlaw foi publicado nos Estados Unidos em 1902, não houve reprovações ao seu teor ou constituição enquanto gênero literário advindo de nenhum setor da sociedade estadunidense a que se destinava a obra. Pelo contrário, “Candida” fazia parte de um estilo de escrita que já se encontrava consolidado no meio editorial protestante do início do século XX.

Conforme a sucinta resenha-propaganda do livro, publicada no periódico protestante ‘*New York Observer*’, tal romance era apresentado ao público com um elogio excepcional: “*a distinct gain to our best literature*”. Além disso, a bela história de amor escrita por Mary Hoge Wardlaw deveria ser, consoante o articulista, “*welcome in every Christian home*”.

Em um contexto tanto de grande fluxo de missionários que saíam dos Estados Unidos a fim de propagar as diversas vertentes protestantes em várias outras nações, quanto de tantos

²⁶ DEFOE, Daniel. *The Storm: Or, a collection of the most remarkable casualties and disasters which happen’d in the late dreadful tempest, both by sea and land.* Auckland: The Floating Press, 2013. p. 4. “Pregando sermões se fala para apenas alguns poucos, imprimindo livros se pode falar com todo o mundo”. (Tradução livre).

²⁷ ‘*New York Observer*’. Seção ‘*Among the new books*’. Vol. LXXXI, N. 10. New York, March 5, 1903. p. 299. “‘Candida’ é uma distinta conquista para a nossa melhor literatura. A Sra. Wardlaw trouxe ao mundo cristão sua dívida ao escrevê-la. Junto ao rico colorido local, o objetivo principal da autora é demonstrado ao longo de uma encantadora história de amor, repleta do mais delicado e refinado sentimento que atravessa o livro como pérolas unidas por um fio de ouro. Um livro como ‘Candida’ merece uma leitura atenta e deve encontrar recepção em cada lar cristão.” (Tradução livre).

outros que retornavam ao lar após terem dedicado seus esforços à referida missão; era notável a existência nos Estados Unidos, a partir da segunda metade do século XIX, de numerosos meios pelos quais tais sujeitos podiam expressar de forma escrita suas experiências missionárias.

Tal espaço podia ser encontrado pelos missionários e missionárias, principalmente, através da publicação de artigos e cartas em periódicos (jornais e revistas) que eram tão numerosos quanto as denominações protestantes existentes nos Estados Unidos, na medida em que, apesar da existência de publicações interdenominacionais deste gênero, havia uma maior preponderância à publicação de periódicos missionários não ecumênicos, isto é, cada igreja possuía publicação própria e trazia a seus membros *reports* de suas missões pelo mundo e em sua própria terra (entre os nativo-americanos, afro-americanos e imigrantes em solo norte-americano).

Entretanto, outras formas de divulgação escrita das atividades missionárias também merecem destaque neste período como as obras publicadas por editoras afiliadas a alguma destas igrejas. Dentre tais editoras, destacamos neste trabalho o *The Presbyterian Committee of Publication*, sediado em Richmond, no estado da Virgínia.

Este comitê tratava-se da casa de publicações mais importante da Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos²⁸ desde a primeira metade do século XIX e ficava estrategicamente localizado na cidade de Richmond que era uma espécie de “quartel general” dos presbiterianos sulistas, sediando, além do *The Presbyterian Committee of Publication*, o *Union Theological Seminary*, local de onde foram egressos inúmeros ministros e missionários presbiterianos²⁹.

²⁸ Deve-se levar em consideração que, durante grande parte dos séculos XIX e XX, as mais importantes e robustas igrejas presbiterianas existentes nos Estados Unidos foram a *Presbyterian Church in the United States* (PCUS) conhecida como a Igreja do Sul e a *Presbyterian Church in the United States of America* (PCUSA – chamada de Igreja do Norte). A PCUSA tivera sua Assembleia Geral organizada em 1789 enquanto a PCUS surgiu em 1861 no contexto da Guerra Civil Americana e das querelas envolvendo o sul e o norte daquele país. Desse modo, a atuação de missionários presbiterianos norte-americanos no Brasil, esteve totalmente envolta neste cenário, na medida em que cada uma destas grandes igrejas possuía boards missionários próprios - a PCUS o *Board of Nashville* e a PCUSA o *Board of New York*. No geral pode-se, de modo sintético, fazer o seguinte panorama missionário presbiteriano no Brasil oitocentista: (1) Igreja do Norte (PCUSA): “Missão do Brasil”, iniciada em 1859 com o Rev. Ashbel Green Simonton no Rio de Janeiro tendo se expandido posteriormente pelas províncias/estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Bahia e Sergipe; (2) Igreja do Sul (PCUS): “Missão no Brasil” iniciada em Campinas no ano de 1869 por ação dos Reverendos Edward Lane e George Morton, e que, em seguida, expandiu-se por São Paulo, Minas Gerais, Goiás, além das regiões atualmente denominadas de Norte e Nordeste do Brasil (estando aí a área de atuação do casal Wardlaw). Cf. MATOS, Alderi Souza de. *Os Pioneiros presbiterianos do Brasil (1859-1900)*: Missionários, pastores e leigos do século 19. 1 ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004. pp. 13-20.

²⁹ Dentre eles o marido de Mary Wardlaw, De Lacey Wardlaw, que entre 1878 e 1880 estudou no *Union Theological Seminary*, graduando-se em Teologia, Ciências e Letras.

O *Presbyterian Committee of Publication* publicava diversos tipos de obras literárias (romances, relatos de missionários, tratados teológicos, livros de história do protestantismo, contos infantojuvenis, hinários, sermões, relatórios) cujo rol de autores era formado por membros da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos ou por autores protestantes reconhecidos e aprovados pela comunidade presbiteriana estadunidense.

Mary Hoge Wardlaw encontrara espaço para publicação de seu romance neste comitê justamente por se enquadrar plenamente nos repertórios admitidos por tal lugar social: era protestante (mais que isso: presbiteriana); havia dedicado duas décadas de sua vida à missão presbiteriana em um país estrangeiro; e fazia parte de uma família tradicionalmente voltada às funções ministeriais presbiterianas³⁰.

Além disso, a publicação de um romance cujo pano de fundo era o processo de difusão do protestantismo em uma nação majoritariamente não protestante configurava-o como um escrito especialmente bem visto pelos membros do Comitê de Publicações de Richmond. Nada melhor do que um romance escrito por uma missionária para servir de edificação espiritual aos leitores presbiterianos estadunidenses, especialmente às mulheres.

De certa maneira, os líderes protestantes de fins do século XIX e início do século XX viam as mulheres como público receptor prioritário deste tipo de literatura. Por sua própria essência de valorização dos textos sagrados, havia, da parte de vários grupos protestantes como presbiterianos, batistas, congregacionais, episcopais e metodistas, uma forte tendência ao letramento dos fiéis. Um bom cristão somente poderia estar plenamente focado em suas atribuições religiosas caso se dedicasse à leitura da Bíblia e de textos considerados edificantes.

Às mulheres, também eram destinados tais pressupostos do letramento. Porém, havia uma grande diferença que se punha diante de homens e mulheres, pois, apesar da mesma educação inicial nas primeiras letras dada a alguns grupos protestantes no período, cria-se que o decorrer da vida de tais sujeitos perpassariam vias diferentes. Assim, enquanto o homem poderia enveredar pelas mais diversas profissões, dentre as quais o ministério religioso (exclusivamente masculino); as mulheres tinham diante de si, geralmente, apenas duas grandes perspectivas: a família (mãe e esposa) e/ou o magistério (considerado uma extensão e aprimoramento da educação doméstico-familiar).

³⁰ Mary Hoge era filha do reverendo presbiteriano William James Hoge, irmã do reverendo Peyton Harrison Hoge e esposa do reverendo De Lacey Wardlaw, cujo pai, o imigrante irlandês Thomas De Lacey Wardlaw, também fora ministro presbiteriano.

Dessa forma, os romances protestantes surgiam como especialmente válidos no cumprimento da função de literatura edificante às mulheres. Logicamente, tais livros deveriam possuir em seus enredos um forte teor religioso com personagens que encarnassem o ideal feminino de submissão, fidelidade, piedade e zelo doméstico-familiar, tanto no papel de mãe quanto nos de esposa e filha.

Paradoxalmente, a perspectiva que a uma primeira vista soaria como claro indício da visão cerceadora da mulher, posta como submissa ao homem e carente de amparo espiritual, também possibilitou a este gênero literário ter mulheres como seus principais autores. Isto se configurou como um fenômeno extremamente recorrente nos meios protestantes, na medida em que ia ao encontro de uma premissa básica sobre a função da mulher em tais círculos, ou seja, às mulheres, era destinado o papel fundamental de instrução doméstica dos filhos e que poderia ser ampliado para além dos limites do lar através do magistério.

O trabalho das mulheres de fé na educação foi incentivado na imprensa americana da época; revistas femininas datadas de 1830 a 1860 narravam, além de histórias de amor, cartas, itens domésticos, poemas e assuntos intimistas, a necessidade de as mulheres escolherem uma carreira adequada, nobre e de acordo com os seus atributos.³¹

Assim, romances edificantes voltados às mulheres e ficções infantojuvenis que poderiam ensinar questões de fé aos jovens iam ao encontro de tal concepção, na medida em que estariam de acordo com a missão destinada à mulher protestante: ser agente de Deus, assegurando o avanço moral e intelectual do mundo, bem como dando suporte aos líderes religiosos nessa missão.

Para além do enfoque advindo do olhar dos grupos protestantes estadunidenses ante as mulheres, levanta-se aqui também uma série de atributos que, durante o século XIX, nos grandes centros urbanos da Europa e Américas, passaram a forjar o que seria a mulher ideal: “Delicadeza, altruísmo, caridade, cuidados familiares e domésticos, zelo pela família, pelos doentes e pelos pobres são valores e papéis idealizados em relação a um protótipo ideal da mulher no século XIX”³².

³¹ SCHWARTZ, Rosana (Org.). *Mulheres de fé: norte-americanas no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Editora Expressão & Arte, 2011. p. 106.

³² FRANCO, Stella Maris Scatena. *Peregrinas de outrora: viajantes latino-americanas no século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008. p. 141.

Tais constatações aparentam certa lógica quando partimos da perspectiva das representações que o romance, enquanto gênero literário, apresenta desde sua ascensão. Contudo, ao nos voltarmos com maior atenção para a argumentação desenvolvida nos parágrafos anteriores, veremos que o processo de utilização deste tipo de escrito não se deu sem tensões, reconfigurações e mudanças de perspectiva sobre sua função social.

O romance, tido atualmente como uma espécie de gênero literário balizado com uma aura de nobreza e valor, nem sempre foi visto sob este prisma pelos literatos, filósofos e homens de letras. Analisando a história da leitura a partir de Jean-Jacques Rousseau e seu romance *La Nouvelle Héloïse*, Robert Darnton afirma que

No século XVIII, os romances eram, com frequência, considerados moralmente suspeitos, ou uma forma inferior de literatura, e os romancistas em geral, não punham seus nomes, nas folhas de rosto de seus livros.³³

(...) os romances eram vistos como perigo moral, especialmente quando abordavam o amor e seus leitores eram senhoritas.³⁴

Desta maneira, os romances eram encarados com desconfiança e, porque não dizer, com aversão por grande parte dos grupos letrados da Europa, a ponto de alguns literatos terem se negado a admitir que seus escritos se tratassem de romances como no caso do *Robinson Crusóe*³⁵ de Daniel Defoe, que entendia o romance como falso, superficial, sentimentalista e corruptível.

Entretanto, o fim do século XVIII se mostrou como uma reviravolta com relação às percepções acerca do romance, que passou, paulatinamente, a ganhar espaço por entre os outros gêneros literários a ponto de no século XIX já não mais ser visto com ojeriza, mas, pelo contrário, como gênero detentor de importante função social.

Conforme nos indica Peter Gay:

Sem dúvida, há mais de um modo de ler um romance: como uma fonte de prazeres civilizados, como um instrumento didático que serve ao aperfeiçoamento pessoal, como um documento que abre portas para sua cultura.³⁶

³³ DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Tradução de Sonia Coutinho. 5 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006. p. 359.

³⁴ Ibidem. p. 294.

³⁵ ROBERT, Marthe. *Romance das origens, origens do romance*. Tradução de André Telles. São Paulo: Cosac Naify, 2007. p. 12.

³⁶ GAY, Peter. *Represálias selvagens: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 15.

Fruto de uma natureza burguesa, o romance descortinou-se com as principais características que poderiam descrever a burguesia em ascensão, dentre as quais poderíamos destacar o individualismo e a sanha pela realização pessoal mesmo diante de circunstâncias sociais adversas.

Para muitos teóricos do romance, tal estilo literário somente alcançou seu ápice quando a burguesia também o fez. De mãos dadas, a burguesia e o romance construíram-se mutuamente. Benjamin, sobre esse ponto, afirma que “o romance, cujos primórdios remontam à Antiguidade, precisou de centenas de anos para encontrar, na burguesia ascendente, os elementos favoráveis a seu florescimento”³⁷. Contudo, talvez o gesto mais claro dessa aproximação possa ser mais facilmente perceptível quando se faz uma análise dos modos de apropriação dos leitores por esse gênero literário. Tomando novamente Benjamin de empréstimo:

O leitor de um romance é um solitário. Mais solitário que qualquer outro leitor (pois mesmo quem lê um poema está disposto a declamá-lo em voz alta para um ouvinte ocasional). Nessa solidão, o leitor do romance apodera-se da matéria de sua leitura de uma maneira extremamente ciosa. Quer apropriar-se dela, devorá-la, de certo modo. Sim, ele destrói, devora a substância lida, como o fogo devora lenha na fogueira.³⁸

A solidão do leitor adquire aqui uma estreita relação com um modo de vida burguês que em vários aspectos tende a uma individualização dos sujeitos. O sucesso, o amor, os projetos, os sonhos, a família, tudo isso passa a ser permeado por uma aura de extremo individualismo.

O leitor do romance busca em sua leitura uma satisfação, distração, lazer (todos estes termos são válidos) individuais. A teologia protestante tem dentre seus pilares básicos o individualismo. Quando se fala em individualismo, não estamos castrando a ideia de uma comunidade religiosa que tende a forjar laços de auxílio mútuo, mas, sim, atentando para o fato de que o aspecto essencial deste tipo de cristianismo, que é a salvação, claramente é apregoadado como algo absolutamente individual.

Deste modo, o relacionamento do homem com o sagrado passa a ser considerado algo solitário. A salvação é individual e a decisão é pessoal. Por conta disso, no meio protestante, são expurgadas práticas como a confissão auricular ou a interseção pelas almas dos que morreram, na medida em que ninguém mais além do próprio indivíduo pode tomar a decisão considerada

³⁷ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8 ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 218.

³⁸ *Ibidem*, p. 230.

correta. Além disso, o fiel poderia alcançar o sagrado sem a necessidade de intermediários, fossem eles instituições (a igreja) ou outros homens (sacerdotes). Ian Watt considera que a sociedade moderna constituiu-se com uma grande carga individualista, apontando duas causas históricas para tal: “o advento do moderno capitalismo industrial e a difusão do protestantismo, sobretudo em suas formas calvinista ou puritana”³⁹.

Assim, já se pode vislumbrar que o romance poderia encontrar terreno fértil no meio protestante, mas necessitava para isso de uma série de outras transformações, conforme abordaremos adiante.

Outros pontos de aproximação podem ser apontados entre o romance e a burguesia. Edward Said levanta, em sua discussão sobre o imperialismo britânico, francês e norte-americano, que os romances tiveram um espaço de destaque em tais sociedades e que abordavam diretamente a temática do império. No entanto, indo além dessa constatação, Said pontua uma tríade indissociável para o período analisado: Romance-Burguesia-Império, na medida em que, segundo tal autor:

Não estou pretendendo dizer que o romance – ou a cultura em sentido amplo “causou” o imperialismo, e sim que o romance, como artefato cultural da sociedade burguesa, e o imperialismo são inconcebíveis separadamente. (...) O romance é uma forma cultural incorporadora, de tipo enciclopédico. Dentro dele se encontram tanto um mecanismo altamente preciso de enredo quanto um sistema inteiro de referência social que depende das instituições existentes da sociedade burguesa, de sua autoridade e poder.⁴⁰

Mas, não bastou ao romance essa simbiose à burguesia para demarcar seu espaço privilegiado no meio literário. Fazia-se necessário cambiar as representações sobre tal gênero literário que o atestavam como um oceano de futilidades que tinha o poder de corromper donzelas, para que o mesmo se tornasse um “instrumento didático que serve ao aperfeiçoamento pessoal” às famílias burguesas.

A tal mudança paradigmática dois fatores corroboraram: o comprometimento do romancista com o princípio da realidade e a missão implícita a tais obras literárias de denunciar as mazelas morais da sociedade. Quanto ao princípio da realidade, o romance desenvolvido a

³⁹ WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. pp. 63-64.

⁴⁰ SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 109.

partir do século XVIII trazia dois aspectos fundamentalmente novos: a noção de realismo individual, isto é, a trama desenrolava-se a partir do modo como o indivíduo percebia o mundo através de seus sentidos, levando-o, tal percepção, a crer que o que apreendera era a realidade; e o segundo aspecto era a originalidade (no sentido de algo único e novo). Tal abordagem é realizada por Ian Watt, que, ao comparar o romance com os gêneros literários precedentes, afirma também que: “certamente o romance se diferencia dos outros gêneros e de formas anteriores de ficção pelo grau de atenção que dispensa à individualização das personagens e à detalhada apresentação de seu ambiente”⁴¹.

Quanto à missão de descortinar os males sociais, ao protagonista, são dadas amplas possibilidades de romper diversas barreiras sociais, entretanto a isto havia um limite, e, ao transgressor das fronteiras morais estabelecidas, destinava-se o castigo. Tomando novamente Said:

O herói e a heroína do romance mostram a energia e o vigor infatigável característicos da burguesia empreendedora, e lhes são permitidas aventuras em que suas experiências lhes revelam os limites daquilo a que podem aspirar, aonde podem ir, o que podem vir a ser. Assim, os romances terminam ou com a morte de um herói ou heroína (Julien Sorel; Emma Bovary; Bazarov; Judas, o Obscuro) que, em virtude de uma energia transbordante, não se adéqua ao sistema ordenado das coisas, ou com o acesso dos protagonistas a uma posição de estabilidade (em geral sob a forma do matrimônio ou da confirmação identitária, como é o caso dos romances de Austen, Dickens, Thackeray e George Eliot).⁴²

Neste último aspecto articulado por Said, engajou-se a grande maioria dos romances protestantes, especialmente no quesito da “confirmação identitária” que sempre se volta para uma perspectiva religiosa da conversão ou afirmação interior do protestantismo e suas implicações sociais que se correlacionam também com várias características burguesas.

No caso da obra de Mary Hoge Wardlaw, em determinado momento, a protagonista, Candida de Oliveira, passa a ser destacada pela autora por ter de enfrentar a viuvez e a maternidade ao mesmo tempo, além de encerrar sua trajetória nas linhas de Mary Wardlaw como uma mulher autônoma que não necessitava de um “*male protector*”⁴³, entretanto e acima de tudo,

⁴¹ WATT, Ian. Op. cit. p. 18.

⁴² SAID, Edward W. Op. cit. (1995). p. 109.

⁴³ WARDLAW, Mary Hoge. *Candida; or, by a way she knew not. A story from Ceará*. Richmond: The Presbyterian Committee of Publication, 1902. p. 306. Tal aspecto da trama de Mary Hoge Wardlaw será desenvolvido com maior profundidade no decorrer deste trabalho.

Candida se afirma em sua fé protestante que é repassada, quase que automaticamente, à sua filha Estrella.

Na Europa, por sua vez, mais especificamente na França do século XIX, a despeito da recusa do estilo de vida burguês por parte de alguns literatos como Charles Baudelaire e dos artistas que defendiam a “arte pela arte”, houve uma forte tendência no meio artístico de atribuição à arte do papel de cumpridora de uma função política ou social. Grande parte dos romancistas voltou-se especialmente às questões morais burguesas que celebravam o matrimônio, a administração patrimonial e a forma ideal de educação dos filhos.

Curiosamente, até mesmo dentre aqueles textos que se comprometiam a apregoar a hipocrisia do modo de vida burguês ao expor claramente o adultério, a desonestidade e a corrupção no seio das famílias aparentemente ideais, acabaram por fazer uma crítica com base nos moldes morais socialmente aceitos. O romance tornou-se, então, para muitos escritores, um modo de transformação moralizante da sociedade através do exemplo ou da denúncia.

Esse complexo percurso, hoje tão naturalizado, forjou-se a partir do que Marthe Robert denominou de arrivismo aventureiro da parte de um “plebeu que vingou”:

O romance moderno, a despeito das nobres origens a ele atribuídas pelo historiador e que ele próprio reivindica, é na realidade um recém-chegado nas Letras, um plebeu que vingou e que, em meio aos gêneros secularmente estabelecidos e pouco a pouco por ele suplantados, continua parecendo um arrivista, às vezes até mesmo um aventureiro.⁴⁴

Todo este trajeto de tomada de posição no campo literário por este gênero que um dia fora “plebeu” teria para Darnton um caminho cujo ápice se deu ao findar do século XVIII, ao que tal historiador estadunidense afirma que: “Em pouco mais de duzentos anos, o mundo da leitura havia se transformado. A ascensão do romance contrabalançava um declínio da literatura religiosa”⁴⁵.

De fato, dados estatísticos demonstram que, apesar do módico número de leitores, até a primeira metade do século XVIII, havia uma tiragem e distribuição muito maior de obras religiosas do que de escritos leigos⁴⁶. Tal cenário paulatinamente foi alterado no decorrer deste

⁴⁴ ROBERT, Marthe. Op. cit. p. 11.

⁴⁵ DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 175.

⁴⁶ WATT, Ian. Op. cit. pp. 38-39.

século com o crescimento do público leitor aliado às diversas transformações sociais desencadeadas na Europa e América.

Contudo, tal assertiva de Darnton sobre o declínio da literatura religiosa encontrou justamente nos Estados Unidos um ponto de contradição. Durante os séculos XIX e XX, este país teve seu mercado editorial marcado pela fusão do romance com a literatura religiosa.

A obra *Uncle Tom's Cabin*, de Harriet Beecher Stowe, destaca-se como um desses romances que aliou um discurso fortemente religioso com alusões e críticas ao contexto social estadunidense, especificamente à escravidão. Publicado no início da década de 1850, o romance de Stowe alcançou um sucesso quase imediato, tendo vendido dez mil exemplares na primeira semana de vendas nos Estados Unidos e alcançado grande receptividade também na Inglaterra.

Uncle Tom's Cabin tornou-se um dos marcos e baluartes para os militantes da emancipação dos cativos nos Estados Unidos, e Harriet Stowe passou a ser aclamada como uma das principais vozes de tal militância. Entretanto, a própria Stowe afirmava que seus escritos seriam apenas instrumentos pelos quais o Espírito Santo poderia se comunicar à comunidade cristã. Claramente, há uma imbricação entre a fé protestante e o gênero literário “romance” em *Uncle Tom's Cabin*, e sobre a qual a historiadora Candy Gunther Brown assim analisa:

Harriet Beecher Stowe's Uncle Tom's Cabin, which sold more than 3 million copies in the nineteenth century and awoke the nation's conscience, achieved popularity by employing a sentimental style deplored by fiction's opponents. Yet Stowe shared evangelical assumptions about the correct relationship among writers, publishers, texts, and readers, namely, that reading should influence readers through their texts (...) Stowe marked her novel as a religious work, in a sense inspired by the Holy Spirit; the text did not belong to her, as an author or as a woman, but to the Christian community.
47

Dessa maneira, por mais que houvesse um caráter extremamente voltado a uma demanda social, a autora de tal romance via sua obra como um trabalho de cunho religioso. Cabe ressaltar que Harriet Stowe alcançou um sucesso editorial extraordinário nos Estados Unidos do

⁴⁷ BROWN, Candy Gunther. *The word in the world: Evangelical writing, publishing, and reading in America, 1789-1880*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2004. p. 98. “A ‘Cabana do pai Tomás’ de Harriet Beecher Stowe vendeu mais de 3 milhões de cópias no século XIX e despertou a consciência da nação, alcançou popularidade por empregar um estilo sentimental deplorado pelos oponentes da ficção. Apesar disso, Stowe compartilhava de pressupostos evangélicos a respeito do modo como deveria se dar a relação entre os escritores, editores, textos e leitores, isto é, a leitura de seus textos deveria influenciar os leitores (...) Stowe apontou seu romance como uma obra religiosa, no sentido de percebê-lo como inspirado pelo Espírito Santo; o texto não pertencia a ela, como autora ou como uma mulher, mas sim à comunidade cristã.” (Tradução livre).

século XIX como uma romancista que aliava religião à ficção, mas não foi a única a desenvolver esta prática de escrita.

Logicamente, as raízes da fusão literária laico-religiosa são provenientes da Europa. Muitos escritores protestantes contavam com influências de leituras seculares para a consecução de seus escritos, do mesmo modo que a de autores de obras leigas compartilhava de repertórios culturais das mais variadas vertentes religiosas cristãs e/ou demonstrava interesse literário por obras de cunho religioso.

Autores considerados como precursores do romance na Inglaterra, como Daniel Defoe e Samuel Richardson, são citados por Watt como figuras representativas dessa tendência:

Seus antepassados, como os de muitos dos seus leitores, praticamente liam apenas obras de devoção no século XVII; mas eles mesmos conjugavam interesses religiosos e laicos. Defoe escreveu romances e também obras piedosas como *Family instructor* [O instrutor da família]; Richardson conseguiu transferir seus anseios morais e religiosos para a ficção predominantemente secular.⁴⁸

Do outro lado do Atlântico, entre o final do século XVIII e as décadas iniciais do XIX, desenvolveu-se de maneira acelerada um tipo de escrita que Helen Papashvily denominou de *domestic novels*, tendo dentre suas características:

The domestic (...) novel was in general what the terms imply – a tale of contemporary domestic life, ostensibly sentimental in tone and with few exceptions almost always written by women for women (...)
*A few of the authors wrote merely to amuse; more hoped to do that and at the same time plead a special cause or share their convictions on a variety of controversial subjects.*⁴⁹

Além disso, muitas destas *domestic novels* possuíam em suas tramas uma ligação extremamente forte com a temática religiosa, especialmente com premissas das variadas denominações protestantes existentes nos Estados Unidos. Tal aspecto não é de difícil compreensão se levarmos em consideração que a maioria de suas autoras⁵⁰ eram ativamente

⁴⁸ WATT, Ian. Op. cit. p. 53.

⁴⁹ PAPASHVILY, Helen Waite. *All the happy endings*. New York: Harper & Brothes Publishers, 1956. p. XV. “O romance doméstico (...) foi em geral o que o termo implica - um conto da vida doméstica contemporânea, com um tom ostensivamente sentimental e, com poucas exceções, quase sempre escrito por mulheres e para mulheres (...) Alguns dos autores escreveram apenas para se divertir; contudo além da esperança de fazer isso, ao mesmo tempo pleiteavam uma causa especial ou compartilhavam de suas convicções em uma variedade de assuntos controversos.” (Tradução livre).

⁵⁰ Utilizamos aqui o termo no feminino conscientes de que haviam alguns homens que escreviam e publicavam tal tipo de literatura, contudo o número de mulheres autoras de tal gênero era bastante superior. A obra de Papashvilly

vinculadas a comunidades protestantes ou tinham dentre seus parentes próximos – pais, esposos, irmãos – líderes religiosos de comunidades protestantes.

No entanto, não havia um consenso quanto às chamadas *religious novels*, visto que a articulação romance-religião não encontrou um ambiente isento de conflitos no meio protestante norte-americano. A consolidação de romances protestantes nos comitês de publicações das várias denominações existentes nos Estados Unidos foi um processo que encontrou oposição em sua trajetória.

Ao contrário do articulista do periódico protestante *New York Observer* (1903), citado no início deste tópico, que via o romance religioso “Candida” como uma grande contribuição à literatura americana, e, como tal, sendo bem-vindo aos lares cristãos; algumas décadas antes, no meio protestante estadunidense, encontravam-se opositores veementes a este tipo de literatura.

Em 14 de outubro de 1829, a Igreja Congregacional de Acworth, em New Hampshire, recebeu como seu novo Ministro o Reverendo Moses Grosvenor. Para sua recepção, um sermão foi preparado e ministrado pelo Reverendo Zedekiah Smith Barstow, intitulado de *The ministers of Christ should not miss the aim*⁵¹.

O título do sermão já chama atenção por previamente propor uma admoestação, ou seja, dava a entender que alguns Ministros de Cristo estariam a esquecer seus objetivos principais, daí a necessidade de tal sermão para o pregador. O Reverendo Barstow inicia seu sermão enfatizando a Bíblia como o mais importante livro existente e segue aconselhando sua audiência a portarem-se como homens honestos e fervorosos cristãos. Mas, para isto, o “Ministro de Cristo” deveria tomar alguns cuidados, dentre eles o “amor pela literatura” que poderia ser uma distração danosa:

Another thing (...) has a tendency to divert some ministers from their work — the love of literature. He that is not driven to farming, to procure a living, may be in as great danger of missing his aim, while drinking deep at the fountains of learning. Having procured a valuable library, and cultivating a taste for the pleasures of literature, he may lose sight of his object, and “run as uncertainly”, while indulging in his favourite

discute justamente a consolidação deste tipo de literatura no século XIX e os mecanismos, por vezes imperceptíveis, de atuação, denúncia e reivindicações femininas nas tramas destes romances de autoras como Susan Warner, E.D.E.N. Southworth, Mary Holmes, Martha Finley, Augusta Wilson, Marion Harland, Laura Libbey, Harriet Stowe, dentre outras. Cf. PAPASHVILY, Helen Waite. Op. cit.

⁵¹ BARSTOW, Zedekiah Smith. *The ministers of Christ should not miss their aim: a sermon preached at the Actworth*. Boston: T. R. Marvin Printer, 1829. “Os ministros de Cristo não podem perder sua finalidade.” (Tradução livre).

*pursuits. He may think, that he cannot do wrong, if he is only in the study; and yet he may be “missing his aim” in various respects.*⁵²

Apesar desse alerta, Barstow indicava que algumas leituras, além da Bíblia, poderiam ser consideradas edificantes: “*Botany, or Chymistry, or Architecture, (...) Theology*”⁵³. Assim, se por um lado apregoavam-se algumas leituras como virtuosas para um ministro protestante, por outro um alerta era lançado quanto a possíveis leituras que seriam distrações prejudiciais ao ministério. Dentre as leituras vistas com desprezo pelo pregador estariam: “*the fashionable trifles which are dignified with the name of “Religious Novels”*”⁵⁴.

Ao coro do Reverendo Barstow contra os “fúteis” romances religiosos, juntar-se-iam as vozes de ministros de outras denominações, como a do pastor Episcopal Charles Wesley Andrews. Esse reverendo publicou em 1856 a obra *Religious novels: an argument against their use*. Com um total de 43 páginas divididas em sete tópicos⁵⁵, o pequeno tratado de Andrews trazia como principal argumento a impossibilidade do uso de literatura ficcional para fins edificantes à cristandade.

Em tom de debate com aqueles que denominava de defensores dos romances religiosos, este reverendo episcopal afirmava que tanto os romances seculares quanto os pretensamente religiosos seriam danosos, constituindo-se uma falácia a defesa das ficções religiosas: “*The fallacy that ‘good novels’ will supplant the taste for bad ones, experience has made as palpable as that wine will cure the thirst for distilled liquors. The demoralization of the Church in this respect has, in fact, been effected by ‘good novels.’*”⁵⁶.

O principal argumento da crítica do Reverendo Andrews estava no fato de que, mesmo enquanto uma ficção, os romances religiosos almejavam passar uma aura de realidade aos

⁵² Ibidem. p. 11. “Outra coisa (...) há uma tendência que tem desviado alguns ministros de seu trabalho - o amor pela literatura. Aquele que não se ocupa com a agricultura, para sua sobrevivência, pode estar correndo grande perigo de perder seu objetivo, enquanto bebe das profundas fontes do conhecimento. Tendo adquirido uma valiosa biblioteca, e cultivado o gosto pelos prazeres da literatura, ele pode perder de vista o seu objetivo, e ‘andar de modo incerto’, enquanto desfruta de sua atividade favorita. Ele pode pensar que não está fazendo nada de errado já que está apenas estudando; mas ainda assim ele pode estar ‘perdendo seu objetivo’ em vários aspectos.” (Tradução livre).

⁵³ Ibidem. p. 12.

⁵⁴ Ibidem. p. 19. “as futilidades da moda que recebem o nome de ‘romances religiosos’”. (Tradução livre).

⁵⁵ Os tópicos são: 1. *The practical importance of the question*; 2. *Definition of the sense in which the term “religious novel” is used in this argument*; 3. *The religious novel unauthorized by scripture*; 4. *The religious novel uncalled for in the lawful exercise of any of those faculties of the mind which are properly a divine gift*; 5. *Objections answered*; 6. *The evils of religious novels*; 7. *Remedial measures proposed*.

⁵⁶ ANDREWS, Charles Wesley. *Religious Novels: an argument against their use*. New York: A. D. F. Randolph, 1856. p. 25. “É uma falácia afirmar que ‘bons romances’ substituirão o gosto pelos maus, a experiência tem demonstrado isso ser tão palpável quanto afirmar que o vinho vai curar a sede por bebidas alcoólicas destiladas. A desmoralização da Igreja a este respeito tem, de fato, sido efetuada por ‘bons romances’”. (Tradução livre).

seus leitores, sendo isso um fator deveras prejudicial à formação espiritual das crianças e jovens, na medida em que um cristão deveria ter sua formação moral tendo sempre por base a “verdade”.

De fato, uma das características basilares do romance nos séculos XVIII e XIX foi justamente o intenso jogo entre realidade e ficção. Conforme Peter Gay, haveria uma espécie de “pacto tácito” entre romancistas e seus leitores que obrigavam os primeiros a manterem-se “fiéis às verdades sobre os indivíduos e sua sociedade, a inventar apenas pessoas e situações ‘reais’, em suma, a ser dignos de confiança em suas ficções sobre a vida comum”⁵⁷.

Esse realismo inserido nos romances era *per si* encarado pelos críticos protestantes como a manifestação do mal, já que não se poderia ensinar a “verdade” através de uma pretensa mentira. Apesar disso, Charles Andrews explicita em seu argumento que alguns textos não poderiam ser confundidos com os romances, como as parábolas de Cristo e o *Pilgrim’s Progress* de John Bunyan⁵⁸. Tais escritos, ao contrário dos romances, seriam alegorias que de antemão deixavam claro aos seus leitores sua desvinculação com a realidade.

Supunha-se que a leitura dos romances, além de ser potencialmente corruptível para as mulheres e crianças, era uma distração à real missão cristã e um dispêndio de tempo e dinheiro dos fiéis. Surge aqui um paradoxo, pois se por um lado apregoava-se como parte da natureza feminina atração pelo pecado⁵⁹, sendo a leitura de romances visto por alguns líderes religiosos como algo que potencializava danos morais, por outro Ian Watt⁶⁰ afirma que a ascensão do romance na Inglaterra muito se deveu à influência de comunidades puritanas que viam na ociosidade feminina um grande risco à sociedade, de modo que passou a ser incentivado que as mulheres ocupassem o tempo ocioso com leituras e discussões literárias.

⁵⁷ GAY, Peter. Op. cit. pp. 11-12.

⁵⁸ *Pilgrim’s Progress* de autoria do pastor batista John Bunyan e publicado pela primeira vez em 1678 na Inglaterra é considerada a obra literária mais valorizada no meio protestante depois da Bíblia. Em 1792, já contava com 160 edições. Entretanto, coadunado ao discurso de Charles Wesley Andrews, a alegoria de Bunyan distancia-se dos romances setecentistas por possuir uma dimensão temporal vaga e descrições fragmentárias, além disso, conforme a análise de tal obra por Watt: “dizer que as personagens são alegóricas equivale a afirmar que sua realidade terrena não constitui o principal assunto do autor, mas que este espera, através delas, mostrar-nos uma realidade maior, situada além do tempo e do espaço.” In. WATT, Ian. Op. cit. p. 85.

⁵⁹ Jean Delumeau apresenta uma interessante discussão acerca da construção do medo que circunda a percepção da mulher no Ocidente entre a Idade Média e a Idade Moderna. O pensamento misógino formatado em aliança com concepções religiosas cristãs conferiu à mulher uma série de atributos demeritórios, marcados pela aproximação da mulher com o pecado, justificando, desse modo, seu estado de debilidade, inferioridade e necessidade de submissão permanente diante do homem. Cf. DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. Tradução de Maria Lúcia Machado. Companhia das Letras, 2009. pp. 462-522.

⁶⁰ WATT, Ian. Op. cit. p. 48.

Em 1855, outra obra⁶¹ contendo severas críticas às obras de ficções religiosas foi publicada nos Estados Unidos. Tratava-se de um texto anônimo cujo autor assinava como um médico (*Physician*) e no qual alertava que os romances (inclusive os religiosos) apenas serviam para excitar a imaginação dos leitores, inflamando paixões, de modo a ser nocivo ao autocontrole necessário a um bom cristão:

*Novels, by contrast, were “not only useless, but positively injurious” because they tended “wrongly to excite the imagination”. The “inflammation” of the passions, rather than inducing readers to fulfill their Christian duties, gave readers a “disrelish for the most ordinary duties of life”.*⁶²

Ante esse panorama, os opositores do romance no meio protestante admoestavam os ministros a posicionarem-se contra tal tipo de literatura em suas comunidades religiosas; eles, então, não deveriam ser “*indifferent at finding upon their own field so powerful and so irresponsible a competitor as the fictitious religious press*”⁶³. Além disso, conclamavam as casas editoras das diversas denominações protestantes a não publicarem romances.

Papashvily aponta que, mesmo com o grande movimento no mercado editorial estadunidense de romances, que entre 1770 e 1850 teria publicado quase mil e quatrocentas obras de autores norte-americanos, ainda havia cerrada resistência da parte de alguns grupos: “*fiction in general remained suspect, condemned by divines, schoolmasters, editors, all the sober and sensible, on the grounds it encouraged indolence and dissatisfaction if not outright immortality*”⁶⁴.

Porém, a partir da segunda metade do século XIX, iniciou-se um processo de acomodação da literatura ficcional aliada a interesses religiosos. A ideia central era unir instrução e divertimento ao mesmo tempo em que se cria poder santificar os romances. Uma das romancistas que ganhou grande prestígio no mercado editorial norte-americano de ficções

⁶¹ PHYSICIAN, A. *Confessions and experience of a novel reader*. Chicago: William Stacy, 1855.

⁶² BROWN, Candy Gunther. Op. cit. p. 97. Os trechos entre aspas são citações da obra supracitada: ‘*Confessions and experience of a novel reader*’. “Romances, pelo contrário, são ‘não apenas inúteis, mas positivamente nocivos’ porque eles tendem ‘erroneamente para excitar a imaginação’. ‘Inflamam’ as paixões, ao invés de induzir os leitores a cumprir os seus deveres cristãos, gerando nos leitores uma ‘aversão às tarefas habituais da vida’.” (Tradução livre).

⁶³ ANDREWS, Charles Wesley. Op. cit. p. 38. “Indiferente ao encontrar em seu próprio campo tão poderoso e irresponsável concorrente como os impressos religiosos ficcionais”. (Tradução livre).

⁶⁴ PAPASHVILY, Helen Waite. Op. cit. p. 5. “a ficção, em geral, permaneceu suspeita, condenada pelos teólogos, mestres-escolas, editores, todos os sóbrios e sensíveis, com o fundamento de que incentivavam a indolência e a dissolução, se não a imortalidade absoluta”. (Tradução livre).

protestantes (romances e contos infantojuvenis) após 1850 foi a escritora congregacional Elizabeth Prentis⁶⁵.

Prentis teve em sua trajetória de escritora trinta e uma publicações e afirmava que seus romances seriam uma espécie de tradução da doutrina pregada aos fiéis que possuíam menor grau de formação teológica, fazendo uso de conexões com a vida cotidiana.

Se por um lado a autoria desse tipo de literatura (romances protestantes) era majoritariamente de mulheres (como discutiremos adiante), por outro a aceitação de tais publicações no seio das comunidades protestantes passou necessariamente pelos discursos masculinos dos líderes religiosos.

Os romances protestantes, bem como as ficções de menor porte voltadas especialmente ao público infantojuvenil tornaram-se, simultaneamente, bem vistos por grande parte das lideranças protestantes por serem usados como instrumentos para o ensino religioso, inclusive nas escolas dominicais. Além disso, foram bem recebidos pelas casas de publicação e editoras das diversas denominações por terem se constituído numa categoria literária com vasto público leitor.

Certamente, em uma hierarquia valorativa, obras de cunho teológico ou sermões eram postados como de maior valor quando comparadas à literatura ficcional religiosa, apesar de essas últimas, em muitos casos, terem alcançado um público muito mais amplo. Por conta disso, Julie Melnyk compara os romances aos sermões pregados nos púlpitos das igrejas, na medida em que ambos encontravam receptores que buscavam não só ensinamentos religiosos, mas, também, entretenimento: *“The novels, like the sermons, are addressed to a congregation gathered to receive spiritual, theological, or moral teaching, hoping for entertainment but expecting encouragement and enlightenment”*⁶⁶.

Coadunada à consolidação dos romances de cunho religioso na segunda metade do oitocentos, o movimento missionário, que passou a ultrapassar as fronteiras nacionais estadunidenses, possibilitou o surgimento de novos enredos e tramas aos romances.

⁶⁵ Para mais detalhes sobre a trajetória de Elizabeth Prentis Cf. BROWN, Candy Gunther. Op. cit. pp. 99-104.

⁶⁶ MELNYK, Julie. Evangelical theology and feminist polemic: Emma Jane Worboise's Overdale. In. MELNYK, Julie (Org.). *Women's theology in nineteenth-century Britain: transfiguring the faith of their fathers*. New York: Garland, 1998. p. 107. “Os romances, assim como os sermões, são dirigidos a uma congregação reunida para receber ensinamento espiritual, teológico ou moral, que busca entretenimento, mas que espera encorajamento e iluminação.” (Tradução livre).

De fato, o movimento missionário possibilitou a produção de um *corpus* documental vastíssimo por parte dos milhares de missionários que se engajaram nesta empreitada. Vários foram os tipos de produção escrita por esses homens e mulheres, como: cartas privadas; *Reports* sobre as atividades da missão enviados aos comitês missionários (muitos dos quais eram publicados em periódicos); jornais de cunho missionário (que circulavam tanto nas nações de atuação, como nos países de origem dos missionários); panfletos propagandísticos; estudos sobre aspectos socioculturais dos povos tidos por alvo; ficções. Consoante Maina Chawla Singh:

*Missionaries wrote prolifically. Overseas missionaries in particular were encouraged to write – not only letters to kin and home congregations but also reports, articles, memoirs, travelogues, and autobiographical and anecdotal narratives (...) It was, thus, a professional obligation to send detailed letters with narratives, regular reports, and newsletters to home societies, enumerating their progress in the field.*⁶⁷

Essa efusão da escrita missionária fazia parte do próprio *ethos* missionário, havendo um grande incentivo à consecução de tal produção, além de uma grande cobrança por parte das denominações religiosas. Ao mesmo tempo, na medida em que a forte valorização de uma cultura letrada era algo imperativo às várias denominações protestantes, os próprios missionários sentiam a necessidade tanto de produzir relatos acerca da missão a seus compatriotas quanto de utilizar de sua capacidade letrada para servir aos fins da missão.

Nesse sentido, os romances protestantes encontraram um terreno temático extremamente fértil proveniente das atividades missionárias. O interesse do público leitor era instigado pelo apoio e crença na importância das missões, além disso, este tipo de literatura despertava a simpatia de leitores que ansiavam por conhecer, através das narrativas descritivas típicas dos romances, locais e costumes estrangeiros.

Mary Hoge Wardlaw, no prefácio de “Candida”, esboça esse interesse e incessante estímulo da parte de seus compatriotas para a publicação de um livro que trouxesse ao público suas experiências no campo missionário:

⁶⁷ SINGH, Maina Chawla. *Gender, religion, and “heathen lands”*: American missionary women in South Asia (1860s-1940s). New York and London: Garland Publishing, 2000. p. 138. “Missionários escreviam prolificamente. Missionários além-mar, particularmente, eram encorajados a escrever - e não apenas cartas para parentes e membros de suas congregação, mas também relatos, artigos, memórias, narrativas de viagem, autobiografias e narrativas anedóticas (...) Assim, era uma obrigação profissional enviar cartas detalhadas com narrativas, relatórios regulares e boletins informativos para sociedades de origem, enumerando os seus progressos no campo”. (Tradução livre).

*I have for years refused to attempt a story of life in Brazil, although frequently urged to write one. Now, however, after twenty years spent in close and sympathetic study of Brazilians and their surroundings, I feel that it may not be presumptuous to portray them as I see them.*⁶⁸

Apesar de postarem-se como obras de cunho ficcional, os romances protestantes que tinham por trama central a atuação de missionários assemelhavam-se à literatura de viagem pelo ensejo de seus autores (muitos dos quais missionários e como tal viajantes também) em apresentar aos leitores um olhar acerca do “outro”. Outro, este, que geralmente era nativo do solo estrangeiro e que ganhava traços de potencial alvo a ser alcançado e convertido pela missão. Mrs. Wardlaw aponta como um dos fatores legitimadores para a aceitação de seu romance seus vinte anos de trabalho missionário no Brasil que lhe deram oportunidade de estudar os brasileiros e seu meio.

Uma das autoras mais prolíficas deste tipo de literatura foi a metodista Annie Maria Barnes. Miss Barnes, que nascera em 1857 em Columbia, na Carolina do Sul, era proveniente de uma família de editores e aos quinze anos tornou-se correspondente regular do periódico *Atlanta Constitution*. Em 1885, Barnes publicou seu primeiro livro “*Some Lowen Liven*”, seguido de uma série de outras obras cuja maioria compunha-se de romances e ficções voltadas ao público infantojuvenil, dentre elas: “*Children of the Kalahari: a Story of Africa*” (1890); “*Ninito: a story of the Bible in Mexico*” (1892); “*Matouchon: a story of Indian child life*” (1895); “*Izilda: a story of Brazil*” (1896); “*The ferry maid of the Chattahoochee; a story for girls*” (1899); “*Chonita: a story of the Mexican mines*” (1898); “*An American girl in Korea*” (1905).

Ao final da década de 1890, Annie Barnes era editora da Junta de Missões da Igreja Metodista do Sul dos Estados Unidos e, apesar de não ter atuado no campo missionário fora de seu país, percebe-se pelo teor de suas obras um forte ativismo quanto às missões protestantes transculturais. Tal ativismo era bem visto por outras denominações protestantes estadunidenses a ponto de seus livros terem sido publicados por comitês de publicação não filiados à Igreja Metodista como o *Presbyterian Board of Publication and Sabbath-School Work*, o *Presbyterian Committee of Publication* e a *American Baptist Publication Society*.

Mrs. Wardlaw, por sua vez, não contava com todo o aparato editorial de que dispunha Miss Barnes, entretanto ela tinha algo que tornava seu romance diferenciado ante o olhar do

⁶⁸ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. p. 5. “Por anos me recusei a tentar escrever uma história sobre a vida no Brasil, embora frequentemente convidada a fazê-lo. Agora, no entanto, depois de vinte anos que passei estudando atentamente os brasileiros e sua terra, sinto que não seria presunçoso retratá-los como eu os vejo”. (Tradução livre).

público leitor e do *Presbyterian Committee of Publication*: a experiência como missionária em solo estrangeiro. As duas décadas de trabalho missionário (1880-1901) no Brasil possibilitaram à autora um discurso legitimador de seu olhar construído sobre os brasileiros e acerca do proselitismo destes.

Essa legitimação fazia parte do enquadramento em um contexto de adequação aos interesses do público leitor. De modo similar aos leitores de relatos de viagem, os leitores de escritos cujos autores eram missionários que abordavam suas experiências no campo buscavam suprir seus múltiplos interesses a respeito destes relatos. Tais interesses iam desde a mera curiosidade pelas peripécias e aventuras dos escritores até o aspecto de manual no qual muitos destes escritos passavam a configurar-se.

Aos que almejavam seguir os passos dos missionários, o fidedigno e confiável relato destes, mesmo que em uma obra de ficção (como o romance), servia, portanto, como ponto de partida⁶⁹ da viagem, tendo em vista que de antemão já esboçariam os sucessos e dificuldades da missão em terras estrangeiras.

Assim, de modo paradoxal à principal crítica realizada na década de 1850 pelo Reverendo Charles Andrews, que via uma impostura tácita no romance religioso por esse se propor realista mesmo tratando-se de uma ficção, Mrs. Wardlaw reforçou aos seus leitores um modo de ler cujo jogo realidade-ficção era algo aceitável para uma literatura protestante:

*The missionary characters are not characters. Every incident relating to the introduction and spread of the gospel, with the accompanying persecutions, is strictly true, and is recorded without embellishment. In a private capacity, however, the effort has been made to have "Mr. and Mrs. Cary" speak and act like missionaries, but no special missionaries.*⁷⁰

A afirmação, logo nas primeiras páginas, de que os incidentes descritos em seu livro seriam “*strictly true*” e “*recorded without embellishment*” apresentava a seus leitores o modo

⁶⁹ Todorov afirma que o relato de viagem, mais que o fim de uma viagem se configura como o ponto de partida de tantas outras: “O relato de viagem não é, em si mesmo, o ponto de partida, e não somente o ponto de chegada, de uma nova viagem? O próprio Colombo não tinha partido porque havia lido o relato de Marco Polo?” In. TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América: a questão do outro*. 3 ed. Tradução de Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 17.

⁷⁰ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. p. 6. “Os missionários do romance não são personagens. Cada incidente relativo à introdução e propagação do Evangelho, com as perseguições que as acompanharam, são rigorosamente verdadeiros e registrados sem embelezamento. A nível pessoal, no entanto, foi feito um esforço para fazer que ‘Mr. e Mrs. Cary’ falassem e agissem como missionários, mas não como algum missionário em específico.” (Tradução livre).

ideal de se postar no decorrer da leitura, isto é, lançava mão daquilo que Roger Chartier denomina de protocolo de leitura: “Com efeito, todo autor, todo escrito impõe uma ordem, uma postura, uma atitude de leitura. (...) o protocolo da leitura define quais devem ser a interpretação correta e o uso adequado do texto, ao mesmo tempo em que esboça seu leitor ideal”⁷¹.

Pode-se supor que uma das atitudes de leitura desejadas com tal estratégia de incomensurabilidade da realidade e da ilusão seria similar ao que os romances de Rousseau, Richardson, Lessing e tantos outros grandes romancistas geraram em seu público leitor. Um grau tão extremo de empatia com as personagens foi perpetrado por estes autores aos seus leitores, que estes últimos, por mais que soubessem que as personagens eram frutos da imaginação do autor, não conseguiam deixar de chorar, soluçar, entristecer-se, alegrar-se, bem como desejar vingança diante de cada episódio vivido pelos protagonistas. Além disso, similar ao atual leitor, sempre pairava na mente dos que liam tais romances a ideia de que personagens tão prenhes de realidade e sentimentos só poderiam tratar-se de pessoas reais (às vezes os próprios autores) que eram mimetizados nas linhas do romance.

Logicamente, as reações geradas pelos grandes romancistas do século XVIII em seu público leitor não eram as mesmas que romances do final do século XIX e princípio do XX possibilitaram. As referências culturais e modos de ver o mundo haviam sofrido bruscas modificações neste período. Entretanto, a relação ficção-realidade continuou a ser utilizada pelos romancistas e a motivar o interesse dos leitores.

Tal interesse é novamente instado em outra breve resenha do livro de Mrs. Wardlaw, publicada no periódico presbiteriano “*The Missionary*”, em 1903:

*Through the kindness of our Richmond Board of publication we have been permitted to read the interesting story “Candida” by Mrs. Mary Hoge Wardlaw. (...) she had for years, refused to attempt a history of her life in Brazil, although frequently urged by her friends to write one. It is a moderate commendation of the excellency of Mrs. Wardlaw’s work to say that in the book she shows as much familiarity with the people of Northern Brazil (...). “Candida” is a good story, with a good plan and well told. (...) The characters are imaginary, but the incidents are real.*⁷²

⁷¹ CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas da leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. 5 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011. p. 20.

⁷² ‘*The Missionary*’. Vol. XXXVI. Nº 9. Richmond. September, 1903. p. 425. “Através da bondade do nosso Board de Publicações de Richmond nos foi permitido ler a interessante estória ‘Candida’ de autoria da Sra. Mary Hoge Wardlaw. (...) durante anos, ela se recusou a escrever uma história de sua vida no Brasil, embora frequentemente fosse instada por seus amigos a fazê-lo. É um moderado elogio da excelência do trabalho da Sra. Wardlaw dizer que, no livro, ela demonstra grande familiaridade com o povo do Norte do Brasil (...). ‘Candida’ é uma boa estória, com um bom plano e bem contada. (...) Os personagens são imaginários, mas os incidentes são reais”. (Tradução livre).

O resenhista, além de elogiar a obra, aponta mais três elementos de extrema relevância ao público norte-americano do início do século XX interessado em relatos de missionários: (1) Por anos, a autora foi instada por seus amigos a escrever sobre sua vida no Brasil e, após muita relutância, Mary Wardlaw cede aos pedidos e escreve “Candida”. Destaca-se aqui que, mesmo se configurando como um romance, o comentarista esboça para a publicação a expressão “*a story of her life in Brazil*”; (2) A excelência do escrito da missionária é legitimada, conforme já afirmamos anteriormente, pelo seu vasto conhecimento do tema abordado, fruto de sua experiência em terra estrangeira que lhe concedeu grande “*familiarity with the people of Northern Brazil*”; (3) Por fim, a resenha-propaganda engrossa o coro da autora e ratifica que, apesar de as personagens serem imaginárias, todos os incidentes abordados na trama seriam reais.

Passado quase meio século do debate da década de 1850 que buscava pôr em xeque os romances protestantes no ambiente religioso, tal tipo de literatura já não mais inspirava desconfiança ou descrédito. Extremamente difundido entre o público leitor protestante estadunidense (especialmente o público feminino), o romance com temática protestante e missionária alinhava-se a diversos interesses que iam desde a busca dos líderes religiosos por mecanismos de instrução doméstica e de doutrinação através da *Sabbath School* até a expansão do movimento missionário que a cada ano engrossava suas fileiras com homens e mulheres (casadas e solteiras), que viam nos romances um modo de relatar suas experiências pessoais e um caminho para incentivar seus compatriotas a investirem nas missões.

De modo similar aos *reports*, cartas, artigos publicados em periódicos missionários e descrições dos costumes dos nativos, os romances de cunho missionário-protestante, como “Candida”, inseriam-se em um contexto de um discurso triunfalista, no qual, apesar das perseguições e resistências enfrentadas pela missão, o êxito era apresentado como produto final. Além disso, conforme Singh, estes escritos constituíam “*a body of ‘knowledge’ about the Other. Images of ‘degradation’ and narratives of ‘Christian progress’*”⁷³, direcionados a um público ansioso por histórias de sucesso.

Pode-se dizer que, o arrivismo do romance no mundo das letras também demonstrou seu vigor no ambiente protestante estadunidense dos séculos XIX e XX. Partindo de um contexto de desconfiança, paulatinamente a literatura ficcional religiosa ganhou destaque e relevância nos comitês e casas publicadoras protestantes nos Estados Unidos.

⁷³ SINGH, Maina Chawla. Op. cit. p. 11.

Porém, mais do que essa ascensão e legitimação do ambiente letrado protestante, o presente trabalho considera de extrema relevância as possibilidades que tal gênero literário perpetrou a um grupo de pessoas que tinha negada a oportunidade de pregar no púlpito: as mulheres.

Na resenha presente no “*The Missionary*” sobre o livro de Mrs. Wardlaw, o articulista compara, de modo ousado, o texto da missionária ao escrito de um teólogo, colocando-o, inclusive, como mais claro: “*the most learned theologian could not make it clearer that salvation is by grace alone, and that the safety of the Christian is in the keeping Power of the gospel*”⁷⁴.

De acordo com Melnyk, romances religiosos escritos por mulheres constituíam-se muitas vezes a partir de uma série de abordagens teológicas, forjando quase um espaço alternativo de pregação, de modo a serem denominados por essa autora como “*women’s sermons*”⁷⁵.

Desse modo, adentraremos a seguir na análise dos usos desenvolvidos pelas autoras desses romances protestantes, em especial Mary Hoge Wardlaw, desse tipo de literatura como espaço de atuação em um ambiente fortemente marcado por relações assimétricas de gênero⁷⁶.

1.2: Protagonismo feminino: as autoras dos romances

Era uma quinta-feira de abril quando uma viúva norte-americana com seus 78 anos de idade tratou de ir ao fórum do condado onde morava. Fazia cerca de 15 anos que ela morava neste local e era relativamente conhecida, aparecendo vez por outra em notas de sociedades femininas cristãs publicadas por um periódico local. Estava acontecendo o registro dos eleitores para as eleições primárias dos Estados Unidos que ocorreriam em junho daquele ano.

Após terminar o que havia se proposto fazer no fórum a senhora retornaria para sua casa, talvez para escrever outra de suas poesias que suas amigas tanto gostavam. Entretanto uma queda nos degraus do prédio público a impediu de realizar seu intento. O acidente resultou em um ferimento na cabeça e um derrame que a levou ao *Victoria Hospital*. No dia seguinte a viúva juntar-se-ia ao seu marido que havia falecido há apenas três meses.

⁷⁷

⁷⁴ ‘*The Missionary*’. Vol. XXXVI. Nº 9. Richmond. September, 1903. p. 425. “O mais erudito teólogo não conseguiria deixar tão claro que a salvação é somente pela graça, e que a segurança do cristão é conservada pelo poder do Evangelho”. (Tradução livre).

⁷⁵ MELNYK, Julie. Op. cit. pp. 107-108.

⁷⁶ Segundo Joan Scott, a noção de gênero trata-se da organização da diferença sexual, que vai além dos aspectos físicos, vindo a incidir nas diferenças e conflitos sociais. Assim “o gênero é uma forma primeira de dar significado às relações de poder” e desta maneira necessita ser historicizado. In. SCOTT, Joan W. *Preface a gender and politics of history*. Cadernos Pagu. nº. 3. Campinas/SP: 1994. p. 13, p. 25.

⁷⁷ OLIVEIRA FILHO, Sérgio Willian de Castro. Op. cit. (2011). pp. 241-242.

A descrição acima faz alusão à morte de Mary Hoge Wardlaw em Miami no dia 19 de abril de 1934, com base em nota publicada pelo periódico local “*Miami Daily News*”⁷⁸. Vários detalhes são relevantes a respeito do episódio: a viuvez recente de Mary Wardlaw; sua idade já avançada (78 anos); e em que consistia sua ida ao fórum de Dade County, isto é, registrar-se como sufragista para as eleições primárias⁷⁹.

Desde 1920, a 19ª Emenda à Constituição dos Estados Unidos da América havia estabelecido o direito de voto, em todos os Estados, aos cidadãos independentemente do sexo. Tal direito ao sufrágio feminino, assim como em várias outras nações, fizera parte de uma longa e árdua luta que tivera início no século XIX e da qual participaram várias sociedades que militavam por direitos civis às mulheres. Paulatinamente, vários Estados norte-americanos estenderam às mulheres o direito de voto nesse processo, até a ratificação da 19ª Emenda.

Apesar de nunca ter se postado ou manifestado como uma ativista política com relação às lutas sufragistas, Mrs. Wardlaw, através de atos talvez pouco perceptíveis para si mesma, fez parte de um conjunto de sujeitos femininos que com práticas cotidianas imiscuíram-se nesse imbricado jogo assimétrico das relações de gênero que convulsionou os Estados Unidos de fins do século XIX e princípio do XX.

Ao prestar uma homenagem póstuma à Mary Wardlaw em 1934, o então secretário executivo do “*Committee of Foreign Missions*” da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, Reverendo Charles Darby Fulton, aludiria que a morte da missionária ocorrera quando ela concretizava “*her duty as a citizen*”⁸⁰. No mesmo texto, o Reverendo Fulton elencaria uma série de elogios à sua homenageada, constituindo-a como uma espécie de modelo exemplar:

Her pastor says of her "My own tribute to her is that she was one of the staunchest Christians I have ever known. her faith, and devotion to Christ, and his gospel were supreme, unswerving, pure, lovely (...)"
Her sympathy was deep, she could lay aside her own sorrows to comfort others: she rejoiced with those that did rejoice, and wept with those wept. All over the world there are people, many of whom never saw here, whose lives have been brightened and blessed by her letters.
 (...)

⁷⁸ “*Miami Daily News and Metropolis*”. Miami, 20 de abril de 1934. p. 4.

⁷⁹ Daquela eleição, na qual Mary Wardlaw não conseguiu efetivar sua participação; o Partido Democrata do presidente Franklin Roosevelt conseguiu uma vitória significativa aumentando o número de seus membros na Câmara dos Deputados. Na Flórida, inclusive, houve uma esmagadora vitória dos Democratas.

⁸⁰ ‘*The Presbyterian Survey*’. Vol. 24. Nº 7. Richmond. July, 1934. p. 424.

*She remained remarkably vigorous up to the very end.*⁸¹

Tal aparato discursivo de um proeminente líder presbiteriano dirigido a uma missionária falecida nos conduz à discussão de um aspecto de extrema relevância ao presente trabalho: a relação religião e gênero. Coadunada à visão de Ursula King⁸², acreditamos que “religião” e “gênero” não podem ser tratados como categorias análogas que existem de maneira independente, mas que, pelo contrário, são mutuamente interligadas uma a outra, de modo que as relações de gênero, no caso do protestantismo aqui trabalhado, estão profundamente arraigadas na experiência religiosa.

Nos últimos anos, as pesquisas concernentes ao gênero ganharam considerável espaço no meio acadêmico e editorial brasileiro. Entretanto, segundo Jane de Almeida⁸³, a relação religião-gênero no Brasil, principalmente dentre os círculos relacionados à história do protestantismo, carece de maiores esforços; na medida em que o foco nesta historiografia ainda se encontra deveras voltado aos missionários e reverendos protestantes, postando, muitas vezes, à sombra destes suas esposas e demais missionárias solteiras que tiveram atuação no Brasil.

Isso se dá pelo fato de que grande parte da historiografia protestante brasileira ainda é composta de escritos confessionais, que enfocam as figuras dos chamados “pioneiros” e suas lutas e conquistas no estabelecimento de comunidades protestantes pelo país.

Além disso, apesar da existência de variados tipos documentais acerca da ação missionária protestante no Brasil no século XIX, a maioria das fontes (cartas, diários, relatórios, periódicos, fotografias) esboça como protagonistas as figuras masculinas de reverendos e missionários e, dessa forma,

Pouco se sabe sobre as mulheres que acompanhavam pais e maridos ministros a lugares distantes, tanto no seu país quanto no estrangeiro, para divulgar a doutrina de sua fé religiosa. Nas narrativas comumente destacam-se as realizações masculinas,

⁸¹ “Seu pastor diz dela ‘Minha homenagem a ela é dizer que ela foi um dos mais ferrenhos cristãos que eu já conheci. Sua fé e devoção a Cristo e seu evangelho foram supremos, inabaláveis, puros, amáveis (...). Sua compaixão era profunda, ela deixava de lado suas próprias dores para confortar aos outros: ela alegrou-se com aqueles que se alegraram, e chorou com aqueles que choraram. Por todo o mundo existem pessoas, muitas das quais, que nunca a viram pessoalmente, mas cujas vidas foram iluminadas e abençoadas por suas cartas (...). Ela permaneceu notavelmente forte até o fim’”. (Tradução livre).

⁸² KING, Ursula & BEATTIE, Tina (Orgs.). *Gender, religion and diversity: cross-cultural perspectives*. London and New York: Continuum, 2005. p. 8.

⁸³ ALMEIDA, Jane Soares de. *Ler as letras: por que educar meninas e mulheres?* São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo; Campinas: Editores Associados, 2007. p. 25.

principalmente porque deixaram registros e foram perpetuados pela iconografia da época, o que nem sempre aconteceu com as suas filhas e esposas.⁸⁴

De certo modo, parte da documentação produzida por missionários protestantes do período fazia alusão às mulheres missionárias (especialmente as casadas com os reverendos missionários) como apêndices de seus esposos. Tal constructo narrativo teve por resultado, na interpretação de Singh⁸⁵, uma impressão de invisibilidade das missionárias casadas que foi constantemente reproduzida na posterior interpretação das fontes. Assim, muita ênfase foi dada pelos estudiosos do assunto (inclusive historiadores) aos missionários, reverendos, “chefes da missão”, enquanto que suas esposas, responsáveis por um árduo trabalho, eram vistas, quando o eram, como meras apoiadoras.

Cabe ressaltar que tais missionárias casadas desempenhavam vários papéis: esposas, mães, evangelistas; para os quais havia a necessidade de cumprimento de obrigações matrimoniais e missionárias. De modo que, ao mesmo tempo em que administravam grande parte da estrutura doméstica, eram responsáveis por atividades da missão como escolas, dispensários, hospitais e visitas. Outro fator de relevância a este olhar de “invisibilidade” a tais sujeitos era que a grande parte não era remunerada pelos *Foreign Boards of Missions* por seu trabalho no campo missionário.

Felizmente, nos últimos anos, tal quadro tem recebido a atenção de vários pesquisadores como no caso da própria Jane de Almeida na obra acima citada, na qual ela trabalha a atuação de mulheres presbiterianas no processo de letramento em São Paulo entre o final do século XIX e início do século XX. Além disso, destacam-se também os esforços de Eliane Silva e suas investigações acerca da figura da missionária metodista Martha Watts e de outras mulheres que se dedicaram a projetos missionários e educacionais protestantes no mesmo período.

Ora, não se pode perder de vista que o trabalho historiográfico sobre as religiões não se constitui como uma fácil missão, na medida em que, ao mesmo tempo em que as religiões são moldadas pelo ser humano no decorrer da história, reciprocamente, as religiões também têm a capacidade de incidir transformações nos meios que as gestaram ou as absorveram.

⁸⁴ Ibidem, p. 27.

⁸⁵ SINGH, Maina Chawla. Op. cit. p. 78.

Além disso, ao se buscar uma compreensão das religiões a partir de sua dimensão cultural, tal como propõe Geertz⁸⁶, o historiador necessita levar em conta as formas simbólicas que norteiam as relações humanas, na razão proporcional em que o fenômeno religioso é simbólico por excelência.

Concatenado a isto, juntamo-nos ao coro de Sandra Duarte de Souza em sua perspectiva sobre a religião:

A religião é, antes de tudo, uma construção sócio-cultural. Portanto, discutir religião é discutir transformações sociais, relações de poder, de classe, de gênero, de raça/etnia; é adentrar num complexo sistema de trocas simbólicas, de jogos de interesse.⁸⁷

De modo que nossa proposta a respeito da análise historiográfica do romance missionário protestante “Candida”, busca perceber tal escrito levando em consideração a noção de “protagonismo feminino” lançada por Jordán Arroyo:

Com a institucionalização do Cristianismo como religião oficial, as mulheres foram excluídas de posições de liderança dentro da Igreja, embora isso não tenha impedido que encontrassem espaços onde podiam exercer seu poder. A religião foi de fato um desses “espaços” que permitiram certo protagonismo feminino.⁸⁸

Não se pode afirmar a existência de um protagonismo total nos escritos de Mary Wardlaw ou qualquer outra escritora de romances protestantes do século XIX e início do XX, na medida em que, por situarem-se em um contexto de relações assimétricas de gênero, nas quais a balança pendia para o masculino, tais mulheres operavam a partir de instrumentos inerentes destes jogos de poder, passando muitas vezes a equivocada impressão de uma simples reprodução discursiva das visões de mundo dominantes no meio protestante majoritariamente masculino.

Quando nos referimos ao termo “protagonismo”, não o supomos como sinônimo de autonomia. Tal protagonismo em nossa percepção possui o significado de uma atuação ativa dos sujeitos, ainda que compartilhando repertórios culturais que denotam uma assimetria de relações.

⁸⁶ Para Geertz, o conceito de cultura “denota um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida” In. GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Tradução de Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1978. p. 66.

⁸⁷ SOUZA, Sandra Duarte de (Org.). *Gênero e Religião no Brasil: ensaios feministas*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006. p. 8.

⁸⁸ JORDÁN ARROYO, María V. *Sonhar a história: risco, criatividade e religião nas profecias de Lucrecia de León*. Bauru (SP): EDUSC, 2011. p. 158.

Dessa maneira, o protagonismo feminino aqui trabalhado atua constantemente no campo de acomodações e astúcias.

Constantemente, mulheres missionárias estadunidenses trabalhando em terras estrangeiras, fosse na América do Sul, na África ou na Ásia, operavam seu cotidiano em um misto de cumplicidade e resistência aos paradigmas hierárquicos dominantes. Se por um lado, tais mulheres assumiam os papéis que lhes eram atribuídos de esposas e filhas obedientes e submissas, por outro, produziam discursos e práticas no campo missionário voltados à crítica da situação feminina em outras nações. No caso do Brasil, geralmente, havia grande empenho na denúncia à exorbitante sujeição feminina que postava as mulheres como seres inferiores e com pouca instrução no mundo das letras, o que era associado à ação da Igreja Católica.

Ao se trabalhar com a noção de gênero, faz-se necessário ao historiador a consciência das relações de poder historicamente constituídas entre os sexos, nas quais sobre as mulheres impuseram-se em diversas sociedades aspectos de dominação sexual, porque, conforme Scott, “O gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado”⁸⁹.

No entanto, ao nos debruçarmos com maior atenção sobre o referido objeto de análise, percebemos que trabalhar sob a perspectiva de certo protagonismo feminino é algo possível e dotado de viabilidade histórica. Para tal, é necessário levar em consideração, primeiramente, o papel historicamente construído e atribuído às mulheres ante a teologia protestante.

De modo análogo à teologia católica medieval, que postava em destaque a figura da virgem casta, submissa e inferior ao ser masculino, a teologia reformada de inícios da Idade Moderna forjou a preferência por uma mulher que seria recatada, porém não virgem, e sim a esposa leal, também submissa ao homem, entretanto com um papel bem mais influente no interior do lar. Conforme a análise de Wiesner sobre os reformadores protestantes:

*women were created by God and could be saved through faith; spiritually women and men were equal. In every other respect, however, women were to be subordinated to men. (...) The ideal of mutuality in marriage was not an ideal of equality, however, and Protestant marriage manuals, household guides, and marriage sermons all stress the importance of husbandly authority and wifely obedience.*⁹⁰

⁸⁹ SCOTT, Joan Wallach. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação & Realidade. N. 20. Jul/dez. 1995. p. 88.

⁹⁰ WIESNER, Merry E. *Women and Gender in Early Modern Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. pp. 26-27. “mulheres foram criadas por Deus e poderiam ser salvas por meio da fé; espiritualmente, mulheres e homens eram iguais. Em todos os outros aspectos, no entanto as mulheres estavam subordinadas aos homens. (...) O

De modo que a ideia do casamento no meio protestante pautava-se no mutualismo espiritual, em que homens e mulheres seriam iguais perante Deus, apesar de isso não significar uma igualdade social absoluta entre homens e mulheres, pois tal relação era embasada pelos teólogos protestantes nas passagens bíblicas que enfatizavam a submissão feminina aos maridos e o papel destes como cabeças do lar.

Em estudos sobre o *menu peuple*⁹¹ da França Moderna, Natalie Davis sugere que a ascensão da Reforma Protestante na França possibilitou uma espécie de mudança nas relações entre homens e mulheres, apesar de as mulheres não terem chegado a um grau de igualdade aos homens, pois ante a óptica reformada as mulheres ainda deveriam sujeitar-se ao sexo masculino.

Candida de Oliveira, heroína do livro de Mary Wardlaw, incorpora esse ideário de esposa amorosa, fiel e totalmente submissa ao seu marido. O capítulo que abre o romance é bastante significativo a esse respeito, pois trata justamente do casamento de Candida com Augusto. Na missa, mesmo não entendendo o sermão em latim, era um consolo para Candida “*to remember that one could be a good, obedient wife, whether one understood Latin or not. Wife! Yes, she was Augusto's wife!*”⁹².

Ser uma “boa e obediente esposa” era o desejo de Candida no princípio da história e, a partir deste ponto de partida, Mary Wardlaw engendra em sua personagem central as características mais louváveis a uma mulher protestante. No desenvolvimento da narrativa, Candida passa por um processo de amadurecimento no papel de esposa e, posteriormente, de mãe, que é possibilitado por sua conversão ao protestantismo.

A protagonista de Mrs. Wardlaw é resolutamente dedicada aos afazeres domésticos, tendo o marido como objeto de devoção e submetendo-se às decisões de Augusto mesmo quando estas lhe causavam extremo sofrimento, como quando o marido migra para o Norte do Império em busca de melhorar a condição financeira da família e a deixa no Ceará com a filha.

ideal de mutualidade no casamento não era um ideal de igualdade, e manuais de casamento protestante, guias de uso doméstico, e sermões sobre o casamento salientavam a importância da autoridade marital e da obediência da esposa.” (Tradução livre).

⁹¹ Davis posta como representantes deste segmento, vários grupamentos sociais desprestigiados pelas elites da França dos séculos XVI-XVIII como camponeses, artesãos, gráficos, operários, mendigos e mulheres. Cf. DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do Povo: sociedade e cultura no início da França moderna*. Tradução de Mariza Corrêa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

⁹² WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. p. 14. “lembrar que poderia ser uma boa e obediente esposa, entendendo ou não latim. Esposa! Sim, ela era a esposa de Augusto!” (Tradução livre).

São várias as passagens que mostram o enquadramento de Candida ao papel de esposa ideal, sendo seu ápice quando da morte de Augusto, causada por uma doença adquirida nos seringais. Augusto conseguira regressar ao Ceará bastante debilitado pela doença e, no período em que permaneceu acamado, Candida prestou-lhe todos os cuidados:

*Augusto lingered with Candida for several months. No words can describe the solemn happiness of that time. "They were less grieved because they must be parted than blest because they loved each other", and were together. She gave up everything to be with him. Florinda took entire charge of the house. Christina came every day, but Candida declined her offer to stay in the house; she wanted Augusto all to herself.*⁹³

Dito isso, voltamos ao mesmo questionamento já levantado: como perceber a existência de um protagonismo feminino em um meio tão moldado pela ideia da submissão da mulher ao homem? Ora, para tal é necessário levar em consideração que uma abordagem de gênero se pauta na análise da relação entre os gêneros. Assim, a pergunta mais adequada se torna: por quais mecanismos mulheres protestantes poderiam, a partir de suas relações assimétricas de poder, desenvolver “procedimentos e táticas que de formas sutis, revelavam suas astúcias”⁹⁴?

A partir de tal ponto postamos como foco o romance “Candida”. Mrs. Wardlaw nascera Mary Swift Hoge, em Baltimore, no ano de 1855, e era filha e irmã de reverendos presbiterianos. Casou-se aos 25 anos de idade com outro jovem reverendo chamado De Lacey Wardlaw (também filho de um ministro presbiteriano). Um mês após o casamento, em agosto de 1880, o jovem casal partiu para o Brasil⁹⁵ como missionários da Missão Presbiteriana do *Board of Nashville*⁹⁶.

⁹³ Ibidem, p. 280. “Augusto permaneceu com Candida por vários meses. Não há palavras para descrever a alegria solene daquela época. ‘Eles se sentiam mais abençoados do que aflitos porque iriam se separar, pois eles se amavam’, e estavam juntos. Ela desistiu de tudo para estar com ele. A casa ficou a cargo de Florinda. Christina ia todos os dias, mas Candida recusou sua oferta de ficar na casa; ela queria Augusto só para ela.” (Tradução livre).

⁹⁴ SILVA, Eliane Moura. *Gênero, Religião, missionarismo e identidade protestante norte-americana no Brasil ao final do século XIX e inícios do XX*. In: Mandrágora (São Bernardo do Campo), v. 14, pp. 25-37, 2008. p. 33.

⁹⁵ Viagens de jovens casais de missionários com destino ao campo missionário pouco tempo após o casamento era algo recorrente. Os *Boards* incentivavam e davam preferência ao envio de missionários casados para missões fora dos Estados Unidos. Deste modo, era fato comum a viagem ocorrer poucos dias ou meses após a realização do matrimônio, assim como era habitual o postulante a missionário recém-egresso do seminário realizar votos matrimoniais pouco tempo após sua formatura. A esse respeito Singh apresenta uma série de exemplos: “*Adoniram Judson married Ann in February 1812, and they left within two weeks for Calcuta. George Dana Boardman of Maine married Sarah Hall in July 1825 (...) ‘On the day following their marriage they left Salem for the place of embarkation’.* *Marie Regina was married in May 1834, (...) to Samuel Gobat (...) A month after their marriage, they started ‘in the midst of many tearful leavetakings’ for Abyssinia via Alexandria. Mary Jane Farnham was married in May 1859 and sailed for China in October of the same year*”. In: SINGH, Maina Chawla. Op. cit. p. 84. “Adoniram Judson casou com Ann em fevereiro de 1812 e duas semanas depois eles partiram para Calcutá. George Dana

Após cerca de vinte anos no Brasil (dois anos em Pernambuco e o restante no Ceará), o casal retornou aos Estados Unidos com suas quatro filhas (todas nascidas no Brasil). Dessa maneira, Mary Wardlaw encarnou em sua experiência todos os elementos louvados pela teologia protestante na figura feminina: mulher casada; submissa ao marido (deixou seu país e seus familiares para acompanhar o esposo missionário); mãe dedicada; e devota à obra missionária de sua igreja.

No entanto, a religião também foi o meio pelo qual Mary Wardlaw pôde expressar diversas de suas concepções de mundo através de um livro, sendo justamente sob o amparo de sua experiência como mãe, esposa e missionária protestante dedicada que ela efetivou a escrita de um romance.

O enredo do romance de Mrs. Wardlaw é ambientado primordialmente na cidade de Fortaleza e tem como pano de fundo à trama a Província do Ceará na década de 1880, trazendo em suas páginas alusões diretas à abolição da escravatura no Ceará, à seca de 1888-1889, à migração de cearenses rumo às Províncias do Norte do Império e à Proclamação da República no Brasil.

O episódio inicial do romance, o casamento da protagonista, principia uma série de desavenças na família de Candida, na medida em que Augusto era filho do Sr. Joaquim de Oliveira, membro da pequena comunidade protestante existente no Ceará. Por tal razão, as irmãs de Candida – Glória, Christina e Joanna – não aceitavam tal relacionamento, vindo a ter sérios desentendimentos com a protagonista do romance.

Apesar de também não gostar dos protestantes, a comemoração do casamento fora organizada por Dona Theresa, tia de Candida, que cuidara dela e de suas irmãs após a mãe destas ter falecido. Entretanto, um presente de casamento iria modificar todo o curso da história das personagens. Tratava-se de um Novo Testamento dado por Joaquim de Oliveira ao jovem casal. A leitura do mesmo, inicialmente, por parte de Augusto o fizera abdicar do catolicismo e adentrar na comunidade protestante em Fortaleza, liderada pelos missionários americanos Mr. e Mrs. Cary.

Boardman, do Maine, casou com Sara Hall em julho de 1825 (...) ‘No dia seguinte ao casamento eles deixaram Salem para embarcar’. Marie Regina casou em maio de 1834 (...) com Samuel Gobat (...) um mês depois eles partiram ‘em meio a muitos prantos’ para a Abissínia via Alexandria. Mary Jane Farnham casou em maio 1859 e partiu para a China em outubro do mesmo ano.” (Tradução livre).

⁹⁶ Eliane Silva aponta que as missões do século XIX proporcionaram uma significativa ampliação da atuação feminina no espectro público “fossem solteiras ou recém-casadas (...). Significou o alargamento dos horizontes onde puderam se inscrever de outras formas e maneiras” In. SILVA, Eliane Moura. Op cit. (2013). p. 38.

O romance de Mary Wardlaw se apresentava a um público específico: estadunidenses que apoiavam o projeto missionário protestante nos diversos recantos do mundo. Não foi à toa que a publicação foi viabilizada através do *The Presbyterian Committee of Publication*, sediado em Richmond, o principal centro presbiteriano do sul dos Estados Unidos no final do século XIX.

Notavelmente, o discurso presente no romance de Mary Wardlaw coadunava-se com o de seus pares masculinos presbiterianos, porém o que está em jogo em nossa discussão é que nesse caso tal discurso a tem por autora. Assim, “Candida” foi um dos meios pelos quais Mary Wardlaw efetivou a possibilidade de certo protagonismo feminino.

Somado a isso, é interessante notar que “Candida” é publicado em um contexto no qual eram desenvolvidas discussões que envolviam as questões de igualdade e justiça de gênero nos Estados Unidos, pois, como afirma Eliane Silva acerca deste tema: “Mulheres religiosas se tornaram ativamente engajadas em movimentos de reforma social, abolicionismo, sufragismo, educação e pregação. Antes de chegar aos palanques políticos, muitas fizeram suas primeiras atuações públicas nos púlpitos”⁹⁷.

Mary Wardlaw, cujo desejo de participação como sufragista nas eleições de 1934 foi citada no início deste tópico, viveu, como missionária em um país majoritariamente católico romano, uma experiência extremamente ambígua, conforme analisa Eliane Silva, na medida em que:

As missionárias, assim como as mulheres europeias e norte-americanas brancas, desempenharam um papel ambíguo: eram membros de um gênero inferior dentro de uma raça superior. O resultado foi que reconheciam a opressão das mulheres, e simultaneamente, desenvolviam um sentido de superioridade devido à raça e nacionalidade.⁹⁸

Apesar dessa constatação, seria extremamente precipitado afirmar que “Candida” configura-se tanto como um texto destinado, por excelência, à reforma social quanto como um palanque político. Entretanto, não se pode destituir de tal escrito a possibilidade de percebê-lo como espaço privilegiado para a prática de um fazer-se ouvir feminino.

Um primeiro apontamento a respeito disso é a autoria feminina de uma obra com mais de trezentas páginas e patrocinada pelo mais importante comitê de publicações da Igreja

⁹⁷ SILVA, Eliane Moura. *Missionárias protestantes americanas (1870-1920): Gênero, cultura, história*. In. Revista Brasileira de História das Religiões – ANPUH. Ano III, n. 9, jan 2011. pp. 21-40, 2011. p. 25.

⁹⁸ SILVA, Eliane Moura. Op. cit. (2013). p. 40.

Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos. Mary Hoge Wardlaw não foi a única mulher a publicar um livro sob os auspícios do *Committee of Richmond* à época. A partir de um levantamento realizado em um Index de livros publicados nos Estados Unidos em 1902, contabilizamos dez publicações do *Presbyterian Committee* de Richmond, conforme a tabela a seguir:

TÍTULO	AUTORIA
Candida, or, by a way she knew not: A story from Ceara	Mary Hoge Wardlaw
Calvin, Twisse and Edwards on the universal salvation of those dying in infancy	Rev. John W. Stagg
Sacred rhetoric: or, A course of lectures on preaching, delivered in the Union Theological Seminary of the General Assembly of the Presbyterian Church in the U.S., in Prince Edward, Va.	Rev. Robert Lewis Dabney
The threefold fellowship and the threefold assurance: an essay in two parts.	Rev. Benjamin Morgan Palmer
A wee lassie: or, A unique republic	May Anderson Hawkins
Sermons; apologetic, doctrinal and miscellaneous	Clement Read Vaughan
An ivy vine, and how it grew. [A story]	Annie E. Wilson
Dorris and her mountain home	Johana Spyri
New Testament conception of the discipline and his money	Edward I. Bosworth
Minutes of the General Assembly of the Presbyterian Church of the United States (Vol. XI)	-

Tabela 1: Livros publicados pelo *Presbyterian Committee of Publication* de Richmond no ano de 1902. Cf. POTTER, M. E. (Org.). *A cumulative index to the books of 1902*. Minneapolis: The H. W. Wilson Company, 1903.

Quatro dessas publicações possuíam autoria de mulheres, o que representa um número bastante expressivo se levarmos em consideração o universo proeminentemente masculino de escritores protestantes nos Estados Unidos do princípio do século XX. Cabe ressaltar, porém, que nesta relação existia uma clara distinção de estilos literários entre os escritos masculinos e femininos, pois, enquanto os autores homens publicaram obras voltadas para

sermões ou discussões teológicas, as escritoras obtinham êxito na publicação de romances ou ficções voltados ao público infantojuvenil.

Tal configuração coaduna-se com a formulação de papéis atribuídos ao masculino e feminino por parte dos líderes protestantes norte-americanos do século XIX, segundo os quais caberia às mulheres o papel fundamental de instrução doméstica dos filhos, o que poderia ser ampliado para além dos limites do lar através do magistério.

É bastante significativa a utilização desse mecanismo por parte de Mary Wardlaw para a exposição de várias de suas visões de mundo e também, por ser um produto literário, como um espaço de elaboração de projetos, pois, nesse contexto, tal romance é “um produto do desejo, seu compromisso é maior com a fantasia do que com a realidade. Preocupa-se com aquilo com o que poderia ou deveria ser a ordem das coisas, mais do que com seu estado real”⁹⁹.

Logicamente, grande parte dos constructos discursivos presentes em “Candida” coadunava-se com as aspirações do meio social que viabilizou a publicação do romance, assim como visava alcançar determinado público leitor protestante norte-americano, operando, desta maneira, com os instrumentos simbólicos destes grupos, dos quais Mrs. Wardlaw fazia parte.

A autora de “Candida” partia conscientemente daquilo que Chartier denomina de “horizonte de expectativa”¹⁰⁰ do público leitor, ou seja, havia de sua parte a tendência a um jogo entre as convenções literárias aceitas para seu tipo de texto e os repertórios culturais dos públicos a quem tais escritos eram endereçados.

Porém, independentemente de tais apontamentos, é extremamente relevante perceber que, através de tais recursos, Mary Hoge Wardlaw alcançou espaço em um meio majoritariamente masculino que era o dos autores de obras de cunho protestante no início do século XX. Até a publicação de seu romance Mary Wardlaw apenas havia conseguido ter publicadas algumas de suas cartas contendo *reports* ou pequenos contos que eram enviados quando de sua estadia no Brasil a periódicos protestantes estadunidenses.

⁹⁹ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 29.

¹⁰⁰ CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora Universidade UFRGS, 2002. p. 71. Tal conceito, trabalhado por Chartier, trata-se de uma elaboração de Hans Robert Jauss e permite afirmar, tomando de empréstimo Jean Marie Goulemont, que: “cada época constitui seus modelos e seus códigos narrativos e que no interior de cada momento existem códigos diversos, segundo os grupos culturais”. In. CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas da leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. 5 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011. p. 113.

Nos anos subsequentes à publicação de seu romance, Mary Wardlaw teria relevante participação em outras duas empreitadas missionárias: no primeiro decênio do século XX nas montanhas do Tennessee e no final da década de 1910 em Cuba. Nos anos 1920 e 1930, já com residência fixa em Dade County, Miami, Mrs. Wardlaw passou a exercer as funções de professora de espanhol de um clube de música para crianças¹⁰¹. Nesse período, também presidia encontros da “*Woman’s Missionary Society*”, da Primeira Igreja Presbiteriana em Miami¹⁰².

Além disso, ela foi membro de uma sociedade de mulheres escritoras americanas, criada em 1897, que tinha por ideal a publicização de poemas, romances e demais escritos de autoria feminina, tal sociedade tratava-se da *National League of American Pen Women*. Mary passou a ter seu nome citado em matérias do “*Miami Metropolis*” por recitar ou por ter suas poesias¹⁰³ recitadas em encontros desta sociedade.

Para além da perspectiva biográfica de Mary Wardlaw, podemos descortinar também elementos internos ao seu romance que trazem à tona pinceladas de protagonismo feminino, mesmo que de maneira bastante incipiente. Tal descortinar se inicia pela personagem central do livro.

No decorrer da trama, Candida de Oliveira revela ser possuidora de diversos elementos caros à moral cristã presbiteriana: humildade; descrença naquilo que Mary Wardlaw denominava de superstições católicas (mesmo antes de a personagem converter-se ao protestantismo); esposa submissa e dedicada aos afazeres domésticos; mãe que buscava instruir moralmente os filhos; e figura incansavelmente laboriosa que além de exercer vários ofícios (passadeira, dona de casa, costureira, governanta), após sua conversão, também passou a dedicar-se às atividades da missão protestante (dando apoio na classe infantil da escola dominical e realizando visitas evangelísticas a membros ou não da comunidade protestante).

Candida é apresentada como uma jovem mulher com poucas posses, filha de trabalhadores de uma fazenda do interior do Ceará (Baturité), que, ao se tornar órfã, fica, com suas irmãs, sob os cuidados de uma tia viúva que morava em Fortaleza. Assim, a personalidade

¹⁰¹ ‘*The Miami Metropolis*’. Seção ‘*Society and the Social Service*’. Miami, 16 de setembro de 1919. p. 7.

¹⁰² Ibidem, 16 de julho de 1921. p. 7.

¹⁰³ Além de algumas de suas poesias terem sido publicadas em periódicos de Miami, localizamos duas obras com coletâneas de poesias nas quais figuram escritos de Mary Wardlaw, a saber: HARRISON FIRM PUBLISHERS. *Florida Poets: an Anthology of Contemporary Verse*. Vol. 1. New York: H. Harrison, 1931.; e ARMSTRONG, Oscar Vance & ARMSTRONG, Helen (Orgs.). *Prayer poems*. Abingdon: Abingdon-Cokesbury Press, 1942.

laboriosa da protagonista é lançada logo nas primeiras páginas ao revelar que o casamento de Candida foi custeado por dias de árduo trabalho como passadeira de roupas.

No entanto, apesar de a história apresentar uma Candida devota e apaixonada pelo seu esposo, logo esse quadro sofre uma reviravolta trágica com uma série de episódios: a morte do primogênito do casal ainda infante; o nascimento da segunda filha (Estrella); a ida de Augusto a Manaus para trabalhar nos seringais; a morte de Augusto em decorrência de uma doença adquirida no norte do Império; e a grande seca que grassou a Província do Ceará, levando extrema carestia à população.

Dessa forma, o romance apresenta ao leitor uma trama que enfoca as lutas de uma mulher sem muitos recursos financeiros, na maior parte da história distante do marido ou viúva; vivendo em um contexto de sérias dificuldades (seca e fome que afligiram a Província do Ceará), sendo mãe de uma criança e enfrentando grande perseguição e rejeição religiosa, inclusive de familiares, por conta de sua conversão ao protestantismo.

Mrs. Wardlaw apresenta, então, uma rede feminina de relações que são fundamentais à história. Seja a nível familiar em seus relacionamentos com as irmãs, a tia, a filha, a sogra, a criada e as patroas; seja em suas relações com mulheres protestantes residentes em Fortaleza.

No contexto religioso, a narrativa caminha para a conversão das parentas de Candida (suas três irmãs e tia) ao protestantismo. Além disso, a migração de Augusto para o norte do Império propiciara uma maior aproximação da personagem central do romance à Mrs. Cary, a missionária estadunidense, esposa do Reverendo Cary (uma alusão direta à Mary Hoge Wardlaw e seu esposo De Lacey Wardlaw).

Tal amizade com Mrs. Cary reforçou o desejo e esforços de Candida a respeito de sua instrução, conforme a personagem principal relataria a seu esposo, quando este retornou por um breve período ao Ceará:

*I am going to tell you a secret. I am studying hard, hard! I couldn't rest satisfied to remain so ignorant, and Estrella to find it out, too, some day. When you left I began to study 'English without a Master'; and since Mrs. Cary's return she teaches me English twice a week. I also give Arithmetica Progressiva to her, and Portuguese I study by myself. I mean to go on and on, and when Estrella's time comes to learn, perhaps I can be her teacher for years and years!*¹⁰⁴

¹⁰⁴ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. p. 264. “Vou lhe contar um segredo. Estou estudando duro, duro! Eu não poderia ficar satisfeita em permanecer tão ignorante, e Estrella, também, algum dia. Quando você partiu, eu comecei a estudar ‘inglês sem professor’; e desde o retorno da Sra. Cary ela me ensina inglês duas vezes por semana. Ela

Tal ênfase no desejo de instrução letrada em diversas áreas (português, inglês, aritmética) corroborava com a concepção presbiteriana à época de que o letramento era fundamental aos fiéis, fossem eles homens ou mulheres. Além disso, havia ainda uma motivação extra na dedicação de Candida aos estudos, que era o desejo de possibilitar à Estrella uma iniciação às letras nos seus primeiros anos de vida e no ambiente doméstico, o que a fazia trabalhar de dia e “*studying at night an ardor*”¹⁰⁵.

Não nos surpreende tais passagens do romance se tivermos em mente que um dos principais campos de atuação missionária presbiteriana era o da instrução com a abertura de diversas escolas pelos missionários e com uma ação majoritária de mulheres, casadas e solteiras à frente de tais empreendimentos, como no caso da própria Mary Hoge Wardlaw no Ceará.

Mrs. Wardlaw ficou à frente da escola fundada em Fortaleza pela missão presbiteriana no ano de 1890¹⁰⁶ e noticiara aos seus compatriotas¹⁰⁷ acerca dos meses iniciais do funcionamento da escola, na qual atendia “*Twenty-three scholars, and three more are promised*”¹⁰⁸. Em seguida Mary exporia que:

*I give an hour and a half to two hours to the school every day (...) I do not find very much difference between teaching the young North American and his little brother in the South. When you consider the religion that surrounds them, and in which some of them were reared, you cannot wonder that we find many obstacles to our work; nevertheless, in one month we have seen improvement.*¹⁰⁹

Entretanto, uma passagem do romance de Mrs. Wardlaw é bastante significativa e vai além da perspectiva da instrução feminina como algo relevante para que as moças pudessem ser boas esposas letradas. Ante a viuvez de Candida e a carestia enfrentada pela população em decorrência da seca que abatera a Província do Ceará em 1888, uma carta de D. Clementina, mãe

também me ensina aritmética progressiva, e, português, eu estudo sozinha. Quero ir mais além e, quando chegar a hora de Estrella aprender, talvez eu possa ser sua professora por anos e anos!” (Tradução livre).

¹⁰⁵ Ibidem, p. 274.

¹⁰⁶ Tratava-se de uma escola mista.

¹⁰⁷ ‘*The Missionary*’. A monthly Journal, issued in behalf of The Foreign Missions of the Presbyterian Church in the United States. Edited by the secretaries. Vol. XXIII. Published by Whittet & Shepperson. Richmond: Novembro de 1890, p. 434.

¹⁰⁸ “Vinte e três estudantes, e três mais estão prometidos.” (Tradução livre).

¹⁰⁹ “Eu dedico de uma hora e meia a duas horas para a escola todos os dias (...), eu não vejo muita diferença entre ensinar os jovens norte-americanos e seus pequenos irmãos do Sul. Quando você considera a religião que os rodeia e na qual alguns deles foram criados, você não imagina os muitos obstáculos que encontramos ao nosso trabalho; no entanto, em um mês, já vimos melhorias.” (Tradução livre).

do falecido Augusto, propondo à Candida que a guarda de Estrella lhe fosse dada, suscitaria a indignação da personagem central da trama:

*The writer made an appeal to Candida's common-sense, to her maternal unselfishness. A girl brought up by a widowed mother, with no male protector, would have but little hope of a future. By which she meant that the five-year-old Estrella would stand but little chance to win a husband. Marriage and "a future" are synonymous terms with the majority of Brazilian women.*¹¹⁰

Mais que o fato de se propor a uma dedicada mãe a abdicação de seu papel como guardiã, instrutora e mantenedora de sua prole, a indignação de Candida voltou-se para o argumento central elaborado por Dona Clementina, isto é: filha de uma viúva pobre, Estrella estaria inevitavelmente fadada a um futuro pouco promissor, na medida em que dificilmente encontraria um bom casamento e, por conseguinte, não conseguiria um “*male protector*”.

Conjuga-se então a junção do raciocínio de Mary Hoge e de Candida que a uma só voz¹¹¹ rejeitam a ideia de o casamento ser sinônimo de futuro promissor, sendo a própria viuvez de Candida a prova de que poderia haver uma existência digna mesmo sem um marido, tal como afirma a protagonista: “*As if there was ever a husband like mine - she thought - and what 'male protector' had I?*”¹¹².

Candida sobrevivera à morte de seu esposo, e mesmo a Província do Ceará em estado de extrema carestia por conta da seca não a impedira de prover o sustento de seu lar e a instrução de sua filha. Estrella poderia um dia vir a casar-se, mas isso não era a preocupação primordial de sua mãe, a projeção de Candida ao futuro de Estrella consistia em forjar aquela criança em uma mulher letrada.

Apesar de tratar-se de uma missionária casada, Mary Wardlaw fizera parte de um contexto cuja a dimensão que antes moldava o espaço público aos homens e o espaço privado às mulheres fora reconfigurado, pois a participação feminina massiva no movimento missionário do

¹¹⁰ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. pp. 306-307. “A remetente fez um apelo ao bom senso de Candida, ao seu altruísmo materno. Uma menina criada por uma mãe viúva, sem nenhum protetor do sexo masculino, teria pouca esperança de um futuro. Ela queria dizer que, mesmo ainda aos cinco anos de idade, Estrella teria pouca chance de conseguir um marido. Casamento e ‘um futuro’ são termos sinônimos para a maioria das mulheres brasileiras”. (Tradução livre).

¹¹¹ Bakhtin ao analisar a estilística do romance destaca a capacidade heterodiscursiva de tal gênero literário, no qual em muitos casos as vozes do autor e do herói do romance confundem-se e se tornam híbridas, revelando diversas intenções do autor. Cf. BAKHTIN, Mikhail. Op cit.

¹¹² WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. p. 307. “Como se eu sempre tivesse tido um marido comigo – pensou ela – que ‘protetor do sexo masculino’ eu tive?” (Tradução livre).

século XIX possibilitou que milhares de mulheres solteiras e casadas viajassem a diversos recônditos do mundo. E tais práticas:

Desafiam as imagens de confinamento, de representações tradicionais que as ligavam à terra, à família, às figuras dos modelos tradicionais. Se os discursos imperantes na época apelam para a dissimetria de vocabulários – aos homens os espaços públicos como essenciais ao caráter e a honra da masculinidade e às mulheres o lar e a família – muitas delas, diante das condições em que viveram, reinventaram os limites da domesticidade.
113

A personagem Mrs. Cary, espécie de Mary Wardlaw no espelho, concentra tais características de reinvenção dos limites da domesticidade, enquanto portadora de um papel que a lançava para fora da reclusão doméstica a que talvez estivesse fadada caso não fizesse parte do projeto missionário.

Mrs. Cary não é a figura principal do romance, sequer temos revelado qual seu primeiro nome. Porém, por toda a história a missionária surge como figura de extrema relevância, mais até do que o próprio Reverendo Cary, contribuindo decisivamente para o desenrolar dos acontecimentos mais marcantes. Ao mesmo tempo em que a Sra. Cary é apresentada ao leitor tanto como leal companheira de seu esposo, sempre que possível acompanhando-o nas atividades religiosas, quanto como mãe amorosa e dedicada de duas crianças (Evangeline e Nellie), ela também surge como uma mulher que constantemente exerce a atividade de missionária visitando os lares de outros personagens ou até mesmo em ambientes públicos (Passeio Público, cemitério da cidade).

A conversão de Candida e sua permanência como fiel da comunidade protestante claramente se dá com a forte atuação de Mrs. Cary, que, além de aconselhá-la constantemente em seus dramas particulares (ausência do esposo, morte do primogênito, rejeição da família de Augusto e de suas próprias irmãs), também se torna sua catequista e professora de inglês e de aritmética; tal proximidade gera um vigoroso vínculo de amizade entre as personagens.

O que ganha relevo aqui é que, como já dito no tópico anterior deste trabalho, Mary Wardlaw fez uso da voz de sua personagem missionária para efetivar uma prática que não lhe era permitida no púlpito, ou seja, ministrar um sermão pene de perspectivas teológicas da autora.

Logicamente, este tipo de pregação diferenciava-se dos sermões convencionais por uma série de motivos: era escrito; seria absorvido de maneira silenciosa e particular por seus

¹¹³ SILVA, Eliane Moura. Op. cit. (2013). p. 37.

leitores; e tinha uma característica multivocal. Mas a despeito disso, possibilitou à Mrs. Wardlaw um espaço privilegiado e avalizado pelos líderes religiosos de explanação de ideias teológicas e apresentação de personagens femininas vigorosas e ativas, conforme abordaremos no próximo capítulo.

No alvorecer do século XX, a ação de missionários em terras estrangeiras estava em pleno vigor, avançando em novos territórios e aumentando o número de *fellow-workers*. A criação e crescimento de sociedades missionárias femininas interdenominacionais foi de suma importância para esse cenário. Apoiadas por uma construção de papéis que postava as mulheres como responsáveis pelas suas “irmãs” (convertidas ou não) e crianças no campo missionário, tais sociedades missionárias cresceram exponencialmente, ultrapassando financeira e numericamente¹¹⁴ as tradicionais sociedades denominacionais administradas pelas lideranças eclesiais masculinas.

Uma apropriação dessa divisão de papéis entre homens e mulheres a respeito da prática missionária, forjou a base da propaganda das sociedades missionárias femininas, isto é, cabia às mulheres “salvar as irmãs da opressão e levá-las pelo caminho da verdadeira religião e salvação”¹¹⁵.

Isso transformou as missões em um pólo de atração de muitas mulheres religiosas, na medida em que dava às missionárias ou postulantes a tal, fossem casadas ou solteiras, a perspectiva de uma atuação muito mais efetiva do que seria possível em suas igrejas locais. Quando falamos de participação efetiva, entendemos como Dana Robert que a atuação direta de missionárias nos processos de conversão, instrução e assistência a mulheres e crianças gerava uma ampliação substancial de poder de ação na rede de relações assimétricas de gênero existente nas comunidades protestantes dos Estados Unidos:

*Missions occupied the central spot in the women's hearts because they provided opportunities for leadership in the church. With their focus on reaching women and children, women's missionary societies had carved out a vital niche and Power base from which women could participate in lay ministry. (...) The twentieth century thus began auspiciously for Protestant missionary women.*¹¹⁶

¹¹⁴ Dana Robert afirma que em 1900, dos cerca de seis mil missionários estadunidenses em terras estrangeiras, 57% eram mulheres e que em 1916 elas já eram 62% no universo de vinte quatro mil missionários. In. ROBERT, Dana L. (Org.). *Gospel Bearers, gender barriers: missionary women in the twentieth century*. Maryknoll, New York: Orbis Books, 2002. p. 5.

¹¹⁵ SILVA, Eliane Moura. Op. cit. (2013) p. 45.

¹¹⁶ ROBERT, Dana L. (Org.). Op. cit. p. 5. “Missões ocuparam o lugar central no coração das mulheres porque elas forneceram oportunidades para liderança na igreja. Com seu foco em alcançar mulheres e crianças, sociedades

As atuações missionárias de Mrs. Wardlaw no Brasil e da personagem Mrs. Cary em seu romance caminham nessa direção. Uma espécie de ministério leigo, subordinado ao líder da congregação (Mr. Wardlaw e Mr. Cary), mas com grande autonomia nos assuntos referentes às mulheres convertidas e potenciais alvos de conversão. Daí, a naturalidade presente no romance acerca da atuação de Mrs. Cary no trabalho de proselitismo de Glória, irmã de Candida, mesmo em um momento de ausência de seu esposo, líder da igreja, que se encontrava na cidade de Mossoró em trabalho missionário.

Inserido nesse contexto, uma série de publicações foi lançada a fim de propagar e divulgar esse papel das missionárias em terras estrangeiras, como: romances, contos e periódicos, dentre os quais o “*Woman’s Work for Woman*”, uma publicação mensal editada pela *Woman’s Presbyterian Board of Missions*, que ganhou extraordinário relevo e prestígio.

Sociedades como a *Woman’s Presbyterian Board of Missions* possuíam um vigoroso porte financeiro e foram vitais no financiamento das missões estrangeiras e no envio de missionárias. Por sua vez, as missionárias reportavam relatos acerca da atuação direcionada às mulheres e crianças. Mary Hoge Wardlaw constantemente tinha seus *Reports* publicados na Seção “*Woman’s Work for Woman*” do periódico presbiteriano *The Missionary*.

Em 1895, publicou-se em tal periódico uma extensa correspondência de Mrs. Wardlaw, escrita pela missionária durante uma de suas estadias na cidade cearense de Baturité. Percebe-se pelo teor da carta que ela direcionava-se às leitoras interessadas em missões.

Mary Hoge inicia seu texto aludindo a uma carta recebida por uma jovem moça estadunidense que em poucos dias partiria como missionária para o Japão, em seguida descreve outra correspondência proveniente do Congo que lhe fora enviada por outra missionária. No mesmo texto, Mary Wardlaw fazia alusões à constante troca de correspondências com outras missionárias no Brasil e em outros pontos do mundo, no entanto o objetivo principal do *report* era demonstrar o uso feito pela autora de “Candida” das cartas recebidas: a leitura das mesmas para as mulheres da congregação presbiteriana no Ceará nas reuniões de uma Sociedade Feminina:

missionárias femininas formaram um nicho vital e base de poder a partir do qual as mulheres poderiam participar no ministério leigo. (...) O século XX começou auspiciosamente para as mulheres missionárias protestantes.” (Tradução livre).

I have a society among the women of our church. Its aim is to bring us all into closer relations with one another. If one is ill, and unable to work (they are all poor), a contribution from the fund on hand will provide food and medicine. All are to be ready to take turns in nursing or sitting up with the patient. There is no fixed subscription; each one brings what she has earned. We have tea and crackers or bread and butter from the society funds, because the women come a long way over the hot sand. A cup of the cheering beverage, if well made, itself helps to attract the women, and draws them out, also, after it is imbibed, so that yield to social intercourse. We have a prayer, sing hymns and talked over our work. (...)

At one meeting I translated for them large extracts of my African letter. As we contribute regularly to the Congo work, the position of the field, had often been explained to them; but I went over the subject again (...) I am sure their interest in that field is stimulated, and all joined fervently in prayer for the writer of the letter.¹¹⁷

Alguns pontos do relato coadunam-se com o que foi dito até o momento, tais como o fato de a distribuição de papéis às missionárias que se encarregariam do trato no campo missionário das suas “irmãs” forjou um ativismo religioso que propiciou a tais missionárias uma atuação bastante autônoma em alguns pontos como na formação de sociedades de mulheres. Em tais sociedades, como a da Igreja Presbiteriana de Fortaleza, criou-se um espaço para a consecução de um ministério leigo feminino composto por leituras (da Bíblia, de livros considerados edificantes, de cartas de outras missionárias), por orações e por aconselhamentos.

Mary Louise Wardlaw (também chamada de Eloise), terceira filha de De Lacey e Mary Hoge, contando com dez anos de idade, em uma carta publicada na “*Children’s Column*” do “*North Carolina Presbyterian*” fazia menção à mesma sociedade apontando sua participação e de suas irmãs:

We have a Samaritan Society. It meets twice a month. My eldest sister was treasurer, mother was president and a young girl, member of the church was a secretary, but they all resigned and now my sister is secretary. Dona Anna is president and Dona Raymunda is treasurer. I have a three sisters, Virginia is fifteen, Blanche is thirteen and I am ten and Carrie is five. Last week we had a meeting and to-day it meets again because a member wants it at her house because she is going away. Ate logo. De sua

¹¹⁷ ‘*The Missionary*’. Vol. XXVIII. N° 11. Richmond. November, 1895. pp. 518-519. “Há uma sociedade feminina em nossa igreja. O seu objetivo é estreitar as relações entre todas nós. Se alguém está doente e incapaz de trabalhar (todas elas são pobres), as contribuições no Fundo fornecerão alimentos e medicamentos. Todas estão prontas para se revezar em cuidados de enfermagem ou para confortar a paciente. Não há um valor fixo; Cada uma traz o que pode. Temos chá e biscoitos ou pão e manteiga a partir dos fundos da sociedade, pois as mulheres percorrem um longo caminho sobre a areia quente. Um copo da bebida, se bem feita, ajuda a atrair as mulheres, bem como levá-las para casa também depois que ele é tomado, de modo que ajuda no rendimento das relações sociais. Temos uma oração, cantamos hinos e falamos sobre o nosso trabalho. (...) Em um dos encontros, traduzi para elas grandes extratos da minha carta vinda da África. Como nós contribuimos regularmente com o trabalho no Congo, relatos do campo, muitas vezes tinham sido comunicados a elas; mas eu falei sobre o assunto novamente (...). Estou certa de que o interesse delas pelo campo foi estimulada, e todas se juntaram com fervor na oração pela escritora da carta.” (Tradução livre).

*amiga. Eloise Wardlaw. Ceara, Brazil.*¹¹⁸

O mutualismo é um ponto bastante relevante aqui, incluso o próprio nome dado à sociedade por Eloise Wardlaw, *Samaritan Society*, constituindo uma correlação ao Bom Samaritano, aquele que sem pretensões de recompensa assiste os necessitados. O auxílio mútuo com a criação de um fundo para amparo das mulheres da congregação faz parte de uma prática que visava atingir muitas mulheres em situação similar à personagem Candida de Oliveira, isto é, pobres sem “*a male protector*”.

Na continuação de sua correspondência ao *The Missionary*, Mrs. Wardlaw faz menção a um dos motivos da criação da sociedade feminina: o auxílio prestado a uma família totalmente composta por mulheres lavadeiras e passadeiras (uma viúva e três filhas¹¹⁹) que passou por grande dificuldade financeira quando a mãe adoeceu (temas, estes, que anos depois estariam presentes em seu romance: viuvez; dificuldades financeiras; mulheres administrando os lares com trabalhos no âmbito público).

Desse modo, tanto as missões quanto a escrita acerca da missão serviram de espaços propícios ao que denominamos aqui de protagonismo feminino. No caso específico dos romances protestantes, por mais que relegados a um plano abaixo dos grandes tratados teológicos, tendo, assim, espaço para a autoria feminina; percebe-se que a apropriação de tal distribuição de papéis de gênero serviu justamente como local de manifestação de posições e visões de mundo por parte das autoras, cabendo salientar que muitos desses romances alcançaram um público leitor maior que outros gêneros literários, tendo em grande parte destes leitores também mulheres.

Trataremos a seguir do romance protestante de cunho missionário, buscando analisá-lo a partir de uma perspectiva de ativismo religioso, isto é, por detrás da consecução de uma escrita que tinha por finalidade trazer distração, havendo uma tendência apologética militante.

¹¹⁸ “*North Carolina Presbyterian*”, “*Children’s Column*”. Fayetteville, 29 de outubro de 1896. “Nós temos uma Sociedade Samaritana que se reúne duas vezes ao mês. Minha irmã mais velha era a tesoureira, minha mãe era a presidente e uma jovem garota, membro da igreja, era a secretária, mas todas elas renunciaram e minha irmã agora é a secretária. Dona Anna é a presidente e Dona Raymunda é a tesoureira. Eu tenho três irmãs, Virginia tem quinze anos, Blanche está com treze, eu tenho dez e Carrie tem cinco. Semana passada, nós tivemos um encontro e hoje nos encontraremos novamente, porque um membro queria que a reunião ocorresse em sua casa, pois ela está indo embora. Até logo. De sua amiga. Eloise Wardlaw. Ceará, Brasil” (Tradução livre).

¹¹⁹ “*In our church in Ceara there is a family consisting of a Widow and three daughters, all of whom are communicants. The mother and one daughter are washerwomen, the other two are ironers*”. In. ‘*The Missionary*’. Vol. XXVIII. Nº 11. Richmond. November, 1895. p. 520.

1.3: Uma escrita militante protestante

Na noite de 12 de novembro de 1897, sob a moderação do Reverendo Reginald Price Baird, os membros da Sessão da Igreja Presbiteriana de Fortaleza reuniram-se para tratar de assuntos atinentes à punição, então em voga, de dois de seus membros. Naquela reunião, decidiu-se retirar do estado de disciplina eclesiástica, em que se encontravam desde 04 de novembro de 1892, os fiéis Albino José de Farias e Flávio Magno¹²⁰.

Tal dinâmica disciplinar no seio das igrejas presbiterianas no período era extremamente comum. Realizando uma análise nas Atas das Sessões das diversas comunidades religiosas, pode-se vislumbrar com frequência o enquadramento de membros das igrejas em alguma falta passível de punição eclesiástica ou o cancelamento das sanções aos fiéis considerados arrependidos.

No entanto, a ata daquela reunião realizada em uma sexta-feira de novembro de 1897 trazia uma série de elementos que iam além da discussão referente à readmissão eucarística de Albino de Farias e Flavio Magno. As palavras escritas pelo secretário da Sessão, Presbítero Lucas Alves Martins, revelavam o grande mal estar que abatera a Igreja Presbiteriana de Fortaleza naquele ano e que dizia respeito ao responsável pela punição de Albino e Magno: o Reverendo De Lacey Wardlaw.

Eis a transcrição da ata:

Aos doze dias de novembro de mil oitocentos e noventa e sete reunio-se a Sessão da Igreja Presbyteriana d' esta cidade sob a direção do Moderador Rev. Reinaldo Baird, que depois da oração abriu a Sessão. Lida a acta anterior foi approvada. Passando a Sessão averiguar a conducta moral e religiosa dos nossos Irmãos Tenente Albino José de Farias e Flavio Magno, que achavão-se suspensos desde 4 de novembro de 1892, até esta data; e, considerando bem os motivos expostos qui motivaram tal suspensão, versada sobre o gênio intolerável do ex-missionario rev. Wardlaw, do que esta Sessão está assasmente inteirada e bem informada; considerando o gênio iracundo e perturbavel d' aquelle ex-missionario leva a Igreja a mau estar, abrindo scessão profunda e dolorosa no ceio d' ella; considerando finalmente na actividade religiosa e zelo que manifestam aquelles nossos Irmãos, reconhecemos que a suspensão infligida aos Irmãos, não tinham motivos para tal julgamento e mesmo porque só dominava a vontade imperante do homem carnal Wardlaw que a mal estar dirigia fracamente e hypocritamente dita Igreja: Portanto em nome de Deus e de seu amado filho Jesus Christo e auxiliada esta Sessão pelo Espírito

¹²⁰ A respeito da Disciplina Eclesiástica na Igreja Presbiteriana de Fortaleza durante a década de 1890, bem como acerca das disputas políticas entre as lideranças de tal instituição recomendamos a leitura de OLIVEIRA FILHO, Sergio Willian de Castro. *Disciplina Eclesiástica e relações de poder na Igreja Presbiteriana de Fortaleza ao findar do século XIX*. Saeculum – Revista de História, ano 20, n. 32, pp. 55-67, João Pessoa, 2015.

Santo resolve abolir desta suspensão encursas aos Irmãos indigitados, restabelece-os aos gozos da plena comunhão, para maior gloria de Deus. Amém.¹²¹

De Lacey Wardlaw, organizador e líder da Igreja Presbiteriana no Ceará, desde o princípio da década de 1880, com sua esposa Mary Hoge Wardlaw, fora em 1897 afastado das funções ministeriais e missionárias. No início deste ano, durante a reunião do Presbitério de Pernambuco, alguns membros da Igreja de Fortaleza (que era subordinada àquele Presbitério) reivindicaram a demissão de Wardlaw e nomeação de Reginald Baird como líder da Igreja, tendo sido tais pedidos acatados pelas lideranças do Presbitério.

O Reverendo Baird já auxiliava o casal Wardlaw nas atividades eclesiais desde 1896, de modo que o clima de conflito desenvolvido na instituição já podia ser visto na ata da Sessão da Igreja realizada meses antes da reunião de novembro de 1897. Em abril de 1897, após ter se decidido nomear Baird como moderador da reunião e dirigente do culto do dia, foi lançado na ata: “depois da oração, declarou-se aberta a mesma sessão, tendo antecedentemente o Ministro De Lacey Wardlaw declarado que não faria parte d’esta Sessão, *sem apresentar motivos que fosse justificado*”¹²².

Apesar de o Sínodo Presbiteriano ocorrido em julho daquele ano em São Paulo ter notado algumas irregularidades¹²³ no procedimento adotado pelo Presbitério de Pernambuco quanto à demissão de Wardlaw, não foram tomadas medidas a respeito do que ficou conhecido como “caso Wardlaw”. Mantiveram-se, assim, a decisão do Presbitério de Pernambuco e os adjetivos que se seguiram para descrever Lacey Wardlaw na reunião de 12 de novembro na

¹²¹ Acta da sessão da Igreja Presbiteriana da cidade da Fortaleza capital do Estado do Ceará. Sessão de 12 de novembro de 1897. Livro nº 1 (1890-1899). Arquivo da Igreja Presbiteriana de Fortaleza.

¹²² O destaque é nosso. Note-se que, de modo sutil, a ata apresenta uma falta grave do então líder da Igreja de Fortaleza, na medida em que Wardlaw incorrera não apenas em ausência à reunião da Sessão da Igreja, mas também no culto dominical, tendo em vista que aquele era um dia de domingo e, após a reunião da Sessão, ocorreria a principal reunião semanal, isto é o culto noturno dominical. In. Acta da sessão da Igreja Presbiteriana da cidade da Fortaleza capital do Estado do Ceará. Sessão de 18 de abril de 1897. Livro nº 1 (1890-1899). Arquivo da Igreja Presbiteriana de Fortaleza.

¹²³ Na obra “Anais da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo”, Vicente Themudo Lessa apresenta algumas dessas discrepâncias no modo como o Presbitério de Pernambuco procedera quanto ao desligamento do Reverendo Wardlaw: “A comissão que examinou as atas do Presbitério (...) notou irregularidades: a) uma proposta para se instaurar um processo judicial contra um membro do Presbitério sem se fazer referência alguma às acusações, bem como aos passos prévios que deviam ser tomados; b) a queixa da igreja de Fortaleza contra o Reverendo Wardlaw havia sido em termos apaixonados; c) no processo instaurado, dizendo-se que ele se defendeu, nada se diz sobre as bases da defesa que habilite a avaliar se a pena imposta não excedeu a gravidade da culpa cometida; d) ter sido irregular o convite ao Dr. Baird para pastorear a igreja sem ser membro de nenhum Presbitério no país”. In. LESSA, Vicente Themudo. Anais da Primeira Igreja Presbiteriana de São Paulo. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2010 [1938]. p. 463.

Sessão da Igreja em Fortaleza: “gênio intolerável”; “ex-missionário”; “gênio iracundo e perturbável”; “homem carnal” que levou à Igreja “mau estar, abrindo sessão profunda e dolorosa” e a dirigia “fracamente e hypocritamente”.

De fato, o “caso Wardlaw” constituiu-se como um notável episódio de disputas políticas ocorridas no seio de uma comunidade protestante brasileira do século XIX, em que membros brasileiros com grande influência na instituição, como no caso do cirurgião dentista e tenente reformando do Exército Albino de Farias, indispunham-se com as lideranças missionárias, geralmente estadunidenses; gerando confrontos diretos.

Após tal episódio, a família Wardlaw permaneceu na cidade de Fortaleza por mais quatro anos, mas totalmente desvinculada das atividades ministeriais e missionárias que exerciam desde 1882 naquela cidade. O casal Wardlaw retornou aos Estados Unidos em 1901 junto de suas quatro filhas (todas nascidas no Brasil).

O século XX não reservaria ao Reverendo Wardlaw novas experiências missionárias, ao menos não localizamos nenhuma documentação que nos leve a crer que Lacey Wardlaw tenha atuado novamente nesta função. Pudemos montar um panorama da trajetória de Wardlaw através de suas correspondências enviadas aos seus colegas de turma de Princeton.

Em uma carta publicada no volume de 1906 do “*Record of The Class of Eighteen Seventy-Six. Princeton*”¹²⁴, Lacey Wardlaw informaria aos companheiros de Seminário que, entre 1901 e 1903, lecionara em uma *High School* de Bell Buckle, Tennessee, e, nos anos seguintes, ministrara palestras e pregações, mas que tudo isso “*No ecclesiastical connection. I am heretical, quoad some fundamental doctrine of each denomination. Intellectually I am a Presbyterian. I am a member of fraternal societies only*”¹²⁵, o que nos leva a deduzir que suas ministrações não estariam vinculadas a qualquer afiliação denominacional.

Antagonicamente, sua esposa, Mary Hoge Wardlaw, após o retorno aos Estados Unidos, atuou com bastante vigor até o ano de sua morte, 1934, em atividades relacionadas a missões e ensino religioso. De fato, a experiência de dois decênios de trabalho missionário no Brasil ficariam como marca indelével e sempre rememorada em suas empreitadas posteriores.

¹²⁴ RECORD OF THE CLASS OF SEVENTY-SIX PRINCENTON. Number VIII (1876-1906). Princeton University, 1906. p. 104.

¹²⁵ “Sem ligação eclesiástica. Sou um herético, com alguma doutrina fundamental de cada denominação. Intellectualmente sou presbiteriano. Sou apenas membro de fraternidades”. (Tradução livre).

Pouco tempo após retornar aos Estados Unidos, ainda na primeira década do século XX, Mary Wardlaw passou alguns meses em um trabalho missionário voltado aos habitantes das montanhas Cumberland (Tennessee), sob a liderança do missionário presbiteriano Edward Guerrant. Junto de outras trinta e quatro professoras, Mary Wardlaw ministrava às crianças aulas que incluíam canções, lições de leitura e escrita (com o uso da Bíblia como literatura principal), geografia e aritmética.

Notavelmente, em virtude de sua experiência anterior como missionária no Brasil, ela ganhava destaque entre seus companheiros de missão, conforme se pode notar nas palavras do Reverendo Guerrant:

*For some twenty years Mrs. Wardlaw was a missionary in South America, and by gifts and graces, is exceptionally well qualified to give the results of experience. She is one of thirty-five such noble lady teachers sent and supported by the society in the darkest regions of the Cumberland and Allegheny Mountains.*¹²⁶

Anos depois, após a entrada dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial, entre 1917 e 1919, Mrs. Wardlaw atuou como missionária em Cuba com duas de suas filhas (Mary Louise – que já morava em naquele país desde 1912 com seu esposo – e Caroline Cunningham que fora à Cuba com a mãe em 1917). Novamente a memória do Brasil se faria presente nos relatos, desta vez nas próprias palavras de Mary Wardlaw em carta enviada ao periódico *The Missionary Survey* acerca de suas impressões sobre Cuba:

*Of course every feature of the Cuban country and its customs and every phase of the mission work made a twofold appeal; the charm of novelty on the hand, and on the other, the resemblance to Brazil (...) Then the beauty of the sky, matchlessly blue by day, and of a 'midnight blue' by night, and the superlative brightness of the moon are conspicuous among the reminders of Brazil.*¹²⁷

Nas décadas de 1920 e 1930, o casal Wardlaw fixou residência em Miami, onde Mrs. Wardlaw era ativa participante das atividades educacionais de uma comunidade presbiteriana que

¹²⁶ GUERRANT, Edward O. *The Galax Gatherers: The Gospel among the Highlanders*. Kentucky: Published by Onward Press. 1910. p. 179. “Por cerca de vinte anos a Sra. Wardlaw foi missionária na América do Sul e, por dom e graça, é excepcionalmente bem qualificada para conceder os resultados da experiência. Ela é uma das trinta e cinco nobres senhoras professoras enviadas para apoiar a sociedade nas regiões mais sombrias das montanhas de Cumberland e de Allegheny.” (Tradução livre).

¹²⁷ ‘*The Missionary Survey*’. Richmond. December, 1917. p. 822. “É claro que a descrição de Cuba e seus costumes e de todas as fases do trabalho missionário trazem um duplo apelo; o encanto da novidade em uma das mãos e na outra a semelhança com o Brasil (...). A beleza do céu, o azul do dia e o ‘azul da meia-noite’ não têm competidores, e o brilho superlativo da lua são evidentes entre as lembranças do Brasil.” (Tradução livre).

atendia classes infantis formadas por crianças de origem hispânica, além de participar de sociedades femininas de escritoras.

Curiosamente, o fatídico episódio de 1897 não representou para Mrs. Wardlaw o fim de sua trajetória missionária. Pelo contrário, seu retorno aos Estados Unidos lhe possibilitou acesso a modos de atuação inviáveis no campo missionário brasileiro, isto é somente com o retorno ao *Headquarter* das missões presbiterianas foi que a publicação do romance “Candida” se fez possível. Apesar disso, e de modo paradoxal, a publicação de tal romance só foi efetivada devido à atuação missionária anterior no Brasil, local onde Mrs. Wardlaw desenvolveu ativas práticas eclesiástico-missionárias que, provavelmente, não teria tido possibilidade de exercer nos Estados Unidos enquanto mulher e esposa de um Reverendo.

Mais que uma publicação destinada ao entretenimento de determinado público leitor estadunidense, tal romance missionário protestante, como muitos outros publicados naquele período, tinha um ensejo de engajamento no grande projeto missionário mundial ainda em voga e com bastante vigor na América Latina, Ásia e África.

“Candida”, desse modo, publicado em 1902, era a continuidade da missão iniciada por Mary Wardlaw no Brasil em 1880 e encerrada em 1897. Mesmo a milhares de quilômetros do Ceará, morando na pequena Bell Buckle, Mrs. Wardlaw fomentou uma militância literária através de seu romance, cujo objetivo primordial agora era despertar em seus compatriotas o interesse pela conversão dos “irmãos” brasileiros, conforme esboçaria claramente no prefácio do livro:

*The aim of this story is, primarily, to show the power of the gospel in Brazil, and, secondarily, to deepen the interest in Brazilians as fellow-beings. If, through its instrumentality, the way of salvation should become clearer to some groping soul, and the Saviour of sinners dearer, I shall be blessed above measure.*¹²⁸

Para a continuidade das missões internacionais, tanto a nível dos *Boards* denominacionais quanto nas diversas sociedades interdenominacionais estadunidenses, havia uma premente e constante necessidade da existência de dois pilares de sustentação: a formação de novos missionários e o aporte financeiro dos mesmos no campo.

¹²⁸ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. p. 6. “O objetivo dessa estória é, primeiramente, demonstrar o poder do evangelho no Brasil, e, em segundo lugar, despertar o interesse pelos brasileiros como nossos colegas. Se, através de sua instrumentalidade, o caminho da salvação se tornar mais claro para alguma alma que tateia e o Salvador dos pecadores se tornar mais querido, serei abençoada acima da medida”. (Tradução livre).

Dessa forma, as diversas literaturas mencionadas anteriormente, como: cartas privadas; *reports*; jornais de cunho missionário; panfletos propagandísticos; estudos sobre aspectos socioculturais dos povos tidos por alvo; e ficções, ganharam um teor de extrema relevância na tarefa de engajamento de candidatos ao trabalho e de financiadores.

Havia uma dinâmica bastante similar nestas diversas literaturas no que concernia ao conteúdo dos escritos e que basicamente possuíam as seguintes características: demonstrar o grau de distanciamento do que se tinha como evangelho verdadeiro apregoado pelas denominações protestantes; apresentar as diversas perseguições e martírios sofridos por missionários; apontar que tais perseguições seriam causadas pela intolerância de líderes religiosos que instigavam os fiéis a atos de barbárie; e, talvez o mais importante, apontar como a conversão das pessoas que seriam alvo das missões transformava radicalmente o mundo em que tais sujeitos estavam inseridos.

Apropriando-nos das palavras de Mrs. Wardlaw, “*the power of the gospel*” trazia para os conversos o primordial, a salvação da alma, e também melhorias consideráveis no cotidiano de tais pessoas, conforme a óptica dos missionários protestantes (letramento, perspectiva produtiva sobre o trabalho, ajustamento em padrões de vestuário e comportamentos tidos como civilizados¹²⁹).

Essa última característica era fundamental para tal militância, havendo uma exacerbação no discurso triunfalista do projeto, isto é, ao intenso sofrimento inicial, seguia-se, àqueles que perseveravam, o vislumbre de conversões em grande número. De acordo com Singh:

*among the texts that targeted home audiences, there was clearly a category of writing directed at the potential missionary, encouraged to join the force or about to sail for overseas and in need of information about the life in “heathen lands”. (...) Unequivocal in their objective, they were aggressive and triumphalist in tenor. (...) As the narratives implicitly positioned the missionary as a lone figure living among the souls in need of “redemption”, they created a romantic idealism for the life of a missionary.*¹³⁰

¹²⁹ Rubem Alves denominou tal perspectiva de “utopia social protestante”, isto é: “A melhor sociedade possível será aquela em que todos forem protestantes. Uma sociedade protestante será livre, democrática e rica. Será livre e democrática porque o ‘livre exame’ e a própria organização política das Igrejas protestantes o exigem. Será rica porque o senso de responsabilidade individual, exigido pela doutrina da mordomia, e a bênção de Deus sobre aqueles que se submetem à sua vontade produzirão o máximo de bem-estar econômico”. In. ALVES, Rubem. *Religião e Repressão*. São Paulo: Edições Loyola, 2005. p. 275.

¹³⁰ SINGH, Maina Chawla. Op. cit. p. 158. “entre os textos que tinham como alvo o público doméstico, havia claramente uma categoria de escrita dirigida ao missionário em potencial, encorajados a aderir à missão ou prestes a navegar para o exterior e que precisavam de informações sobre a vida em ‘terras pagãs’. (...) Inequívocos em seu objetivo, eles foram agressivos e triunfalistas em seus modos. (...) Como as narrativas posicionavam implicitamente

Ora, tal idealismo romântico pôde ser maximizado justamente em um tipo de literatura que “não tem regras nem freio”¹³¹, isto é, o romance. Isso porque, apesar de pautar-se em um jogo que demonstra um grau de realidade que confunde e envolve o leitor, o romance nunca pode ser pautado sob a égide do “verdadeiro” ou do “falso”.

Apesar de em outros tipos de literatura não ficcional produzida pelos missionários também ter havido uma exacerbação triunfalista, principalmente com relação ao número de conversões e ao crescimento das comunidades protestantes, os autores de romances podiam elaborar tal temática com muito mais liberdade diante das possibilidades de criação dadas por tal gênero literário.

Porém, mesmo com tal artifício, Mary Wardlaw fazia questão de apontar que todos os incidentes apresentados em sua obra relativos à expansão do evangelho no Ceará eram “*strictly true, and is recorded without embellishment*”¹³². Havia, então, a necessidade de se manter o jogo entre “realidade” e “ficção”, que se mostrava deveras eficaz como modo de atração do público leitor que buscava desvencilhar, através da leitura, as fronteiras entre estes dois mundos.

Além disso, a legitimidade imposta por uma escritora que estivera por tantos anos morando no local acerca do qual falava consubstanciava-se em um elemento de grande relevância à proposta da autora e do Comitê de Publicação. Tal informação, no pequeno prefácio de “Candida”, não foi esquecida, conforme já citamos anteriormente, Mrs. Wardlaw apontava que: “*after twenty years spent in close and sympathetic study of Brazilians and their surroundings, I feel that it may not be presumptuous to portray them as I see them*”¹³³.

Com tal discurso, Mary Wardlaw apresentava-se como capacitada e com autoridade suficiente para escrever sobre os brasileiros, apesar de ter também deixado claro que sua história trataria exclusivamente do “*Northern Brazil*” e que este diferia bastante do sul do País no que se referia ao clima, costumes e características, tal como se fossem comparados “*New England and the Gulf States*”¹³⁴. De modo que, ao usar de tal artifício, trazendo elementos do repertório cultural de seus leitores, como a comparação entre o Norte e o Sul dos Estados Unidos, Mrs.

o missionário como uma figura solitária, vivendo entre as almas que precisavam de ‘redenção’, eles criaram um idealismo romântico para a vida do missionário.” (Tradução livre).

¹³¹ ROBERT, Marthe. Op. cit. p. 14.

¹³² WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. p. 6.

¹³³ Ibidem, p. 5.

¹³⁴ Ibidem, p. 6.

Wardlaw apresentava o “outro” (Brasil) como conhecedora da diversidade e das diferenças regionais de tal nação estrangeira.

Assim, o conhecimento advindo da experiência de sua autora como missionária dava a “Candida” maiores chances de alcançar em seu público leitor o efeito desejado pela autora, pois, tal como Darnton percebeu nos prefácios de *La Nouvelle Héloïse*, de Jean-Jacques Rousseau, uma explícita indução feita pelo filósofo no modo como seu romance deveria ser lido¹³⁵, Mary Hoge Wardlaw também o fez em seu pequeno prefácio de duas páginas. Os leitores de “Candida” estavam previamente informados de que toda a sua trama, a ser absorvida nas mais de trezentas páginas subsequentes, estava envolvida na trajetória real de uma missionária no Brasil e que deveria ser encarada como a ação do “poder do evangelho”, levando a salvação aos pecadores.

A publicação de “Candida” fez parte do grande contexto do trabalho missionário que possuía várias frentes de atuação, sendo a propaganda uma das mais importantes. Tal faceta propagandística possuía um forte engajamento similar ao exigido do protestante em trabalho evangelístico, ou seja, a capacidade de convencimento de seu interlocutor a respeito da importância daquilo de que falava era pré-requisito básico, daí uma linguagem exacerbadamente apologética e proselitista.

O engajamento literário analisado por Nicolau Sevcenko a partir das obras de Euclides da Cunha e Lima Barreto nos é bastante relevante aqui. Apesar de Sevcenko voltar seu olhar sobre uma literatura que tinha por mote a transformação da dinâmica sociopolítica brasileira do início do século XX, compartilhamos com este historiador sua visão acerca dos possíveis usos da literatura:

A literatura não é uma ferramenta inerte com que se engendram ideias ou fantasias somente para a instrução ou deleite do público. É um ritual complexo que, se devidamente conduzido, tem o poder de construir e modelar simbolicamente o mundo, como os demiurgos da lenda grega o faziam.¹³⁶

O romance de Mary Wardlaw, tal como diversos de seus congêneres publicados naquele período, tinha por mote uma militância religiosa com o claro objetivo de “construir e modelar simbolicamente o mundo”. Tratava-se de uma literatura com um claro ensejo de

¹³⁵ DARNTON, Robert. Op. cit. (2006). pp. 277-323.

¹³⁶ SEVCENKO, Nicolau. Op. cit. p. 284.

demonstrar as benesses da expansão do protestantismo para além do território norte-americano e, deste modo, convencer seus compatriotas no amparo à continuidade do projeto missionário.

“Candida” surgia, então, como um tipo de literatura engajada, na medida em que buscava ser pedagógico, isto é, ao ser destinado primordialmente a um público norte-americano e protestante, tal escrito partia do pressuposto de possuir uma função social ou, para ser mais preciso, uma missão tida como de suma importância, já que a mesma teria sido dada pelo próprio Deus à autora. Eis que, de certa forma, o escrito de Mary Hoge almejava mostrar-se como vários outros romances do período que partiam da seguinte elaboração discursiva:

O romance não é portanto o gênero hipócrita e fútil de que os Antigos desconfiavam, mas um agente do progresso, um instrumento de imensa eficácia virtual, que, nas mãos de um romancista consciente de sua tarefa, trabalha de fato para o bem comum. Ele reconduz os culpados ao bom caminho, cura os infelizes, faz as chagas do indivíduo e da sociedade serem odiadas; em suma, realiza uma missão.¹³⁷

Tais elementos apresentados por Marthe Robert como característicos do romancista ganhariam em um escritor protestante engajado a exacerbação da missão, pois esta não só teria uma conotação social e moral mas também, e fundamentalmente, um teor de comissão divina. Os estadunidenses partidários das missões protestantes em terras estrangeiras empenhavam-se em várias frentes com o intento de darem prosseguimento ao projeto missionário, sendo o convencimento no meio doméstico acerca da relevância do projeto uma destas frentes de combate.

Mas, para vislumbramos com maior profundidade essa missão através das tessituras de uma ficção religiosa, cabe perceber inicialmente qual era o contexto no início do século XX das missões transculturais realizadas por sociedades missionárias protestantes estadunidenses.

Nenhum estudioso da história das missões tem dúvidas de que o século XIX representou o grande período da expansão de comunidades protestantes por diversos pontos do globo através da atuação de missionários das mais variadas afiliações eclesásticas estadunidenses. Vários foram os fatores presentes na história dos Estados Unidos dos séculos XVIII e XIX que contribuíram para o fenômeno do missionarismo, dentre os quais poderíamos destacar: os *revivals*; as teologias milenaristas e avivamentalistas; o inquietamento messiânico; a expansão territorial; e a teoria do Destino Manifesto.

¹³⁷ ROBERT, Marthe. Op. cit. p. 24.

Segundo Antonio Gouvêa Mendonça, o último terço do século XIX foi o ápice do amálgama entre um sentimento nacional expansionista e motivações teológicas, em que:

O desejo de salvar os “pagãos” da danação eterna originava-se no espírito da teologia dos avivalismos, que enfatizava a conversão instantânea e o conseqüente redirecionamento da vida para a obtenção da perfeição. Para muitos a pregação da salvação era urgente: devia ser feita antes da segunda vinda de Cristo, do milênio portanto.¹³⁸

Tal urgência no empreendimento em prol das almas “pagãs” gerou o surgimento de sociedades missionárias ligadas às mais variadas denominações: presbiterianas; batistas; metodistas; episcopais; congregacionais; dentre outras. Mary Hoge Wardlaw atuara no Brasil juntamente com seu esposo como missionários da Igreja Presbiteriana e, após seu retorno aos Estados Unidos, Mrs. Wardlaw continuaria mantendo fortes elos com esta denominação.

Apesar disso, o financiamento às missões estrangeiras tomou dimensões que extrapolaram as fronteiras das denominações com o surgimento de sociedades de cunho ecumênico¹³⁹, como: *American Bible Society*; *American Tract Society*; *Young Men’s Chirstian Association*, além de diversas sociedades femininas que se destacaram apresentando números surpreendentes no que diz respeito à captação e envio de recursos financeiros e de missionárias, conforme apontamos anteriormente.

Por ter sido um projeto missionário que se baseava em uma teologia antropológica progressista e que almejava a construção de uma sociedade modelar, grande parte das missões investia em estratégias que dessem visibilidade aos missionários e que fossem além da pregação e distribuição de literatura religiosa, daí o investimento em escolas, hospitais, universidades e orfanatos.

No final do século XIX, tais empreendimentos já se espalhavam aos milhares nas três principais regiões do globo que eram alvos dos missionários: Ásia, África e América Latina. Apesar de não terem se tornado majoritárias na maioria das nações em que desenvolviam seus trabalhos, várias comunidades protestantes no início do século XX já haviam se consolidado e suas instituições educacionais e sociais eram bastante significativas, e, por vezes, bastante respeitadas nos locais em que estavam instaladas. Tal quadro gerava a necessidade de um

¹³⁸ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celeste porvir. A inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1995. p. 62.

¹³⁹ Ao falarmos de ecumenismo neste trabalho, referimo-nos tão somente a alianças realizadas entre denominações protestantes.

constante aumento de recursos e missionários, tanto para a manutenção dos missionários e instituições já em atividade quanto para a instalação de novas missões.

Se tomarmos como exemplo unicamente os relatórios que discorrem sobre o financiamento das missões estrangeiras realizadas pela Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América, sem levar em consideração os recursos provenientes de sociedades ecumênicas ou denominacionais que enviavam o dinheiro aos missionários sem a intermediação da igreja na qual este era afiliado, teremos o quadro abaixo:

Envio de recursos da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América ao <i>Board of Foreign Missions</i>					
1899	1900	1901	1902	1903	1904
\$764.976,00	\$822.811,00	\$907.739,00	\$898.079,00	\$905.089,00	\$987.443,00

Tabela 2: Fundos destinados às missões estrangeiras pela Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos. Cf. PRESBYTERIAN CHURCH IN THE UNITED STATES OF AMERICA. Minutes of the General Assembly of the Presbyterian Church in the United States of America. Vol. IV, Nº 2. Philadelphia: Office of the General Assembly, 1904. p. 778.

Logicamente, por tratarem-se apenas dos valores controlados pela Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, estes não expressam a quantia de fato remetida aos missionários, mas serve para percebermos a dinâmica interna em desenvolvimento nesta igreja. Apesar de ser perceptível um aumento notável de mais de 200 mil dólares no financiamento às missões estrangeiras em apenas cinco anos, fica claro também uma oscilação neste aumento que teve uma queda entre os anos de 1901 e 1902.

De maneira curiosa, é justamente neste período em que o romance de Mrs. Wardlaw é publicado. Provavelmente, não houve uma relação direta entre ambos os fatores, porém, certamente, a publicação e divulgação de obras similares à “Candida” possuíam uma clara destinação tanto aos fiéis que financiavam as missões quanto às lideranças das igrejas espalhadas pelos Estados Unidos que aplicavam parte de seus recursos a tal projeto.

Além de informar o montante total destinado ao *Board of Foreign Missions*, os relatórios da Assembléia Geral nos trazem o levantamento estatístico acerca da distribuição destes recursos financeiros no ano de 1904, dos quais elencamos abaixo os seis destinos que receberam maior financiamento:

LOCAL	RECURSO FINANCEIRO
China	\$ 259.388,00
Índia	\$ 197.657,00
Japão	\$ 89.728,91
América do Sul	\$ 83.746,82
Coréia	\$ 78.455,60
Pérsia	\$ 73.102,51

Tabela 3: Locais com maior financiamento pelo *Board of Foreign Missions*. Cf. PRESBYTERIAN CHURCH IN THE UNITED STATES OF AMERICA. Minutes of the General Assembly of the Presbyterian Church in the United States of America. Vol. IV, Nº 2. Philadelphia: Office of the General Assembly, 1904. p. 311.

Não obstante a América do Sul se apresentar como o quarto destino com maior remessa de verbas, tal informação também demonstra uma grande preocupação da Igreja Presbiteriana com as missões no Oriente. Os missionários na China, Índia e Japão figuravam em 1904 como os maiores receptores de recursos provenientes dos Estados Unidos, além de a Coreia ter recebido montante bastante próximo do enviado a toda a América do Sul.

Dentre os vários fatores que levavam a essa ênfase na missão no extremo Oriente e na Índia, pode-se citar o argumento que caracterizava tais regiões como totalmente pagãs, desligadas de qualquer contato, por mais errôneo que fosse, do cristianismo.

Logicamente, havia também, em parceria ao fervor religioso, uma série de motivações políticas no interesse pelo Oriente e nas grandes somas de dinheiro destinados às missões protestantes estadunidenses em tais regiões. A conversão ao cristianismo e a forte presença de instituições protestantes na China, Índia, Japão, Coreia e Pérsia andou de mãos dadas com os projetos de expansão da influência norte-americana em tais regiões iniciados na segunda metade do século XIX. Em tal direção, trabalha Victor Kiernan ao analisar o interesse missionário por tais locais como inserto em um processo de hegemonia:

Missionários da América, assim como seus homens de negócios, tinham fundos, energia e o nome do país para ajudá-los; (...) O dinamismo ianque podia criar sistemas burlescos de produção em massa de convertidos, com batismo mais ou menos à vista, como na missão da China (...) onde conversões tinham de estar prestes a acontecer o tempo todo para manter a entrada de dólares.¹⁴⁰

¹⁴⁰ KIERNAN, Victor Gordon. *Estados Unidos: o novo imperialismo*. Tradução de Ricardo Doninelli Mendes. Rio de Janeiro: Record, 2009. pp. 146-147.

Independentemente do aspecto ideológico que Kiernan lançou mão em sua análise, o fato é que, na transição para o século XX, os investimentos destinados às missões no Extremo Oriente e na Índia alcançavam grandes patamares.

Por sua vez, a América Latina ainda era um potencial alvo das missões protestantes estadunidenses, não obstante um novo debate a respeito de tal região desenvolvia-se entre as lideranças eclesiásticas nos Estados Unidos.

Pelo fato de tal região ter tido, através de sua colonização ibérica, uma inserção do catolicismo romano, surgiu uma discussão a respeito de quais locais do globo deveriam ser priorizados no esforço missionário. Assim, se o empenho das missões era levar o evangelho às *Heathen Lands*, países católicos poderiam deixar de ser prioritários, na medida em que já possuíam certa ligação com o cristianismo.

Ao mesmo tempo em que tal debate se desenvolvia, esforços para uma ênfase ecumênica na atividade missionária eram ampliados, de modo que, em 1910, foi realizado o Congresso Missionário de Edimburgo, evento que visava debater os rumos das missões protestantes no mundo, buscando uma unidade interdenominacional.

Contando com cerca de três mil participantes, o Congresso teve como uma de suas pautas o trabalho missionário no mundo não cristão, o que suscitou um acalorado debate sobre o que poderia ser considerado como tal. A América Latina entrou nessa discussão, na medida em que por um lado grande parte dos representantes europeus no Congresso considerava tal região como cristianizada e, como tal, os esforços deveriam se voltar à Ásia e África; por outro, os missionários e líderes religiosos estadunidenses apontavam-na como local a ser evangelizado, por não entenderem o catolicismo como cristianismo verdadeiro.

Apesar de este ponto de conflito ter se apresentado no Congresso, ele não se constituiu como principal debate do evento, de modo que em 1913 realizou-se, em Nova York, uma Conferência sobre Missões na América Latina, em que os representantes estadunidenses do Congresso de 1910 buscaram manter sua posição acerca da necessidade de evangelização em países católicos.

Seguiu-se à Conferência em Nova York a Conferência sobre a Obra Cristã na América Latina ocorrida no Panamá em 1916, que ratificou a manutenção da atuação missionária nas nações latino-americanas¹⁴¹.

Dessa forma, percebe-se que as duas primeiras décadas do século XX inseriram as comunidades protestantes estadunidenses em uma discussão a respeito de quais regiões deveriam receber esforços missionários, tendo a balança pendida para a perspectiva que reconhecia apenas o protestantismo como religião cristã, sendo o catolicismo uma espécie de cristianismo paganizado, cuja Reforma Protestante tentara recuperar.

Tal constatação segue a mesma linha enunciada por Leonildo Campos a respeito da retórica missionária protestante no Brasil de fins do século XIX, segundo a qual o

“protestantismo” era sinônimo de “progresso”, enquanto “catolicismo” significava “atraso”, “subdesenvolvimento”, “ignorância” e “superstição”. A única esperança para o Brasil e América Latina, na perspectiva deles, seria o avanço de forças modernizantes e na sua vanguarda os missionários protestantes abrindo igrejas e escolas, as quais estariam afugentando a “escuridão da ignorância”¹⁴².

O romance de Mary Hoge Wardlaw é publicado justamente no auge deste debate e antes dos congressos missionários de 1910, 1913 e 1916. Nele a autora acreditava na necessidade de continuidade do investimento às missões protestantes na América Latina, especialmente no Brasil. Para tal missionária-romancista, o catolicismo romano no Brasil não poderia ser visto como cristianismo. Daí a ênfase em seu romance acerca das práticas condenáveis de superstição dos brasileiros católicos distribuídas por toda a obra, conforme se pode ler já no primeiro capítulo, no qual Mrs. Wardlaw discorre sobre o casamento de Candida e Augusto, abordando a reação e práticas das jovens moças solteiras diante daquele evento:

What were all those girls laughing about? Oh! Yes; her bouquet! Jovina was distributing the flowers that composed it, giving each girl present one of the white carnations, and a scrap of the white ribbon wich held them together. And those giggling girls would each put her flower away, pinned to the ribbon — as if a stupid, withered flower would bring them a husband! Augusto had said it was only silly people who believed in dreams and omens. She had never believed very much in such things;

¹⁴¹ A respeito dos debates sobre a América Latina nas Conferências Missionárias de 1910, 1913 e 1916, Cf. GONÇALVES, Carlos Barros. *Até aos confins da terra: O movimento ecumênico protestante e a evangelização dos povos indígenas*. Dourados: Editora UFGD, 2011.

¹⁴² CAMPOS, Leonildo Silveira. *Protestantismo de Missão no Brasil, cidadania e liberdade religiosa*. In. Educação & Linguagem. V. 17. N. 1. pp. 76-116. São Bernardo do Campo: Jan./Jun. 2014. p. 79.

*she had never hung her image of San Antonio head downward in a well to remind him to send her a husband, nor sewed him inside the them hem of her dress.*¹⁴³

Augusto, apesar de não convertido ao protestantismo, era filho de um protestante e via as práticas das jovens moças amigas de Candida, a fim de conseguirem um casamento, como estúpidas e típicas de “*silly people*”. A enumeração de tais práticas é imediatamente relacionada a Santo Antônio, deixando nítida a interseção feita pela autora entre o catolicismo e a ignorância de seus fiéis.

O marido de Candida se tornaria um fervoroso protestante no decorrer da trama, encontrando, por isso, forte oposição dos parentes de sua esposa. Um dos momentos mais significativos de denúncia feita por Mrs. Wardlaw ao caráter degradado do catolicismo brasileiro encontra-se no acalorado debate entre Augusto e a tia de Candida, Theresa, sobre as práticas católicas vistas sob o prisma do recém-converso:

“You said,” resumed Augusto, with calmness equal to her own, “that we err in not having more things to attract in our worship. My experience of such objects as you mentioned is that they distract more than they attract. The mind is so taken up with these externals that it forgets what it came to see — Jesus and him crucified.”
“The Church of Rome puts so many so-called attractions between the soul and its Savior that it hides him almost entirely. For a long time I was like the Greeks, who came in quest of Jesus. I ‘would see Jesus.’ Was there ever a priest who pointed me to him as the Redeemer of mankind? Not one. What did they show me? What do they, what do you, consider religion to be? Is it not a medley of mass, confession and vespers; an array of priests in imposing robes, with images, rosaries, candles and incense? A jumble of processions, almsgiving, saints’-days, fasts and festas? The impressive ceremonies of extreme unction, and nothing better than purgatory to crown it all?”¹⁴⁴

¹⁴³ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. p. 15. “O que eram todas aquelas garotas rindo? Oh! Sim; seu buquê! Jovina estava distribuindo as flores que o compunham, dando a cada garota presente um dos cravos brancos, e um pedaço da fita branca que os mantinham juntos. E as garotas sorrindo prendiam, cada uma delas, a flor à fita - como se uma estúpida flor murcha lhes pudesse trazer um marido! Augusto tinha dito que apenas pessoas tolas acreditavam em sonhos e presságios. Ela nunca tinha acreditado muito em tais coisas; nunca colocara a imagem de Santo Antônio de cabeça para baixo em um poço para lembrá-lo de enviar-lhe um marido, nem o costurou dentro da bainha de seu vestido.” (Tradução livre).

¹⁴⁴ Ibidem, pp. 94-95. “‘Você disse’, retomou Augusto, tão calmo quanto ela, ‘que erramos em não termos mais coisas para atrair em nosso culto. Minha experiência acerca de tais objetos como você mencionou é que eles distraem mais do que atraem. A mente está tão ocupada com essas coisas externas que esquece o que deveria ver - Jesus crucificado’. ‘A Igreja de Roma coloca tantas distrações entre a alma e o Salvador que o esconde quase inteiramente. Durante muito tempo, eu era como os gregos, que vieram em busca de Jesus. Eu queria ver Jesus. Algum padre O apontou a mim como o Redentor da humanidade? Nenhum. O que eles me mostravam? O que eles e o que você consideram religião? Não é uma mistura de missa, confissão e Vésperas; um conjunto de padres com suas batinas, com imagens, rosários, velas e incenso? Um amontoado de procissões, esmola, dias santos, jejuns e festas? As cerimônias impressionantes de extrema-unção, e nada melhor do que o purgatório para coroar tudo isso?’.” (Tradução livre).

Neste diálogo, Mary Wardlaw enumera uma série de elementos existentes no catolicismo que poderiam ser considerados como provas patentes de um não cristianismo de acordo com sua interpretação teológica presbiteriana. Dessa forma, o personagem, agora guiado pela fé protestante, faz uma extensa lista de características existentes na “*Church of Rome*” que afastavam seus fiéis de Jesus: o culto auxiliado por objetos (imagens de santos); as procissões; a confissão auricular; as vestes sacerdotais; os rosários; as velas; os incensos; as festas; as esmolas; os jejuns; a extrema unção; e o purgatório.

A ênfase nos erros do catolicismo constitui para Rubem Alves¹⁴⁵ um elemento chave na formatação identitária do que ele denomina de Protestantismo da Reta Doutrina¹⁴⁶, do qual o Presbiterianismo faz parte, surgindo uma oposição radical ao catolicismo, transformando-o em um inimigo e fornecendo elementos para que os protestantes compreendessem a si mesmos.

Um destes elementos identitários é a construção do discurso da tolerância protestante diante da intolerância católica. Tal constructo já se fazia presente nos escritos de Voltaire no século XVIII, que fazia menção à intolerância religiosa como um sinal da mais desprezível barbárie:

Ninguém receia mais na Holanda que as disputas de um Gomar sobre a predestinação levem a decepar a cabeça de um grande. Ninguém teme em Londres que as querelas dos Presbiterianos e dos episcopais por uma liturgia e por uma veste litúrgica derramem o sangue de um rei no cadafalso.¹⁴⁷

Lancem os olhos sobre o outro hemisfério. Vejam a Carolina, onde o sábio Locke foi o legislador: bastam sete pais de família para estabelecer um culto público aprovado por lei; essa liberdade não provocou o surgimento de nenhuma desordem.¹⁴⁸

Curiosamente, o *philosophe*, tão mal visto pelas lideranças protestantes nos séculos XVIII e XIX, elencava como modelos de tolerância e liberdade religiosa nações majoritariamente protestantes. Tal discurso foi reelaborado por vários missionários protestantes estadunidenses, que exaltavam as qualidades de sua nação diante da ignorância e intolerância religiosa existente em solos não protestantes. Podemos perceber isso nas palavras do Reverendo De Lacey Wardlaw,

¹⁴⁵ ALVES, Rubem. Op. cit. (2005). pp. 288-301.

¹⁴⁶ Segundo Alves, o Protestantismo da Reta Doutrina trata-se de um tipo ideal que “se caracteriza pelo fato de privilegiar a concordância com uma série de formulações doutrinárias, tidas como expressões da verdade, e que devem ser afirmadas, sem nenhuma sombra de dúvida, como condição para participação na vida eclesial”. In. ALVES, Rubem. Op. cit. (2005). pp. 43-44.

¹⁴⁷ VOLTAIRE. François-Marie Arouet de. *Tratado sobre a tolerância*. Tradução de Antonio Geraldo da Silva. São Paulo: Editora Escala, S/d. pp. 32-33.

¹⁴⁸ *Ibidem*, p. 36.

primeiro, ao falar sobre os Estados Unidos aos leitores brasileiros e, depois, ao comentar a leitores norte-americanos sobre episódios de agressões à sua esposa decorrente da perseguição religiosa existente no Brasil:

O Brasil não é um paiz pobre; o seu povo não é naturalmente incapaz de aprender; porém conserva a religião de seus pais, o carro de boi dos seus pais, a ignorância de seus pais; e enquanto preservar estas cousas vai ficar atrás dos outros paizes. (...) O que o Brazil tem de bom vem dos paizes protestantes; As estradas de Ferros, os vapores, as linhas telegraphicas vem em maior parte dos paizes protestantes, são geralmente invenções de protestantes e com dinheiro dos protestantes, e a regra é onde há mais protestantes há mais progresso ou onde há mais progresso há mais protestantes.¹⁴⁹

*A great deal of the popular prejudice has been overcome, but the opposition has become more organized than ever. Still we are making progress and have had very little to disturb us in the meetings we have had in the outskirts, even in that part where on two former occasions my wife was struck with stones while visiting with me.*¹⁵⁰

Mary Hoge Wardlaw transpôs em seu romance um episódio similar de ataque a pedras, desta vez dirigida à sua protagonista em decorrência da perseguição religiosa aos protestantes no Brasil. Já convertida à fé protestante, Candida visita, com sua irmã Glória, a viúva de um dos membros da comunidade protestante, chamada Cherubina. Após o término da visita, ao voltarem para sua residência, o ataque é assim descrito:

*When they had walked some distance a voice shouted, "Protestante!" Immediately a score or more of voices took up the cry, "Protestante!" "Married priest!" "Down with the Protestantes! Death to the married priest!" The sisters walked on, neither slackening their pace nor quickening it; they did not turn their heads. To their excited imaginations the very dogs, which were barking furiously, seemed to vociferate, "Protestante! Padre casado!" A stone fell behind them; another; two or three together; then a shower of stones came crashing through the air.*¹⁵¹

¹⁴⁹ Jornal 'Libertador'. Fortaleza, 30 de abril de 1887. Seção 'Tribuna do Povo'. Coluna 'Notas Religiosas' de autoria do Reverendo De Lacey Wardlaw.

¹⁵⁰ 'The Missionary'. Vol. XXIII. Richmond. November, 1890. p. 421. "Uma grande parte do preconceito popular foi superado, mas a oposição tornou-se mais organizada do que nunca. Ainda estamos a fazer progressos e pouca coisa nos perturbou nas reuniões que tivemos na periferia, mesmo naquela parte onde, em duas ocasiões anteriores, minha esposa foi atingida por pedras, enquanto visitava comigo." (Tradução livre).

¹⁵¹ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. p. 194. "Quando elas tinham caminhado certa distância, uma voz gritou: 'Protestante!'. Imediatamente outras vozes passaram a gritar: 'Protestante!', 'Padre casado!', 'Abaixo os Protestantes! Morte ao padre casado!'. As irmãs continuaram andando, nem diminuindo o ritmo, nem acelerando-o; elas não olharam para trás. Em suas imaginações excitadas, muitos cães, que latiam furiosamente, pareciam vociferar 'Protestante! Padre casado!'. Uma pedra caiu atrás delas; outra; duas ou três ao mesmo tempo; em seguida, uma chuva de pedras desabou através do ar." (Tradução livre).

Três grandes temas são levantados como aspectos para a manutenção da militância missionária no Brasil: a superstição; o paganismo; e a intolerância. Todos eles apontados como inseparáveis do catolicismo, ainda majoritário nesta nação; de modo que caberia aos missionários a continuidade de seus trabalhos visando à supressão destes três elementos.

Assim, “Candida” servia para alertar aos protestantes americanos sobre duas constatações de sua autora: 1) O Brasil era um país majoritariamente católico e, como tal, carente da “verdade” do Evangelho; e 2) Apenas com a ação dos missionários protestantes, os “irmãos” brasileiros poderiam livrar-se de séculos de males deixados pela Igreja Católica e assim encontrariam a salvação.

Tal empenho de Mrs. Wardlaw encontrou no *Presbyterian Committee of Publication* espaço não só para edição e publicação do romance, mas também para a divulgação do mesmo. Em diversos periódicos presbiterianos dos Estados Unidos, o Comitê de Publicação propagandeava seus produtos e, dentre as várias obras publicadas no princípio do século XX, pode-se notar que o livro de Mary Wardlaw ganhou certo destaque, conforme propaganda publicada no periódico *Presbyterian Standard*¹⁵², do qual reproduziremos a imagem para se ter uma percepção do destaque dado a certas palavras:

¹⁵² ‘*Presbyterian Standard*’. Charlotte, N. C.: January 13, 1904. p. 27. O destaque no livro de Mary Wardlaw presente na imagem é nosso.

BOOKS OF PERMANENT VALUE.

The only books worth buying are those which have permanent value. The following books belong to this class:

Life and Letters of ROBERT LEWIS DABNEY, D. D. LL. D.
By THOMAS CAREY JOHNSON, D. D. LL. D.
\$2.50 net; postage, 18 cents.

“APOLOGETICS.”
Rev. FRANCIS E. BEATTIE, D. D., LL. D. Introduction by B. B. WARFIELD, D. D., LL. D.
\$2.50 net; postage, 18 cents.

PIONEERING IN AFRICA.
By Rev SAMUEL PHILLIPS VERNER, A. B.,
For six years a Missionary of the Southern Presbyterian Church on the Congo.
\$2.00 net; postage, 15 cents.

CHRISTIAN SCIENCE—A FALSE CHRIST
By Rev. W. P. McCorkle.
The most thorough refutation of Christian Science yet written. Cloth .85 net, postage 10c;
Paper .50. postage 6 cents.

THE UNIVERSAL SALVATION OF INFANTS
By Rev. JOHN W. STAGG, D. D.
.50c net, post paid.

CANDIDA
By Mrs. MARY HOGE WARDLAW
A most delightful and instructive story of Brazilian life. \$1.00 net, post paid.

THE CREED OF PRESBYTERIANS
By Rev. E. W. SMITH, D. D.
50 cents. post paid

SPECIAL OFFER { Matthew Henry's Commentary, 6 vols. Cloth. Original \$15.00 set for \$8.00 net, not prepaid.
Expositor's Bible, 25 vols. Cloth. Original \$25.00 set for \$15.00 cash. or \$16.00 in monthly instalments.

Holiday Catalogue of Bibles, Gift Books and Calendars sent free on application.
CHURCH COLLECTION ENVELOPES—The system approved by our General Assembly for raising Church Funds. Write for free booklet, “Church Finances,” which explains the system and gives cost of envelopes.
Everything needed for Church and Sabbath-school work furnished at lowest prices obtainable. Write to us about your wants; it is a pleasure to serve you.

PRESBYTERIAN COMMITTEE OF PUBLICATION, Richmond, Va.

Figura 2: Propaganda de publicações do *Presbyterian Committee of Publication*.

“Candida” é lançado em caixa alta e descrito como “*A most delightful and instructive story of Brazilian life*”. Além da descrição chamativa, outros fatores ganham destaque nesta propaganda: o primeiro deles é que, das nove publicações presentes, apenas a obra de Mrs. Wardlaw constituía-se como um livro de cunho ficcional, sendo as demais, publicações relativas a biografias, missões, sermões ou escritos doutrinários; o segundo fator é que Mary Wardlaw surge como a única autora em meio aos demais autores, tidos como respeitáveis reverendos e doutores presbiterianos.

Tal quadro nos revela que as missões estrangeiras ainda faziam parte das principais pautas nas publicações da Igreja Presbiteriana no princípio do século XX. No mesmo periódico,

por vários meses seguidos daquele ano de 1904, outra propaganda do “*Committee of Publication*” enfatizaria publicações referentes às missões, surgindo novamente o romance de Mrs. Wardlaw dentre os “*Missionary Books*”¹⁵³:

Latest Missionary Books.

The demand for information on the great question of Missions is evidence that the Church is waking up to her commission, “Go disciple all nations.” The books named below are rich in information and inspiration, and both Foreign and Home Missions are fully presented. (All postpaid.)

At Our Own Door, S. L. Morris, D. D.	\$1 00	Rex Christus, History of Missions in China, paper 35c., cloth	50
Heroes of Cross in America, Don O. Shelton (ready Sept.)	50	Lights and Shadows of the Mission Work in the Far East, S. H. Chester	65
Pioneering in Central Africa, Rev. S. P. Verner	1 90	Missionary Principles and Practice, Robt. E. Speer	1 50
The Price of Africa, S. Earl Taylor	50	Candida, a Story of Brazil, Mary Hoge Wardlaw	1 00
Into All the World, Amos R. Wells	50	The Bible in Brazil, Tucker	1 25
Princely Men of the Heavenly Kingdom, H. P. Beach, paper 25 cents, cloth	50	Jno. G. Pattons's Autobiography	1 50
Child Life in Mission Land, R. E. Diffendorfer	50	Young People's Story of Jno. G. Patton	1 00
Sunrise in Sunrise Kingdom, a Story of New Japan, J. H. DeForest; Text Book for Y. P. Mission Study Class for 1904..	50	Lomai of Lenakel, a Sequel to Patton's Biography	1 50
Fifteen Years Among the Top-Knots, or Life in Corea, L. H. Underwood	1 25	The New Acts of the Apostles, A. T. Pierson	1 50
Dux Christus, All About Japan; Mission Study Text Book for 1904; paper 35c., cloth	50	Modern Missionary Century, A. T. Pierson	1 50
Via Christi, the History of Missions, paper 35c., cloth	50	Pandita Ramabaia	1 25
Lux Christi, History of Missions in India, paper 35c., cloth	50	Topsy-Turvy Land (for young people), Gwerner	75
		Missionary Biography Series, cloth, each	75
		(Series includes lives of Livingston, Duff, Moffatt, Judson, Carey, and many others.)	
		Missionary Heroines	75
		Missionary Methods for Missionary Committees	25
		Japan of Today, Jas. A. B. Scherer	1 50
		Fifty Missionary Programs, Brain	50
		A full list of Missionary books sent on request. Special prices quoted on Missionary Libraries. Tracts on Missionary Methods, and on all fields, furnished at lowest prices. Missionary Maps at publishers' prices.	

Presbyterian Committee of Publication,
212-214 North Sixth St., Richmond, Va.

Figura 3: Propaganda de livros com temática missionária publicados pelo *Presbyterian Committee of Publication*.

Podemos afirmar que o romance de Mrs. Wardlaw, ao adentrar na relação de livros sugeridos pelo Comitê Presbiteriano de Publicação como rico em informações e inspirador aos

¹⁵³ ‘*Presbyterian Standard*’. Charlotte, N. C.: November 15, 1904. O destaque no livro de Mary Wardlaw presente na imagem é nosso.

fiéis interessados no trabalho missionário, cumpriria o ensejo da autora de ver sua obra como um instrumento para despertar o interesse pelos brasileiros, fazendo com que os protestantes norte-americanos os vissem como “*fellow-beings*”.

O romance “Candida” constituiu-se, dessa maneira, como um caso de militância literária protestante pró-missões. Fervorosamente, através de sua trama ficcional, Mary Wardlaw instava seus compatriotas a observarem a comissão divina que ordenava “*Go disciple all nations*”, de modo que o Brasil não podia ser negligenciado.

Se basearmos-nos na acepção de Ian Watt, o romance de Mrs. Wardlaw não pode ser vislumbrado como “original” por completo, não havia sido o primeiro romance protestante publicado nos Estados Unidos, tampouco o primeiro a debruçar sua trama sobre o trabalho missionário. Todavia, a esse respeito, Todorov afirma que “A obra literária não é jamais ‘original’, ela participa de uma rede de relações entre ela mesma e as outras obras do mesmo autor, da mesma época, do mesmo gênero”¹⁵⁴. Assim, se pelas razões acima dispostas não podemos apresentar “Candida” como totalmente “original”, em contraponto não podemos negar que a obra de Mary Wardlaw dotava-se de uma singularidade extraordinária, movida pelas experiências subjetivas únicas vivenciadas pela missionária no Brasil.

A escritora não se via como uma ex-missionária, visto que, apesar de distante do campo missionário quando da publicação de seu romance, tal livro constituiu-se como uma continuidade da missão abruptamente interrompida cinco anos antes. Sevcenko aponta a percepção do sujeito histórico como um ponto de interseção indispensável na análise do historiador que se empenha em perceber a literatura como uma fonte documental:

O ponto de interseção mais sensível entre a história, a literatura e a sociedade está concentrado evidentemente na figura do escritor. Eis por que uma análise que pretenda abranger esses três níveis deve se voltar com maior atenção para a situação particular do literato no interior do meio social e para as características que se incorporaram no exercício de seu papel em cada período.¹⁵⁵

A trajetória biográfica de Mary Hoge Wardlaw e suas percepções sobre o mundo que a rodeava não podem ser relegadas, assim como trabalhos ficcionais similares à “Candida” foram de extrema relevância para a continuidade do projeto missionário estadunidense em outras

¹⁵⁴ TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. 2 ed. Tradução de Moysés Baumstein. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970. p. 20.

¹⁵⁵ SEVCENKO, Nicolau. Op. cit. p. 299.

nações. Seu caráter apologético à necessidade e benesses advindas com o proselitismo, fruto do trabalho de infatigáveis missionários, rendeu a continuidade da dinâmica da chamada “grande comissão”. Mulheres, homens e dólares continuaram a ser enviados pelas igrejas e sociedades missionárias aos diversos recantos do mundo.

O fio condutor desse empenho ligava-se à crença inabalável de que isso constituía a vontade de Deus. Conforme Augusto diria à tia Theresa:

*Take the missionary himself. Do you suppose he and his wife would have left all they hold most dear, and come to this trying climate, where language, customs, everything is new, to be exposed, not only to hourly insults, but to personal danger, if they hadn't seen that we were tremendously wrong, and on the road to eternal perdition? You said you were at Dona Clara Borges's wedding; did you know that there were several men present, with stones in their pockets, only waiting until the bride should pass out, to stone the minister, and they simply didn't carry out the purpose for which they were hired, because they 'found the ceremony so true, so serious, and so beautiful'? And he has come far closer than that to death, and he knows it. But does it stop him? "Then, look at the colporteur's family. They, too, have left their home. Perhaps it was as severe an uprooting for them to leave Pernambuco as for the missionaries to leave America. They receive the lower order of insults, which the people would be ashamed to direct against foreigners; yet what a beaming face has the dear little old man, how full of serenity is that of his wife!"*¹⁵⁶

Uma forte carga emotiva pode ser percebida neste trecho, revelando as angústias inerentes ao trabalho missionário vivenciadas por Mary Wardlaw: deixar tudo que considerava mais caro nos Estados Unidos, partir para um local onde o clima, os costumes, o idioma eram estranhos e sofrer os mais variados insultos verbais e ataques contra sua integridade física. Mas, apesar disso, para a autora, não havia dúvidas quanto à relevância de tal trabalho e a certeza de que um mundo sob os auspícios do protestantismo seria a efetivação da vontade divina.

Feitas tais abordagens a respeito deste tipo de literatura faz-se necessário agora adentrar nas fímbrias da obra de Mrs. Wardlaw e perceber melhor suas personagens.

¹⁵⁶ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. pp. 97-98. “Veja o próprio missionário. Você acha que ele e sua esposa teriam deixado tudo o que consideram mais caro e viriam enfrentar este clima, onde a língua, os costumes, tudo é novo, para serem expostos não só aos insultos constantes, mas também ao perigo pessoal, se não tivessem visto que nós estávamos tremendamente errados e no caminho para a perdição eterna? Você disse que estava no casamento de Dona Clara Borges; você sabia que havia vários homens presentes, com pedras em seus bolsos apenas esperando que a noiva saísse para atacarem o ministro e eles simplesmente não realizaram o intento para o qual eles foram contratados porque acharam a cerimônia tão verdadeira, tão séria e tão bonita? Ele ficou muito perto da morte e sabe disso. Mas isso o parou? Então, olhe para a família do colporteur. Eles também deixaram a sua casa. Talvez não tenha sido um tão grande desenraizamento para eles que saíram de Pernambuco como foi para os missionários que deixaram a América. Mas, eles receberam uma série de insultos muito mais inferiores, que o povo teria vergonha de dirigir contra estrangeiros; mesmo que fosse para um rosto tão radiante quanto do velhinho querido, e do rosto tão cheio de serenidade de sua esposa!” (Tradução livre).

Exploraremos no próximo capítulo de que modo o romance de Mary Hoge Wardlaw, que entendemos como dotado de elementos formadores de certo “protagonismo feminino”, constituiu-se a partir da elaboração de vários personagens femininos. Ao fazer isso, a autora de “Candida” não só enfatizou a atuação de mulheres no projeto missionário protestante estadunidense do final do século XIX mas também realçou, principalmente, sua percepção a respeito dos papéis que compreendia serem das mulheres protestantes do princípio do século XX.

]

DESCRIPTION OF APPLICANT.

Age: ... 61 ... years. Mouth: ... Large ...
 Stature: ... 5 ... feet, ... 5 1/2 ... inches, Eng. Chin: ... Medium ...
 Forehead: ... High ... Hair: ... Brown ...
 Eyes: ... Grey ... Complexion: ... Dark ...
 Nose: ... Pointed ... Face: ... Oval ...

CAPÍTULO 2

IDENTIFICATION.

June 13th 1917

I, **Egbert W. Smith**, solemnly swear that I am a native citizen of the United States; that I reside at **Nashville, Tennessee**; that I have known the above-named **Mrs. Mary Hoge Wardlaw** personally for **two** years and know her to be a native citizen of the United States; and that the facts stated in this affidavit are true to the best of my knowledge and belief.

As mulheres de Mary Hoge Wardlaw

Egbert W. Smith
 Secretary, Board of
 Civil Service, Tennessee.

Sworn to before me this **13th** day
 of **June** 19**17**

[SEAL]

H. M. Gosh
 U.S. District Court of Nashville, Tenn.

F. B. Mc...

Applicant may be communicated with at the following address:

410 ...

"I never was gladder of anything than when I saw that tiny blue coffin carried out of my room." She did not seem to notice Candida's shocked, pained expression, and continued, in the same listless tones, "He'll never grow up to lie, to cheat, to break a woman's heart".

(Diálogo de Glória e Candida - 'Candida', Capítulo XXVI)

A duplicate of the photograph to be attached hereto must be sent to the Department with the application to be affixed to the passport with an impression of the Department's seal.



CAPÍTULO 2: AS MULHERES DE MARY HOGE WARDLAW

A reclusão imposta às mulheres como preceito moral argue a ignorância das leis da natureza. Nenhuma sociedade há de se moralizar sem que a mulher a coadjuve por sua presença e exemplo.

(Imprensa Evangélica, 15 de setembro de 1866)

Procurar instruir os homens e deixar na ignorância as mulheres é um erro e um crime.

(Imprensa Evangélica, 21 de fevereiro de 1891)

2.1: Candida: A prosélita

Em um verão, durante a primeira década do século XX, Mary Hoge Wardlaw reavivaria seu espírito missionário após o retorno aos Estados Unidos. Depois que partira do Brasil em 1901, o casal Wardlaw, com suas quatro filhas, fixou residência na pequena Bell Buckle, no estado do Tennessee. Contudo, algum tempo depois, Mrs. Wardlaw subiria as montanhas próximas à Bell Buckle, que se constituíam como fronteiras naturais entre os estados do Tennessee, Kentucky e Carolina do Norte – as Cumberland e Allegheny Mountains (uma região conhecida como *Highlands*) –, e com outras trinta e quatro missionárias juntar-se-ia à missão da *Society of Soul Winners* coordenada pelo Reverendo presbiteriano Edward Guerrant.

Conforme apontamos no primeiro capítulo, a função dessas missionárias consistia em ações educacionais voltadas às crianças da região e incluíam lições de canto, leitura, escrita, geografia e aritmética. De tal experiência missionária, foi publicado, em 1910, sob a organização do Reverendo Guerrant, um livro intitulado “*The Galax Gatherers: The Gospel among the Highlanders*”, no qual o missionário relatava as experiências daquele trabalho, contando com vários relatos das missionárias colaboradoras, dentre as quais a própria Mrs. Wardlaw apesar do pouco tempo em que tal missionária atuou nesta empreitada (apenas um verão).

Dentre os assuntos relacionados ao trabalho educacional-missionário com as crianças da localidade, Mary Wardlaw manifestaria seu repúdio ao costume da população local em casar suas filhas quando estas ainda eram bastante jovens, muitas delas aos dezesseis anos de idade:

*Some of the girls were decidedly pretty, attractive and gentle-mannered. We were in the land of "Melissy," "Zerildy," and "Meriky" (America), the land where girls frequently marry at sixteen, and are there-after pronounced "old women." Often tragic experiences await them.*¹⁵⁷

Tal preocupação de Mrs. Wardlaw quanto ao casamento precoce das mulheres das montanhas estadunidenses em que atuara tinha relação direta com a concepção que a missionária possuía a respeito dos papéis reservados às mulheres. Para Mary Wardlaw, o matrimônio constituía-se como um importante elemento na vida de uma mulher cristã, contudo, para a efetivação de um casamento virtuoso, haveria a necessidade de que a mulher fosse instruída e letrada, a fim de desempenhar seu papel educador no lar e na sociedade, sendo submissa, porém não subjugada pelo marido. Dessa forma, a precocidade de um casamento, que traria em seguida, quase que irremediavelmente, o nascimento de filhos, poderia ser um entrave à formação adequada das mulheres.

Não se tratava de uma crítica ao matrimônio ou à maternidade, na medida em que a própria Mary Hoge era uma missionária casada e mãe de quatro filhas, mas uma censura à precocidade do casamento das belas “Melissys”, “Zerildys” e “Merikys” em um momento no qual as jovens ainda não haviam tido tempo hábil para uma plena educação nas letras e em outros ensinamentos (aritmética, música, costura, etc.). Mary Wardlaw casara-se aos vinte e seis anos de idade e, talvez não por coincidência, todas as suas filhas casaram-se após os vinte e seis anos de idade¹⁵⁸, o que se constituía em uma idade que permitira uma instrução formal letrada anterior ao matrimônio.

A educação feminina reivindicada por algumas lideranças protestantes e pela grande maioria das missionárias estadunidenses constituía-se um dos elementos forjadores da grandeza de qualquer nação no mundo, que só teria seu desenvolvimento consolidado com a contribuição à sociedade por parte das mulheres letradas e formalmente educadas – inclusive em instituições de

¹⁵⁷ GUERRANT, Edward O. Op. cit. p. 182. “Algumas das garotas eram, de fato, bonitas, atraentes e gentis. Nós estávamos na terra das ‘Melissy’, ‘Zerildy’ e ‘Meriky’ (América), a terra onde as meninas frequentemente se casam aos dezesseis anos de idade e depois são chamadas de ‘velhas’. Muitas vezes experiências trágicas esperam por elas”. (Tradução livre).

¹⁵⁸ Virginia Randolph Wardlaw casou-se em 1908 aos 27 anos de idade com James William Adamson; Blanche Lewis Wardlaw casou-se em 1909 aos 26 anos de idade com Frank Reeves Webb; Mary Louise Wardlaw casou-se em 1912 aos 26 anos de idade com William MacKeen Thomson; e Caroline Cunningham Wardlaw casou-se em 1920 aos 29 anos de idade com John Jay Naugle. Cf. RANDOLPH, Robert Isham. *The Randolphs of Virginia: a compilation of the descendents of William Randolph of Turkey island and his wife Mary Isham of Bermuda hundred*. Chicago, 1936. p. 188.

ensino superior que formavam, por exemplo, professoras, médicas, enfermeiras e economistas domésticas. Caminhando lado a lado com um discurso de papel social destinado às mulheres havia o reforço da ênfase no ambiente doméstico, em que mulheres com acesso à educação desempenhariam muito melhor suas atribuições de auxiliares dos maridos e de responsáveis pela saúde, bem-estar e educação dos filhos. Conforme afirma Barbara Reeves-Ellington acerca de tal discurso:

*First, educated Christian women contribute to progress and prosperity of nations by shaping the character of future generations. Second, educated Christian women understand that they are responsible for the physical nurture of their infants. Third, mothers shape the early education of their children and their intellectual, moral, and religious development.*¹⁵⁹

Assim, as escolas administradas pelas missões protestantes, tanto nos Estados Unidos como em outros países, eram encaradas por seus encarregados (cuja grande maioria era formada por mulheres) como fundamentais à construção de uma sociedade próspera e forjada por famílias cristãs. Mrs. Wardlaw, em texto de sua autoria presente na obra do Reverendo Guerrant, considerava de benéfica influência sua atuação e a das demais missionárias para a abertura de horizonte das jovens montanhesas estadunidenses na redução dos casamentos “apressados” e “impensados”:

*As the mission-schools increase, a larger number of sweet and interesting girls there will come under the beneficial influence, their minds will be stimulated, their horizon broadened, and marriage will not be rushed into so thoughtlessly.*¹⁶⁰

Diante deste firme posicionamento, um olhar descuidado do romance de Mrs. Wardlaw poderia trazer confusão ao pesquisador, na medida em que a protagonista da obra surge aos leitores justamente em um casamento realizado quando Candida tinha apenas dezoito anos de

¹⁵⁹ REEVES-ELLINGTON, Barbara. *Embracing domesticity: Women, Mission, and Nation Building in Ottoman Europe, 1832-1872*. In: REEVES-ELLINGTON, Barbara & SKLAR, Kathryn Kish & SHEMA, Connie A. (Orgs.). Op. cit. pp. 275-276. “Em primeiro lugar, mulheres cristãs educadas contribuem para o progresso e prosperidade das nações ao moldar o caráter das gerações futuras. Em segundo lugar, mulheres cristãs educadas entendem que são responsáveis pela nutrição física de seus filhos. Em terceiro lugar, as mães contribuem para a educação inicial de seus filhos e seu desenvolvimento intelectual, moral e religioso”. (Tradução livre).

¹⁶⁰ GUERRANT, Edward O. Op. cit. p. 182. “À medida que as escolas da missão aumentem, um maior número de doces e interessantes meninas estará sob benéfica influência, suas mentes serão estimuladas, seu horizonte alargado, e o casamento não será apressado tão irrefletidamente”. (Tradução livre).

idade¹⁶¹. Porém, grandes são as probabilidades deste fato não ter sido posto de maneira despreziosa no romance.

Etariamente prematuro, o casamento de Candida com Augusto serve para revelar aos olhos dos leitores uma protagonista inicialmente imatura e inconstante, mas que no desenrolar da trama alcança grande maturidade, tornando-se uma personagem forte e decidida.

Vários são os reveses enfrentados por Candida, pelos quais a autora busca demonstrar a serenidade e atitudes decididas de sua heroína, como: as mortes de seu primogênito (Timotheo) ainda infante e de seu esposo que, antes disso, ficara vários anos afastado da família na região amazônica; a necessidade de tal personagem exercer vários ofícios para sua subsistência e de sua filha. Contudo, esse amadurecimento tão rápido de Candida possui uma explicação narrativa: sua conversão ao protestantismo.

O proselitismo de Candida constitui-se como marco fundamental na mudança de caráter e comportamento da personagem. Assim, seu casamento precoce é justificável pelo fato de que a jovem Candida não tivera, enquanto formada em um ambiente católico romano, auxílio e instrução adequados, levando-a, inclusive a um casamento precoce. Mas, tudo isso é sanado após sua conversão e contato travado com a missionária protestante Mrs. Cary que se tornou uma amiga extremamente próxima, além de sua professora de inglês e aritmética.

Conforme discutimos anteriormente, Mary Wardlaw aponta para o caminho tomado por Candida protestante como dotado de uma atitude de valorização da educação, tal como a protagonista fala a seu esposo: *“I am studying hard, hard! I couldn't rest satisfied to remain so ignorant, and Estrella to find it out, too, some day”*¹⁶²; mas, além disso, aponta uma visão de mundo em que mais importante que encontrar um bom marido para sua filha Estrella – órfã de pai e filha de uma mãe com poucos recursos financeiros – seria provê-la com uma instrução letrada a partir de seus próprios esforços como mãe viúva.

E assim, Estrella permanece sob os bons cuidados de Candida que recusa o pedido de Dona Clementina – mãe de seu falecido esposo – que queria levar a criança para sua fazenda em Baturité e possibilitar-lhe um “futuro”. Tal futuro para Dona Clementina consistia em um casamento, perspectiva essa criticada por Mary Wardlaw: *“Marriage and ‘a future’ are synonymous terms with the majority of Brazilian women”*¹⁶³.

¹⁶¹ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. p. 133.

¹⁶² Ibidem, p. 264.

¹⁶³ Ibidem, p. 307.

A esse respeito já nos reportamos, entretanto a relevância de trazer novamente tais apontamentos em nossa análise consiste justamente no fato de que Candida de Oliveira se reveste de uma nova roupagem após sua conversão a ponto de se tornar uma figura que não mais se assemelhava à “*majority of Brazilian women*”. A tríade mulher-cristã-educada constituída após sua conversão era elemento determinante ao projeto proselitista protestante desenvolvido por milhares de missionárias que entendiam que “*Christian nations prospered because women were educated and respected; non-Christian nations failed to prosper because women were degraded and benighted*”¹⁶⁴.

Enquanto mulheres, nos Estados Unidos e no campo missionário, as missionárias protestantes estavam imersas em um contexto de vivência de uma realidade na qual as relações de gênero eram assimétricas. Sua sujeição aos seus pares masculinos (pais, maridos e líderes religiosos) era um aspecto reforçado pela distribuição de papéis sociais no ambiente público e privado. Contudo, ambigualmente, diante da experiência na zona de encontros culturais que as estações missionárias espalhadas pelo mundo possibilitaram, tais mulheres se encaravam como detentoras de certa superioridade cultural diante daquelas que seriam seus alvos no campo. Viam-se como livres do exacerbado jugo masculino impetrado às mulheres de nações não protestantes que as relegavam à ignorância e sujeição descabida. Consoante, a análise de Eliane Silva, às narrativas de mulheres missionárias:

O Oriente era comparado desfavoravelmente ao Ocidente e o islamismo responsabilizado pela situação de inferioridade feminina. Da mesma forma, quando em países católicos da América Latina independente, a igreja e o catolicismo eram apontados como os grandes responsáveis pela sujeição feminina, pela falta de educação e de profissionalização das mulheres.¹⁶⁵

Assim, pode-se inferir que Mary Wardlaw entendia como uma das atribuições do missionário protestante o combate à degradação das mulheres por conta da opressão que as destituíam da possibilidade de serem educadas e, deste modo, ter meios para adentrar no espectro público da sociedade através do exercício de ofícios considerados dignos.

¹⁶⁴ REEVES-ELLINGTON, Barbara. Op. cit. p. 277. “As nações cristãs prosperaram porque as mulheres eram educadas e respeitadas; As nações não cristãs não conseguiram prosperar porque as mulheres eram degradadas e ignorantes.” (Tradução livre).

¹⁶⁵ SILVA, Eliane Moura. Op. cit. (2013). p. 40.

O ponto de partida, porém, para se chegar a tal resultado, seria com a conversão ao protestantismo. Da parte dos missionários, havia a convicção de que a conversão traria em seu bojo uma total mudança de concepção do modo de ver o mundo e, por isso, nada mais compreensível do que a protagonista do romance protestante de Mrs. Wardlaw ser uma nativa prosélita, pois, a partir de tal personagem, os leitores poderiam perceber de que modo a conversão de uma pessoa no campo missionário traria mudanças fundamentais nas relações sociais da comunidade em que aquele sujeito se inseria.

Isso não compreendia uma idiossincrasia da literatura de Mary Hoge, basta lembrar os títulos e tramas das obras da metodista Annie Maria Barnes, romancista protestante que alcançou vultoso sucesso editorial nos círculos de leitores protestantes estadunidenses com obras como “*Ninito: a story of the Bible in Mexico*” (1892), “*Matouchon: a story of Indian child life*” (1895), “*Izilda: a story of Brazil*” (1896), “*Chonita: a story of the Mexican mines*” (1898).

Em tais obras a personagem principal geralmente é nativa de um local que também é alvo da ação dos missionários protestantes e o decorrer da estória demonstra o processo de conversão da protagonista, ficando claro no título das obras a correlação da personagem principal com determinado local: Ninito e o México; Matouchon e as regiões habitadas por nativo-americanos; Izilda e o Brasil; Chonita e o México; e, em nossa análise, Candida e o Ceará.

As primeiras páginas do romance de Mrs. Wardlaw apresentam uma Candida ligada ao catolicismo. Seu casamento ocorre na igreja da Prainha sob os auspícios de um sacerdote católico, momento em que a autora não desperdiça a oportunidade de lançar uma crítica à celebração matrimonial em latim, cujas palavras a noiva nada compreendera:

*Candida caught herself wondering again and again what was the meaning of the Latin words which the priest had read so rapidly over them. They must be good words, she reflected, to be recited by a priest, in a church, and to have so much holy water sprinkled upon the book in which they were printed.*¹⁶⁶

Contudo, suas convicções religiosas seriam em poucos capítulos modificadas a partir de dois fatores primordiais: a leitura em conjunto com seu marido do Novo Testamento dado de presente de casamento pelo sogro protestante e a chegada do casal de missionários protestantes à

¹⁶⁶ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. pp. 13-14. “Candida se surpreendeu perguntando-se repetidas vezes qual era o significado das palavras em latim que o padre havia lido tão rapidamente. Devem ser boas palavras, ela refletiu, para serem recitadas por um padre, numa igreja, e por ter tanta água benta salpicada no livro em que estão impressas”. (Tradução livre).

cidade, que, inicialmente, gerou curiosidade no casal que ficou extremamente impactado após assistir uma celebração religiosa ministrada pelo Reverendo Cary.

Mrs. Wardlaw apresenta a seus leitores a trajetória do proselitismo de Augusto e Candida dando-se através de duas das estratégias mais comuns por parte dos missionários presbiterianos no Brasil: a distribuição de Bíblias e literatura religiosa, denominada de colportagem, e a atuação de missionários na instalação de congregações. No caso da implantação da Igreja Presbiteriana em Fortaleza, pode-se dizer que o percurso foi similar, pois, antes da chegada do casal Wardlaw à cidade em agosto de 1882, enviados pela Igreja Presbiteriana de Recife sob a liderança do Reverendo John Rockwell Smith, um dos membros daquela congregação – José Damião de Souza Melo¹⁶⁷ – atuara na cidade de Fortaleza como colporteur.

Indevelmente, a conversão é o mote condutor deste tipo de literatura, tanto o é que a primeira parte do romance de Mary Wardlaw consiste em demonstrar o modo como se deu o processo de conversão de Candida ao protestantismo, e a esse respeito nos deteremos com mais rigor no próximo capítulo. Interessa-nos nesse momento perceber de que modo a autora inseriu, em sua protagonista brasileira, elementos caros ao seu modo de perceber o mundo e sua perspectiva a respeito das maneiras de atuação de uma mulher protestante.

Mrs. Wardlaw fora ao Brasil como esposa de um missionário em um contexto no qual, diferente das missionárias solteiras, os cônjuges dos ministros eram muitas vezes obscurecidos sob a sombra de seus maridos. Os *Boards* consideravam de extrema relevância o envio de homens casados ao campo missionário e muitas vezes as uniões matrimoniais se davam poucos dias antes do missionário partir para o país estrangeiro. A presença de uma esposa cristã possibilitaria ao ministro “*companionship and domestic support for their labors*”¹⁶⁸, além de evitar o temível perigo de “*relationship with pagan women*”¹⁶⁹. Sob a mesma linha de análise, Patricia Grinshaw afirma que:

In 1836, the secretary of the American Board of Commissioners for Foreign Missions laid out the compelling reasons for sending wives to mission Field. A missionary's need

¹⁶⁷ Tratava-se de um comerciante português convertido ao protestantismo e que residia em Mossoró (Rio Grande do Norte). Além da atuação em atividades ligadas à maçonaria, ao abolicionismo e à imprensa naquela cidade, exerceu a função de colporteur em Fortaleza antes da chegada dos Wardlaws, mantendo laços de sociabilidade com o Reverendo Wardlaw por vários anos e auxiliando-o na organização das Igrejas Presbiterianas de Fortaleza e Mossoró.

¹⁶⁸ CAYTON, Mary Kupiec. *Canonizing Harrie Newell: Women, the Evangelical Press, and the Foreign Mission Movement in New England, 1800-1840*. In. REEVES-ELLINGTON, Barbara & SKLAR, Kathryn Kish & SHEMA, Connie A. (Orgs.). Op. cit. p. 75.

¹⁶⁹ Ibidem.

for a wife was the same any other man's and He lived in circumstances that strengthened that 'powerful Law of nature', he wrote. Women, moreover, were potent symbols of peace and hence the strongest protection a male missionary could have against violence. A wife served as a friend and counsellor to her husband, sharing his thoughts and feelings, nursing him in sickness, securing his domestic comfort. (...) And a wife could also be expected to run schools for women and children, a highly useful role, especially if she had learned modern educational practices.¹⁷⁰

Assim, seguindo de perto tal raciocínio, Mrs. Wardlaw constitui como elemento de extrema relevância no processo de conversão de Candida e Augusto o estudo doméstico da Bíblia realizado pelos jovens recém-casados. Triunfalmente marcha a concepção protestante de que os textos sagrados devem ser de acesso a todos os indivíduos e que, quando estudados com dedicação, trariam a revelação do caminho verdadeiro a ser seguido, mas que, além disso, marido e mulher deveriam realizar suas meditações de maneira compartilhada.

Candida de Oliveira, mesmo não sendo cônjuge de um missionário, assumiu no romance os diversos papéis destinados a ela enquanto esposa, de modo similar às recomendadas pelo secretário do *American Board of Commissioners for Foreign Missions* em 1836. Era amiga e conselheira do esposo, bem como compartilhava de seus pensamentos e sentimentos (perceptível nos momentos de intensa crise que precedem a conversão de Augusto, que são ao mesmo tempo angustiantes para Candida). A todo instante é apresentada como devota ao jovem esposo, prezando pela organização e conforto do lar. Somado a tais características, nos variados episódios nos quais Augusto cai enfermo, Candida era a pessoa que assumia as funções de enfermeira, cuidando para que o marido pudesse recuperar-se.

Não obstante assumir todas as características desejadas a uma esposa devota e submissa nos moldes aceitáveis à comunidade presbiteriana, Mary Wardlaw insere no relacionamento de Candida e Augusto alguns detalhes na narrativa que buscam pôr em evidência muito mais o mutualismo matrimonial do que a sujeição. Logo no primeiro capítulo, após retornarem da festa de casamento e realizarem a primeira refeição juntos em sua modesta

¹⁷⁰GRIMSHAW, Patricia. Faith, missionary life, and the family. In. LEVINE, Philippa (Org.). *Gender and Empire*. Oxford: Oxford University Press, 2009. p. 265. “Em 1836, o secretário do *American Board of Commissioners for Foreign Missions* apresentou razões convincentes para o envio de esposas ao campo missionário. O missionário tinha a necessidade de uma esposa como qualquer outro homem e vivia em circunstâncias que reforçavam essa ‘poderosa lei da natureza’, escreveu o secretário. Além disso, as mulheres eram símbolos potentes da paz, e, portanto, a mais forte proteção que um missionário poderia ter contra a violência. Uma esposa servia como amiga e conselheira para seu marido, compartilhando seus pensamentos e sentimentos, assistindo-o nas doenças, assegurando seu conforto doméstico. (...) E uma esposa poderia também ser útil trabalhando em escolas para mulheres e crianças, um papel altamente útil, especialmente se ela tivesse aprendido práticas educativas modernas.” (Tradução livre).

residência, Mrs. Wardlaw constrói uma singela cena em que o afazer doméstico de lavar os pratos simbolizaria o modo como o casal deveria ser percebido no decorrer da estória:

*A few moments after, supper being over, they were merrily washing the dishes together, and perhaps neither of them had ever known more perfect happiness in their lives than during the five minutes in which they polished each other's cup and saucer with an end of the same towel. The homely task was to them the exponent of mutual love and labor for all the coming years.*¹⁷¹

O amor de Candida por Augusto a faz, mesmo antes de sua conversão, apresentar um comportamento de resignação diante das atitudes do marido quanto às decisões religiosas do mesmo. Augusto converte-se antes de Candida e uma série de atitudes repentinamente é tomada pelo jovem, o que abala a esposa, como: a retirada das imagens dos santos de dentro do lar; o aumento do distanciamento dos familiares de Candida; a reprovação dos vizinhos percebida nos olhares e cochichos; o pedido de demissão de Augusto pelo fato de não aceitar mais trabalhar aos domingos (o dia do Senhor). Mary Wardlaw explora tais aspectos como elementos de aflição à sua protagonista, mas que ao mesmo tempo são suportados de modo exemplar.

Candida, então, é uma virtuosa esposa: devota; resignada; apaixonada pelo marido. Mas, algo lhe falta e é justamente a ponte que reduziria seus sofrimentos: sua conversão. O processo de conversão tem seu ápice no capítulo VI, quando não mais suportando as dúvidas e angústias que lhe grassavam, Candida, simbolicamente, entrega “*Her rosary and crucifix*”¹⁷² à Senhora Cary.

O panorama da trama se modifica radicalmente nesse ponto da estória, pois aquilo que faltava à heroína de Mrs. Wardlaw, sob a perspectiva protestante, fora sanado. A conversão de Candida lhe permite uma espécie de amadurecimento que dá à personagem forças para suportar todos os sofrimentos vindouros: a morte do filho; a ausência prolongada de Augusto (que migra para a Amazônia); a doença do marido seguida da morte do mesmo; a morte de tia Theresa; e a seca que assolou a Província do Ceará.

Sigamos alguns passos da protagonista. Como já dito, Augusto parte para os seringais amazônicos na esperança de, através do trabalho na inóspita selva, angariar melhores condições

¹⁷¹ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. pp. 20-21. “Poucos momentos depois, terminada a ceia, eles estavam alegremente lavando os pratos juntos e, talvez, nenhum deles tivesse conhecido felicidade mais perfeita em suas vidas do que durante os cinco minutos em que eles poliram a xícara e o pires um do outro com a mesma toalha. A tarefa doméstica era para eles o expoente do amor e trabalho mútuo para os anos vindouros.” (Tradução livre).

¹⁷² Ibidem, p. 86.

de vida para a família (agora composta pela pequena Estrella). Enquanto isso em Fortaleza, Candida passa a viver na casa de tia Theresa trabalhando na oficina de costura desta e cada vez mais se dedicando às atividades religiosas na comunidade protestante.

Mary Wardlaw busca demonstrar como Candida, mesmo destituída de um “*male protector*”, conseguiu de modo primoroso dar sustento à sua casa, recusando-se a receber dinheiro do marido e trabalhando em conjunto com as mulheres da família:

*So Candida pursued her busy life, working during the day for the sister who still lived her own life apart, studying at night with an ardor that often surprised herself. Her thoughts never strayed from Augusto, but she had scant time for moping. There was her little housekeeping to be done, her flowers to tend, and the fruit to care for. The bananas, mangoes, sapotis and cocoanuts, the proceeds of which were divided between her and Gloria, added considerably to her little income. Augusto was not to send her money, she told him, until she asked for it. Florinda cultivated lettuce and coriander, used by the Brazilians as other nations use parsley, which it resembles. The girl also took in ironing, and thus they managed to live comfortably without touching Aunt Theresa's little legacy.*¹⁷³

Vários são os pontos relevantes que saltam aos olhos neste parágrafo do romance: trabalho árduo; dedicação ao estudo; pensamentos no marido, apesar da ausência deste não deixá-la inerte; sustento do lar exclusivamente levado a cabo por mulheres. Tais aspectos constituem um apanhado geral de uma ficção centrada em mulheres inseridas em uma sociedade que apregoava que os pontos acima elencados eram, por excelência, pertencentes ao universo masculino.

De certa maneira, Mary Wardlaw vivenciara antes de sua ida ao Brasil um contexto de diversas transformações no modo como se viam os papéis de gênero em seu país. A Guerra de Secessão nos Estados Unidos inseriu diversas mulheres na esfera pública de trabalho em serviços sociais e tal aspecto espraiou-se para o pós-guerra, visto que, em um país que tivera entre mortos e desaparecidos centenas de milhares de homens, a atuação de mulheres em áreas como educação e apoio médico teve um crescimento considerável. Conforme Nancy Bentley:

¹⁷³ Ibidem. pp. 274-275. “Então Candida prosseguiu sua vida ocupada, trabalhando durante o dia para a irmã que ainda vivia sua própria vida à parte, estudando à noite com um ardor que muitas vezes surpreendeu a si mesma. Seus pensamentos nunca se afastaram de Augusto, mas não tinha tempo livre para deprimir-se. Havia os cuidados domésticos, suas flores para cuidar e as frutas também. Bananas, mangas, sapotis e cocos que eram divididos entre ela e Gloria, e aumentou consideravelmente sua pequena renda. Augusto não enviava dinheiro para ela, pois ela mesma havia recomendado isso, a não ser que pedisse. Florinda cultivava alface e coentro, utilizado pelos brasileiros do modo como outras nações usam a salsa, e que se assemelham. A menina também lavava e passava e, assim, elas conseguiram viver confortavelmente sem tocar na pequena herança deixada por tia Theresa.” (Tradução livre).

*The emergencies of wartime became established features of postbellum society. Women's clubs, educational unions, and Christian associations organized in the 1860s and 1870s helped to define the emergent urban world as a field that needed the perpetual services of women. That perceived need in turn prompted a call for institutions that could educate and train women to so serve.*¹⁷⁴

Isso também se deu no grandioso projeto missionário protestante das diversas denominações eclesiais estadunidenses que após a guerra aumentaram sobremaneira em número de missionários e investimento à causa. Milhares de mulheres solteiras optaram por utilizar seus conhecimentos e educação formal em variados recantos do mundo em prol da conversão de nativos. Sociedades missionárias foram criadas, muitas delas compostas, lideradas e financiadas por mulheres e focadas também em mulheres. Mas, além das missionárias solteiras, mulheres como Mary Wardlaw acompanharam seus esposos missionários ao campo.

O espaço de encontros culturais propiciava uma atuação pública e eclesial ainda maior a tais missionárias casadas, na medida em que, em muitos casos, a distância dos centros de decisão somadas às carências de pessoal para a missão possibilitavam a essas mulheres o papel de principais colaboradoras de seus maridos. Em tal contexto, o discurso de mutualismo matrimonial ecoa com muito mais força nos escritos das missionárias.

No caso do romance de Mrs. Wardlaw, o mutualismo matrimonial é expresso logo no princípio da obra no episódio em que o casal conjuntamente experimentou, por cinco minutos, a felicidade plena ao lavarem juntos os pratos da casa, sendo novamente apontado pela autora em outro momento da estória. Em uma viagem à fazenda do pai de Augusto em Baturité, no interior da Província do Ceará, o jovem casal realiza uma série de visitas aos miseráveis habitantes dos casebres da região a fim de pregarem sobre a Bíblia.

Em uma dessas visitas, Mrs. Wardlaw apresenta a perspectiva de um dos moradores ao perceber a aproximação do jovem casal de protestantes, que caminhavam lado a lado: *“hastily jerked his pipe from his mouth and stared stupidly at Augusto approaching, with his wife beside*

¹⁷⁴ BENTLEY, Nancy. Literary forms and mass culture, 1870-1920. IN. BERCOVITCH, Sacvan (Org.). *The Cambridge History of American Literature. Volume 3. Prose Writing: 1860-1920*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 141. “As emergências do período da guerra estabeleceram as características da sociedade do pós-guerra. Clubes femininos, uniões educacionais e associações cristãs, organizadas nas décadas de 1860 e 1870, ajudaram a definir o mundo urbano emergente como um campo que necessitava dos perpétuos serviços das mulheres. Essa necessidade percebida, por sua vez, levou a um apelo às instituições que pudessem educar e treinar mulheres para servir.” (Tradução livre).

*him. His wife knew her place, thank heaven! And always walked dutifully behind*¹⁷⁵. Nessa curta passagem, a autora denota como o simples fato de Candida caminhar ao lado do esposo, gerava certo espanto a alguns homens, que “graças aos céus” tinham esposas que “sabiam o lugar delas” e sempre “andavam obedientemente atrás”. O foco novamente se volta para uma ideia de mutualismo matrimonial.

Curioso notar quais são os tipos visitados por Candida e Augusto neste pequeno empreendimento missionário de ambos: pessoas extremamente pobres (simples, gentis e ignorantes, segundo a autora), que diante da miséria articulavam modos de sobrevivência extremamente engenhosos, fazendo uso da carnaúba, da flora local, de cabaças, do algodão, de sabugos de milho; a maioria dessas pessoas era composta por mulheres viúvas ou abandonadas pelos maridos (alguns por terem migrado para a Amazônia).

Assim, Mary Wardlaw revestiu sua protagonista prosélita com todas as características desejadas e prescritas a uma esposa protestante: fiel; companheira; devota; cuidadosa; apaixonada; mãe dedicada; aquela que não questionava as decisões e autoridade marital, mas que, ao mesmo tempo, não se segregava ao mundo privado do ambiente doméstico, muito pelo contrário, estava inserida no ambiente público provendo sustento para seu lar e dedicando-se ao estudo. Nesse sentido, acima de tudo, demonstrava que uma mulher, através de seus próprios esforços (trabalho e estudo) poderia viver sem a dependência do marido.

2.2: Florinda: Escrava, negra e missionária

Em novembro de 1890, mais um dos *reports* da parte do Reverendo Lacey Wardlaw seria publicado no periódico *The Missionary*¹⁷⁶. Tratava-se de um texto a respeito da principal estação missionária que se dedicava: o Ceará. Antes de descrever aspectos relacionados ao trabalho da missão presbiteriana estabelecida no local, o Reverendo Wardlaw teceu algumas linhas elogiosas à população local, que, segundo ele, seria conhecida em todo o Brasil por sua

¹⁷⁵ Ibidem, p. 270. “Rapidamente retirou o cachimbo de sua boca e olhou estupidamente para Augusto se aproximando com a esposa ao lado. Sua esposa sabia o lugar dela, graças aos céus! E sempre caminhava obedientemente atrás”. (Tradução livre).

¹⁷⁶ ‘*The Missionary*’. A monthly Journal, issued in behalf of The Foreign Missions of the Presbyterian Church in the United States. Edited by the secretaries. Vol. XXIII. Published by Whittet & Shepperson. Richmond: Novembro de 1890, pp. 420-421.

“*energy, misfortune and restlessness*”, o que os levava a serem utilizados em grande número em colônias no território sob disputa entre o Brasil e a Guiana Francesa, nos seringais amazônicos, nos canaviais do Maranhão, no Exército e na Marinha, e nos cafezais do Rio de Janeiro. Mais do que isso, a população do Ceará seria composta por: “*lovers of liberty. They freed all the slaves in the old province five years before the emancipation, and this with the opposition of the Imperial Government*”¹⁷⁷.

No mês seguinte ao que os compatriotas de Mr. Wardlaw tiveram acesso a tal escrito sobre a população do Ceará, os habitantes do referido Estado com acesso à leitura dos periódicos locais pôde ler um texto de louvor aos brasileiros proveniente da pena do mesmo missionário. Naquele dezembro, o periódico ‘*Libertador*’, publicaria as seguintes palavras do ministro presbiteriano:

Enquanto o mundo civilizado contempla admirado o espetáculo sem paralelo na historia, de um povo que sem derramar uma gota de sangue esmigalha d’uma vez e para sempre o jugo da escravidão, emancipando milhões dos seus semelhantes por meio d’um nós queremos e está feito; e em seguida despedaçando o jugo monarchista sem sequer sacrificar uma só vida, levanta-se livre e independente; a nação triumphante, caminha, a passos largos, o progresso, esse filho da liberdade (...) O que em outras nações custou longos annos de guerras – guerras sanguinárias que deixaram o solo pátrio ensopado com o sangue de seus próprios filhos, empobrecendo o povo, e sobrecarregando os thesouros nacionaes com dividas immensas – aqui se obteve em poucas horas, sem sacrificio algum! Bem pode o povo prorromper n’um grande
VIVA A LIBERDADE!!!¹⁷⁸

O foco do texto de De Lacey no ‘*Libertador*’ foi a proclamação da República no Brasil, momento político deveras significativo a vários missionários estadunidenses que viam o novo regime com grande simpatia¹⁷⁹. Contudo, o mesmo texto faz menção também à abolição da escravatura que, diferentemente do ocorrido em outras nações (uma menção clara aos Estados Unidos), ocorrera, segundo o missionário, “sem derramar uma gota de sangue”.

¹⁷⁷ Ibidem. p. 420. “Amantes da liberdade. Eles libertaram todos os escravos na velha província cinco anos antes da emancipação e isso sob oposição do Governo Imperial”. (Tradução livre).

¹⁷⁸ Jornal ‘*Libertador*’. Fortaleza, 06 de dezembro de 1890. Seção ‘Tribuna do Povo’. Coluna ‘Notas Religiosas’ de autoria do Reverendo De Lacey Wardlaw.

¹⁷⁹ Leonildo Campos ao discorrer a respeito da euforia com a Proclamação da República no Brasil por parte de vários missionários estadunidenses de diversas denominações afirma que para estes: “a proclamação da República era um acontecimento necessário para o surgimento de um Estado laico, e para o estabelecimento definitivo da democracia no Brasil. As liberdades individuais estariam garantidas no país a partir de então.” In. CAMPOS, Leonildo Silveira. *A inserção do protestantismo de missão no Brasil na perspectiva das teorias do imaginário e da matriz religiosa*. In. Estudos Teológicos. V. 52. N. 1. pp. 142-157. São Leopoldo: Jan./Jun. 2012. p. 82.

De Lacey e Mary Wardaw puderam vivenciar um duplo processo de emancipação de populações cativas. Nos Estados Unidos da América, parte da infância de ambos fora marcada pela sangrenta guerra fratricida de 1861-1865 que teve como um de seus resultados a emancipação do elemento servil. Os sulistas Lacey Wardlaw e Mary Hoge haviam nascido, respectivamente, em 1856 e 1855, tendo idade suficiente para possuírem lembranças do conflito, mesmo que esparsas, e principalmente de seu desdobramento e consequências para o sul dos Estados Unidos.

Passados quinze anos da abolição da escravidão nos Estados Unidos – apesar disto não ter dado fim à problemática racial naquele país, especialmente nos estados do Sul –, o jovem casal partiu para um país em que a instituição escravocrata ainda se mantinha viva. De modo que a permanência no Brasil na década de 1880 possibilitou a tais missionários a vivência de um novo processo emancipatório. Uma peculiaridade, porém, revestiu essa experiência, pois tal se deu na Província do Ceará, local que por diversas singularidades (que não são nosso foco neste trabalho¹⁸⁰) procedeu à abolição da escravidão anos antes do ato oficial por parte do Governo Imperial.

É natural supor que por tais motivos a temática concernente à escravidão e à libertação dos cativos se fizesse presente no romance de Mrs. Wardlaw. Contudo, de modo ambíguo, esses aspectos são tratados em “Candida”, pois se por um lado a autora não enfatiza os meandros da escravidão e de seu término, trazendo apenas de relance informações a esse respeito, por outro uma das personagens mais significativas da trama trata-se justamente de uma escrava negra chamada Florinda Maria dos Anjos Ribeiro, somando-se a tal fato que, além de escrava, é também uma criança, o que torna sua figura repleta de simbolismos no contexto da obra.

Florinda surge pela primeira vez aos leitores no terceiro capítulo, quando há um salto temporal de cerca de dois anos do casamento de Candida no princípio da trama, o que nos sugere o ano de 1882. Nesse período havia nascido Timotheo, o primogênito do casal, e os jovens pais continuavam realizando suas leituras diárias da Bíblia, apesar de ainda não haverem abjurado do catolicismo. Assim, em certa manhã, Candida acordou mais tarde que o habitual e, ao ir até a rede

¹⁸⁰ Para um aprofundamento na temática concernente à abolição da escravatura na Província do Ceará, Cf. FUNES, Eurípedes Antônio. *Negros no Ceará*. In. SOUSA, Simone de (Org.). *Uma nova história do Ceará*. 3 ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004; e RODRIGUES, Eylo Fagner Silva. *Liberdade ainda que precária: Tornando-se livre nos meandros das leis, Ceará (1868-1884)*. Fortaleza Dissertação UFC, 2012.

do filho, constatou que ele já não mais estava lá; atordoada vai até a cozinha, quando se acalma ao ver o pequeno brincando no limiar da porta, mas o que mais a surpreendeu foi:

*standing by the stove was an alert-looking child of eleven or twelve, so diligently engaged in stirring the corn that she did not perceive Candida's approach. The latter had time to observe a close-clipped, woolly head, and a neat little figure, clad in a dark brown calico dress, so cut as to leave visible her browner neck and arms. As Candida entered, she made a swift step forward, and her gleaming eyes and teeth testified to her pleasure.*¹⁸¹

A pequena cozinheira, logo se apresentaria, tratava-se de Florinda. Candida já sabia quem ela era, pois sua chegada fora anunciada na noite anterior por Augusto. Florinda consistia em um presente enviado da fazenda de Baturité pelo pai de Augusto. Com o nascimento de Timotheo, as atribuições domésticas de Candida haviam aumentado, de modo que Joaquim de Oliveira considerou adequado auxiliar a nora enviando-lhe uma pequena escrava. A princípio, Candida protestou afirmando não precisar de tal auxílio e complementou seu discurso relatando ao marido a respeito de uma escravinha de certa vizinha conhecida por maltratar as crianças da casa. Contudo, ao saber que o “presente” que já estava a caminho tratava-se da neta do velho Chico e de Mamãe Rita, Candida cedeu diante das boas lembranças que tinha destes velhos escravos do período em que morara com seu pai vaqueiro na fazenda do Sr. Oliveira.

O estado servil de Florinda é tratado por Mrs. Wardlaw em toda a obra de maneira bastante naturalizada, não havendo ocultação quanto ao fato da garota ser escrava. Porém, o modo como é tratada por seus senhores, tanto na fazenda quanto por Candida, faz o leitor percebê-la quase como uma pessoa pertencente à família. Essa tônica se torna mais clara quando a autora constrói o relacionamento de Candida e Florinda eivado de sentimentos de afeição e carinho. Florinda é a empregada da casa, mas as lides domésticas são divididas com a própria Candida. Além disso, o casal daria um espaço privilegiado à neta de Mamãe Rita em suas leituras diárias da Bíblia, conforme demonstraremos adiante.

Apesar de não haver da parte da autora uma perspectiva escravocrata, todo o contexto dos últimos anos da escravidão no Brasil é apresentado, pelo menos com relação à Florinda, sob

¹⁸¹ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. p. 45. “De pé ao lado do fogão havia uma criança de onze ou doze anos de olhos bem vivos, diligentemente empenhada no preparo do milho que nem percebeu a aproximação de Candida. Por fim, Candida observou a pequena figura que tinha o cabelo curto parecido com lã, estava vestida com um vestido de chita marrom escuro, que deixava visível seu pescoço e braços negros. Ao perceber a entrada de Candida na cozinha, a garota deu um passo rápido para frente e seus olhos e dentes reluzentes testemunhavam sua alegria.” (Tradução livre).

uma óptica abrandada. Sequer se menciona ou há qualquer pista à legislação que antecedeu a abolição, como a lei de 28 de setembro de 1871 (Lei do Ventre Livre¹⁸²), na medida em que, a julgar pela idade de Florinda em 1882, tal personagem nascera justamente entre 1870-1871. Pode-se inferir que este aspecto tenha passado despercebido na construção literária de Mary Hoge, até porque tal dinâmica social não se constituía como foco da autora.

Partindo do pressuposto de “Candida” ser um texto voltado ao público americano e protestante (em especial presbiteriano) do princípio do século XX, encaramos um claro jogo de dupla historicidade e espacialidade, em que a autora trata do Ceará/Brasil da década de 1880, visando abordar, concomitantemente, nuances dos Estados Unidos de 1900. Esse país, que Mary Wardlaw retornara cerca de um ano antes de publicar seu romance, passava por uma série de processos que repercutiriam na história norte-americana de todo aquele século, por exemplo: o rápido processo de urbanização; uma intensa migração de negros para o norte; grande fluxo de imigrantes europeus e asiáticos ao mesmo tempo em que surgiam pressões para implantação de legislações restritivas a esta imigração; e a revigoração de teorias sociais racistas¹⁸³.

Outro fator relevante nesse contexto eram as leis segregacionistas em vigor em vários estados sulistas dos Estados Unidos desde a década de 1870, assinalando-se que o local de residência da família Wardlaw em seu regresso foi justamente o estado do Tennessee, um dos pioneiros na implementação das leis ‘*Jim Crow*’. Desse modo, a inserção de uma personagem negra e escrava na obra de Mrs. Wardlaw se reveste de outro prisma quando levamos em consideração o público leitor ao qual se direcionava o romance.

Mas, até aqui, ainda não explicitamos o porquê de considerarmos Florinda como uma figura de extrema relevância na estória. Está fora de questão que o foco do romance missionário de Mrs. Wardlaw é a conversão dos personagens católicos e isso tanto é explicitado pela autora em seu prefácio como consiste em um modelo literário amplamente difundido no meio protestante estadunidense a partir da segunda metade dos oitocentos, conforme já demonstramos no capítulo anterior. Nesse contexto, a figura de Florinda tomará proeminência, pois no mesmo capítulo em que é apresentada em múltiplas facetas: escrava; presente de Joaquim de Oliveira; empregada; cozinheira; e babá do pequeno Timotheo, também surge como detentora de outra

¹⁸² Chaloub, tomando por base várias obras do escritor Machado de Assis, bem como a documentação do Ministério da Agricultura quando Machado fora o chefe de sua Segunda Seção, discorre sobre os meandros da implantação da referida lei no Império. In. CHALOUB, Sidney. Op. cit.

¹⁸³ KAESTLE, Carl F. [et al.]. *Literacy in the United States: Readers and reading since 1880*. New Haven and London: Yale University Press, 1991. p. 25.

característica fundamental à conversão de Augusto e Candida, tendo em vista que é protestante e age naquele ambiente doméstico como uma espécie de missionária leiga.

A descoberta de tal atributo de Florinda é impactante para Candida, que despretensiosamente passa a contar um sonho que tivera com Augusto, no qual uma espécie de porta de vidro os separava, perguntando à sua nova companhia doméstica o que aquilo poderia significar e ouvindo da garota a seguinte resposta: “*Senhora, I don't know. It wasn't the door to heaven, for that is Jesus Christ, and no one can shut that door*”¹⁸⁴. Diante de tais palavras, Candida abruptamente repreende Florinda lhe perguntando o que ela poderia saber sobre esse assunto.

Poucas horas depois, naquele mesmo dia, seria a vez de Augusto ser surpreendido por Florinda. O pequeno filho do casal achava-se renitente em adormecer, quando uma canção de ninar entoada por Florinda o fez dormir, seguida de tal canção a nova moradora da casa começou a cantar um hino religioso que deixou Augusto maravilhado:

É franca a porta divinal,
Aberta a todo o mundo,
Por ela o pecador mortal
Avista amor profundo!
Oh! graça imensa; pois assim,
A porta fica aberta a mim!
A mim! a mim! a porta aberta a mim!¹⁸⁵

A admiração de Augusto se tornou plena quando Florinda, após ser inquirida a respeito, passa a explicar ao novo patrão o que entendia daquilo que acabara de cantar, falando com simplicidade e propriedade ao casal o que significavam as palavras bíblicas que diziam ser Jesus o único caminho aceitável.

Um Augusto perplexo resolve, então, chamar a garota para compartilhar do momento de leitura bíblica que fazia diariamente com a esposa e, novamente, Mary Wardlaw destacaria a

¹⁸⁴ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. p. 50. “Senhora, eu não sei. Mas não era a porta para o céu, pois esta é Jesus Cristo e ninguém pode fechá-la.” (Tradução livre).

¹⁸⁵ Ibidem. p. 52. A canção está em português no romance de Mrs. Wardlaw, a autora não a traduziu para o inglês, limitando-se a informar a seus leitores em uma nota de rodapé que se tratava de uma versão da música religiosa “*There is a Gate that Stands Ajar*”. Essa versão em português recebeu o nome de “A porta da salvação” e era de autoria de Sarah Poulton Kalley, esposa do missionário congregacional Robert Reid Kalley. Ambos exerceram o trabalho missionário no Brasil entre 1855 e 1876 e o primeiro hinário evangélico brasileiro, publicado na década de 1860, contou com diversos hinos de autoria de Sarah Kalley.

influência de Florinda na conversão do casal. Diante da leitura de um trecho que Candida não compreendera e que Augusto não soubera explicar, Florinda toma a palavra:

“How is that?” asked Candida, in her practical way. “Just now a door to let in the sheep, and now a shepherd!”

“Oh! Senhora Dona, may I say?” asked Florinda eagerly, as Augusto had no reply ready. “Jesus is so many things to us. We couldn’t see him all at once as he is — not with these eyes; so he shows himself to us little bits at a time. Whatever we want, Jesus is that. My old grandparents say they love to think of him as the Bread of Life. That is because of the awful famine several years ago.”

“And you, Florinda; how do you love to think of him?”

*“Who, I?” she asked; “oh! as the Morning Star. When I wake up in the morning, I look out for it, shining up there so clear and bright, telling me that night has gone, and day is about to dawn.”*¹⁸⁶

A pequena escrava surpreende a todos, inclusive aos leitores que passam a percebê-la além de sua condição servil. Florinda é possuidora de características extremamente louváveis em um contexto protestante, pois, além de conhecedora das escrituras sagradas, não mede esforços, nem se furta de esboçar sua compreensão de tais textos a quem quer que seja. Em outra ocasião, a garota contestaria a doutrina do purgatório ao ser questionada a esse respeito por Augusto.

A fabricação da personagem Florinda compreende um momento em que os afro-americanos tornaram-se um alvo das missões domésticas protestantes nos Estados Unidos. Se o período do pós-Guerra de Secessão trouxe uma série de medidas legais que reforçavam a constituição de uma sociedade racialmente segregada em vários pontos do país, por outro lado diversas sociedades missionárias estadunidenses percebiam a necessidade premente de atuação nas comunidades negras americanas. Consoante Derek Chang, *“The emancipation of four million African American slaves and the arrival of tens of thousands of Chinese made the goal of providing an assimilative conduit for inclusion of these populations more important than ever”*¹⁸⁷. Além disso, as missões domésticas, tanto entre os afro-americanos quanto entre os

¹⁸⁶ Ibidem. pp. 54-55. “‘Como é isso?’, perguntou Candida com seu modo habitual. ‘Agora pouco ele era uma porta para deixar as ovelhas entrarem, agora é um pastor?’. ‘Oh, Dona Candida, eu posso falar?’, perguntou Florinda ansiosamente, já que Augusto não tinha uma resposta pronta. ‘Jesus é tantas coisas para nós que não podemos ver como ele realmente é com estes olhos, por isso ele se mostra a nós em pequenos pedaços de cada vez. Jesus é o que quer que nós queiramos. Meus velhos avós diziam que gostavam de pensar nele como o Pão da Vida. Isso por causa da terrível fome de anos atrás’. ‘E você, Florinda; como gosta de vê-lo?’. ‘Quem, eu?’, ela perguntou; ‘Oh! Como a Estrela da Manhã. Quando eu levanto de manhã, olho para ela brilhando lá em cima, tão resplandecente me dizendo que a noite passou e que está prestes a amanhecer.’” (Tradução livre).

¹⁸⁷ CHANG, Derek. *Imperial encounters at home: Women, Empire, and the Home Mission Project in Late Nineteenth-Century America*. In: REEVES-ELLINGTON, Barbara & SKLAR, Kathryn Kish & SHEMA, Connie A. (Orgs.). Op. cit. p. 295. “A emancipação de quatro milhões de escravos afro-americanos e a chegada de dezenas de

imigrantes, seriam fundamentais para a inclusão de tais pessoas enquanto cidadãos cristãos em uma sociedade cristã.

Não obstante, a análise de Chang acaba por deixar de lado o fato de que a perspectiva segregacionista entre brancos e negros no sul dos Estados Unidos também se fez presente no universo religioso, ou seja, mesmo com um discurso de necessidade de conversão e difusão do protestantismo dentre os afro-americanos a fim de propiciar a tais sujeitos a cidadania, o espectro religioso protestante sulista era fortemente marcado por comunidades religiosas formadas exclusivamente por negros e outras que atendiam apenas brancos.

Já em 1870 a Imprensa Evangélica, periódico publicado no Brasil, mas que tinha nos missionários presbiterianos norte-americanos seus principais articulistas, publicaria uma espécie de noticiário acerca da situação dos negros nos Estados Unidos, deixando clara a existência de espaços sociais de exclusão:

O negro tem mostrado uma grande ambição por saber. As escolas públicas delles estão cheias; as suas academias e seminários theologicos são bem frequentados; as suas igrejas estam sempre cheias de uma congregação humilde, piedosa e estudiosa da palavra do Senhor. Na oratória, o negro tem mostrado uma aptidão extraordinária. (...) A liberdade dos negros em manterem instituições caridosas não se tem senão augmentado com a sua emancipação. (...) Em vez de ficar vadio e de fazer mingoar a sua raça, o negro tem trabalhado muito mais do que antes de 1861.¹⁸⁸

O então tom supostamente elogioso que se pretendia à época surge aos olhos do atual leitor com certo estranhamento e, porque não dizer, repulsa. Entretanto, o que gostaríamos de destacar é a presença dos diversos pronomes possessivos: “escolas públicas *delles*”; “*suas* academias”; “*suas* igrejas”. Há nesse uso dos dêiticos uma clara perspectiva de alteridade no informe do articulista.

Vinte anos depois, o mesmo periódico traria outro texto a respeito dos negros no sul dos Estados Unidos com palavras extremamente similares às publicadas em 1870, mas dessa vez direcionado a um público que vira recentemente a emancipação do trabalho servil em seu país:

Há hoje no sul dos Estados Unidos do Norte 16.000 professores de cor e um milhão de discípulos nas escolas primárias, e três milhões de gente de cor que aos domingos afflue ás suas igrejas. Há para os negros seis escolas normaes, cinqüenta estabelecimentos de

milhares de chineses fez com que a meta de proporcionar um canal assimilativo para a inclusão dessas populações fosse mais importante do que nunca.” (Tradução livre).

¹⁸⁸ Jornal “Imprensa Evangélica”. São Paulo, 15 de Outubro de 1870. p. 168.

instrução secundária, e diversos seminários theologicos. (...) Isso é um progresso assombroso para uma raça que tem 200 annos de captivo e 4000 annos de barbarismo atraz de si, e todo esse progresso foi feito em 25 annos de emancipação.¹⁸⁹

A tal “progresso” ocorrido desde 1865, o articulista daria o crédito, na continuação de seu texto, à “generosidade americana” e aos estadistas norte-americanos, não fazendo menção alguma às legislações segregacionistas e discriminatórias então em voga em grande parte dos Estados Unidos.

O historiador John Hope Franklin nos dá outra perspectiva a respeito do surgimento das várias instituições educacionais, religiosas e comerciais compostas por afro-americanos. Para esse autor, a existência desses estabelecimentos fazia parte da não passividade dos negros americanos, que nas décadas finais do século XIX:

Escreveram histórias a fim de mostrar que, desde o princípio, haviam contribuído para o desenvolvimento do seu país. (...) fundaram escolas, jornais, fortaleceram as suas igrejas, organizaram empresas comerciais, e até ergueram cidades no esforço por neutralizar a rejeição de que eram vítimas. (...) empregaram um método direto de ataque criando organizações cuja principal função era lutar pela igualdade de direitos.¹⁹⁰

As décadas posteriores à Guerra de Secessão, ao mesmo tempo em que evidenciaram, através dos desdobramentos legais e práticas sociais, o forte espectro de discriminação, preconceito e segregação, estimularam a publicação de uma série de obras que almejavam tratar da questão racial no sul dos Estados Unidos, por exemplo: “*The race question in the United States*”¹⁹¹; “*Negro life in the South: present conditions and needs*”¹⁹²; “*Race orthodoxy in the South: and others aspects of the negro question*”¹⁹³; e dezenas de outras publicações com a mesma temática.

Nesse contexto, muitas comunidades presbiterianas e as Assembleias Gerais das igrejas reformadas norte-americanas – majoritariamente constituídas por lideranças eclesiásticas brancas – começaram a postular em seu discurso admoestações acerca da necessidade de ações

¹⁸⁹ Ibidem, 13 de Setembro de 1890. p. 2.

¹⁹⁰ FRANKLIN, John Hope. O negro depois da liberdade. In. WOODWARD, C. Van. *Ensaio comparativos sobre a história americana*. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Editora Cultrix, 1972. p. 180.

¹⁹¹ BRORUP, Rasmus Peterson. *The race question in the United States*. Fitzgerald: North and South Publishing Co., 1902.

¹⁹² WEATHERFORD, Willis Duke. *Negro life in the South: present conditions and needs*. New York: New York Association Press, 1911.

¹⁹³ BAILEY, Thomas Pearce. *Race orthodoxy in the South: and others aspects of the negro question*. New York: The Neale Publishing Company, 1914.

evangelísticas voltadas às comunidades negras. O principal argumento era o de que a escravidão fora um erro e que, como bons cristãos, agora era obrigação da população branca auxiliar seus irmãos negros transmitindo-lhes acesso à educação formal e à fé cristã genuína.

Assim, alguns folhetos de caráter religioso também passaram a circular nos Estados Unidos instando os “bons cristãos” a apoiarem a abertura e manutenção de “*colored churches*”. Em 1913, Miss Sallie O’Hear Dickson publicaria pelo *Presbyterian Committee of Publication*, de Richmond, um destes folhetos, no qual destacaria em uma das primeiras páginas as palavras do Reverendo J. B. Gambrell: “*It is time to quit thinking of the negro as the white man’s burden*”¹⁹⁴. O famoso fardo do homem branco materializado na figura do homem negro é posto em evidência por Miss Dickson para em seguida apresentar um breve histórico do trabalho desenvolvido pela Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos em prol dos afro-americanos.

Conforme a autora, desde a Assembleia Geral de 1863 já se discutia o dever cristão para com os negros, o que redundou anos depois, em 1876, na fundação do Stillman Institute, através da iniciativa do Reverendo Charles Allen Stillman, Ministro da Igreja Presbiteriana de Tuscaloosa, no Alabama. Tal instituição tinha como finalidade a formação de Ministros Presbiterianos negros. A autora destaca o fato de tal instituição ser autossuficiente, na medida em que os alunos tinham aulas no turno da manhã e no período da tarde trabalhavam nas plantações de algodão que faziam parte da propriedade do Instituto a fim de manter seu funcionamento.

Em 1891, a Assembleia Geral criou o *Executive Committee of Colored Evangelization* com a finalidade de expandir as ações voltadas para a população sulista negra. Tais ações consistiam, geralmente, na abertura de classes da escola dominical exclusivas para negros ou escolas paroquiais geridas por professoras brancas, mas com público alvo composto por crianças negras, o que, segundo a autora, foi bem sucedido em diversas cidades, como: Richmond, Atlanta, Memphis, Tuscaloosa, Morganton, Ruston, Birmingham e Fulton. Além disso, Miss Dickson aponta que a atuação de ministros e pregadores negros dava bons resultados nos vários estados do Sul dos Estados Unidos, levando a população afro-americana ao encontro de um patamar moral apropriado.

É curioso notar que, apesar do discurso que apregoava o apoio prestado pela Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana à população afro-americana com a abertura de escolas e

¹⁹⁴ DICKSON, S. O’H. “*Within our doors*”: our work among the Negroes. Richmond: Presbyterian Committee of Publication, 1913. p. 5.

Institutos de formação de Ministros, o que se concretizou com grande vigor na maioria dos casos foi a formação de pregadores negros que, em seguida, atuavam na constituição e condução de igrejas que atendiam exclusivamente “*colored people*” ou eram enviados como missionários para o continente africano, pois as lideranças eclesiais presbiterianas viam nisto uma estratégia missionária de grande impacto ante seus alvos na África¹⁹⁵. Sob tal prisma, um ano antes do texto de Miss Dickson, o *Permanent Committee on work among colored people* se manifestaria do seguinte modo:

*The negro race, as well as the white race, needs the influence of a strong Presbyterian Church, and its benefits in all particulars mentioned will not be confined to its own membership, but will exert a wholesome influence upon all denominations. Our colored brethren have a distinct mission to the people of their own race in this country, as well as in Africa of elsewhere.*¹⁹⁶

Tal Comitê voltado para os “*colored brethren*” fora criado pelo Concílio das Igrejas Reformadas dos Estados Unidos¹⁹⁷ e compartilhava da mesma forma de pensamento que já esboçamos através do texto de Miss Dickson, ou seja, as “*White Churches*” tinham a obrigação de apoiar a fundação de “*Colored Churches*” por meio do trabalho de evangelização e formação de líderes negros que em seguida assumiriam as responsabilidades eclesiais para com “*the people of their own race*”.

Apesar da abolição da escravatura já consolidada há décadas, o teor das teorias racialistas nos Estados Unidos propiciavam terreno fértil para a ideia de que a população negra, em decorrência de suas origens tidas como bárbaras, teria muita dificuldade em adentrar na comunidade civilizada, de modo que, mesmo legalmente assumindo o estatuto de homens e

¹⁹⁵ A respeito da atuação de missionárias afro-americanas no continente africano no final do século XIX Cf. JACOBS, Sylvia M. *Three African American Women Missionaries in the Congo, 1887-1899: The confluence of race, culture, identity, and nationality*. In. In. REEVES-ELLINGTON, Barbara & SKLAR, Kathryn Kish & SHEMO, Connie A. (Orgs.). Op. cit. pp. 318-341.

¹⁹⁶ PERMANENT COMMITTEE ON WORK AMONG COLORED PEOPLE. *Our colored brethren: the Presbyterian and reformed churches in co-operation for their betterment in the South*. 1912. p. 2. “A raça negra e a raça branca precisam da influência de uma Igreja Presbiteriana forte, e seus benefícios em todos os aspectos mencionados não se limitarão a sua filiação a tal igreja, mas exercerão uma influência saudável sobre todas as denominações. Nossos irmãos de cor têm uma importante missão para com as pessoas de sua própria raça neste país, bem como em outros lugares na África.” (Tradução livre).

¹⁹⁷ Faziam parte do Concílio as seguintes denominações: *Reformed Church in America; Presbyterian Church in the USA; Presbyterian Church in US; Associate Reformed Synod of the South; Reformed Church in the United States; United Presbyterian Church; Cumberland Presbyterian Church*. A última citada tratava-se de uma igreja composta exclusivamente por afro-americanos.

mulheres livres, tais pessoas continuavam dependentes da boa vontade e generosidade do homem branco.

No universo do romance de Mrs. Wardlaw, tal perspectiva pode ser notada na escrava brasileira Florinda. Assim, se expressa a autora, através de um diálogo entre Candida e tia Theresa, a respeito da abolição da escravidão na Província do Ceará e as festas ocorridas na cidade de Fortaleza em 1884, isto é, anos antes do ato oficial emanado pela “Lei Áurea” de 1888:

“Every one thought it a fine thing in May, what with the banners, the processions and the illuminations; the banquets, the speeches and the hurrahs for the ‘land of light.’ It is a great thing to be the first city in Brazil to free its slaves, with every prospect of being the first province. But all this turmoil, this cry of ‘land of light,’ won’t feed and clothe us. Not that I speak for myself. I have been my own slave; ever since my husband died, and so I shall continue.”

After which ambiguous statement, Aunt Theresa asked abruptly. “What does Florinda think of the prospect of being her own mistress, some day?”

“I don’t believe she thinks of it at all,” answered Candida. “She is a good, faithful little creature; very intelligent, as you have often remarked. She took a keen interest in the ‘turmoil,’ as you call it; but when Augusto asked her what use she would make of her freedom when she obtained it, you should have seen how gravely she looked at him !”

“Said she would never leave you and Timotheo, I suppose.”

“That was not all. She quoted a Bible verse, something like this, ‘Ye are not your own; ye are bought with a price.’ ‘So you see, Senhor Augusto, that I shall always be a slave’.”¹⁹⁸

A autora, a partir da citação de um trecho bíblico (I Coríntios 6:19-20) emanado da boca da própria ex-escrava, denota a noção de dependência de Florinda para com os seus últimos senhores: *“I Shall always be a slave”*, sendo essa a resposta da moça diante do temor advindo do questionamento de Augusto sobre como ela iria fazer uso de sua liberdade. Após esse momento, a obra não traz ao leitor mais nenhum indício relativo à temática da escravidão ou abolição, mas indica a permanência de Florinda morando com Candida e auxiliando-a nos afazeres domésticos e nos cuidados da pequena Estrella.

¹⁹⁸ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. pp. 91-92. “Todos acharam ótimo o que aconteceu em maio, os cartazes, as procissões e as luzes, os banquetes, os discursos e os hurras para a ‘Terra da Luz’. É uma grande coisa ser a primeira cidade do Brasil a libertar seus escravos, com grande perspectiva de ser a primeira província também. Mas, toda esta turbulência, este grito de ‘terra da luz’ não vai nos alimentar nem vestir-nos. Não falo por mim, pois eu fui minha própria escrava desde que meu marido morreu, e assim vou continuar’. Depois dessa declaração ambígua, tia Theresa perguntou abruptamente: ‘O que Florinda pensa sobre a possibilidade de ser senhora de si, algum dia?’. ‘Eu não acredito que ela pense muito sobre isso’, respondeu Candida. ‘Ela é uma criaturinha boa, fiel e muito inteligente, como você já pôde observar muitas vezes. Ela teve um grande interesse na ‘turbulência’, como você chama; mas quando Augusto perguntou-a como iria fazer uso de sua liberdade, você deveria ter visto o quão séria ela olhou para ele!’. ‘Ela disse que nunca iria deixar você e Timotheo, eu acho’. ‘Isso não é tudo. Ela citou um versículo da Bíblia, algo como ‘Vós não sois de vós mesmos. Fostes comprados por um preço’’. ‘Então veja, Sr. Augusto; eu serei sempre uma escrava’.” (Tradução livre).

Passados vários capítulos desde a menção à abolição da escravatura no Ceará, Florinda surge novamente com destaque na obra de Mrs. Wardlaw; dessa vez, exercendo a função de missionária:

One day Augusto, crossing an unaccustomed field at two or three o'clock in the afternoon, found, under a spreading cajú tree, Florinda, the centre of a group of pretty, unkempt children yellow, brown or black as herself. She was just concluding a lesson in catechism, and then came one in the alphabet. As he neared the house he caught the faint echo of a hymn, sung by united childish voices.

In his evening walk with Candida he described the scene.

*"Oh! yes," she responded, "Florinda holds that class every day. She is a genuine little missionary; one of the sort, happily, that does not grow weary in well-doing."*¹⁹⁹

Florinda fora fundamental no processo de conversão de Candida e Augusto, e agora que ambos já eram cristãos exemplares a pequena garota continuava pondo em prática seus dons missionários. Curiosamente, a cena descrita por Augusto se dera nas cercanias da fazenda do Sr. Joaquim de Oliveira – o antigo senhor de Florinda –, vinculando a atuação da jovem a crianças “*yellow, brown or black*” que tinham, muito provavelmente, origens similares às suas.

Assim, mesmo tratando supostamente e de forma romanceada dos acontecimentos ocorridos quando da implantação da Igreja Presbiteriana no Ceará durante a década de 1880, percebemos que Mary Wardlaw ia além de uma mera construção memorialista novelística de suas experiências no Brasil e impunha aos seus leitores um dos debates mais problemáticos que pairava no sul dos Estados Unidos no princípio do século XX. Ao ler acerca de uma excepcional garota protestante negra em um romance sobre o Brasil, não é difícil supor que os leitores norte-americanos, em especial aqueles que assim como Mary Wardlaw moravam no sul, passassem a fazer conexões com sua própria realidade social.

¹⁹⁹ Ibidem. pp. 258-259. “Um dia Augusto, cruzando um campo não familiar as duas ou três horas da tarde, encontrou espalhados debaixo de um cajueiro, Florinda, no centro de um bonito grupo de crianças despenteadas, amarelas, morenas e negras como ela mesma. Ela estava concluindo uma lição de catecismo e em seguida iniciou uma de alfabeto. Ao aproximar-se de casa ele ainda ouviu o fraco eco de um hino, cantado por vozes infantis. Em seu passeio à noite com Candida, ele descreveu a cena. ‘Oh sim’, ela respondeu, ‘Florinda dá aula todos os dias. Ela é uma verdadeira pequena missionária, uma do tipo que, felizmente, não cansa de fazer o bem’.” (Tradução livre).

2.3: Theresa, Glória, Christina e Joanna: As católicas quase irredutíveis

Em 1923, D. H. Lawrence, literato inglês que ficou conhecido pelo seu polêmico romance “O amante de Lady Chatterley”, publicou uma obra contendo estudos sobre uma série de célebres escritores norte-americanos dos séculos XVIII e XIX. Com uma escrita repleta de acidez crítica e sarcasmo, em um de seus capítulos, Lawrence aponta as treze virtudes apregoadas na autobiografia de Benjamin Franklin, famoso líder da Revolução Americana, como “a cerca de arame farpado de Benjamin”²⁰⁰. Lawrence considerava o projeto de Franklin de alcançar a “perfectibilidade do homem” uma tolice e algo simplista demais, pois tratava o homem como uma espécie de “engenhoca mecânica”.

Não obstante, os treze pontos apresentados por Franklin nos dizem muito acerca do ideal de homem-mulher protestante calvinista norte-americano oitocentista e, de certa maneira, muitos dos missionários estadunidenses que partiram de sua terra natal em busca da conversão de outros povos haviam haurido o mantra Benjaminiano da busca pelo auto-aperfeiçoamento e da edificação de outrem, buscando inserirem-se no “cercadinho” de Franklin:

1. TEMPERANÇA
Não coma até a saciedade; não beba até a embriaguez.
2. SILÊNCIO
Só fale o que puder beneficiar os outros ou você mesmo; evite conversas levianas.
3. ORDEM
Que todas as suas coisas tenham seus próprios lugares; que cada parte de sua atividade tenha seu tempo.
4. DETERMINAÇÃO
Decida-se a realizar o que tem de realizar; realize sem falta o que decidir realizar.
5. FRUGALIDADE
Não faça gastos que não se destinem ao bem dos outros ou ao seu próprio – ou seja, não desperdice nada.
6. INDUSTRIOSIDADE
Não perca tempo, dedique-se sempre a atividades úteis. Elimine toda ação desnecessária.
7. SINCERIDADE
Não recorra a estratégias ofensivas; pense com inocência e com justiça, e, quando falar, fale de acordo com isso.
8. JUSTIÇA
Não ofenda ninguém com injúrias ou sonhando os benefícios que são obrigação sua.
9. MODERAÇÃO
Evite os extremos e guarde-se de sentir ressentimentos pelas ofensas recebidas, por mais que as julgue merecedoras disso.

²⁰⁰ LAWRENCE, David Herbert. *Estudos sobre a literatura clássica americana*. Tradução de Heloisa Jahn. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. p. 25. Por mais que não concordemos com grande parte da argumentação de Lawrence na obra referenciada, especialmente sobre os aspectos misóginos presentes em certos trechos, consideramos sua percepção dos textos de Benjamin Franklin como válidos para nossa análise.

10. ASSEIO

Não admita falta de asseio no corpo, no vestuário ou na moradia.

11. TRANQUILIDADE

Não se perturbe com ninharias ou com acidentes triviais ou inevitáveis.

12. CASTIDADE

Pratique atividades venéreas apenas raramente, e sempre por razões de saúde ou descendência, nunca por tédio, fraqueza ou para ofensa da paz ou reputação própria ou de outrem.

13. HUMILDADE

Imite Jesus e Sócrates.²⁰¹

Parte dessas virtudes pode ser percebida em algumas personagens do romance missionário de Mary Hoge Wardlaw, no entanto apenas naquelas cujas trajetórias foram atingidas pelo “*power of the Gospel*”. Não por coincidência, um dos números do periódico *Imprensa Evangélica* do ano de 1878 reproduzia também as “Máximas de Benjamin Franklin”²⁰² enquanto qualidades a serem perseguidas pelos bons cristãos. De forma antagônica às virtudes apregoadas por Benjamin Franklin e tão bem quistas por vários calvinistas estadunidenses, estaria o comportamento cotidiano dos brasileiros católicos, cuja religião lhes mantinha em uma vida errante e pecaminosa.

Esse modo ideal de perceber e viver o mundo possui uma forte tendência ascética, mas que, de modo diverso ao ascetismo apregoado pelo catolicismo medieval que postulava uma separação do século, o protestantismo desenvolveu-se anunciando um modo de vida ascético inserido no mundo, desenvolvendo simultaneamente atividades seculares e eclesásticas.

Desse modo, dentre os presbiterianos, herdou-se uma dinâmica de cunho calvinista na qual a valorização do trabalho tornou-se uma marca constante, mas, ao mesmo tempo, o fruto de tal trabalho devia ser pautado por um modo de vida que não resultasse em excessos, vícios, ostentação, lazer não edificante e ócio. Além disso, no cotidiano do cristão cria-se que:

O conceito de conversa fiada, futilidades e vã ostentação, todas elas designações de uma atitude irracional sem propósito objetivo, portanto não-ascético, e especialmente que não serve à glória de Deus, mas ao homem (...) E isto era especialmente verdadeiro no caso da decoração pessoal, por exemplo no vestuário.²⁰³

Em tal universo é que se desenvolveram as austeras qualidades apregoadas por Franklin, as quais também hauriram um forte terror de cunho ilustrado. Várias das comunidades

²⁰¹ Ibidem, pp. 25-26.

²⁰² Jornal “*Imprensa Evangélica*”. São Paulo, 04 de julho de 1878. p. 214.

²⁰³ WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002. p. 122.

protestantes estadunidenses, que algumas décadas depois enviaram seus missionários aos diversos recantos do mundo, haviam haurido grande parte dessas concepções como marcas distintivas diante dos povos a serem alcançados por suas pregações e ações missionárias. Missionários que, além de reiterar as máximas de Franklin em seus periódicos, elencavam também diversas “Regras úteis para se observar na vida”:

1. – Não deixes para amanhã o que hoje poderes fazer.
2. – Não deixe fazer aos outros aquilo que tu podes fazer.
3. – Não disponhas do teu dinheiro antes de o teres em teu poder.
4. – Não compres cousa alguma, por barata que seja, sinão necessitares.
5. – Evita o orgulho, que é peor do que a fome, a sêde e o frio.
6. – Nunca te arrependas de teres comido pouco.
7. – Trabalha com gosto, e o trabalho será menor.
8. – Toma sempre as cousas pela parte mais suave e segura.
9. – Si estás aborrecido, conta até dez antes de responder, e se estás offendido conta até cem.²⁰⁴

Temperança, silêncio, ordem, determinação, frugalidade, industriiosidade, sinceridade, justiça, moderação, asseio, tranquilidade, castidade e humildade, todas virtudes amalgamadas por uma visão de mundo ascética. Tais virtudes seriam os frutos da perfectibilidade da natureza humana, que, apesar de pecadora, poderia ser incrementada a partir de uma busca incessante e individual por parte dos cristãos. Isto pode parecer extremamente contraditório, mas, na lógica puritana e pietista, era algo cujo embasamento provinha dos textos paulinos que ao mesmo tempo em que afirmavam a miserabilidade da natureza humana apregoava a constante busca pela perfeição.

O campo missionário, porém, deu a tal dinâmica a necessidade de adaptações: como enfatizar um modo de vida ascético nos moldes puritanos em um contexto cultural em que tais noções eram tão estranhas? À conversão não se seguia uma imediata adequação aos padrões comportamentais desejados e essa realidade era por vezes extremamente desagradável aos missionários.

Diante de tal experiência, diversos relatos produzidos por missionários passaram a destacar o proselitismo enquanto um processo que ia além da mera profissão de fé, trazendo em seu bojo uma mudança comportamental do converso que poderia levar algum tempo até ser consolidada. No caso do romance missionário de Mrs. Wardlaw, a conversão de Candida dá-se

²⁰⁴ Jornal “Imprensa Evangélica”. São Paulo, 04 de julho de 1878. pp. 168-169.

em uma dinâmica crescente, na qual a protagonista, antes uma jovem repleta de dúvidas e anseios, paulatinamente, torna-se uma mulher firme, decidida e totalmente integrada a um modo de vida protestante.

A conversão de Candida poderia configurar-se como o fecho ideal para a obra de Mary Wardlaw, no entanto esse não pareceu ser o objetivo primordial da autora, pois, após a conversão da protagonista, todos os parentes consanguíneos de Candida mantiveram-se em um universo distante das qualidades de Franklin. Assim, o romance não se encerra com a profissão de fé daquela que dá nome à obra, pelo contrário, há da parte de Mrs. Wardlaw a inserção de uma narrativa que se volta para a conquista das almas dos familiares católicos de Candida, especialmente das mulheres.

Mas, quem seriam essas mulheres? Como Mary Wardlaw as constrói até a inevitável conversão das mesmas?

A primeira a surgir aos leitores trata-se de tia Theresa, uma mulher viúva e idosa, que mora na cidade de Fortaleza, é dona de uma pequena loja de costura e tem um filho chamado Cosmo (primo de Candida). Quando da entrada das irmãs Lima (nome da família de Candida) em estado de orfandade, ainda em Baturité, é Theresa Silva quem abriga e cuida das sobrinhas, levando-as à cidade de Fortaleza. Theresa, apesar de possuir como principais características a intransigência e a recusa a mudar suas opiniões, tem como grande qualidade o amor que sente pelas sobrinhas, tratando-as como se fossem suas próprias filhas. Quanto ao aspecto religioso, seu catolicismo é extremamente arraigado, possuindo grande devoção pelos santos, respeito pelos sacerdotes e crença nos dogmas católicos.

Conforme já mencionamos em outras ocasiões, Mrs. Wardlaw insere a protagonista do romance em uma série de crises emocionais que transcendem a questão religiosa, apesar de estarem sempre coadunadas a ela. Tais crises sempre giram em torno de sua família, especificamente da tia e das irmãs.

No que diz respeito às irmãs, a grande angústia de Candida em grande parte da trama consiste no afastamento proposital por parte daquelas em decorrência, primeiro, do casamento da irmã com o filho de um protestante e, em seguida, devido à conversão do casal. Cabe dizer que tal afastamento não ocorre com tia Theresa, que se mantém próxima à sobrinha, organizando, inclusive, a recepção do casamento de Candida e Augusto em sua própria residência. No entanto, a separação do convívio com as irmãs sempre é apresentado como um grande fardo para Candida.

Maria da Glória Lima é a irmã mais velha, sendo apresentada como a sobrinha preferida de Theresa e também como a mais devota dentre todas as personagens católicas do romance. Diferentemente da maior parte dos indivíduos da trama que professam um catolicismo com pouca vivência religiosa, Glória é ativa participante das atividades eclesiais e conforme Candida diz: “*She belongs to several societies, is a Daughter of Mary, and I know not what besides. The priests give her a prominent place, and she is deep in religious work*”²⁰⁵.

Esse fervor religioso católico, em um romance protestante do princípio do século XX, logicamente vem imbuído em uma carga extremamente negativa, sendo explicitamente vinculado a fanatismo e superstição, de modo que a católica mais fervorosa dentre as irmãs será a que infligirá mais sofrimentos à protagonista, partindo para a cidade de Belém logo após o casamento de Candida.

As outras irmãs de Candida são Maria Christina (a secundogênita) e Maria Joanna (a caçula das irmãs). Ambas, apesar de não apresentarem comportamento tão eivado de carolice como o da irmã mais velha, também, devido às convicções religiosas que nutriam contra a aproximação de Candida ao protestantismo, impõem à irmã a cessação de contato.

Em tal contexto, por mais que, em linhas gerais, demonstre simpatia às virtudes de Franklin, Mrs. Wardlaw necessitava mostrar aos leitores que em terras não protestantes havia um processo prévio antes de dotar os indivíduos da busca pela “perfectibilidade”, ou seja, era mister converter não apenas Candida, mas também a tia desta e suas irmãs.

Exploraremos mais detidamente as questões relacionadas à conversão e ao embate com o catolicismo no próximo capítulo, por hora cabe afirmar que a maior parte do romance de Mrs. Wardlaw gira em torno dessas duas temáticas que caminham de mãos dadas, sendo a necessidade de conversão ao protestantismo explicitada pelo comportamento, quase sempre, deplorável dos católicos brasileiros.

Tia Theresa, apesar de toda a devoção maternal direcionada à Candida, tem suas crenças religiosas apontadas pela narrativa do romance como destituídas de racionalidade e marcadas por credices. Suas concepções religiosas são apresentadas na discussão levada a cabo com Augusto, mencionada por nós no capítulo anterior, em que o jovem recém-converso contesta as diversas crenças da tia de sua esposa, como: procissões; confissões; vésperas; vestes

²⁰⁵ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. p. 263. “Ela pertence a várias sociedades, é uma filha de Maria e eu não sei o que mais. Os padres dão-lhe um lugar de destaque e ela é profundamente engajada no trabalho religioso.” (Tradução livre).

sacerdotais dos padres; imagens dos santos; rosários; velas; incensos; dias santos; festas; extrema unção; e doutrina do purgatório. Todo esse elenco de práticas e crenças é considerado por Augusto (e por Mary Wardlaw) como várias externalidades que afastavam o cristão do que deveria ser seu real foco, a saber: “*Jesus and him crucified*”²⁰⁶.

Não obstante, diante do tom desafiador e confiante do jovem, a velha não se deixa convencer, apontando na tradição um argumento muito caro à manutenção de sua fé:

*“Boy,” said the old woman, solemnly, “do you think I am afraid of anything you say? You are all children together, you and your minister, with your wives and babies; yes, and this black angel thrown in. Tell me about someone nearer my age who has been caught by this pretty talk, and I may listen.”*²⁰⁷

Dessa forma, uma crença cujos seguidores fossem constituídos apenas por pessoas jovens não merecia crédito, na medida em que a real sabedoria emanaria dos mais velhos, nascidos na Igreja Católica; caso algum destes fosse convencido pela pregação protestante, talvez Theresa lhe desse atenção. Logicamente, a argumentação da idosa é suplantada por uma resposta à altura do esposo de Candida, que apresenta vários exemplos de prosélitos na comunidade de Mr. Cary já em idade avançada.

Mrs. Wardlaw confere à Theresa uma série de crenças que aos olhos dos leitores estadunidenses protestantes soariam engraçadas e seriam provas de tremenda ignorância, por exemplo, a ideia de que sempre se deveria dar água a uma criança caso ela pedisse, pois do contrário o anjo da guarda do infante poderia ir à busca de água, cair em um poço e se afogar.

Em outro ponto da estória, as netas gêmeas de Theresa (Cosmo se casara com a prima Joanna) encontram-se doentes com cólicas terríveis e Candida, influenciada pelos ensinamentos adquiridos com um médico (Dr. Hippolyto) quando sua filha Estrella estivera enferma, administra alguns cuidados às sobrinhas contestando as tradicionais formas de tratamento difundidas pela população local, em especial o chá de baratas que comadre Isabel Ferreira tentara administrar às crianças:

²⁰⁶ Ibidem, p. 94.

²⁰⁷ Ibidem, p. 96. “‘Garoto’, disse a velha, solenemente, ‘você acha que eu tenho medo de qualquer uma dessas coisas que você diz? Todos vocês são apenas crianças. Você e seu ministro, com as vossas esposas e bebês. Sim, e este anjo negro também. Fale-me sobre alguém perto da minha idade que foi convencido por essa bela conversa e eu lhe darei atenção’.” (Tradução livre). O anjo negro a quem Theresa se refere é Florinda.

“Do you know, Aunt Theresa,” said her daughter-in-law, in a voice quivering with indignation, “would you believe it? Dona Isabel wanted me to give the babies Cockroach tea?”

*“And an excellent remedy in its place, my child. Cockroaches roasted and steeped have saved many a life, if all they say is true. But the patient must never know the nature of the decoction, or the charm is broken. — And Candida, there may be something in what your doctor says. Certainly, the way he pulled Augusto through was all but miraculous. (...) But tell me the truth, Candida,” continued the old woman, lifting her eyes suddenly from her cup of black coffee, and fastening them keenly upon her niece sitting opposite, “would you follow Dr. Hippolyto so very, very strictly if the fashion were not set you by your great friend, Senhora Car-ree?”*²⁰⁸

Por mais que, aparentemente, não haja correlação clara entre a crítica às práticas de cuidados às crianças doentes e a religião católica, no cerne do raciocínio protestante de Mary Wardlaw, essa simbiose é bastante nítida, no momento em que seguir conselhos de Dr. Hippolyto em detrimento dos chás de comadre Isabel é visto por tia Theresa como uma moda ditada por Mrs. Cary, a missionária protestante. Na verdade, é justamente o obscurantismo causado pelo catolicismo que aprisionaria as pessoas e as fazia ignorantes e crentes em ditames absurdos. Em 1890, o Reverendo De Lacey Wardlaw, explicitamente faria tal correlação no periódico “Libertador”:

E que nos legou a antiga religião do Estado depois de mais de trezentos anos de domínio eclesiástico; depois de trezentos anos de monopólio no ensino religioso; depois de ter recebido bilhões de dinheiro do estado? Como comparar com a Grande Republica, este paiz que gozou do privilegio da união com a Igreja Romana? A antiga Igreja do Estado nos legou a ignorância, uma pessoa fora de dez sabe ler e escrever. A antiga Igreja do Estado deixou o povo sem moralidade.²⁰⁹

Ignorância, analfabetismo e amoralidade seriam frutos da colonização católica do Brasil e da união entre a Igreja Católica e o Estado Imperial após a independência, o que tornava tal país incomparável com a “Grande República” norte-americana, mas a solução para tal desastre também se fazia presente nos escritos missionários, fossem eles romances, como o da Sra.

²⁰⁸ Ibidem, pp. 149-150. “‘Você sabia, tia Theresa’, disse a nora, com a voz trêmula de indignação. ‘Você acredita nisso? Dona Isabel queria dar aos bebês chá de barata?’. ‘E é um excelente remédio neste lugar, minha criança. Baratas torradas e embebidas têm salvado muitas vidas, se é verdade o que todos dizem. Mas, o paciente nunca deve saber a natureza da decocção ou o encanto é quebrado. E, Candida, pode haver algo de verdade no que o seu médico diz. Certamente, o modo como ele curou Augusto foi milagroso. (...) Mas, diga-me a verdade, Candida’, continuou a velha levantando os olhos de repente de sua xícara de café preto e fixando-os intensamente sobre sua sobrinha sentada à sua frente, ‘você seguir o Dr. Hippolyto tão, tão estritamente foi uma moda definida por sua grande amiga, a Senhora Car-ree?’” (Tradução livre).

²⁰⁹ Jornal “Libertador”. Fortaleza, 10 de maio de 1890. Seção “Tribuna do Povo”. Coluna “Notas Religiosas” de autoria do Reverendo De Lacey Wardlaw.

Wardlaw, fossem pregações em periódicos locais, como as do Reverendo Wardlaw, que, em outra ocasião, usa como exemplo o povo nativo-americano Choctaw:

A tribo choctaw, indígena dos Estados Unidos, é hoje presidida por um dos seus filhos, índio de sangue puro, nascido pagão, que foi ordenado ministro do Evangelho pela igreja presbiteriana, há vinte e tantos annos.

(...)

Estes missionários que educavam e civilisavam os selvagens da America do Norte são Protestantes e casados.²¹⁰

Assim, os brasileiros eram vistos por tais missionários como semelhantes aos Choctaws, isto é, nascidos pagãos que careciam da ação missionária protestante. No caso brasileiro, há uma vinculação da devoção aos santos enquanto paganismo da população, o que é abordado na obra de Mrs. Wardlaw como fator de grande apego por parte das familiares de Candida.

A presença em uma territorialidade cujo protestantismo era uma religião minoritária, somada à busca pela conversão dos habitantes de tal território, fazia com que os missionários protestantes reforçassem sua distinção diante dos demais indivíduos. Grande parte dos sinais que eram vinculados à Igreja Católica era fortemente rechaçada, geralmente em um tom polemista quando em debate com os católicos brasileiros, havendo uma persistência no uso de termos que tinham um sentido pejorativo, como: “papismo”; “papistas”; “romanistas”; “igreja de Roma”; “marioltras”.

A devoção aos santos foi um dos aspectos mais condenados por parte de tais missionários, embora esta reprovação não tenha sido criação dos missionários oitocentistas, tendo raízes nas origens da reforma com Ulrich Zwinglio. Conforme Roger Olson, em Zurique, Berna e Basileia de 1530:

Quase todos os vestígios do catolicismo romano desapareceram. As igrejas perderam suas estátuas e os ministros mudaram suas vestes (...) A veneração aos santos e a Maria foi proibida, da mesma forma que as indulgências, as orações pelos mortos (Zuínglio negava o purgatório) e muitas outras práticas católicas tradicionais.

(...) Alguém se referiu às igrejas reformadas suíças como “quatro paredes limpas e um sermão”.²¹¹

²¹⁰ Jornal “Libertador”. Fortaleza, 30 de outubro de 1886. Seção “Tribuna do Povo”. Coluna “Notas Religiosas” de autoria do Reverendo De Lacey Wardlaw.

²¹¹ OLSON, Roger. *História da teologia cristã: 2.000 anos de tradição e reformas*. Tradução de Gordon Chow. São Paulo: Editora Vida, 2001. pp. 409-410.

O mesmo autor aponta que, um século depois, na Inglaterra, um movimento similar foi levado a cabo pelos puritanos que reprovavam um suposto “papismo” presente na Igreja Anglicana, de modo que “A maioria [dos puritanos] considerava que as vestimentas sacerdotais, o incenso, os altares-mores, as genuflexões e as imagens das igrejas eram símbolos perniciosos que representavam tendências antibíblicas e católicas”²¹².

Passados mais de duzentos anos das primeiras reações puritanas às práticas anglicanas, os missionários protestantes em terras brasileiras vão tornar a temática da veneração aos santos e uso de imagens um dos principais erros religiosos católicos. Daí compreende-se a radical iconoclastia da trama de *Candida*, o que fica evidente no episódio em que Tia Theresa, tendo suas concepções religiosas católicas derrubadas paulatinamente, finalmente opta por abjurar de sua religião de nascimento e a forma usada pela personagem para demonstrar isso é ordenando que Florinda lançasse todas as suas imagens de santos em uma fogueira diante de uma alegre *Candida* e uma estupefata Glória que em desespero tentara inutilmente impedir aquilo que considerava “*a mortal sin*”²¹³.

Theresa já estava muito doente quando optou pela nova fé e o fato de sua sobrinha protestante ter ido morar em seu lar após a ida de Augusto para a região amazônica em muito contribuiu para sua “*emergence from the bondage of Rome*” pouco antes de falecer, tendo sido fundamental para isso a observação do comportamento louvável e piedoso de *Candida* e das leituras secretas da Bíblia que passou a fazer.

As conversões de Christina e Joanna ao protestantismo precederam a de tia Theresa. Ambas as irmãs se reaproximam de *Candida* a partir dos encontros com o pequeno Timotheo no Passeio Público, quando das idas de Florinda ao local com a criança. O encantamento pelo sobrinho se transforma em sofrimento no momento em que a criança adoece e fatalmente morre, unindo novamente as irmãs que deixam as diferenças religiosas de lado. Poucos capítulos depois a comunidade protestante dos Carys ganharia mais duas partícipes: Christina e Joanna.

No entanto, a mera profissão de fé não significava uma imediata mudança de todos os comportamentos adquiridos por toda uma vida e Mrs. Wardlaw tenta deixar isso claro aos seus leitores ao mostrar uma Christina reticente quanto ao abandono de sua devoção à Virgem:

²¹² Ibidem, p. 508.

²¹³ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. p. 212.

Christina told Mrs. Cary afterwards of one night, about a month before their reception into the church, when there was a religious festa in honor of the Virgin. It was Candelaria day, and never before had she failed to have her candle lighted in the window when the procession passed.

*“For one weak moment,” she said, “I yielded to temptation. (...) I lighted, yes, I actually lighted my candle. Then I dashed it to the ground, and ran to my room, and cried. I had loved the Virgin, and I felt that she must be so grieved at my disloyalty.”*²¹⁴

Apesar disso, a transformação de Christina em uma exemplar protestante se consolidaria, assim como a de sua irmã caçula, Joanna. Mary Hoge encerra a trajetória de Christina em estado de solteirice, como uma pessoa deveras altruísta; enquanto Joanna tem seus passos finalizados enquanto uma boa esposa para seu marido Cosmo e uma dedicada mãe de seus três filhos: Trifena, Trifosa e Elifaz.

Se o proselitismo de Theresa demonstrou certa resistência e o de Christina e Joanna somente a princípio foi problemático, a conversão de Maria da Glória demonstrou-se extremamente difícil. Grande parte da segunda metade do romance tem como dinâmica primordial a luta pela alma de Glória, que se apresenta repetidamente como uma católica quase irredutível.

Conforme já informado, logo após o casamento de Candida, a mais velha das irmãs Lima migraria para a cidade de Belém, na Província do Pará. Nessa nova cidade, casar-se-ia com um inglês chamado George Lewis Barton e de tal casamento daria luz a um filho, contudo a criança, com apenas três dias de vida, faleceria. A informação a respeito da morte do filho de Glória é dada ao leitor no capítulo XV através de uma carta enviada à Christina, na qual a irmã mais velha também comunica seu retorno ao Ceará, pois George a abandonara sem deixar rastros.

A dor desencadeada pela morte da criança, somada ao abandono do marido, contribui para a percepção de Glória como uma mulher extremamente amargurada e repleta de rancores, que são direcionados à Candida, pois Glória encontra em seu retorno à Fortaleza toda a família conversa ao protestantismo, ou em fase de conversão, atribuindo tais mudanças à ação da irmã.

Mary Hoge nos revela o misto de todos esses sentimentos em Glória em um diálogo realizado logo após seu retorno ao Ceará e desenvolvido com sua irmã protestante, no qual a irmã mais velha discorre acerca de seu falecido filho:

²¹⁴ Ibidem, pp. 126-127. “Christina disse a Sra. Cary certa noite, [sobre algo que ocorrera] cerca de um mês antes de ser recebida na Igreja, quando houve uma festa religiosa em honra à Virgem. Era o dia da Candelária, e nunca antes ela tinha deixado de acender sua vela na janela quando a procissão passava. ‘Em um momento de fraqueza’, disse ela, ‘Eu cedi à tentação. Eu acendi; sim, eu acendi minha vela. Então, a joguei no chão e corri para o meu quarto e chorei. Eu amava a Virgem e sentia que ela devia estar triste com minha deslealdade’.” (Tradução livre).

*“And Joanna has twin girls, the black girl says. Three girls to struggle with a deceitful world! Our boys showed more judgment — didn't they, Candida? — in preferring heaven. I never was gladder of anything than when I saw that tiny blue coffin carried out of my room.” She did not seem to notice Candida's shocked, pained expression, and continued, in the same listless tones, “He'll never grow up to lie, to cheat, to break a woman's heart. Your black girl told me about your little boy. Even if mine had lived to be like that, I should never have known a moment's peace. I should have expected from hour to hour to see my angel develop into a demon. Ah! You shake your head. And, of course, you would have had no reason to feel like me. I hear your husband is a pearl — the one exception!”*²¹⁵

As palavras de Glória remexem a dor de Candida pela morte de seu filho (Timotheo), pois a irmã mais velha considera que todos os homens – com raras exceções, por exemplo, Augusto – tendem fatalmente a mentir, enganar e partir os corações femininos, de modo que a morte dos garotos, tanto o dela quanto o de Candida, seria algo positivo, ao mesmo tempo em que as filhas de Joanna teriam de lutar contra um mundo formado por homens enganadores, semelhantes a George Barton.

Glória demonstra uma inveja crescente tanto do aumento da influência que Candida passa a ter para com a tia e as outras irmãs quanto do relacionamento repleto de amor e companheirismo que percebia existir na união matrimonial de sua irmã com Augusto.

Além disso, a primogênita também expressava suas convicções a respeito dos protestantes frequentemente, percebendo-os como hereges passíveis da ira divina. Um exemplo disso se dá quando ela toma conhecimento da morte de Hilário, um dos membros da comunidade protestante de Mr. Cary; Hilário ficara muito ferido quando do desabamento de um dos galpões da empresa *H-Works*, vindo a falecer na Santa Casa de Misericórdia e de tal episódio, como ele fora a única vítima, Glória deduziu tratar-se de um castigo de Deus em decorrência de sua apostasia ao catolicismo.

Tal raciocínio bem poderia alinhar-se às palavras de Dom Joaquim José Vieira, Bispo do Ceará quando da chegada dos missionários presbiterianos Lacy e Mary Wardlaw à cidade de

²¹⁵ Ibidem, p. 172. “E Joanna tem gêmeas, as meninas pretas, dizem. Três meninas que terão de lutar com um mundo enganador. Nossos meninos demonstraram mais juízo! Não foi, Candida? Preferiram o céu. Eu nunca fiquei mais alegre do que quando eu vi o pequeno caixão azul saindo do meu quarto’. Ela não parecia ter notado a expressão de dor de Candida, e continuou no mesmo tom apático: ‘Ele nunca crescerá para mentir, enganar e para partir o coração de uma mulher. Sua garota negra me contou sobre o seu pequenino. Se o meu filho tivesse se tornado isso, eu poderia nunca ter um momento de paz. Eu não precisei ver a hora em que meu anjo se tornaria um demônio. Ah! você balança a cabeça. É, claro, você não tem motivos para sentir o que eu sinto, pois, segundo eu ouço, o seu marido é uma pérola – a única exceção’.” (Tradução livre).

Fortaleza, que em carta pastoral datada de 25 de março de 1886 assim se referiria aos protestantes:

Para mais aumentar-se a indiferença religiosa, aparecem entre nós emissários do protestantismo, religião fundada por Martinho Lutero, frade apostata, que levou os seus desvarios ao ponto de negar o livre arbítrio.

Para fazerem essa propaganda, cujo fim é mais político que religioso, os seus emissários, à laia dos mercadores de gêneros falsificados, vendem e distribuem grátis uma bíblia mutilada.²¹⁶

As palavras da maior autoridade eclesiástica da Província do Ceará transcritas acima foram, dias depois, em 10 de abril, republicadas na coluna assinada pelo próprio Reverendo De Lacey Wardlaw no jornal “Libertador” com o fim de contra-argumentar as inferências à distribuição de Bíblias “mutiladas” pela missão protestante que dirigia.

Quinze anos depois, Mary Wardlaw atribuiria à Glória características de uma personagem extremamente católica e deveras vinculada ao clero cearense, que, provavelmente, levaria bastante a sério as cartas pastorais do bispo.

No vigésimo capítulo, Mary Wardlaw descreve as atividades religiosas de Glória durante o mês da páscoa: assistira todas as missas na capela do Seminário da Prainha; participara da Procissão dos Sete Passos; chorara ao ver a imagem do Salvador; jejuara até meio-dia na sexta-feira santa; vestira-se de preto; visitara todas as igrejas da cidade; fizera suas orações à Virgem por todo o mês duas vezes ao dia, ao amanhecer e ao entardecer; mas apesar de tudo isso “*her temper was not improved thereby. She had made several very sharp speeches to Candida*”²¹⁷.

Candida não se deixa abalar pelos ataques verbais corriqueiramente lançados por Glória, especialmente dirigidos à sua nova fé, mesmo conhecedora de um segredo a respeito de George Barton: Augusto fora enganado por um estrangeiro com quem fizera sociedade na região amazônica, tendo esse estrangeiro partido levando todo o dinheiro investido pelo marido de Candida, e, através das informações enviadas na correspondência a sua esposa, a protagonista do romance descobre que tal estrangeiro era o cunhado que abandonara a irmã. Esse segredo é

²¹⁶ 4ª Carta Pastoral do 2º Bispo do Ceará, Dom Joaquim José Vieira. 25 de março de 1886. In. Cartas Pastorais de Dom Joaquim José Vieira, 2º Bispo do Ceará; e outros documentos. Biblioteca Padre Luiz Uchôa – Faculdade Católica do Ceará.

²¹⁷ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. p. 207. “Seu temperamento não melhorou. Ela fizera vários discursos bastante afiados para Candida”. (Tradução livre).

revelado à Glória por Theresa que não mais suportava o comportamento odioso de Glória para com Candida.

A relutância de Glória, porém é vencida aos poucos. Seu contato com os membros da igreja protestante de Fortaleza, tanto suas irmãs quanto a missionária (Mrs. Cary), fazem Maria da Glória mudar sua percepção a respeito da religião que tanto odiara até então, de modo que ocorre com Glória a inevitável conversão ao protestantismo. Quando utilizamos o termo “inevitável” o fazemos compactuando com a análise que Elter Maciel faz dos romances batistas brasileiros de meados do século XX que foram bastante influenciados por romances protestantes estadunidenses de décadas precedentes, em que a conversão é o centro do enredo:

Ora tratando da adesão de um “perdido”, de um “pagão”, de alguém que não conhecia o Evangelho, ora tratando das reconversões quando relacionadas com crentes “carnais” ou “frios”.

(...) A trama das novelas evangélicas é então limitada porque elaborada com intenção de fazer prosélitos, de converter um número cada vez maior de pessoas, o que reduz o enredo a quase um sermão.²¹⁸

Assim, os diálogos estabelecidos, primeiro, entre Glória e Candida e, posteriormente, entre Glória e Mrs. Cary constituem uma espécie de sermão elaborado por Mary Wardlaw, tornando o romance um púlpito literário em que mulheres protestantes esboçavam visões de mundo e concepções teológicas conforme demonstramos no capítulo anterior. No caso da conversão de Glória, Mrs. Wardlaw enfatizava que a salvação das almas não poderia ser encontrada na Igreja Católica, pois consoante a irmã mais velha de Candida:

My struggles, my fasting, my penance? (...) O the hours I have knelt upon the cold floor of that church! the prayers I have said to one saint after another! And all the time my soul was so hungry. (...)

(...) My heart is empty. If Christ has anything to give me, I will receive it. I don't push him away as I have done all these years. He is the stronger and I have given up. (...) my soul is faint, and Rome cannot satisfy it. I should know, if anybody, what Rome has to offer.²¹⁹

²¹⁸ MACIEL, Elter Dias. *O drama da conversão: análise da ficção batista*. Rio de Janeiro: CEDI, 1988. p. 51.

²¹⁹ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. pp. 296-297. “Minhas lutas, meu jejum, minha penitência? (...) Oh, as horas em que me ajoelhei no chão frio daquela igreja! As orações que eu fiz a um santo após o outro! E por todo esse tempo minha alma esteve com tanta fome. (...). Meu coração está vazio. Se Cristo tem algo a me dar, eu receberei. Eu não o repelirei como fiz por todos esses anos. Ele é mais forte, eu desisti de resistir. (...) minha alma está fraca, e Roma não pode satisfazê-la. Eu deveria saber, mais do que ninguém, o que Roma tem a oferecer”. (Tradução livre).

Finalmente a “alma faminta” e amargurada de Glória encontrara consolo. A narrativa que se segue sobre a principal católica (quase irredutível) do romance “Candida” e que se torna protestante consegue dar ao leitor a percepção de uma personalidade em aprimoramento, tal qual proposto por Benjamin Franklin. A grande seca de 1888 abatera de maneira avassaladora o Ceará, e Glória agora livre dos “*shackles of Rome*”²²⁰ dedicava-se intensamente à assistência aos pobres, demonstrando ser “*a Christian (...) a new and delightful being*”²²¹.

2.4: Mrs. Cary: Mrs. Wardlaw no espelho

Já é sabido, e, de certa maneira, nossa discussão também gira em torno de tal argumento, que diversas comunidades protestantes no decorrer da história possibilitaram meios de atuação eclesiástica às mulheres mesmo em um contexto de relações assimétricas de gênero.

Um dos espaços marcados pela forte atuação feminina nas comunidades presbiterianas norte-americanas de fins do século XIX e por todo o século XX foram os departamentos femininos das igrejas, denominados de “*Woman’s Auxiliary*”. As *Auxiliaries* tinham importante função no âmbito cotidiano presbiteriano e eram constituídas por uma estrutura administrativa – presidência, secretaria, tesouraria, etc. – totalmente formada por mulheres. Além disso, suas reuniões, inteiramente gerenciadas e dirigidas por suas integrantes, iam desde pequenos encontros devocionais com orações, preleções e entoação de cânticos até grandes eventos com finalidade de arrecadação de fundos para algum grande projeto da Igreja Presbiteriana, tanto nos Estados Unidos quanto em algum campo missionário do exterior.

No dia 15 de maio de 1925, uma dessas *Woman’s Auxiliary* realizou um grande evento na cidade de Miami. Tratava-se da *Woman’s Auxiliary* da *Westminster Presbyterian Church* que se reuniu para o seu aniversário anual. Naquele ano, a temática do aniversário foi uma “*Brazilian ‘Festa’*”²²² e o principal objetivo da atividade destinava-se à arrecadação de fundos para a Escola Charlotte Kemper²²³ instalada na cidade brasileira de Lavras, em Minas

²²⁰ Ibidem, p. 314.

²²¹ Ibidem.

²²² “*Presbyterian Standard*”. Charlotte, N. C.: June 03, 1925. p. 02.

²²³ Charlotte Kemper (1837-1927) foi uma missionária da Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos enviada ao Brasil em 1882. Destacou-se na área educacional, lecionando inicialmente no Colégio Internacional de Campinas e, anos depois, na cidade de Lavras (Minas Gerais), quando da transferência do Colégio Internacional para aquela

Gerais. O verde e amarelo foram as cores principais utilizadas na decoração da capela através de bandeiras e plantas; cadeiras e sofás de vime completavam a ambientação.

Várias foram as atividades daquele dia: a grande fantasia de Louis Gottschalk sobre o hino nacional brasileiro foi tocada; hinos religiosos foram entoados; em homenagem à Miss Kemper, cantou-se “*Maryland, My Maryland*” (espécie de hino confederado e atual hino do Estado de Maryland); e música brasileira foi tocada ao piano. Ademais, um dos membros daquela Associação ganhou certo destaque naquele evento, tratava-se de Mrs. Mary Hoge Wardlaw. Desde que se mudara com o esposo para Miami no início da década de 1920, Mrs. Wardlaw fora uma assídua partícipe das atividades da comunidade presbiteriana local.

Assim, naquele evento dedicado à causa da missão presbiteriana no Brasil, Mrs. Wardlaw desempenhou algumas funções especiais: recitou o Salmo 23 em português e encenou um solilóquio, no qual interpretou Miss Charlotte Kemper. A atividade também contou com a participação de duas das filhas da septuagenária Mary Hoge: Blanche Webb e Mary Louise Adamson. Por fim, uma homenagem das companheiras de Mrs. Wardlaw lhe foi prestada:

*A fitting tribute was paid on this occasion to Mrs. DeLacy Wardlaw for her consecrated and untiring service of 21 years in Brazil, representing the women of this church, and all our churches, and to show her a small part of the esteem in which she is held here, and appreciation felt of her life, influence, and loving service in this church, by presenting her with a watch to grace her wrist and a purse of gold coins.*²²⁴

Passadas mais de duas décadas desde que retornara aos Estados Unidos, a atuação como missionária no Brasil ainda fazia parte da vivência cotidiana de Mrs. Wardlaw. Apesar do evento daquele dia 15 de maio ter se voltado a prestar homenagens e auxiliar outra missionária que ainda trabalhava no Brasil, é inegável que a *Woman's Auxiliary* de Miami utilizou-se daquele momento para destacar a figura de uma de suas correligionárias que por tanto tempo também se dedicara àquela nação. Uma imagem a respeito de Mrs. Wardlaw fora construída pela

cidade. Em 1908, a escola de moças, administrada pela Igreja Presbiteriana em Lavras, foi rebatizada com o nome de Colégio Carlota Kemper, tendo um novo prédio inaugurado em 1927, após receber auxílio pecuniário enviado por várias sociedades femininas norte-americanas. Para uma breve biografia de Miss Charlotte Kemper com informações sobre a Escola de Lavras, Cf. MATOS, Alderi Souza de. Op. cit. pp. 207-211.

²²⁴ ‘*Presbyterian Standard*’. Charlotte, N. C.: June 03, 1925. p. 02. “Na ocasião, foi oferecida uma digna homenagem à Sra. DeLacy Wardlaw por seu consagrado e incansável serviço de vinte e um anos no Brasil, representando as mulheres desta igreja e de todas as nossas igrejas; e para mostrar-lhe uma pequena parte da estima que ela tem aqui e o apreço que sentem por sua vida, influência e serviço amoroso nessa igreja, foi lhe presenteado um relógio de pulso e uma bolsa para moedas.” (Tradução Livre).

comunidade eclesiástica da qual agora fazia parte, marcada por um discurso de serviço piedoso e dedicado.

Provavelmente a construção da Mary Wardlaw missionária se dera por diversos meios: os relatos pessoais da própria Mrs. Wardlaw à seus pares; seus *reports* enviados aos Estados Unidos quando ainda estava no Brasil; a perspectiva de suas filhas e marido sobre seu trabalho, mas há também em todo esse espectro a construção que Mrs. Wardlaw fez de si mesma. Infelizmente, não há uma autobiografia de Mary Wardlaw para que pudéssemos nos aprofundar nas representações acerca de si por parte dessa missionária, porém, em seu romance publicado em 1902, é possível perscrutar uma Mrs. Wardlaw vista no espelho através da sua missionária fictícia: Mrs. Cary.

Logicamente, e novamente para nosso grande infortúnio, Mrs. Cary não se trata de Mrs. Wardlaw. Não é possível tomar a personagem do romance e dar-lhe o estatuto de reflexo idêntico daquela que lhe produziu, isto é, sua autora. O leitor pode supor que nos contradizemos, pois, logo após apresentarmos a missionária Cary (personagem) como reflexo da missionária Wardlaw (autora), parecemos voltar atrás ao afirmarmos o contrário. Talvez, a melhor metáfora para compreender o que desejamos apontar seja a ideia do espelho paulino presente na primeira carta aos Coríntios, na qual se lê a respeito da perspectiva cristã no mundo sobre o divino “Porque agora vemos por espelho em enigma” (I Coríntios 13:12). Ora, o que se compreendia por espelho no século I nada mais era que uma placa de metal caprichosamente polida que possibilitava a emissão de um reflexo, mas que dava àquele que lhe observava uma percepção incompleta, turva, enigmática.

Assim, apesar de utilizarmos o termo “espelho”, a missionária do romance não se constitui o retrato da missionária “real”, mas contém em alguns momentos da trama características pelas quais a autora percebia a si mesma, tratando-se de uma representação retrospectiva e mediada por repertórios cultural e historicamente construídos que por vezes é idealizada e nem sempre muito nítida, tal qual um reflexo em metal polido.

O romance de Mrs. Wardlaw, como obra de arte, não pode ser encarado como reflexo da realidade, pois, conforme destaca Raymond Williams²²⁵, a arte passa por diversos fatores de mediação até chegar ao seu produto. Dessa forma, a autora não poderia de maneira alguma

²²⁵ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979. p. 99.

“refletir” o real, de modo que ele está muito mais para uma construção realizada a partir de uma série de mediações pautadas pelos repertórios culturais dos sujeitos.

Por tratar-se de um romance, mesmo que um romance missionário-protestante, “Candida” também subverte a vida na medida em que:

É certo que o romance se distingue de todos os outros gêneros literários, e talvez de todas as outras artes, por sua aptidão não para produzir realidade, como nos acostumamos a pensar, mas para subverter a vida para lhe recriar incessantemente novas condições e redistribuir seus elementos.²²⁶

Temos, então, na missionária do romance, não a produção de uma “realidade” que foi, mas de uma recriação da missionária autora. Por outro lado, imbuída do desejo de dotar seu escrito de legitimidade enquanto um trabalho inspirador à obra missionária, Mary Hoge afirma em seu prefácio que os missionários presentes na ficção não são “*characters*”, ou seja, seriam os próprios Wardlaws, tendo sido feito um esforço para que “*Mr. and Mrs. Cary speak and act like missionaries, but no special missionaries*”²²⁷.

Apesar disso, Mrs. Cary em diversos momentos constitui-se como uma idealização de si feita por Mrs. Wardlaw e, por tal razão, não é a personagem central da estória, o que é perceptível até mesmo no modo como sempre é apresentada, isto é, pelo seu sobrenome de casada, o que a torna diferente da maioria das figuras, pois a estrangeira, juntamente com seu marido, são os únicos personagens recorrentes cujos prenomes não nos são revelados. Não obstante, e de modo concomitante, seu papel de coadjuvante tem extrema relevância na ficção.

Mary Wardlaw insere na obra seu *alter ego* idealizado de maneira gradual. Cronologicamente os missionários da ficção chegam à cidade de Fortaleza no mesmo ano que os Wardlaws o fizeram – 1882 – pois a autora nos informa que a estória começara em 1880 e que já havia se passado cerca de dois anos da primeira cena narrada.

No capítulo III, há uma alusão à presença dos protestantes estrangeiros na cidade, fato comunicado por Florinda à Candida. A pequena babá, em um de seus passeios com Timotheo no Passeio Público, relata à patroa o encontro com a filha dos protestantes, da mesma idade de Timotheo, que passeava com sua respectiva babá. Em determinado momento, alguns jovens surgem e abordam a cuidadora de Evangeline e fazem perguntas sobre os dentes e os pés da

²²⁶ ROBERT, Marthe. Op. cit. p. 30.

²²⁷ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. p. 6. “O Sr. e a Sra. Cary falassem e agissem como missionários, mas não como missionários fora do comum.” (Tradução livre).

criança, solicitando vê-los, pois acreditam que tais partes da “*little one of the married priest*”²²⁸ seriam monstruosas.

Logo, há uma primeira menção à existência da esposa do ministro protestante, já que ele seria o “*married priest*”. Mary Wardlaw insere no romance a alcunha pelo qual seu esposo foi tratado diversas vezes nos anos iniciais no Brasil: “padre casado”. Tal epíteto foi amplamente utilizado pelos opositores da missão protestante na cidade de Fortaleza, especialmente na imprensa local, sendo empregado geralmente de forma ameaçadora ou jocosa (trazido à tona, inclusive, em assuntos desvinculados da religião):

Mandem o seu *padre casado* para os Estados Unidos.²²⁹

O poder inseticida do café moído se comprova com o seguinte: As baratas ao sentirem o aroma milagroso do pó, irriçam os cabellos da barba, levam as mãos ás ventas e fogem horrorizadas como um irmão de S. Vicente ao pôr o olho no *padre casado*.²³⁰

Já no capítulo seguinte, a sugestão da existência da esposa de um “padre” toma forma em uma personagem que dialoga com o esposo acerca do jovem casal de protagonistas que haviam conhecido há pouco tempo. Porém, seguindo uma linha que aparenta buscar não dar destaque pessoal exacerbado aos missionários, a autora ainda não revela o nome dos estrangeiros. O diálogo do reverendo e sua esposa denota um tom de cooperação relacionada à missão, distribuindo as almas a serem alcançadas sob um parâmetro de gênero, assim, enquanto o ministro aplicaria seus esforços sobre Augusto, sua companheira se voltaria para a conversão de Candida:

“That is a fine fellow,” said the missionary, when he found himself alone with his wife. “If there were no one else, he alone would be worth coming to Brazil for. How he drinks in the truth!”

“Yes,” she replied. “He seems to be one of the prepared ones, like Nathaniel.”

“How did you get on,” he asked, “with his wife?”

“As a woman, very well. I like her. I think there is a great deal in her that only needs to be brought out. But as to religion, I saw that I must gain her confidence first. It seems to be a sore subject. So I forbore to speak of it.”

“Wasn’t that, a little bit cowardly?” asked he with a smile.

²²⁸ Ibidem, p. 64.

²²⁹ Jornal “Libertador”. Fortaleza, 06 de setembro de 1883. Destaque é nosso. Em tom semelhante, o romance traz o episódio de um serviço religioso protestante tumultuado em que várias pessoas gritavam do lado de fora da congregação “*married priest*” e um homem “*slightly under the influence of cachassa, growled audibly, “We don’t want you here; take yourself off!”*” In. WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. p. 88.

²³⁰ Jornal “Libertador”. Fortaleza, 28 de dezembro de 1886. Destaque nosso.

*“Oh! Do you think so? It would be cowardly if there were nothing else I could do for her. But it is a comfort in such a case just to ‘Take it to the Lord in prayer’.”*²³¹

A missionária demonstra neste diálogo que possui as características cristãs necessárias para a consecução de seu objetivo: (1) Conhecimento das Escrituras Sagradas, aplicando-as ao cotidiano no momento em que compara Augusto ao apóstolo Natanael; (2) Através do diálogo, percepção dos sentimentos relacionados à religião que assolavam Candida; (3) Conhecimento de que deveria agir de modo cauteloso, não tocando no tema doloroso, a fim de ganhar, primeiramente, a confiança de seu alvo; (4) Mesmo provocada pelo esposo por haver demonstrado uma suposta covardia, certa firmeza para conseguir apontar que podia fazer algo por Candida, especialmente orar, citando, em seguida, o último verso de uma famosa canção do hinário protestante estadunidense *“What a friend we have in Jesus”*.

Mrs. Wardlaw gradativamente, além de trazer ao leitor o conhecimento de seus missionários ficcionais, reveste a esposa do reverendo de traços que permitem notar nela algo além de um mero *“appendages to the serving (...) male missionary”*²³². Quando da publicação de *“Candida”*, os *Boards* missionários já possuíam plena noção da relevância das mulheres para as atividades no campo missionário, tanto como principais financiadoras quanto no que dizia respeito à ação prática como missionárias. No entanto, muita ênfase se dava às atividades desenvolvidas pelas missionárias solteiras no âmbito educacional, médico e assistencial, relegando muitas vezes às missionárias casadas apenas um suposto papel de auxiliadoras domésticas dos esposos no cuidado do lar e das crianças, o que de fato não correspondia à realidade, já que as esposas dos missionários também eram missionárias e possuíam atribuições ministeriais relacionadas à missão.

A historiadora Mary Cayton, ao analisar a biografia da missionária Harriet Atwood Neweell, esposa do Reverendo Samuel Neweell (casal que realizou trabalho missionário na Índia nas primeiras décadas do século XIX), aponta que a trajetória da missionária casada Mrs.

²³¹ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. pp. 76-77. “‘Esse é um bom sujeito’, disse o missionário quando se viu sozinho com sua esposa. ‘Se não houvesse mais ninguém, só ele teria feito valer a pena ter vindo ao Brasil. Como ele bebe na verdade!’ ‘Sim!’, respondeu ela. ‘Ele parece ser um dos mais preparados, como Natanael’. ‘O que você conseguiu’, perguntou ele, ‘com a esposa dele?’ ‘Como mulher, muito bem. Eu gosto dela. Eu acho que há muita coisa nela que necessita apenas ser externada. Mas, quanto à religião, vi que tenho que ganhar a confiança dela primeiro. Parece ser um assunto doloroso. Então, abster-me de falar sobre isso’. ‘Isso não foi um pouco covarde?’, perguntou ele com um sorriso. ‘Oh! você acha? Seria covarde se não houvesse mais nada que eu pudesse fazer por ela. Mas, é um conforto nesse caso saber que posso ‘Levá-la ao Senhor em oração’.” (Tradução livre).

²³² SINGH, Maina Chawla. Op. cit. p. 78.

Neweell serviu de base para o crescimento dos periódicos missionários nos Estados Unidos na medida em que suas memórias biográficas *post-mortem* foram publicadas na imprensa norte-americana em várias partes e forjaram dentre o público a imagem das missionárias estadunidenses como “heroínas culturais”:

*The emergence of a evangelical culture that had missionary endeavor at its heart and was developed discursively through print; the role of that evangelical print culture in capturing the imaginations of women who thereby could envision women as cultural heroines.*²³³

Assim, Mary Wardlaw postulava também sua personagem, uma missionária casada, como uma “heroína cultural” que deixara sua terra natal, adentrara em uma zona de encontros culturais e enfrentava os desafios apresentados na missão de proselitismo das mulheres com quem travaria contato; isto é, ela tinha um papel mais incisivo do que a de mero apêndice do Reverendo Cary.

Na década de 1880, o esposo de Mary Wardlaw – Reverendo De Lacey Wardlaw – ao mesmo tempo em que administrava a Igreja Presbiteriana de Fortaleza, também realizava constantes viagens a fim de dar suporte a duas outras congregações que fundara, uma no interior do Ceará, em Baturité, e outra em Mossoró, na Província do Rio Grande do Norte. Esse aspecto não foi silenciado no romance de Mrs. Wardlaw, porém, ao invés de abordar a ação do missionário-personagem Mr. Cary em tais localidades, a autora optou por apresentar ao leitor a ausência do missionário em Fortaleza.

Mãe de duas crianças ainda pequenas, nem sempre Mrs. Cary podia acompanhar o esposo, ficando, desse modo, a missão de Fortaleza sob seus cuidados, quando das ausências do reverendo. É nesse contexto que Mary Hoge apresenta o processo de conversão ao protestantismo da personagem mais resistente e fiel ao catolicismo de toda a trama – Glória – conforme apontado no tópico anterior:

“Have you read the Bible?” inquired Mrs. Cary.

²³³ CAYTON, Mary Kupiec. *Canonizing Harrie Newell: Women, the Evangelical Press, and the Foreign Mission Movement in New England, 1800-1840*. In. REEVES-ELLINGTON, Barbara & SKLAR, Kathryn Kish & SHEMA, Connie A. (Orgs.). Op. cit. pp. 69-70. “A emergência de uma cultura evangélica que tinha a empreitada missionária como seu coração foi desenvolvida discursivamente através da imprensa; O papel dessa cultura evangélica na imprensa foi a captura da imaginação das mulheres que, desse modo, poderiam encarar as mulheres como heroínas culturais.” (Tradução livre).

“I have shunned it like a deadly poison. I have gone out of the room when Candida was reading it. I have walked blocks out of my way to avoid passing this place — this accursed place, I called it — when your husband was preaching”.

“But you will listen now, will you not?” asked Mrs. Cary. “There is a promise in the Old Testament that is just made for you.”

With some curiosity Gloria listened while Mrs. Cary read, “Who is among you that feareth the Lord, that obeyeth the voice of his servant, that walketh in darkness and hath no light? Let him trust in the name of the Lord and stay upon his God.” Then, pointing to the succeeding verse, she asked, “Haven't you been walking all this time in the 'light of your own fire, and in the sparks that you have kindled'? And has it brought you anything but 'sorrow'?”

Gloria started. She thought of the burnt-out St. John's fires and the dreary ashes to which she had likened her heart. Was God guiding a hand to write therein a promise? Mrs. Cary continued, “Which was better, to walk in the light which you yourself have kindled, or in this darkness sent by God?”²³⁴

A este diálogo seguiu-se a efetivação da conversão de Glória, que aguardou apenas o retorno do Ministro protestante para realizar sua profissão de fé oficial durante o culto realizado no domingo.

Essa efetiva atuação de Mrs. Cary na romanceada missão protestante de Mary Wardlaw descortina elementos de um fenômeno que ganhou bastante vigor no fim do século XIX e que é um aspecto inextrincável ao que chamamos no capítulo anterior de protagonismo feminino presente através da escrita de romances protestantes.

Além de Glória, a ação de Mrs. Cary também seria fundamental para a conversão de outras duas personagens relevantes na trama: a protagonista Candida e tia Theresa, uma mulher de certa idade muito convicta de suas crenças católicas e de caráter resistente a mudanças. Em todos os casos, a estratégia de aproximação e construção de laços de amizade e confiança foi o aparato base para que a missionária pudesse apregoar suas crenças às brasileiras.

Dois grandes abalos emocionais da protagonista serviram de base para que a amizade com a missionária pudesse ser efetivada.

²³⁴ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. pp. 300-301. “‘Você já leu a Bíblia?’”, perguntou Sra. Cary. ‘Eu a tenho evitado como a um veneno mortal. Eu saí da sala quando Candida estava lendo. Eu mudava de caminho para evitar passar por aqui – esse maldito lugar, eu o chamava – quando seu marido estava pregando’. ‘Mas você vai ouvir agora, não vai?’, perguntou a Sra. Cary. ‘Há uma promessa no Antigo Testamento que foi feita para você’. Com certa curiosidade, Gloria ouviu enquanto a senhora Cary dizia: ‘Quem há entre vós que tema ao Senhor e ouça a voz do seu servo? Quando andar em trevas e não tiver luz nenhuma, confie no nome do Senhor e firme-se sobre o seu Deus’. Então, apontando para o verso seguinte, ela perguntou: ‘Você não tem andado todo esse tempo nas ‘labaredas do seu próprio fogo, e entre as faíscas que você acendeu?’ E o que te trouxeram além de ‘tristeza?’ Gloria se abriu. Ela pensou nas fogueiras de São João e nas cinzas sombrias à qual ela tinha comparado seu coração. A mão de Deus estaria escrevendo nelas uma promessa? Sra. Cary continuou: ‘O que é melhor, caminhar na luz que você mesma acendeu ou nesta escuridão enviada por Deus?’” (Tradução livre).

O primeiro deles era o sofrimento de Candida quanto ao distanciamento de suas irmãs após seu casamento, encontrando em Mrs. Cary palavras de consolo e orientação. Diante da impotência da jovem Candida, a missionária lhe ensina como orar a Deus pelas suas irmãs; já em sua casa Candida segue os conselhos de sua nova amiga e surpreende-se com o fato de pela primeira vez ter conseguido dirigir-se a Deus de maneira espontânea sem recitações decoradas.

O segundo grande abalo que liga de vez as personagens é a enfermidade que leva à morte Timotheo na medida em que constantemente Mrs. Cary se fazia presente na casa de Candida e mais uma vez suas palavras, com constantes (e exaustivas) citações de trechos bíblicos, serviram de consolo no momento do falecimento da criança. O suspiro final de Timotheo se deu sob o cântico entoado pela missionária a pedido da mãe do enfermo:

“Sing,” she whispered to Mrs. Cary, the mother instinct true to the last. “I believe he thinks we are in church.”

Mrs. Cary sang. The others joined in as they could, all except the two sisters, who viewed the scene with wonder.

*Vou viajando, sim,
Vou para o céu.*

they sang. From time to time a voice dropped out, until Mrs. Cary was left alone. By one of love’s strange contradictions, it was the thought of Evangeline, warm and rosy in her cot at home, that gave her strength to continue. There was almost a smile upon Timotheo’s lips. His lids dropped lower.

*“There, too, I soon shall rest.
Heaven is my home.”*

A sigh of content exhaled from his lips —heaven had become Timotheo’s home.²³⁵

Mrs. Cary é uma missionária modelar, pois, além do vasto conhecimento das escrituras sagradas, da habilidade no trato interpessoal e do talento musical, ela possuía um atributo aparentemente muito caro à sua criadora: a empatia. Ante o sofrimento de outra mãe, ela, também mãe, imaginava sua filha naquela condição, o que lhe dotava de compaixão pelas pessoas que almejava levar à conversão.

Fazia parte das atribuições das missionárias casadas o cumprimento dos papéis matrimoniais a elas instituídos socialmente, dentre os quais se inseria o cuidado dos filhos. Na

²³⁵ Ibidem, p. 107. “‘Cante’, ela sussurrou à Sra. Cary, com o instinto de uma verdadeira mãe. ‘Eu acredito que ele pensa que estejamos na igreja’. A Sra. Cary cantou. Os outros se juntaram a ela como podiam, todos, exceto as duas irmãs, que viam a cena maravilhadas. ‘Vou viajando, sim / Vou para o céu’, eles cantaram. Pouco a pouco todos deixaram de cantar, exceto a Sra. Cary que continuou a cantar sozinha. Por uma das estranhas contradições do amor, era o pensamento em Evangeline, quente e rosada no berço em casa, que lhe deu forças para continuar. Havia quase um sorriso nos lábios de Timotheo. Suas pálpebras fecharam. ‘Lá, logo devo descansar. / O céu é a minha casa’. Um suspiro foi exalado de seus lábios – O céu havia se tornado o lar de Timotheo.” (Tradução livre).

ficção os Carys tinham duas filhas (Evangeline e Nellie), mas quem lhes tinha dado vida no papel tivera quatro filhas, todas nascidas no campo missionário. A dupla função mãe-missionária trazia desafios inclusive relacionados à sobrevivência na medida em que a mortalidade das missionárias casadas e de suas crianças nos diversos recantos do mundo era bastante alta, principalmente durante o parto, em complicações médicas decorrentes do nascimento dos filhos ou pelas diversas doenças ainda sem tratamento médico adequado, além disso, a mortalidade infantil era um elemento sempre presente.

Dos diversos exemplos²³⁶ que poderíamos dar a esse respeito, atemo-nos a um em especial, a morte prematura de Cynthia Kidder aos vinte e dois anos de idade. Cynthia era esposa do Reverendo Metodista Daniel Parish Kidder e seu falecimento, em 1840 no Rio de Janeiro, interrompeu o trabalho missionário de Kidder no Brasil, fazendo-o retornar aos Estados Unidos com os dois filhos. Conforme as palavras do missionário viúvo, esse “lutuoso acontecimento veio interromper bruscamente o curso das nossas atividades no Brasil. Vítima de cruel moléstia, nossa amada esposa em poucos dias baixou prematuramente à sepultura. Fora roubada ao exercício de uma atividade na qual se especializara cuidadosamente”²³⁷. O retorno à terra natal, então, fazia-se urgente, pois o pai desejava “poupar a vida de um menino ainda bem pequeno”²³⁸, isto é, um filho recém-nascido do casal, além do outro, primogênito, com menos de dois anos de idade.

Décadas depois, Mary Hoge Wardlaw expressaria angústia similar ao apontá-la presente nos pensamentos de Candida quando esta se viu diante da possibilidade de perder sua amiga norte-americana, Mrs. Cary, que caíra enferma: “*Women were cut off so suddenly*”²³⁹.

Logo, Candida tornar-se-ia bastante próxima da missionária, diferentemente de Theresa que, ao contrário, motivada pelos ciúmes, antipatizava com a amiga estrangeira da sobrinha. Porém, tal tipo de literatura proporciona uma inevitabilidade da conversão dos indivíduos mais próximos aos protagonistas, e tal também se deu à velha tia teimosa de Candida. Seguido à conversão de Theresa, inspirada pela nova vida da sobrinha, há a necessidade da

²³⁶ São exemplos de missionárias presbiterianas casadas que faleceram no Brasil: Helen Simonton, esposa do Reverendo Ashbel Simonton, que faleceu em 1864 aos 30 anos de idade devido a complicações no parto; Elizabeth Blackford, esposa do Reverendo Alexander Blackford, que faleceu em 1876 aos 57 anos de idade em decorrência de febre tifóide; Mary Waddell, esposa do Reverendo William Waddel, que faleceu em 1893 aos 27 anos de idade durante o parto.

²³⁷ KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de Viagens e Permanências nas Províncias do Norte do Brasil*: compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias. Tradução de Moacir N. Vasconcelos. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 1980. p. 237.

²³⁸ *Ibidem*, p. 238.

²³⁹ WARDLAW, Mary Hoge. *Op. cit.* p. 307.

confirmação diante dos Cary, o que se dá em uma visita doméstica, na qual a tia de Candida encontrava-se deveras debilitada em decorrência de uma enfermidade cardíaca. Quando da visita, Theresa revela ao Reverendo protestante os motivos que a levaram a abjurar do catolicismo e, em seguida, pede que a esposa do ministro lhe cante uma canção, a cena finalmente se encerra em tons emocionais, demonstrando novamente o espírito empático da missionária, pois: “*The four women were quietly weeping. The old woman, because God's love had melted the icy crust of her heart, Candida from mingled surprise and joy, and Mrs. Cary from sympathy with both*”²⁴⁰.

Assim, a missionária-personagem constituiu-se como o reflexo no espelho da missionária-autora, mas reflexo de um espelho paulino, eivado de sombras, adições e ausências; marcado pela liberdade literária que a escrita de um romance lhe permitia e pelas mediações culturais que possibilitaram a Mary Hoge moldar interpretações retrospectivas acerca de si mesmo e da missão que fizera parte alguns anos antes.

2.5: Estrella: O alvorecer de uma nação protestante

“*Her life was a adornment to the missionary enterprise and a shining light to all who knew her*”²⁴¹. Com tais palavras, o Reverendo Charles Fulton, secretário executivo do *Committee of Foreign Missions* da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, finalizava uma homenagem póstuma, publicada em julho de 1934, à Mary Hoge Wardlaw, que havia falecido cerca de três meses antes. Talvez por coincidência, ou talvez de maneira proposital, as palavras finais de Fulton sobre sua homenageada eram extremamente similares às últimas linhas do romance de Mrs. Wardlaw, quando a autora faz menção ao destino da pequena Estrella:

She is a star, — one that bids fair to shine the brighter, whatever clouds may gather. May it be her privilege (as it was that of her parents) to "turn many to righteousness." "Then, when her light is withdrawn from earth, she will "shine as the stars forever and ever". ²⁴²

²⁴⁰ Ibidem, p. 216. “As quatro mulheres começaram a chorar baixinho: a velha, porque o amor de Deus tinha derretido a crosta gelada de seu coração; Candida com a surpresa misturada com alegria; e a Sra. Cary pela simpatia que sentia por ambas”. (Tradução livre). A quarta mulher era Glória que acompanhava a cena.

²⁴¹ “*The Presbyterian Survey*”. Vol. 24. Nº 7. Richmond. July, 1934. p. 425. “Sua vida foi um adorno à empresa missionária e uma luz brilhante para todos os que a conheceram.” (Tradução livre).

²⁴² WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. p. 352. “Ela é uma estrela, – uma que brilha com grande intensidade, além das nuvens, cuja prerrogativa (como foi para os seus pais) será para ‘muitos ensinar a justiça’. Então, quando sua luz for retirada da terra, ela ‘brilhará como as estrelas para todo o sempre’.” (Tradução livre).

O paralelo entre a “*shining light*” de Fulton e o “*shine as the stars*” de Mary Wardlaw é no mínimo curioso. O ideário de levar o “brilho da luz” aos recantos mais obscuros do mundo não foi uma prerrogativa exclusiva dos *philosophes* oitocentistas, pois o cerne do trabalho dos missionários protestantes estadunidenses justificava-se nos mesmos termos, mas, ao invés de apregoarem uma iluminação através da racionalidade científica, esses missionários acreditavam serem os portadores da mensagem que tiraria as almas das trevas do que consideravam como falsas doutrinas e religiões, levando-as para o caminho correto, como no caso de Candida “*by a way she knew not*”.

Se por um lado Mary Wardlaw apresenta Candida enquanto uma representação dos brasileiros pelos quais o esforço missionário naquele momento deveria direcionar-se, por outro a esposa do reverendo Lacey Wardlaw viria forjar outra personagem que pode ser encarada como a idealização absoluta do projeto missionário protestante para um futuro Brasil e, porque não dizer, para as nações, naquele momento, de minoria protestante: essa personagem era Estrella.

Estrella é apresentada aos leitores do romance no décimo capítulo como a segunda filha de Candida e Augusto. Após a imensa tristeza causada pela morte do pequeno Timotheo, um novo filho surge como portador de felicidade e esperança para o jovem casal. Quando do nascimento de Estrella, Candida e Augusto já haviam passado pelo processo de conversão ao protestantismo, encontrando-se ambos numa busca dedicada ao cumprimento dos comportamentos inerentes à sua nova fé. A escolha do nome da criança por Candida mostra-se como uma espécie de confirmação do novo modo de ver o mundo da protagonista:

“Candida,” asked Joanna, a little later, “have you thought what you are going to call your baby? You know she brought the name of Mary of the Assumption.”
*“(...) Listen, girls. It has been dark so long; dark here.” She touched her brain. “And darker here;” she touched her heart. “And now the night has gone; Augusto is going to recover. As for my Timotheo,” a great sob rose in her throat, but she kept on with what she had to say, “he is with Jesus. I must only think of him as safe and happy. My dear sisters are given back to me. And we all love Jesus. Yes, I, too, at last; I know I love him. This wee one came as Heaven’s own messenger of light, I shall call her Estrella”.*²⁴³

²⁴³ Ibidem, p. 123. “‘Candida’, perguntou Joanna, um pouco mais tarde, ‘você já pensou como vai chamar seu bebê? Você sabe que ela deveria chamar-se Maria da Assunção’. (...) ‘Escutem meninas, houve trevas por muito tempo, trevas aqui’. Ela tocou na cabeça – ‘E mais ainda aqui’; ela tocou no coração. ‘E agora a noite se foi, Augusto está se recuperando. Quanto a meu Timotheo’, um grande soluço subiu até sua garganta, mas ela continuou a falar o que tinha a dizer, ‘ele está com Jesus. Ele está salvo e feliz. Minhas queridas irmãs estão comigo novamente. E todas nós amamos Jesus. Sim, eu também, finalmente, eu sei que O amo. Esta pequenina veio como a mensageira da luz do céu, eu vou chamá-la Estrella.’” (Tradução livre).

Dessa forma, ao invés de chamar a filha, nascida em 15 de agosto, de Maria da Assunção, seguindo a maneira usual entre os brasileiros, ou seja, com “*the name of the Saint upon whose Day it is Born*”²⁴⁴, Candida rompe com o costume católico e afirma a suas irmãs que aquela criança viera como uma mensageira da luz que iluminava seu novo modo de ver o sagrado, daí o nome Estrella.

Apesar dos vislumbres de dias menos sofríveis após o nascimento de Estrella, na realidade Candida passaria ainda, nos vinte e três capítulos subsequentes, por inúmeras situações difíceis: a partida do marido para o Amazonas; a morte de Tia Theresa; os conflitos com sua irmã Glória; a perseguição religiosa de habitantes da cidade; a morte de Augusto; as dificuldades impostas pela seca; problemas de saúde; e a necessidade de dar subsistência à filha na condição de mãe viúva.

De certa maneira, a percepção de Mary Wardlaw a respeito do protestantismo no Ceará foi personalizada em Estrella, ambos recém-nascidos, porém já tendo que enfrentar diversos problemas e desafios de sobrevivência. No entanto, e apesar das dificuldades, ambos vistos como o caminho que solucionaria as demandas daqueles que deles se aproximassem, na medida em que o protestantismo era percebido pelos missionários como único caminho religioso viável, sendo direcionada toda a trama do romance para essa conclusão.

Estrella surge como a esperança ante todos os empecilhos e angústias da vida de Candida. Devido a sua educação totalmente pautada em moldes protestantes, a filha de Candida mostra-se ao leitor como destituída de valores e práticas negativas que estariam presentes em outras crianças de sua idade, mas filhas de pais católicos.

Necessitando sustentar a si e sua filha, Candida, já viúva, passa a trabalhar como governanta de uma senhora chamada Lucretia que invejava os mimos feitos por seu esposo à Estrella e, quando tinha oportunidade, descontava seu descontentamento na filha da governanta.

Em determinado momento do romance Estrella brinca com os filhos dos patrões de sua mãe, Mariquinha, Anita e Pedro, e este último, em um lampejo de ira infantil grita “*Diabo*”, fazendo com que Estrella pare de brincar com as crianças e, ao ser questionada pelos colegas de brincadeira sobre o motivo de ter se retirado, ela diz: “*mother doesn't let me play with children*

²⁴⁴ Ibidem.

*that say that word*²⁴⁵. Ante tal situação, Pedro quebra uma das rosas de sua mãe e acusa Estrella como a autora do delito, fazendo com que Dona Lucretia tire satisfações com Candida, que prontamente defende sua filha, afirmando que “*Estrella is perfectly truthful*”²⁴⁶.

A pequena Estrella é portadora de um diferencial ante as outras crianças brasileiras, na medida em que se mostra totalmente obediente à sua mãe, não fazendo traquinagens, não contando mentiras, além de mostrar-se como uma criança extremamente cativante a quase todos os adultos que a rodeiam por conta de seu comportamento exemplar.

Aos olhos do leitor estadunidense protestante, a explicação para isso torna-se bastante simples, residindo no fato da mãe de Estrella ser uma protestante que ensinava cotidianamente à filha seu modo de vida religioso com o auxílio de Mrs. Cary. Por ter tido grande parte de seu trabalho missionário pautado na ação educativa, a autora de “Candida” enfatiza o elemento educacional como primordial, sendo o papel pedagógico da mãe no ambiente doméstico de extrema relevância. Cabe dizer que isso não constituía uma singularidade de Mary Wardlaw, na medida em que: “*By the late seventeenth and early eighteenth centuries Puritan women were responsible for catechizing their children and hence for reading the Bible in the home*”²⁴⁷.

Seguindo tal pressuposto, Mary Wardlaw constrói uma Candida já protestante deveras interessada em seu aperfeiçoamento intelectual, a fim de tornar-se professora de Estrella e, desse modo, ser responsável “*for the spiritual and academic nurturing of their children*”²⁴⁸. Assim, há uma ênfase no aperfeiçoamento do letramento de Estrella e de sua imersão nas atividades da igreja protestante durante os capítulos da obra:

*The care of Estrella was, of course, her mother's most absorbing occupation. She was very quick with her needle, knew her letters, and could repeat hymns and verses. (...) She had begun to go to Sunday-school, and enjoyed it even more than her walks to the Passeio Publico. (...) Estrella was in Mrs. Cary's class, and always sat between Evangeline and Nellie.*²⁴⁹

²⁴⁵ Ibidem, pp. 330-331.

²⁴⁶ Ibidem, p. 332.

²⁴⁷ DAMON-MOORE, Helen & KAESTLE, Carl F. Gender, advertising, and mass-circulation magazines. In: KAESTLE, Carl F. [et al.]. *Literacy in the United States: Readers and reading since 1880*. New Haven and London: Yale University Press, 1991. p. 247. “No final do século XVII e início do século XVIII, as mulheres puritanas foram responsáveis pela catequização de seus filhos e, portanto, pela leitura da Bíblia em casa.” (Tradução livre).

²⁴⁸ Ibidem.

²⁴⁹ WARDLAW, Mary Hoge. p. 275. “O cuidado de Estrella era, naturalmente, a ocupação mais absorvente de sua mãe. Ela era muito rápida com a agulha, sabia as letras, e conseguia repetir hinos e versos. (...) Tinha começado a ir para a escola dominical, cuja frequência era maior do que as idas ao Passeio Público. (...) Estrella estava na classe da Sra. Cary e sempre se sentava entre Evangeline e Nellie.” (Tradução livre).

*Little Estrella was very happy. Her mother found that the little lessons did not tax her eyes. The child now read nicely, and was far advanced in the Catechism. As to the hymns she knew, they would have been hard to count, while it would be impossible to put on paper the bird-like sweetness with which she sang them.*²⁵⁰

Diferentemente das crianças que nasceram em um lar católico e que depois tiveram de adaptar-se a uma nova fé, o diferencial de Estrella residia no fato de ela haver nascido protestante, o que a caracterizava, nas palavras de padre Monteiro, como “*A genuine little Protestant*”²⁵¹; palavras ditas pelo sacerdote católico quando, ao visitar tia Theresa, tentara fazer a criança beijar sua mão e sentar em seu colo, tendo seu pedido recusado por Estrella que espantara-se ao ver um homem trajado com “*dresses*”.

Por haver nascido em lar protestante, Estrella possuía todos os atributos necessários a um bom seguidor desta fé, a tal ponto do penúltimo capítulo do romance chamar-se “*Estrellas’s first work for Christ*”.

Após demitir-se da casa de Dona Lucretia, Candida passou a trabalhar como governanta de outro casal, Frederico e Esmerina Vieira, que rapidamente são cativados por Estrella. Esmerina Vieira, uma mulher com deficiência física, surge no romance como uma boa mulher, porém solitária e deveras amargurada por acreditar que devido à sua condição seu esposo não a amava mais. Dessa maneira, Dona Esmerina passa a compartilhar parte de seus dias em companhia da criança que, apesar de bastante pequena, possuía uma voz belíssima, o que agradava a patroa de Candida.

Esmerina solícita, então, que todos os dias Estrella cantasse para ela, passando a dar-lhe aulas de piano e francês. Na medida em que todas as canções entoadas por Estrella possuíam conotação religiosa protestante, fica nítida a ênfase que Mary Wardlaw chama de “*first work for Christ*” de Estrella, que apesar da pouca idade já se mostrava como uma espécie de missionária a ponto de tocar o coração da patroa de sua mãe que antes apregoava ser totalmente indiferente a qualquer tipo de religião.

Além disso, de forma quase milagrosa, a autora dá a entender que a presença de Candida e Estrella naquela casa fora fundamental para a reestruturação do amor no casamento de

²⁵⁰ Ibidem, p. 328. “A pequena Estrella estava muito feliz. Sua mãe descobriu que as pequenas lições não lhes eram difíceis. A criança agora lia bem e se encontrava muito avançada no Catecismo. Quanto aos hinos que ela conhecia, era difícil de contar, enquanto seria impossível colocar no papel a doçura de pássaro com o qual ela os cantava.” (Tradução livre).

²⁵¹ Ibidem, p. 218.

seus padrões. Frederico Vieira tornou-se mais atencioso com Dona Esmerina e decidiu partir para a Europa com sua esposa em busca de um tratamento para o problema de saúde da mesma.

Estrella personaliza uma idealização para o Brasil a partir da perspectiva missionária de Mrs. Wardlaw, isto é, um país que renasceria a partir de uma religião: o protestantismo. Essa representação de Estrella torna-se mais significativa diante da relação temporal estabelecida no final do romance entre a criança e a queda da monarquia no Brasil:

*Two weeks later the monarchy fell. Across the threshold of the new dynasty we cannot pursue her history. It is enough to say that she has richly redeemed the promise of her childhood. In appearance, in intellect and in character, she deserves her name.*²⁵²

Quando do retorno da família Wardlaw aos Estados Unidos, o Brasil havia aderido o regime republicano fazia pouco mais de dez anos, e este novo momento político do Brasil foi extremamente significativo para os vários missionários protestantes estadunidenses que atuaram em tal nação, especialmente aqueles que vivenciaram a transição, na medida em que a queda do Império e o estabelecimento do fim da união da Igreja Católica com o Estado Brasileiro representou a estes protestantes um horizonte de múltiplas expectativas quanto à expansão protestante na recém-nascida república, que cresceria juntamente com outro recém-nascido: o protestantismo brasileiro.

Apesar de Mary Hoge, muito provavelmente, nunca ter lido as obras de Euclides da Cunha, o paralelo entre estrelas e a república é posto no escrito desse autor brasileiro: “A idéia republicana segue a sua trajetória – fatal e indestrutível como a das estrelas”²⁵³. Na visão de Mrs. Wardlaw, a estrela indestrutível destinada a iluminar a república brasileira deveria ser o protestantismo.

Dessa forma, assim como Estrella, a visão formatada no projeto missionário de Mrs. Wardlaw era a de que a mensagem protestante seria uma luz que tinha por atribuição guiar os passos da República do Brasil, tendo seus leitores participação ativa em tal processo, fossem como financiadores ou como futuros missionários, conforme abordamos no capítulo anterior. Mary Wardlaw desenvolveu na trama de “Candida” aquilo que anos antes expressara como

²⁵² Ibidem, pp. 352-353. “Duas semanas depois, a monarquia caiu. Através do limiar da nova dinastia, não podemos prosseguir a história dela. Basta dizer que ela redimi ricamente a promessa de sua infância. Na aparência, no intelecto e no caráter, ela mereceu seu nome.” (Tradução livre).

²⁵³ SEVCENKO, Nicolau. Op. cit. p. 149.

desejo para o Brasil: “*We know that happy day is a long way off, but we look forward to it, and believe that it will be ushered in with many blessings*”²⁵⁴.

No próximo capítulo, analisaremos a construção de um protestantismo romanceado a partir da obra de Mrs. Wardlaw. Havia uma convicção da parte de vários protestantes contemporâneos de Mary Wardlaw de que o trabalho missionário estava inevitavelmente predestinado ao sucesso e sua prática pelos diversos recantos do mundo constituíam uma espécie de hagiografia missionária protestante moderna.

Assim, nossa discussão a seguir terá como ponto de partida três características que circundavam tal certeza e que faziam parte do bojo discursivo presente nos romances missionários: 1) as perseguições religiosas; 2) a perseverança e continuidade do trabalho missionário diante dos reveses, dotando o romance de características de uma espécie de manual para missionários; e 3) o discurso de um inequívoco triunfo final da missão.

²⁵⁴ “*The Missionary*”. A monthly Journal, issued in behalf of The Foreign Missions of the Presbyterian Church in the United States. Edited by the secretaries. Published by Whittet & Shepperson. Richmond: 1888. p. 434. “Nós sabemos que há um longo caminho para termos dias felizes, mas estamos ansiosos por eles e acreditamos que serão acompanhados de muitas bênçãos.” (Tradução Livre).

CAPÍTULO 3

O Protestantismo romanceado de 'Candida'

Immediately a score or more of voices took up the cry, "Protestant!" "Married priest!" "Down with the Protestantes! Death to the married priest!"

The sisters walked on, neither slackening their pace nor quickening it; they did not turn their heads. To their excited imaginations the very dogs, which were barking furiously, seemed to vociferate, "Protestant! Padre casado!"

A stone fell behind them; another; two or three together; then a shower of stones came crashing through the air.

('Candida', Capítulo XXVIII)

CAPÍTULO 3: O PROTESTANTISMO ROMANCEADO DE “CANDIDA”

No mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo.

(Evangelho de João, 16:33)

3.1: “No mundo tereis aflições”: A ênfase na perseguição

O ano de 1885 findava e, em consonância com o procedimento político já habitual, a Assembleia Provincial do Ceará decretou naquele mês de dezembro o Orçamento do ano de 1886 para a Província. Esse orçamento foi sancionado pelo Presidente da Província através da Lei nº 2.111, de 12 de dezembro de 1885, mas teve como recepção um efusivo protesto advindo da pena do líder da Igreja Presbiteriana de Fortaleza – Reverendo De Lacey Wardlaw – representante da única comunidade protestante organizada no Ceará à época.

Tal protesto voltava-se a um pequeno trecho da lei, a saber, o inciso N° 33 do Parágrafo 15:

LEI Nº 2.111 DE 12 DE DEZEMBRO DE 1885

Orça a receita e despeza da Província para o anno de 1886.

O desembargador Miguel Calmon du Pin e Almeida, Presidente da Província do Ceará, etc.

Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembleia Legislativa Provincial decretou e eu sancionei a lei seguinte:

Art 1º - A receita da Província no exercício de 1886, excluídos os depósitos, é orçada na quantia de novecentos setenta e oito contos e quinhentos mil réis (978:500\$000) que será arrecadada sob os seguintes títulos:

RENDA ORDINÁRIA

(...)

§15. Imposto sobre indústria e profissão 66:000\$000. A saber:

(...)

Nº 33. 500\$000 réis sobre negociante ou vendedor de livros acatholicos.²⁵⁵

²⁵⁵ Collecção dos actos legislativos da Província do Ceará promulgados pela respectiva Assembleia no ano de 1885. Typographia Constitucional, p. 70. O Destaque é nosso. Cabe ressaltar que no orçamento aprovado para o ano de 1887, já na gestão do Presidente da Província Enéas de Araújo Torreão, o imposto foi mantido. Cf. Lei nº 2.131, de 20 de novembro de 1886, art. 2º, § 13, nº 29. In. Collecção dos actos legislativos da Província do Ceará promulgados pela respectiva Assembleia no ano de 1886. Typographia Constitucional.

O imposto sobre negociantes ou vendedores de livros acatólicos ia de encontro direto a uma das principais estratégias missionárias desenvolvidas pela missão presbiteriana no Ceará: a distribuição e a comercialização de literatura de cunho protestante²⁵⁶. Pouco tempo após ter chegado ao Ceará, o Reverendo Wardlaw instalou um ponto de comercialização de Bíblias, livros e folhetos em sua própria residência na Rua das Flores.

A propaganda desse tipo de literatura era frequente nas colunas semanais de Lacey Wardlaw no periódico “Libertador”. Em matéria do dia 10 de janeiro de 1887²⁵⁷, Wardlaw publicaria o relatório de vendas referentes ao ano de 1886, no qual teriam sido vendidos e distribuídos em Fortaleza 3.583 livros e Bíblias evangélicas. Em março do mesmo ano, após a publicação de um sermão, é lançado um incentivo aos leitores:

Para examinar este como todos os assumptos religiosos precisa-se a Biblia. Na casa n° 5 Rua das Flores, d’ esta cidade existem Bíblias e Novos Testamentos das traduções de Figueiredo e de Almeida.

Os preços dos Testamentos são de 400 rs. até 3\$000 mil rs., de Bíblias de 1\$000 até 6\$000 rs.

Alguém em qualquer lugar onde há correio pode mandar comprar estes livros santos.

Mande o dinheiro e diga o preço que quer pagar, alem do preço mande 300 rs, para porte e registro.²⁵⁸

No dia 16 de abril de 1887, Wardlaw publicaria um sermão intitulado “Livro importante que todas as pessoas devem possuir e estudar”, no qual mencionaria novamente sua livraria: “Examinai as Escripturas. Toda Escriptura é divinamente inspirada e útil. Estes livros se acham a venda nas livrarias de Sr. Oliveira, Sr. Gualter e na livraria Evangélica n° 5. Rua das Flores.”²⁵⁹.

²⁵⁶ Deve-se ter em vista que as estratégias missionárias eram compartilhadas pelos diversos missionários espalhados pelo mundo, de modo que a instalação de uma livraria, ou “depósito de livros”, foi algo bastante difundido no Brasil, não sendo uma singularidade da Missão Presbiteriana no Ceará. A “Imprensa Evangélica” aponta, em vários de seus números da década de 1880, onde se poderia encontrar “Depositos de Escripturas Sagradas” administrados por presbiterianos: “Corte – Rua 7 de Setembro 71. Petropolis – Rua Westphalia 24. Campos – Rua Direita - Henrique Spittle. Ubatuba – Fernandes Lima. S. Paulo – Capital – Rua de S. Bento 16. Rio Claro – Rua de Santa Cruz 3A. Campinas – Collegio Internacional. Sorocaba – Egydio Moura. Botucatu – G. A. Landes. Piracicaba - J. L. Kennedy. Ceará – Fortaleza – Wardlaw. Sergipe – Larangeiras – David. Parahyba – Capital – Rua do Barão da Passagem 21. Alagoas – Pão d’ Assucar. Bahia – Rua Nova de D. Pedro 22. Pernambuco – J. Faustone e Leonidas. Goyana – Belmiro. Minas – Caldas - Caetano Nogueira Júnior. Teophilo Ottoni, Mucury – J. L. Hollerbach. Juiz de Fora – Henrique Grese. Rio Grande do Sul – Rua Pedro II 100. Santa Maria – Pechman”. In. Jornal “Imprensa Evangélica”. São Paulo, Vol. XX, N. 6, 29 de Março de 1884. p. 48.

²⁵⁷ Jornal “Libertador”. Fortaleza, 10 de janeiro de 1887. Seção “Tribuna do Povo”. Coluna “Notas Religiosas” de autoria do Reverendo De Lacey Wardlaw.

²⁵⁸ Ibidem, 19 de março de 1887.

²⁵⁹ Ibidem, 16 de abril de 1887.

Anos depois, a família Wardlaw fixaria residência em outro ponto da cidade de Fortaleza, na Rua Major Facundo, instalando em seu novo endereço, no ano de 1892, a “Livraria Evangélica”, conforme apontado na seção de livrarias da cidade de Fortaleza do “Almanach do Ceará”: “De Lacy Wardlaw, (livraria evangélica) rua Major Facundo 110”²⁶⁰. Poucas eram as livrarias existentes na cidade durante as duas últimas décadas do século XIX. Raimundo Girão afirma que:

Supriam-se os estudiosos e estudantes, de livros e objetos escolares, na livraria da Viúva Guálter, na antiga de Joaquim José de Oliveira & Cia., e na de Sátiro Verçosa. Obras evangélicas eram vendidas pela que, em 1892, fundara Lacy Wardlaw, o primeiro ministro presbiteriano que residiu no Ceará.²⁶¹

No final da década de 1880, o missionário metodista Hugh Clarence Tucker, que também era agente da Sociedade Bíblica Americana, viajou por diversos pontos do Império realizando atividades de colportagem, cujo relato de experiência foi posteriormente narrado na obra “*The Bible in Brazil*”. Em sua passagem pela cidade de Fortaleza, ele fez a seguinte menção à livraria administrada por Wardlaw:

*The next State visited on the coast was Ceara (...) For several years the Rev. D. L. Wardlaw, a Presbyterian Missionary, had a small book store on a much frequented street, in the city, and our Bibles were all the time prominently kept on sale. In this way many copies of the Word have gone into the hands of the people, and the Bible has been well advertised and the workers have been diligent in following up the work of the colporteurs as far as they have been able.*²⁶²

Ainda na década de 1880, uma propaganda da Livraria Evangélica existente em Fortaleza seria veiculada na imprensa local por Christovam Guerra²⁶³, um dos principais

²⁶⁰ Almanach Administrativo, estatístico, mercantil, industrial e literário do Estado do Ceará para o ano de 1895. Confeccionado por João Câmara. Fortaleza: Typographia d’A República, 1895. p. 47. Nos almanaques de 1896, 1897 e 1898, encontramos a mesma informação, respectivamente, p. 94, p. 120 e p. 110.

²⁶¹ GIRÃO, Raimundo. *Cidade de Fortaleza (Filmagem histórica)*. Fortaleza: Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, 1945.

²⁶² TUCKER, Hugh Clarence. *The Bible in Brazil: colporter experiences*. New York, Chicago, Toronto, London & Edinburgh: Fleming H. Revel Company, 1902. p. 218. “O próximo Estado visitado na costa foi o Ceará (...) Há muitos anos o Reverendo D. L. Wardlaw, um missionário presbiteriano, tem uma pequena livraria em uma rua bem movimentada na cidade, e nossas Bíblias estão a venda em destaque o tempo todo. Dessa forma, muitas cópias da Palavra têm ido para as mãos das pessoas, a Bíblia tem sido bem anunciada e os trabalhadores têm sido diligentes no acompanhamento do trabalho dos colportores, tanto quanto eles têm sido capazes.” (Tradução livre).

²⁶³ Christovam Pereira Guerra fazia parte do primeiro núcleo de conversos da Igreja Presbiteriana de Fortaleza tendo sido um dos treze prosélitos batizados na fé Presbiteriana em cerimônia realizada no dia 08 de julho de 1883. Faziam parte deste grupo as seguintes pessoas: Dr. Albino José de Farias, Ludovina Magno de Farias (esposa do Dr. Albino),

membros da Igreja Presbiteriana do Ceará. Em tal anúncio, é apresentado outro logradouro onde o estabelecimento comercial funcionou, mas mais relevante que essa informação são os títulos de algumas publicações citadas e que estariam disponíveis ao público:

Livraria Evangélica

Abriu-se á rua Formosa n. 105 um depósito de Bíblias e livros evangélicos.

Vendem-se Bíblias da tradução de Figueiredo e de Almeida, de 1\$000 a 6\$000; novos testamentos de 300 reis a 2\$000.

Papel, tintas, canetas, etc. por preços módicos.

Acceptam-se assignaturas dos seguintes jornaes evangélicos:

Pregador Christão, Missionário Juvenil, Pulpito Evangelico Amigo da Infancia, A Reforma, Imprensa Evangelica e Revista das Missões Nacionaes.²⁶⁴

Outras obras são citadas em anúncio publicado no “Libertador” no ano de 1890: “Vende-se na Livraria Evangélica, Rua Formosa N. 105 os seguintes livros: O Papa e o Concílio por Ruy Barbosa, A Sociedade de Jesus por Dr. E. de Pressensé, O Padre a Mulher e o Confessionário por ex-Padre Romano”²⁶⁵.

A Missão Presbiteriana no Ceará encarou, então, o imposto destinado aos negociantes e vendedores de livros acatólicos, disposto no orçamento para o ano de 1886, como propositalmente direcionado ao único negociante e vendedor de livros acatólicos atuante na Província, isto é, o Reverendo Lacey Wardlaw. Sua indignação seria reverberada tanto no periódico “Libertador”, publicado em Fortaleza, quanto em um dos principais jornais Presbiterianos publicado no Brasil à época, a “Imprensa Evangélica”:

Maria Carolina de Farias (filha adotiva do Dr. Albino), Dognamerite Magno de Farias (irmã do Dr. Albino), Flávio Magno (esposo da Sra. Dognamerite), João Victorino Cavalcanti, Francisco Firmino, Manuel Braga, José Damiano de Souza Mello, Alfredo de Souza Mello, Manuel Teixeira e Christovam Pereira Guerra. Cf. OLIVEIRA FILHO, Sérgio Willian de Castro. Op. cit. (2008). p. 30.

²⁶⁴ Jornal “Constituição”. Fortaleza, 18 de abril de 1888. A mesma propaganda também foi publicada em outros periódicos que circulavam na cidade de Fortaleza como “O Cearense” e “Pedro II”. Ainda no ano de 1882, Lacey Wardlaw receberia um agradecimento por parte dos redatores do periódico “Constituição” por conta de uma oferta: “O illustre Sr. De Lacey Wardlaw, ministro evangélico offertou-nos um exemplar do Novo Testamento, traduzido do original grego. Tambem teve a bondade de remetter-nos alguns pequenos fascículos sobre o modo de saber a Bíblia, Regra da Fé, Religião Evangelica, Os Protestantes crêem, Escolha da Fé, Cathecismo Biblico, e Futuro dos Povos Catholicos. Agradecemos ao digno ministro a sua delicada offerta.” In. Jornal “Constituição”. Fortaleza, 15 de novembro de 1882.

²⁶⁵ Jornal “Libertador”. Fortaleza, 09 de julho de 1890. Na imprensa local também se pode perceber menções à chegada de caixas de livros destinados ao Reverendo Wardlaw na “Seção Comercial”, onde se noticiava os manifestos dos navios mercantes chegados ao porto de Fortaleza, In. Jornal “Libertador”, Fortaleza, 01 de agosto de 1883; 13 de maio de 1886; 01 de fevereiro de 1887. Em outra ocasião, o Reverendo Wardlaw faria publicidade da obra “Luthero, ou o homem que abalou o mundo” que havia chegado no Vapor *Lisbonense*, In. Jornal “Libertador”, Fortaleza, 22 de maio de 1886. No romance “Candida”, Mary Wardlaw relataria a empolgação e ansiedade da personagem Florinda quanto ao recebimento de catecismos prometidos por Mr. Cary (o missionário) que estavam na Alfândega aguardando liberação. In. WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. p. 79.

A Assembléia Provincial do Ceará acaba de decretar O IMPOSTO DE QUINHENTOS MIL RÉIS SOBRE NEGOCIANTE OU VENDEDOR DE LIVROS ACATHOLICOS. Por acatholicos entende-se os que não são da chamada igreja de Roma – uma assembléa de inquisidores não teria legislado melhor!
 Na impossibilidade de decretar a fogueira e arrancar a vida daqueles que se esforçam por espalhar a verdade entre seus semelhantes, assalta-lhe a bolsa!
 E é uma Assembléia Legislativa a que isto faz! Vergonha!²⁶⁶

O tom exclamativo de protesto apresentado com letras garrafais e finalizado com uma quase espécie de grito “Vergonha!” traz a tona uma temática deveras difundida por toda a literatura missionária protestante e que aponta para um elemento constituinte de uma formação identitária protestante, ou seja, a perseguição aos fiéis. Tal discurso persecutório forjou para vários grupamentos protestantes uma perspectiva de identidade, na medida em que este tema era circundado por uma série de concepções relacionadas ao contato com os “perseguidores”.

A perseguição aos missionários e prosélitos protestantes, geralmente relacionada à intolerância religiosa, é um tema recorrente e indispensável na constituição dos relatos de instituição de comunidades protestantes em ambientes não protestantes, de maneira que, além dos atos encarados como perseguições advindas do Estado, como a lei Provincial denunciada pelo Reverendo Wardlaw, outros tipos de fustigações foram propaladas em escritos de missionários e de compiladores das memórias destes, envolvendo violência física e risco de morte.

Notícias de violência e perseguições aos fiéis de comunidades protestantes no Brasil oitocentista eram recorrentes nas publicações missionárias, fossem elas *reports* às igrejas mães na América do Norte ou mesmo publicações em periódicos no Brasil. Apesar da exacerbada ênfase da perseguição religiosa em tais escritos, os atos violentos cometidos contra alguns protestantes no período não se constituíam como mera falácia retórica. A esse respeito Leonildo Campos assinala que:

essas perseguições nem sempre vinham das autoridades religiosas, policiais ou governamentais. Essas perseguições também eram resultantes da ação de leigos e até da população em geral, que viam por trás da figura dócil de pregadores de uma mensagem só aparentemente pacífica a presença do próprio Satanás ou do Anticristo, que finalmente tinha chegado ao Brasil e ali estavam para desorganizar a vida cotidiana.

²⁶⁶ O destaque é da publicação original. In. Jornal “Imprensa Evangélica”. São Paulo, Vol. XXII, N. 4, 23 de janeiro de 1886. p. 31. Tal matéria foi republicada no “Libertador”: Jornal “Libertador”. Fortaleza, 13 de março de 1886. Seção “Tribuna do Povo”. Coluna “Notas Religiosas” de autoria do Reverendo De Lacey Wardlaw.

Essa percepção do outro, um elemento importante na elaboração da identidade, como uma ameaça à “fé que uma vez foi dada aos antepassados” incitava a violência, o apedrejamento, o incêndio de templos evangélicos e a queima de Bíblias.²⁶⁷

Na obra “História da Igreja Presbiteriana do Brasil”, escrita pelo Reverendo Júlio Andrade Ferreira e publicada em 1960 com intuito de constituir-se como uma história oficial dos pioneiros do presbiterianismo no Brasil, o autor, haurido da perspectiva protestante sobre a perseguição, traz, a partir de relatos de missionários, uma série de exemplos de ataques sofridos por estes durante o século XIX:

Em Jaú, em 1877, a 26 de abril, o Rev. Dagama foi barbaramente espancado e arrastado por um grupo de fanáticos (...) O pastor, arrastado pela barba, ficou com a roupa em frangalhos. Tiraram-lhe a carteira.

(...)

1886 (...) Em Lençóis, São Paulo, desencadeou-se terrível perseguição. O Rev. Carvalho Braga (...) saiu com sua família em visita ao seu campo de trabalho, mas não pôde (...) Recebeu intimação de não entrar na vila. Falaram em mutilá-lo, furar-lhe os olhos e tirar-lhe a vida.

(...)

Em Laranjeiras, uma turma de mais de quatrocentas pessoas se armou para atacar o Rev. Blackford, que felizmente, já não estava mais na cidade. (...) Em Recife, a casa do pastor Fanstone (congregacional) foi efetivamente apedrejada.²⁶⁸

De Lacey Wardlaw, por sua vez, teria uma carta publicada no periódico “*The Missionary Review*”, em fevereiro de 1887, na qual relatava alguns episódios de perseguição religiosa que teria sofrido durante suas atividades missionárias no ano anterior nas cidades de Mossoró e Baturité:

Thursday night I had announced worship, but instead had a mob that wrecked the house. I was alone, and had to stand me the attack. Fortunately I received only one blow from a stone, which saved me; for while stooping to examine my foot, my chair was knocked from under me. Had I been in an upright position I should have received the large stone full in my breast. (...) The next night we had worship for men only. Before the sermon half done, the house was attacked. At the second volley of stones the congregation was on the outside (...) To-morrow I expect to go to Baturité (...) our little congregation is consolidated and persecuted. News comes to-day that I am to be attacked. I hope it may not be so. I try to be prudent (...) I cannot be more prudent, unless I pack up and leave the country. Everywhere opposition is increasing. I suppose there will have to be some

²⁶⁷ CAMPOS, Leonildo Silveira. Op. cit. (2012). p. 152.

²⁶⁸ FERREIRA, Júlio Andrade. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil* (vol. I). 2 ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992. pp. 220-223.

*victim; and while I am not anxious for that honor, I know it will be better for the work if anything happens to me.*²⁶⁹

Percebe-se no texto de Wardlaw que, apesar de não estar desejoso por um destino de vítima da perseguição religiosa, tal missionário considerava, de certo modo, isso como uma “honra”. Na mesma carta, o Reverendo Wardlaw informa que sua esposa teria sido a incentivadora para a escrita de tais *reports* aos seus compatriotas.

Ambos os episódios seriam rearticulados no romance de Mrs. Wardlaw. No caso do episódio relatado por Mr. Wardlaw acerca dos ataques ocorridos em Mossoró, Mary Wardlaw traz a seu leitor três pontos dramáticos: a preocupação da missionária distante de seu esposo (mas mesmo assim exercendo suas atividades ministeriais de visitas congregacionais); a multidão enfurecida que o atacara; e o milagre que poupou a vida do missionário:

*Candida had her own poor people to minister to, and another pleasure in the congregational visits which she and Mrs. Cary paid together. She had spent some days with her friend during the awful time when Mr. Cary, preaching in an adjoining province which he had often visited, and where he had a congregation, was stoned by an infuriated mob in the presence of a thousand people, and had escaped fatal injury as by a miracle.*²⁷⁰

A perseguição aos membros da congregação de Baturité que fizera o Reverendo Wardlaw escrever uma carta em tom tão preocupado e absorto pela prudência em suas próximas visitas àquela pequena localidade também seria abordado de modo romanceado por sua esposa. Baturité ocupa com destaque a trama de “Candida”, na medida em que três capítulos inteiros do romance ambientam-se nessa cidade e em suas imediações. Conhecedora da região, devido às diversas viagens empreendidas com De Lacey Wardlaw, Mrs. Wardlaw postou tal localidade

²⁶⁹ “*The Missionary Review*”. Princeton. Vol. X, Nº 2, February, 1887. p. 97. “Na noite de quinta-feira, anunciado o culto, juntou-se uma multidão que apedrejou a casa. Eu estava só e tive que suportar o ataque. Felizmente só um golpe de pedra me atingiu e me salvou; pois, enquanto baixei-me para examinar o pé, a cadeira atrás de mim caiu atingida. Se eu estivesse de pé teria tomado em cheio no peito uma pedra enorme. (...) Na noite seguinte, nós fizemos um culto só para homens. Antes de chegar à metade do sermão, a casa foi atacada. Na segunda leva de pedradas, a congregação estava do lado de fora. (...) Espero ir amanhã a Baturité (...), nossa pequena congregação está sendo consolidada e perseguida. Hoje recebi notícias de que serei atacado. Espero que não. Tentarei ser prudente (...). Não posso ser mais prudente, a não ser que faça as malas e deixe o país. A perseguição se avoluma por toda parte. Creio que poderá haver alguma vítima; não estou ansioso de merecer essa honra, mas julgo que é melhor para a causa que se alguma coisa tem de acontecer que aconteça comigo”. (Tradução livre).

²⁷⁰ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. pp. 275-276. “Candida tinha suas próprias pessoas pobres para ministrar e sentia prazer nas visitas congregacionais que fazia juntamente com a Sra. Cary. Ela havia passado alguns dias com sua amiga durante a época horrível em que o Sr. Cary, pregando em uma província adjacente que ele visitava frequentemente e onde tinha uma congregação, foi apedrejado por uma multidão enfurecida na presença de um milhar de pessoas e tinha escapado da morte como por um milagre.” (Tradução livre).

como cenário da fazenda do pai de Augusto, Sr. Joaquim de Oliveira, bem como local onde Candida nascera (como mencionado anteriormente, filha de um dos vaqueiros de Joaquim de Oliveira).

Assim, em uma das visitas ao casal de protagonistas do romance à Baturité, uma das irmãs de Augusto relataria a ação do Reverendo Cary na região e os perigos enfrentados pelo missionário: “*Mr. Cary has preached here, you know*’, said Nazareth to Augusto. *‘Did you ever hear about it, and how he was mobbed? It was a terrible time, but he showed no fear, and - thank God! - he was brought safely through it all’*”²⁷¹.

Mas, por que esse tema era tão caro para esses missionários? A resposta reside justamente no teor identitário da necessidade em reconhecer-se como perseguido. Tal característica revestiria de legitimidade o trabalho realizado no campo missionário, de modo que, contraditoriamente, por mais que os atos de perseguição religiosa fossem denunciados, eles constituíam o sinal de que a missão estaria no caminho correto. Deve levar-se em consideração a grande ligação do protestantismo com a Escritura Sagrada e a busca constante por parte de seus fiéis de verem cumpridas em si mesmos as prescrições bíblicas, fruto da doutrina da *Sola Scriptura*. Para Calvino, cuja doutrina seria a base do presbiterianismo:

A Escritura constitui a única mensagem divina para os homens, à margem de qualquer autoridade e tradição. Deus é demasiado grande, excessivamente misterioso para que possamos afirmar acerca d’Ele algo que Ele próprio não nos tenha revelado. Em compensação, Velho e Novo Testamento se impõem. A totalidade do conteúdo dos livros sagrados é inspirada. (...) A Escritura disse tudo aquilo que o homem deve saber acerca de Deus.²⁷²

Ante essa já reconhecida primazia da Bíblia forjada com a Reforma Protestante, estão as diversas, quase exaustivas, passagens neotestamentárias em que se esboça a perseguição como uma consequência natural da prática cristã:

Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus; Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa. (Evangelho de Mateus 5:10, 11)

²⁷¹ Ibidem, p. 244. “‘Sr. Cary tem pregado aqui, você sabe’, disse Nazareth para Augusto. ‘Você ouviu falar sobre isso e como ele foi assediado? Foi uma época terrível, mas ele não demonstrou medo e – graças a Deus! – Ele escapou seguro de tudo isso.’” (Tradução livre).

²⁷² DELUMEAU, Jean. *Nascimento e afirmação da reforma*. Tradução de João Pedro Mendes. São Paulo: Pioneira, 1989. p. 127.

Então vos hão de entregar para serdes atormentados, e matar-vos-ão; e sereis odiados de todas as nações por causa do meu nome. (Evangelho de Mateus 24:9)

E nos afadigamos, trabalhando com nossas próprias mãos. Somos injuriados, e bendizemos; somos perseguidos, e sofremos; Somos blasfemados, e rogamos; até ao presente temos chegado a ser como o lixo deste mundo, e como a escória de todos. (Primeira Epístola aos Coríntios 4:12, 13)

Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados. Perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos. (Segunda Epístola aos Coríntios 4:8, 9)

E também todos os que piamente querem viver em Cristo Jesus padecerão perseguições. (Segunda Epístola a Timóteo 3:12)

Havia um júbilo implícito na perseguição, pois, ao mesmo tempo em que se denunciava o outro (perseguidor) como intolerante e ignorante, a literatura missionária fazia a ligação de sua perseguição à concretização dos escritos sagrados, indicando a legitimidade de suas ações. No caso do Brasil Monárquico, durante o século XIX, estava claro a estes missionários quem seria o agente perseguidor: a Igreja Católica alinhada ao Estado. Conforme Alves, “Os protestantes foram perseguidos, estigmatizados, humilhados. Proibidos por lei de construir templos, construíam “casas de oração”. Muitas delas foram apedrejadas ou queimadas”²⁷³.

Além disso, essa identificação da perseguição aos protestantes, que se viam como verdadeiros cristãos, possui nestes textos uma cronologia que toma por princípio a morte de Cristo, passando pelas perseguições religiosas aos apóstolos e membros das comunidades cristãs pré-institucionais, dando um salto temporal para as querelas religiosas que resultaram em diversos conflitos sangrentos durante a denominada Reforma Protestante. Há, propositalmente, um silêncio quanto a possíveis atos de perseguição religiosa entre a institucionalização da Igreja Católica Romana e o surgimento das primeiras comunidades reformadas, pois, conforme o discurso da perseguição elaborado pelos missionários protestantes do final do século XIX e princípio do XX, os membros da Igreja Católica não poderiam ser vislumbrados como cristãos legítimos.

O próprio Reverendo Wardlaw, em sua crítica à Assembleia Provincial do Ceará, esboçaria sua perspectiva cronológica a respeito da perseguição ao “Evangelho”:

²⁷³ ALVES, Rubem. *Dogmatismo & Tolerância*. São Paulo: Edições Loyola, 2004. p. 67.

Há dezoito séculos que os inimigos do Evangelho trabalham para destruí-lo. Ajudados por Poncio Pilatos elles crucificaram seu divino Auctor e não esperavam mais ouvir falar d'elle. Enganaram-se. Mataram Estevam e dispersaram a Igreja; porem os dispersos levaram as boas noticias a toda parte. Mandaram, então Saulo para destruir os christãos, mas este voltou pregando Christo e Christo crucificado. Depois mataram os apóstolos e lançaram seus discípulos aos leões e ao fogo; (...)
Depois de Poncio Pilatos; depois da matança de S. Bartholomeo; depois das fogueiras; depois do Index, vem um imposto sobre negociante ou vendedor da Biblia e outros livros acatholicos.²⁷⁴

Há, então, um salto entre a perseguição a Cristo-Apóstolos e a noite de São Bartolomeu (1572). Ademais, há de se levar em consideração que a ênfase na formação de uma comunidade originada sob os auspícios da perseguição (e da peregrinação) é algo que está intimamente ligado à estruturação de um discurso acerca da constituição dos Estados Unidos da América enquanto nação, isto é, totalmente imbricada à perspectiva religiosa dos missionários estadunidenses estavam os constructos discursivos relacionados à constituição de uma nação que teve sua origem na ação dos “Pais Fundadores” ainda no período colonial.

Enquanto a Europa convulsionava-se com as guerras religiosas e perseguições governamentais, nos séculos XVI e XVII, decorrentes do surgimento das mais variadas seitas religiosas da pós-Reforma Protestante, as colônias inglesas do outro lado do Atlântico ofereciam esperança de liberdade religiosa, o que se constituiu como um fator de atração deveras poderoso. Como afirma Merril Jensen:

Havia uma oportunidade de experimentação social, religiosa e política na América, impossível em qualquer outro lugar do mundo (...) A América, portanto, atraía um número sempre crescente de grupos religiosos e políticos do continente europeu (...) Nem todas as experiências tiveram êxito, mas o importante é que as colônias inglesas eram lugares onde elas podiam ser tentadas.²⁷⁵

Apesar de, na prática, a idealização da América inglesa colonial enquanto espaço de total liberdade religiosa não ter sido totalmente efetiva, tal discurso ganhou estatuto de verdade e tornou-se bastante difundida meio protestante estadunidense do século XIX. O casal Wardlaw, assim como vários de seus compatriotas, cultivava, a partir de sua formação religiosa, a

²⁷⁴ Jornal “Libertador”. Fortaleza, 13 de março de 1886. Seção “Tribuna do Povo”. Coluna “Notas Religiosas” de autoria do Reverendo De Lacey Wardlaw. Tal matéria foi republicada na “Imprensa Evangélica”: Jornal “Imprensa Evangélica”. São Paulo, Vol. XXI, N. 16, 17 de abril de 1886.

²⁷⁵ JENSEN, Merril. *A fase colonial*. In. WOODWARD, C. Van. Op. cit. p. 39.

convicção de que seu povo tinha um chamado de Deus para desempenhar um “papel relevante na redenção do mundo”²⁷⁶. Coadunavam-se a essa visão de mundo várias alegorias bíblicas, dentre elas a da existência de um “povo eleito”. Segundo Catroga, os Estados Unidos forjaram-se como nação a partir de uma série de analogias, como: “O seu Genesis (o ‘*Mayflower Compact*’), o seu Exodus (a Declaração da Independência), os seus Dez Mandamentos (a Constituição, o *Bill of Rights*)”²⁷⁷.

Mas, enquanto nos Estados Unidos os peregrinos haviam fundado uma sociedade cuja intolerância religiosa supostamente não seria mais um problema, no campo missionário, essa premissa não se aplicava, justamente pela carência da verdadeira fé por parte dos não protestantes apregoada pelos missionários.

Mary Hoge Wardlaw vivenciou toda a querela envolvendo a taxaço sobre os negócios do depósito de livros evangélicos da Igreja Presbiteriana em Fortaleza, já que tal estratégia missionária, provavelmente, era mais uma das atribuições que compartilhava com seu esposo. Apesar disso, não há menção direta a tal episódio em seu romance. No entanto, a romancista-missionária esboça pistas acerca da relação entre a missão protestante e os livros.

Logo nos primeiros capítulos da trama, Augusto de Oliveira é atraído pelo protestantismo, na medida em que, mesmo antes da chegada dos missionários à cidade de Fortaleza, recebera ensinamentos de seu pai que se convertera em Pernambuco e constantemente viajava àquela Província. Quando da chegada do casal de missionários à cidade, o marido de Candida fica efusivo ao saber que o Reverendo Cary (assim como Lacey Wardlaw) vendia Bíblias, ao que afirma à protagonista: “*He has Bibles in a inner room, and tomorrow I shall go and buy one*”²⁷⁸.

A autora enfatizaria também aspectos relacionados à perseguição decorrente da leitura de algumas obras por parte dos prosélitos. A trama de “Candida” inicia ambientando-se na festa de casamento da protagonista com Augusto realizado na casa de Tia Theresa, trazendo rápidas descrições da cerimônia religiosa em uma igreja católica e levando o leitor, na sequência, a conhecer a humilde casa onde os recém-casados viveriam. Nesse momento, estando o casal

²⁷⁶ DELUMEAU, Jean. *Mil anos de felicidade: Uma história do Paraíso*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 246.

²⁷⁷ CATROGA, Fernando. *Nação, Mito e Rito: Religião civil e comemoracionismo (EUA, França e Portugal)*. Fortaleza: Edições NUDOC / Museu do Ceará, 2005. p. 30.

²⁷⁸ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. p. 73. “Ele tem Bíblias em um dos compartimentos da casa e amanhã irei comprar uma.” (Tradução livre).

recolhido à intimidade doméstica, Mrs. Wardlaw lança aos leitores uma narrativa que seria o fio condutor de toda a sua tessitura:

The cathedral clock struck nine. They were in the little sala again. Augusto drew a little book from his pocket.

“Candida,” said he, hesitatingly, glancing first at the closed windows, and lowering his voice; “Candida, my father sends this little book to you. See, he has written your name in it with his own hand.”

“Why, it is a Testament!” exclaimed Candida, lowering her own voice. “I thought we were forbidden to read this book!”

“The priests do forbid it, but without authority, so father thinks. He half convinced me, Candida; and I promised for myself to read it.”²⁷⁹

O sogro de Candida, Joaquim de Oliveira (apresentado pela autora como protestante), daria como presente de casamento ao jovem casal um Novo Testamento. Ante a apresentação de tal dádiva por Augusto, Candida é tomada pelo temor de que aquele livro pudesse vir a lhe proporcionar castigos advindos da Igreja ou até mesmo do próprio Deus. A leitura de tal livro seria o passo inicial para o processo de abdicação do catolicismo, inicialmente por parte de Augusto, e do ingresso dos recém-casados na comunidade protestante em Fortaleza liderada pelos missionários estadunidenses Mr. e Mrs. Cary.

Entretanto, o destaque inicial dado pela autora se volta para um aspecto que visava provocar estranhamento e choque no público leitor norte-americano, isto é, o pavor de Candida causado pelo simples fato de Augusto sacar do bolso um livro cuja leitura era tida por proibida. Mary Wardlaw constrói por tal caminho um cenário de perseguição religiosa, que, apesar de não estar diretamente dado, faria qualquer leitor protestante estadunidense do início do século XX subentender uma relação de tal contexto com o combatido pelos primeiros reformadores na Europa.

A premissa básica era a de que a Igreja Católica, velha inimiga do verdadeiro cristianismo, continuava a solapar das pessoas sob sua sombra a possibilidade de terem acesso à Bíblia e à livre interpretação das Escrituras. Um claro antagonismo radical se evidenciou neste discurso, no qual se poderia simplificar catolicismo e protestantismo nos seguintes termos:

²⁷⁹ Ibidem, p. 21. “O relógio da catedral marcou nove horas. Eles estavam na pequena sala novamente. Augusto tirou um pequeno livro de seu bolso. ‘Candida’, disse ele, hesitante, olhando primeiro para as janelas fechadas e baixando a voz; ‘Candida, meu pai mandou este pequeno livro para você. Veja, ele escreveu seu nome nele com sua própria mão’. ‘Ora, isto é uma Bíblia!’, exclamou Candida, baixando a voz. ‘Pensei que era proibido ler este livro!’ ‘Os padres tentam proibi-lo, mas sem autoridade, assim pensa meu pai. Ele meio que me convenceu, Candida; e eu prometi para mim mesmo de lê-lo’.” (Tradução livre).

O protestantismo se entende como o espírito da liberdade, da democracia, da modernidade e do progresso. O catolicismo, por oposição, é o espírito que teme a liberdade e que, como consequência, se inclina sempre para soluções totalitárias e se opõe à modernidade. (...) Num passado já vencido pela luz do Evangelho jaz, morto, um negro período dominado por superstição, intolerância, ignorância e escravidão da consciência.²⁸⁰

Esse antagonismo entre os membros da comunidade protestante de Fortaleza e os fiéis da Igreja Católica é aspecto recorrente em toda a trama do romance de Mrs. Wardlaw. Em todas as ocasiões em que a autora narra episódios envolvendo a perseguição aos missionários (Mr. e Mrs. Cary) e aos prosélitos protestantes, a procedência advém de ações de membros da Igreja Católica.

Há um aspecto que deve ser levado em consideração nesse tipo de narrativa: a existência de um constructo literário no qual, apesar de sujeitos empreenderem perseguição a outros, a vilania de tal ato é direcionada a uma instituição e não aos agentes de tal instituição, isto é, apesar dos vários atos persecutórios feitos por personagens católicos da trama, a autora sempre buscava demonstrar a seus leitores que tais ações eram fruto da instrução errônea e intolerante estimulada pelos sacerdotes católicos, que também seriam instrumentos da degenerada Igreja Católica.

Tal perspectiva tem uma explicação deveras simples. Conforme apontamos no primeiro capítulo, o romance de Mrs. Wardlaw trata-se da continuidade da missão através das letras. Assim, os leitores de “Candida” necessitavam perceber que os brasileiros católicos não eram seres incorrigíveis e odiosos, mas que necessitavam da “verdade” do Evangelho que só poderia ser-lhes dada por dedicados missionários protestantes, pois, enquanto tal não ocorresse, aquelas pessoas continuariam afundadas na perdição, cometendo atos reprováveis alimentados pela Igreja Católica.

Tal militância anticatólica legitimava a missão protestante em terras brasileiras. Esse era um dos recursos homiléticos utilizados por Mary Wardlaw, mas também era recorrente nos variados escritos de missionários protestantes que trabalharam no Brasil oitocentista e do princípio do século XX. Conforme aponta Alves:

²⁸⁰ ALVES, Rubem. Op. cit. (2004). p. 86.

Não faltaram ao protestantismo agressividade e ódio contra os católicos. Catolicismo romano: símbolo de idolatria, de superstição, de ignorância, de atraso, resíduo do mundo medieval já defunto. Quem quer que se dê ao trabalho de examinar a literatura protestante da primeira metade do século XX verá que se trata de literatura polêmica. Em decorrência desses conflitos, o protestantismo tendeu a definir-se a si mesmo em termos de oposição ao catolicismo.²⁸¹

As radicais polêmicas relativas ao catolicismo no Brasil criaram, inclusive, um protestantismo com características bastante peculiares em tal país, por exemplo, o forte antiecumenismo, a veemente iconoclastia e a necessidade exacerbada de não possuir elementos comuns com aspectos que trouxesse à memória o catolicismo (arquitetura dos templos, festas, visitas a cemitérios²⁸²). A esse respeito, Elter Maciel entende que a inserção e a necessidade de convivência em um ambiente majoritariamente católico romano fizeram com que as comunidades protestantes no Brasil desenvolvessem em seu meio um discurso de exacerbado moralismo, reforçando os aspectos que distinguiriam o protestante do católico, na medida em que “O fato de serem minoria e as dificuldades que encontraram no início da investida proselitista, reforçam as ênfases de separação e comportamento a ponto de se constituírem em sua principal distinção perante a sociedade brasileira”²⁸³.

Ora, não se pode perder de vista que tal construção discursiva acerca do “outro” presente nos escritos desses missionários protestantes, inclusive no romance de Mary Wardlaw, foi forjada através da vivência na “zona de contacto”, quando se articulou o amálgama de dois elementos: as concepções de mundo moldadas culturalmente e a experiência do contato com o outro.

Tal aspecto foi bastante discutido por nós anteriormente²⁸⁴, mas cabe ir além da experiência vivida por Mary Hoge Wardlaw no Brasil entre 1880 e 1901 e perceber outro momento em que tal missionária enfrentou uma nova Zona de Contacto ao retornar aos Estados Unidos no princípio do século XX. Ao regressar ao seu país natal duas décadas depois, tal territorialidade não era mais a mesma, tampouco a própria Mrs. Wardlaw o era. Tal fator é fundamental para se compreender a trama de “Candida” em suas fímbrias, na medida em que, por

²⁸¹ Ibidem, p. 67.

²⁸² Em “Candida”, a autora afirma que os protestantes, apesar de realizarem de maneira primorosa a manutenção das sepulturas de seus familiares, não visitavam o cemitério no dia de finados (02 de novembro), pois, “*the Protestants refrain from visiting the graves of their dead upon that Day, lest they should be accused of praying for their souls*”. In. WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. p. 350.

²⁸³ MACIEL, Elter Dias. Op. cit. p. 23.

²⁸⁴ OLIVEIRA FILHO, Sérgio Willian de Castro. Op. cit. (2011).

se propor um romance histórico, este, ao ser publicado em 1902, trazia todo o peso do presente em sua abordagem retrospectiva.

O choque do retorno após muitos anos longe dos Estados Unidos por parte de missionários era algo plausível, como no caso da missionária Batista Martha Crawford que após atuar de 1851 a 1866 na China volta ao Alabama, no pós-Guerra Civil Americana, e encontra “sua cultura sulista profundamente alterada (...) Para Martha Crawford, houve a sensação de que sua casa, seu estilo de vida e missão civilizatória haviam sido destruídas”²⁸⁵. Crawford, ao sentir-se, consoante Eliane Silva, “estrangeira em sua própria cultura”, optou por retornar à China, onde permaneceu até seu falecimento em 1909.

Tal não ocorreu com Mary Hoge Wardlaw. Não houve um retorno ao Brasil por parte dessa missionária, porém é inegável que o país que deixara em 1880 não era o mesmo em 1901, o que deixou marcas indeléveis em seu romance, dentre elas o reforço do combate ao catolicismo, que nesse ínterim ficara muito mais vigoroso e atuante em sua terra natal.

Os Estados Unidos de fins do século XIX e princípio do XX experimentaram, assim como o Brasil, um extraordinário fluxo migratório europeu, que dotou tal país de uma numerosa comunidade católica. John Higham aponta três grandes fluxos migratórios:

A maré atingiu um ponto alto na década de 1850, um ponto ainda mais alto no início da década de 1880 e alcançou o ápice na primeira metade do século XX. Enquanto que a primeira imigração fora inteiramente branca e predominantemente de fala inglesa, a segunda trouxe uma babel de idiomas e uma coleção de epidermes (...) Enquanto que a primeira imigração, em sua grande maioria, fora protestante, a segunda foi maciçamente católica no princípio.²⁸⁶

Mendonça pontua que concomitantemente ao incremento do fluxo de imigrantes católicos aos Estados Unidos se deu o crescimento de sociedades propagadoras de discursos nativistas e anticatólicos, que viam “na Igreja Católica a mais poderosa e perigosa institucionalização da superstição medieval, obscurantismo sectário e despotismo monárquico”²⁸⁷. Assim, Mary Hoge Wardlaw combinou suas visões de mundo a respeito do catolicismo a partir do atrelamento da experiência como missionária no Brasil e do novo contexto religioso nos Estados Unidos em que cresciam as comunidades católicas, muitas das quais

²⁸⁵ SILVA, Eliane Moura. Op. cit. (2013) pp. 41-42.

²⁸⁶ HIGHAM, John. *A imigração*. In. WOODWARD, C. Van. Op. cit. p. 112.

²⁸⁷ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Op. cit. p. 76.

formadas por imigrantes, e que, além disso, passou a ter em seu solo a atuação de diversos missionários católicos europeus, o que repercutiria na exacerbação do já inflamado anticatolicismo dos *Boards* missionários protestantes:

*Anti-Catholicism motivated early nineteenth century mission boards as well as the individual Americans who ventured into the world to spread the Protestant Reformation. The Roman Catholic Church, which had long promoted international missionary programs, was expanding its reach in the United States at that time. European nuns established convents and schools in North America as early as the 1730s. American Protestant women missionaries set out for foreign lands at the same time that European nuns worked to counter Protestant attempts to convert Catholic immigrants in the United States.*²⁸⁸

Assim, a partir de tal pressuposto, vários tipos de perseguição religiosa foram focados por Mrs. Wardlaw em “Candida”. A primeira delas não teria o caráter de violência física, mas seria como uma espécie de perseguição que afetaria os sentimentos e foi intensamente descrita pela autora pululando aos olhos dos leitores como detentor de grande carga psicológica. Diante do casamento de Candida com o filho de um protestante que em pouco tempo também tornar-se-ia prosélito da nova fé atuante na cidade, a protagonista passou a sofrer com os olhares de desaprovação dos parentes, vizinhos e demais moradores da cidade, perdendo inclusive o contato com as irmãs que deliberadamente afastaram-se de Candida, o que lhe causou grande sofrimento:

“You frighten me, Augusto, talking this way,” said Candida plaintively. “I don't see what has come over you to-night. I have given up a good deal for your religion. My sisters - but of my sisters it is needless to speak; I have no saints in my room: the neighbors stare up at the walls. Sometimes they make remarks, and sometimes they only shake their heads, and look at me askance. But the worst of all is Timotheo - poor little Timotheo, still a pagan! Padre Monteiro met me the other day, and asked me why he never saw me any more at mass. I told him I had no one to leave the baby with. ‘What!’ said he, ‘a baby? How old?’ ‘Eight months,’ said I. ‘Of a truth!’ answered he, ‘and you gave to some other than the old priest who married you the privilege of baptizing your baby!’”²⁸⁹

²⁸⁸ REEVES-ELLINGTON, Barbara & SKLAR, Kathryn Kish & SHEMA, Connie A. (Orgs.) *Competing Kingdoms: women, mission, and the American Protestant Empire, 1812-1960*. Durham & London: Duke University Press, 2010. p. 5. “O anticatolicismo motivou os *Boards* missionários no início do século XIX, bem como alguns americanos que individualmente se aventuraram no mundo para espalhar a Reforma Protestante. A Igreja Católica Romana, que há muito tempo promovia programas missionários internacionais, expandiu seu alcance aos Estados Unidos naquela época. Freiras europeias estabeleceram conventos e escolas na América do Norte já na década 1730. Missionárias protestantes americanas partiram para terras estrangeiras ao mesmo tempo em que as freiras europeias trabalhavam para conter a ação protestante que tentava converter imigrantes católicos nos Estados Unidos.” (Tradução livre).

²⁸⁹ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. pp. 36-37. “‘Falando dessa maneira você me assusta, Augusto’, disse Candida melancolicamente. ‘Eu não sei o que se apoderou de ti esta noite. Eu desisti de boas coisas por causa da sua religião. As minhas irmãs... mas das minhas irmãs nem preciso falar; não tenho santos em minha sala: os vizinhos olham para as paredes. Às vezes, eles fazem comentários e outras vezes só abanam a cabeça e olham para mim com

No capítulo anterior, tocamos no tema do conflito familiar levantado por Mary Wardlaw. Agora nos deteremos apenas em um fator presente na citação acima: o mundo protestante requereu de seus conversos uma série de transformações de comportamento e uma violenta alteração no modo de ver a si mesmo e aos outros. A conversão ao protestantismo ignorava em grande parte a estrutura coletiva existente²⁹⁰, na medida em que, por configurar-se a partir de uma doutrina de salvação individual, a família e o grupo social do indivíduo eram, em um primeiro momento, colocados de lado, focando-se na escolha individual de cada sujeito por sua salvação.

Assim, o conflito familiar advindo com a conversão de um de seus membros a uma religião diferente do grupo foi um aspecto abordado por Mary Wardlaw em seu romance. No entanto, a autora articula tal conflito como fruto da ignorância que dominava os familiares e amigos de Candida por conta da ação da Igreja Católica, encarnada, na citação acima, na pessoa do Padre Monteiro, isto é, um sacerdote que surge com uma aparência e modos de ação extremamente opressores.

Então, se por um lado as aflições poderiam ter um teor de comprometimento à integridade física dos fiéis, por outro a literatura missionária protestante do período instava seus receptores acerca do sentimento de abandono familiar após a escolha pelo “caminho certo”. Mas, paradoxalmente, também havia a promoção de uma perspectiva individualista através da doutrina da salvação individual, ao mesmo tempo em que se forjava um ideário de vivência cooperativa advinda de uma nova família que se formava a partir da conversão, isto é, ante a perda, mesmo que momentânea, dos familiares consanguíneos decorrente da conversão, vislumbrar-se-ia a constituição de uma nova família: a da comunidade protestante.

desaprovação. Mas, o pior de tudo é Timotheo – pobre Timotheo, ainda um pagão! Padre Monteiro encontrou-me outro dia e me perguntou por que nunca mais me viu na missa. Eu lhe disse que não tinha ninguém para deixar o bebê’. ‘O que?’, disse ele, ‘Um bebê? Qual idade?’. ‘Oito meses’, eu respondi. ‘Verdade!’, respondeu ele, ‘e você deu para outro o privilégio de batizar seu bebê ao invés do velho padre que lhe casou!’” (Tradução livre).

²⁹⁰ A perspectiva de conversão aqui consiste no “processo de reestruturação ou reconstrução de esquemas interpretativos e de valor que pode se seguir à crise” In. ALVES, Rubem. Op. cit. (2005) p. 72. Em linha de pensamento similar, Leonildo Campos aponta, também, que o processo de conversão tem relação com a adesão a novas visões de mundo que suprem a carência de demandas que o universo religioso até então observado não fomentavam, isto é, “O grande motor da elaboração de um novo sistema religioso ou da adesão/conversão a uma nova religião é o sentimento de perplexidade que o ser humano adquire diante da precariedade da vida e das explicações oferecidas até então pelas agências sociais que normalmente são doadoras ou monopolizam a produção de sentido” In. CAMPOS, Leonildo Silveira. Op. cit. (2012). p. 144.

Os laços de cooperação entre os fiéis seriam reforçados incessantemente por Mrs. Wardlaw em seu romance. O amparo material e espiritual compartilhados pela pequena Eclésia consolaria os sofrimentos provenientes da perseguição familiar. Sobre tal aspecto, “Candida” remete a um personagem que mesmo velho e cego é expulso de casa pelos seus parentes após sua conversão ao protestantismo, mas que, diante de tamanha crueldade, encontra amparo no casal de missionários: *“the old blind member of the church, who, cast out by his sons because of his religion, had become a part of the missionary's family”*²⁹¹.

Curiosamente, o velho cego Sr. Manuel do romance de Mary Hoge Wardlaw pareceu ter tido seu correspondente de carne e osso. Em 1896, um periódico da Carolina do Norte publicou uma correspondência em sua *Children's Column*, enviada por Blanche Wardlaw, filha do casal de missionários, que descreveu, à época com treze anos de idade, alguns aspectos do seu cotidiano no Brasil. O foco do texto de Blanche Wardlaw era apresentar as peraltices de seu macaco de estimação, chamado “Grandaddy”. A jovem Wardlaw informa ao seu leitor que uma visita frequente em sua casa era a de um senhor cego, membro de sua igreja, chamado Sr. Braga, que era vítima constante dos roubos de “Grandaddy” ao seu prato de comida. Acerca do Sr. Braga, Blanche afirmaria que *“He has almost been a member of our family for many years. He comes here on Sundays and Wednesdays and mother has written a story about him in the Children's Missionary”*²⁹².

Se os relatos acerca de variados tipos de perseguição não poupavam as relações familiares, tampouco as crianças filhas de protestantes escapavam das ações de intolerância empreendidas por adultos e demais crianças católicas. Nos capítulos finais do romance, Candida, já viúva e impossibilitada de continuar exercendo seu ofício como costureira por conta de um problema de visão, passa a trabalhar como governanta na casa da invejosa Dona Lucretia. Estrella, filha de Candida, surge em determinada ocasião da obra sendo fustigada pela patroa de sua mãe e pelos filhos daquela:

The mistress of the house. Dona Lucretia, gave vent to her dissatisfaction in various ways, the unconscious little offender being her favorite victim. Her hymns were met by turns with ridicule and chiding. One day the children tried to force her to kneel when the

²⁹¹ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. p. 164. “o velho cego membro da igreja, que, expulso por seus filhos por causa de sua religião, tinha se tornado parte da família do missionário”. (Tradução livre).

²⁹² “North Carolina Presbyterian”. Seção “Children's Column”. Fayetteville, 19 de novembro de 1896. “Ele é quase um membro de nossa família há muitos anos. Ele sempre vem aqui aos domingos e às quartas-feiras e mamãe escreveu uma estória sobre ele na *Children's Missionary*.” (Tradução livre).

*host was passing; again, by tickling her unmercifully, to repeat a prayer to Mary. Estrella's poor little body writhed painfully under the latter test, but her spirit stood firm.*²⁹³

Alguns anos antes da publicação de sua ficção, Mary Wardlaw já havia demonstrado a seus compatriotas sua preocupação com os filhos dos membros da comunidade presbiteriana da cidade de Fortaleza, utilizando tal aspecto como um dos fatores que havia contribuído para a fundação de uma escola primária por parte da missão, tendo em vista que ela traria alívio aos pais protestantes, na medida em que, nas outras instituições de ensino existentes na cidade, seus filhos “*not only learned much that was objectionable, but in most cases have been neglected by their teachers and shunned or persecuted by their mates*”²⁹⁴.

Como já mencionado, a perseguição aos protestantes surge aos leitores de Mrs. Wardlaw como fruto da falta de conhecimento a respeito dos missionários, fiéis e de suas crenças. Uma acusação é lançada pela missionária aos sacerdotes da Igreja Católica, que, sustentados sobre absurdos supersticiosos, seriam os instigadores de boatos nos púlpitos das igrejas e nos jornais, incitando a violência:

*Augusto had read in the papers repeated threats against the “married priest”. He learned afterwards that the priests had preached in all their pulpits that afternoon against the interloper, recommending severe measures if he did not quietly withdraw. One attributed to his arrival the comet, then blazing with great brilliancy in the nightly sky. Another proclaimed it enough to look at him to see what a demon he was, and a third openly denounced him as Antichrist.*²⁹⁵

Para finalizarmos essa série quase exaustiva de menções à temática da perseguição narradas por Mary Wardlaw em “Candida”, cabe ainda citar uma sequência de episódios decorrentes da morte de um dos membros da comunidade protestante dirigida pelo casal Cary. O

²⁹³ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. p. 329. “A dona da casa, Dona Lucretia, deu vazão a sua insatisfação de várias maneiras, a pequena e inconsciente infratora era sua vítima favorita. Seus hinos eram tratados com zombaria e repreensão. Um dia, as crianças tentaram forçá-la a se ajoelhar quando uma procissão estava passando; em outro dia, fizeram cócegas nela sem piedade, para que ela repetisse uma oração a Maria. O pequeno corpo de Estrella se retorceu dolorosamente sob o último teste, mas seu espírito manteve-se firme.” (Tradução livre).

²⁹⁴ “*The Missionary*”. Vol. XXIII. Richmond: Novembro de 1890, p. 137. “não só aprendem muitas coisas reprováveis, como muitas vezes têm sido negligenciados por seus professores e evitados ou perseguidos por seus companheiros.” (Tradução livre).

²⁹⁵ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. pp. 87-88. “Augusto tinha lido repetidas ameaças nos jornais contra o ‘padre casado’. Ele soube depois que os sacerdotes tinham pregado em todos os seus púlpitos naquela tarde contra o intruso, recomendando medidas severas se ele não partisse. Um atribuiu a sua chegada a passagem de um cometa seguida de um grande brilho no céu durante a noite. Outro proclamou que bastava olhar para ele para ver que era um demônio e um terceiro o denunciou abertamente como sendo o anticristo.” (Tradução livre).

aspecto incisivo da autora pode ser vislumbrado já no título do capítulo que narra tais episódios: “*Petty Persecutions*” (Perseguições mesquinhas).

Em “*Petty Persecutions*”, é apresentado ao leitor o carpinteiro Hilário: um homem negro, membro da comunidade protestante, habitante da localidade do Outeiro (à época um subúrbio da cidade) e trabalhador da empresa inglesa ficcional *H-Works*. Hilário fica gravemente ferido em decorrência do desabamento do galpão onde trabalhava, sendo levado à Santa Casa de Misericórdia, onde se desenrolam os fatos narrados por Cosmo (primo-cunhado de Candida, naquele momento ainda católico):

*They took him to the Santa Casa. One of your church members learned of it, and went for Mr. Cary. They say there was a dreadful scene. I don't believe half the rumors, of course; but they say the sisters tried to put Mr. Cary out by force, telling him he had no right to come to a Catholic institution. 'Excuse me, Senhora,' said he, 'this building belongs to the State.' They tried to make the dying man confess. Nothing of confession. They clasped his mangled hands around a crucifix — Hilario died. When his wife, his own brother, and several church members left the hospital, headed by Mr. Cary, and hearing the dead body, the sisters hissed them. A mob followed, jeering and yelling all the way to his house in Outeiro.*²⁹⁶

Ante tal embate entre o Reverendo protestante e as freiras da Santa Casa de Misericórdia que tentavam impedi-lo de visitar o membro de sua igreja internado na instituição, o relato é reforçado pelas tentativas de forçar o moribundo, em seus momentos finais de vida, a realizar o sacramento católico da confissão. À morte de Hilário na Santa Casa seguiram-se mais dois episódios de conflito, o primeiro durante o velório na residência do falecido carpinteiro, quando o Reverendo Cary tentou visitar a família e foi recepcionado por uma multidão na rua que o ofendia e o ameaçava aos gritos; e o segundo já relatado, quando da visita das irmãs Candida e Glória à Cherubina (viúva de Hilário), em que as duas irmãs, identificadas como protestantes por uma turba reunida na rua, são atacadas com uma chuva de pedras.

²⁹⁶ Ibidem, p. 182. “Levaram-no para a Santa Casa. Um dos membros da sua igreja soube disso e comunicou ao Sr. Cary. Dizem que foi uma cena terrível. Eu não acredito na metade dos rumores, é claro; mas eles dizem que as freiras tentaram colocar o Sr. Cary à força para fora, dizendo que ele não tinha o direito de adentrar em uma instituição católica. ‘Desculpe-me, Senhora’, disse ele, ‘este edifício pertence ao Estado’. Elas tentaram fazer o homem confessar morrendo. Nada de confissão. Elas apertaram suas mãos mutiladas em torno de um crucifixo – Hilário morreu. Quando a esposa dele, o irmão e vários membros da igreja deixaram o hospital, encabeçados pelo Sr. Cary, e testemunharam o corpo morto, as freiras zombavam deles. Uma multidão os seguiu, zombando e gritando por todo o caminho até a casa no Outeiro.” (Tradução livre).

Diante de tais acontecimentos dramáticos denominados de “perseguições mesquinhas” por Mary Wardlaw, a autora do romance assim expressa qual era o clima persecutório reinante na cidade:

*For a while the little church met with much petty persecution. Again the papers teemed with offensive and threatening articles. The congregation learned to sit unmoved, even when stones were flung through the windows or when fire-crackers exploded at their feet. The members were everywhere assailed with opprobrious epithets.*²⁹⁷

A dramaticidade da perseguição é incessantemente posta em ares vívidos no romance de Mrs. Wardlaw. Ao ponderarmos sobre a persistência da autora a respeito deste tema não podemos afirmar que a mesma não tenha vivenciado algum tipo de oposição mais exaltada da parte daqueles a quem a missão buscava alcançar durante sua permanência no Brasil. Mas, por outro lado, temos sempre que ter em mente o que afirmamos no fim do primeiro capítulo a respeito da obra de arte como um instrumento que passa por mediações culturais.

A perseguição é, desta maneira, um elemento chave na compreensão do protestantismo romanceado de Mary Hoge Wardlaw. Suas experiências na zona de contacto somadas aos seus repertórios culturais serviram-lhe de mediadores para a sua apreensão do que entendia como realidade. Não podemos tentar compreender a produção ficcional de Mrs. Wardlaw apenas a partir do próprio romance, daí nossa busca constante em aspectos relacionados à sua produção e recepção. Isto é, nosso interesse não parte da tentativa de delimitar as fronteiras entre o “real” e o “não-real”, na medida em que ao publicar seu romance, todos os aspectos contidos em seu escrito tornaram-se “reais”, nossa busca, tomando de empréstimo as palavras de Pierre Bourdieu, parte muito mais no encalço de desenvolver a análise

das condições sociais de produção e da recepção da obra de arte, longe de a reduzir ou de a destruir (...) apenas para melhor redescobri-la ao termo do trabalho de reconstrução do espaço no qual o autor encontra-se enlobado e “incluindo como um ponto”.²⁹⁸

²⁹⁷ Ibidem, p. 196. “Por um tempo a pequena igreja se reuniu sob muitas perseguições mesquinhas. Novamente os jornais estavam repletos de artigos ofensivos e ameaçadores. A congregação aprendeu a sentar-se impassível, mesmo quando as pedras eram arremessadas através das janelas ou quando os fogos de artifício explodiam em seus pés. Os membros foram em todos os lugares atacados com epítetos de opróbrio.” (Tradução livre).

²⁹⁸ BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: a gênese do campo literário*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. pp. 14-15.

Uma das condições sociais de produção de “Candida” foi a constituição de uma identidade missionária protestante a partir do que era oposição. Criou-se uma visão de si mesmo a partir da negação do “outro”. O protestantismo era então uma espécie de filme negativo do catolicismo brasileiro e o reforço das características negativas sob o olhar de Mary Wardlaw tinha como ponto de inflexão o modo como a autora via a missão protestante e seus colaboradores.

Desta forma, a percepção do “outro” só é possível a partir da pré-concepção de um “eu”. Seria, então, um modo de análise comparativa entre aqueles que poderiam levar a luz da salvação e aqueles mergulhados nas trevas, mas tudo sob o prisma dos primeiros. Ao mesmo tempo em que o “outro” pode ser visto como radicalmente oposto, ele pode também, em alguns aspectos, ser identificável, tido como comum. Esta apreensão do “outro” enquanto sujeito intrinca mais ainda a relação, pois assim é visto o “eu”. Como em uma sala de espelhos de circo “O outro é visto como o reflexo do eu”²⁹⁹, mas de modo sempre disforme e mutável, já que sobre esta tentativa de apreensão do “outro” perpassam os contatos travados. Tal operação envolta nas relações de sociabilidade permite que fluam de maneira mais aberta os discursos da alteridade.

Por tal razão, ao apresentar a perseguição sofrida pelos missionários protestantes no campo, a equação gira em torno da seguinte máxima: somos perseguidos porque trazemos a verdade e tal perseguição é prescrita pela Bíblia, eles nos perseguem porque ainda estão distantes da verdade e necessitam de nós para alcançá-la³⁰⁰.

De certo modo, apesar de tratar-se de um romance, a ficção de Mary Wardlaw tinha a capacidade de ir além do mero entretenimento ou de sua militância missionária. Como afirma Sevcenko a respeito da literatura (e já citado por nós), tal escrito se “devidamente conduzido, tem o poder de construir e modelar simbolicamente o mundo”³⁰¹.

Dessa forma, por mais que não almejasse ser a realidade, já que se tratava de uma ficção, as construções identitárias de um protestantismo perseguido no campo missionário

²⁹⁹ BURKE, Peter. Estereótipos do outro. In. *Testemunha Ocular: história e imagem*. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos; revisão técnica de Daniel Aarão Reis Filho Bauru: Edusc, 2004. p. 153

³⁰⁰ Apesar de nosso objetivo não se constituir em uma discussão relacionada a um contraponto ao olhar sobre a perseguição religiosa desenvolvida pelos fiéis católicos romanos a elementos protestantes no Brasil da segunda metade do século XIX, cabe citar a provocação desenvolvida por Campos a esse respeito, em que o autor questiona se tais atos de violência física não seriam uma espécie de resposta a uma possível “violência simbólica” levada a cabo pelos “pregadores protestantes, aparentemente pacíficos”. Cf. CAMPOS, Leonildo Silveira. Op. cit. (2012). p. 152.

³⁰¹ SEVCENKO, Nicolau. Op. cit. p. 284.

serviram como modelador simbólico do mundo que cercava a autora e seus leitores no princípio do século XX.

Mas, diante da sanha de “perseguições mesquinhas” cabia aos missionários uma reação, mas não uma reação na mesma medida, de modo que passaremos a discutir no próximo tópico como os reveses advindos da oposição à missão encontram em “Candida” uma série de proposições de procedimentos a serem adotados pelos missionários, servindo como uma espécie de manual pautado sob a égide da perseverança.

3.2: “Mas tende bom ânimo”: O romance como manual missionário

Um risco constante rondava os missionários protestantes estadunidenses que trabalhavam em terras estrangeiras: a morte. Vários foram os que sucumbiram em decorrência das doenças que grassavam o campo missionário nos diversos recantos do mundo, vitimados pela cólera, malária, varíola, febre amarela e outras moléstias. Esse foi o triste destino da jovem missionária Caroline Mary Cunningham que, por conta da varíola, faleceu em Fortaleza no dia 05 de abril de 1891. Sua morte foi relatada pelo periódico “O Estado do Ceará” em forma de denúncia à epidemia que assolava a região naquele ano:

Falleceu ontem as 10 horas da noite, victima de varíola confluyente hemorrhagica, Miss Cunningham, norte-americana e uma das instituidoras na missão evangélica n'esta cidade.

Moça ainda, aos 31 annos, pagou ella o tributo a vida, longe da família e do torrão natal donde separou-se, há poucos mezes, no intuito de ser útil pelo ensinamento dos seus dotes moraes as jovens cearenses, cujos paes havião abraçado a religião protestante n'esta cidade.

Vaccinada cinco vezes sem bom êxito, vivia ella receiosa de contrahir o mal epidêmico, que presentemente assola todo bairro do Oiteiro; e sem pensar que na rua, por onde transitava diariamente á vir dar suas lições na eschola protestante, existissem focos de infecção, mantidos por variolosos em decamação, foi vitima assim de uma desgraça irreparável á si, aos seus, e as pessoas amigas que a estremecião.

Paz a sua alma; e pêsames ao Sr. Lacy Wardlaw, que com sua família prestou á infeliz moça os desvellos paternaes, a que tinha ella bons direitos por mais de um titulo e consideração.³⁰²

Carrie Cunningham nascera na Califórnia e chegou ao Ceará proveniente de Fulton em setembro de 1890, onde já trabalhava como professora, vindo a oferecer seus serviços para

³⁰² Jornal ‘O Estado do Ceará’. Fortaleza, 06 de abril de 1891.

atuar como missionária no exterior³⁰³. Sua chegada ao Brasil havia sido festejada pelo Reverendo Wardlaw no “*The Missionary*”:

*It is time that we were getting into good quarters, and the prospect is good for our opening our schools in October. Miss Chambers, of Lexington Mo., sent out by the church of Independence, and Miss Cunningham, supported by the church at Fulton, Mo., and D. Maroca, our old teacher, will make a good staff.*³⁰⁴

Porém, após sete meses de trabalho missionário, sua súbita partida seria também lamentada na “Imprensa Evangélica”: “Associamo-nos com o grande número tanto no Brazil como na sua pátria, que prantêam a sua ausencia do lar e da missão: mas na certeza de que está eternamente feliz”³⁰⁵.

Conforme apontado no tópico anterior, o romance de Mary Wardlaw reverberou a ênfase dada pela literatura missionária protestante do século XIX a respeito da perseguição sofrida pelos missionários no campo de ação. Mas, além da perseguição que resultava em violência física ou psicológica, os escritos dos missionários estadunidenses do período apontavam para outros aspectos inerentes ao ofício, por exemplo, a dedicação plena à “seara do Senhor” que exigia de seus ceifeiros os esforços de sua juventude e que, muitas vezes, debilitava a saúde dos mesmos ao levá-los para atuar em terras hostis, repletas de moléstias mortais em que vários desses missionários caíram vítimas.

Desde meados do século XVIII, publicavam-se nos Estados Unidos obras biográficas que faziam menção a jovens missionários que dedicavam suas vidas à causa da conversão de não protestantes. Nesses escritos, os missionários biografados eram elevados ao nível de pessoas exemplares, cuja piedade cristã seguiu resolutamente firme a ponto de tais sujeitos morrerem em terras estrangeiras vitimados pelas condições agressivas de uma outra territorialidade. Essa construção discursiva foi denominada por Mary Kupiec Cayton de “Hagiografia missionária”, cuja característica básica e comum era a seguinte dinâmica: “*Brilliant young men full of*

³⁰³ Alderi Matos aponta que Carrie Cunningham partiu para o Brasil na companhia de um casal de missionários metodistas e dos seguintes missionários presbiterianos: Reverendo William Alfred Waddell, Reverendo Wilmot Albert Carrington e Mrs. Clara Emory. In. MATOS, Alderi Souza de. Op. cit. p. 131.

³⁰⁴ “*The Missionary*”. Vol. XXIII. Richmond: Novembro de 1890, p. 421. “Nesse momento estamos entrando em um bom período, e a perspectiva para a abertura de nossa escola em outubro é boa. A Senhorita Chambers, de Lexington Missouri, enviada pela igreja de Independence, e Miss Cunningham, apoiada pela igreja em Fulton, Missouri, e D. Maroca, nossa velha professora, formarão uma boa equipe.” (Tradução livre).

³⁰⁵ Jornal “Imprensa Evangélica”. São Paulo, Vol. XXVII, N. 6, 30 de Maio de 1891. p. 168.

*benevolence and compassion for the miserable condition of others, each abandoned and home of his youth to bring the Gospel to heathen peoples and died young*³⁰⁶.

Felizmente para a autora de “Candida” tal não foi o destino dos Wardlaws, ambos retornaram à pátria e morreram septuagenários. Entretanto, esse casal de missionários experienciou o contato com a morte de jovens colaboradores da missão presbiteriana no Ceará, como no caso de Caroline Cunningham, cuja morte marcou tão profundamente o casal Wardlaw a ponto de terem dado à sua filha caçula, nascida naquele mesmo ano de 1891, o nome da missionária falecida apesar dos poucos meses de convívio.

A respeito de Miss Cunningham, Mary Wardlaw, em uma carta publicada no periódico “*Brazilian Missions*”, reportaria a devoção da jovem missionária e o modo como ela deveria ser lembrada, isto é, como um modelo de inspiração:

*Miss Carrie M. Cunningham - We write this name with feelings of loving reverence (...) Only six months of service and then the victor's palm (...) The ladies of the Brazilian mission are a rarely devoted band, but it is just to say that the Searcher of Hearts found here no handmaiden more loyal than her whom He took thus early to serve in His fuller presence. (...) her memory may be an inspiration.*³⁰⁷

Miss Cunningham não fora a única colaboradora dos Wardlaws atingida pela morte no campo missionário. Em abril de 1892, James Dick, outro missionário, também viria a falecer em decorrência da varíola. A morte de Dick deu-se exatamente no dia em que este Reverendo escocês completava 31 anos de idade. Apesar de ter chegado ao Brasil em 1890, como missionário da organização Congregacional “*Help for Brazil*”, no ano seguinte foi recebido como membro do Presbitério de Pernambuco e enviado para auxiliar o casal Wardlaw no Ceará.

Apesar do choque e pesar com a morte de missionários, o número de pessoas que se candidatavam a tal trabalho aumentava ano após ano e esses episódios eram constantemente divulgados nas “hagiografias missionárias” de modo louvável. A esse respeito a “Imprensa

³⁰⁶ CAYTON, Mary Kupiec. *Canonizing Harrie Newell: Women, the Evangelical Press, and the Foreign Mission Movement in New England, 1800-1840*. In: REEVES-ELLINGTON, Barbara & SKLAR, Kathryn Kish & SHERO, Connie A. (Orgs.). Op. cit. p. 80. “Jovens brilhantes, cheios de benevolência e compaixão para com a condição miserável dos outros, abandonaram seu lar e juventude para levar o Evangelho aos povos pagãos e morreram jovens.” (Tradução livre).

³⁰⁷ “*Brazilian Missions*”. Nova York, Vol. IV, Nº 7, July, 1891. p. 53. “Srta. Carrie M. Cunningham – Escrevemos esse nome com amorosa reverência (...). Apenas seis meses de serviço e então a palma da vitória (...). As mulheres da Missão Brasileira são um grupo raramente devoto, mas é verdade dizer que o Examinador dos Corações não encontrou aqui nenhuma serva mais leal do que esta que ele tomou tão cedo para servi-Lo em sua presença (...). A memória dela deve ser uma inspiração.” (Tradução livre).

Evangélica” se manifestaria atribuindo tais perdas à vontade divina e exortando os leitores à conformação e à aprendizagem:

Nos é summamente doloroso o ter de registrar factos como este; mas si esta é a vontade de Deus, seja em tudo feita a sua santa vontade.

A Igreja Presbyteriana no Brazil tem sido dolorosamente ferida nestes últimos tempos. Como que a mão da Providência pesa sobre nós – castigando-nos, provocando-nos o zelo, exitando-nos a dedicação. “O Senhor castiga aos que ama” diz a Palavra.

Conformando-nos com a vontade de Deus saibamos tirar destes tristes acontecimentos, lições praticas e proveitosas.³⁰⁸

Além desses escritos que atribuía as mortes à vontade divina sugerindo aos que sobreviviam tomarem seus companheiros como exemplos, manuais direcionados aos aspirantes a missionários, publicados nos Estados Unidos, deixavam claro os riscos atinentes ao trabalho no campo. Um desses manuais, de autoria do Reverendo John Cameron Lowrie, direcionado aos membros da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, teve sua primeira edição publicada em 1854³⁰⁹ e recebeu o título de: *A manual of the foreign missions of the Presbyterian Church in the United States of America*.

Lowrie fora um dos primeiros missionários presbiterianos enviados à Índia, tendo permanecido no país entre 1833 e 1838, e retornado aos Estados Unidos em decorrência de seu fragilizado estado de saúde causado pela malária³¹⁰. Após seu regresso, assumiu funções de destaque no *Presbyterian Board of Foreign Missions*, no qual atuou como Assistente (1838-1850) e, depois, Secretário (1850-1891). Sua experiência pessoal na Índia, somada aos trabalhos no *Board of Foreign Missions*, possibilitou o respaldo para a publicação de seu manual, no qual estava presente o alerta constante dos riscos que acompanhavam o trabalho missionário:

*They [os missionários] and their families are found living far from their early homes, in unfriendly climes, amongst rude and debased tribes, and patiently laboring year after year to instruct the ignorant, and to bring the depraved and degraded people around them under the influence of the Christian religion.*³¹¹

³⁰⁸ Jornal “Imprensa Evangélica”. São Paulo, Vol. XXVIII, N. 21, 22 de Maio de 1892. p. 163.

³⁰⁹ LOWRIE, John Cameron. *A manual of the foreign missions of the Presbyterian Church in the United States of America*. 3 ed. New York: William Rankin Jr., 1868. Faremos uso neste trabalho da terceira edição do referido manual que difere das duas edições anteriores (1854 e 1855) por possuir algumas atualizações a respeito das atividades missionárias presbiterianas pelo mundo.

³¹⁰ Pouco antes do retorno de John Lowrie aos Estados Unidos, sua esposa, Louisa Ann Wilson Lowrie, faleceu em Calcutá por conta de uma tuberculose.

³¹¹ LOWRIE, John Cameron. Op. cit. p. 7. “Eles e suas famílias vivem longe de seus lares, em climas hostis, entre tribos rudes e degradadas, pacientemente trabalhando ano após ano para instruir os ignorantes e trazer as pessoas depravadas e degradadas ao seu redor para a influência do cristianismo.” (Tradução livre).

A distância do lar, os ambientes desfavoráveis e insalubres, a dificuldade em lidar com estrangeiros, muitos dos quais caracterizados como rudes, depravados e degradados, eram aspectos de antemão apresentados aos candidatos à carreira missionária. O missionário estaria, então, ciente dos riscos aos quais seria exposto ao partir de seu país. No entanto, conforme apontado no primeiro tópico deste capítulo, se por um lado tais manuais demonstravam os perigos e riscos deste trabalho, por outro o enfrentamento de tal cenário amedrontador era definido como algo exemplar, isto é, os missionários que morriam no campo, tal como a esposa do próprio Reverendo Lowrie em Calcutá e Miss Cunningham em Fortaleza, eram comparáveis aos primeiros apóstolos de Cristo, cujas mortes, ao invés de criarem um espírito desencorajador, fomentavam motivação a outros missionários continuarem o trabalho iniciado: *“The death of devoted laborers in the spread of the Gospel called other laborers into the harvest. And the work advanced with power”*³¹².

Além do aspecto relacionado aos perigos que cercavam o trabalho missionário, o manual de Lowrie discorria sobre temas que iam desde a candidatura ao ministério missionário, o financiamento, os salários e auxílios financeiros, a importância desse trabalho para o Cristianismo, passando em seguida a apresentar a seus leitores os vários campos missionários em que os presbiterianos atuavam. A ideia do autor nessa parte do manual era apresentar os diversos recantos do mundo que já possuíam a presença de missionários, abordando as características religiosas tidas como degradadas dos povos nativos, de modo a demonstrar a necessidade da missão protestante na localidade.

O Reverendo Lowrie apresenta em seu manual oito capítulos destinados a cada um desses locais ou povos: *“Missions among the Indian tribes”*; *“Missions in Western Africa”*; *“Missions in North India”*; *“Mission in Siam”*; *“Missions in China”*; *“Mission in Japan”*; *“Missions among Roman Catholics”*; e *“Missions among the Jews”*.

Por fim, uma extensa porção da obra, intitulada *“Memoirs of Missionaries”*, traz aos leitores a transcrição de memórias de quase cem missionários e missionárias que foram publicadas anteriormente em periódicos e obras biográficas. Aqui há uma clara ligação com a

³¹² Ibidem, p. 11. “A morte de trabalhadores dedicados na difusão do Evangelho tem chamado outros trabalhadores para a colheita. E o trabalho avança com poder.” (Tradução livre).

literatura que ganhou força ao findar do século XVIII e princípio do XIX que Mary Cayton³¹³ denominou de “Hagiografia missionária” e sobre a qual já mencionamos.

A ideia central do autor é apresentar a seus leitores, potenciais candidatos à missão proselitista presbiteriana, vários sujeitos comuns (citados nominalmente) que ao abraçarem a carreira missionária tornaram-se exemplos de piedade e de virtuosa vida cristã. Muitos desses indivíduos, inclusive, não retornariam a seus lares, na medida em que se encontrariam com a gloriosa morte em serviço, isto é, apesar da lamentável perda desses missionários, muitos deles bastante jovens, o foco das memórias era demonstrar a extrema relevância do trabalho missionário destes que haviam se sacrificado.

Esse tipo de escrita “hagiográfica” influenciou uma série de outras publicações protestantes nos Estados Unidos no decorrer dos séculos XIX e XX. O romance “Candida”, de Mary Hoge Wardlaw, também possuía uma tônica de memória, pois, mesmo deixando claro seu caráter ficcional, a autora também o indicava como fruto de sua experiência como missionária no processo de implantação do protestantismo na Província do Ceará. Com os devidos cuidados que tentamos dar a essa análise, o romance “Candida”, então, apresenta uma série de características que o vincula às memórias de missionários, exaustivamente lançadas pelas casas de publicação protestantes dos Estados Unidos daquele período.

Mas, há também a possibilidade de vincularmos a ficção de Mary Wardlaw aos manuais missionários como o do Reverendo Lowrie. Com uma linguagem muito mais simples e acessível que os manuais para missões estrangeiras, o romance de Mrs. Wardlaw apontava a seus leitores, interessados no trabalho missionário, diversos aspectos relacionados ao ofício proselitista protestante em um país católico. Há de se ter em mente que prestes a viajar a um país estrangeiro o viajante geralmente busca informações a respeito da região e de seus habitantes a partir de relatos de outros sujeitos que lhe precederam, de modo que a afirmação de Todorov, que citamos no primeiro capítulo acerca dos relatos de viagem, nos é bastante plausível, sendo possível reiterá-la aqui: “O relato de viagem não é, em si mesmo, o ponto de partida, e não somente o ponto de chegada, de uma nova viagem? O próprio Colombo não tinha partido porque havia lido o relato de Marco Polo?”³¹⁴.

³¹³ CAYTON, Mary Kupiec. Op. cit. p. 80.

³¹⁴ TODOROV, Tzvetan. Op. cit. p. 17.

Do mesmo modo, é totalmente razoável crer que os candidatos à carreira missionária liam relatos, biografias, cartas e romances daqueles que os precederam. Apesar de não termos indícios diretos de que outros missionários leram “Candida” antes de partirem para o campo, não podemos negar essa grande possibilidade, haja vista a publicidade dada pelo *Presbyterian Committee of Publication* à obra como um escrito indicado aos interessados em missões³¹⁵.

Dentre as várias prédicas do Reverendo Cary apresentadas por Mrs. Wardlaw em seu romance, a primeira delas trata justamente da missão que teria sido dada pelo próprio Cristo a todos os seus seguidores e que foi apresentada sob o prisma de Augusto que assistira à pregação e compartilhara efusivamente sua experiência com Candida:

*The priest, or minister, as he calls himself, prayed. I felt as if my soul was borne aloft. “Then he opened his Testament, and read of Christ’s sending his disciples into all the world to preach the gospel to every creature. “He said that this charge was not confined to those men, for it would have been impossible for eleven men to reach the whole world; that it was for all who had received the good news — that is what gospel means; and that it was in obedience to this commission that he had come to us.”*³¹⁶

Assim, além de demonstrar o dever de todos os cristãos (e não apenas dos onze discípulos) com relação ao esforço missionário, uma série de caminhos é dada por Mary Wardlaw a respeito de como lidar com os reveses no ofício missionário. Um dos personagens centrais na trama de Mrs. Wardlaw é Augusto de Oliveira, esposo da protagonista. Ele é apresentado pela autora, após sua conversão, como um protestante exemplar: convicto de sua fé e sempre buscando aprender mais sobre sua crença através do exaustivo estudo da Bíblia e de livros protestantes cujo acesso era possibilitado pelo Reverendo Cary. Augusto, então, torna-se uma espécie de missionário leigo, isto é, sem formação teológica regular.

³¹⁵ Dentre as impressões relacionadas à leitura do romance de Mary Wardlaw por leitores podemos citar a de Louise Pecquet Du Bellet, publicada em 1907 em uma obra de estudo genealógico: “*I tell you that midnight found me poring over the pages, determined not to sleep until I knew what had become of ‘Candida’*”. In. BELLET, Louise Pecquet du. *Some prominent Virginia families*. Vol II. Lynchburg: J. P. Bell Company, 1907. p. 545. “Eu lhe digo que me encontrei mergulhada sobre as páginas, determinada a não dormir até que soubesse o que tinha acontecido com ‘Candida’”. (Tradução livre).

³¹⁶ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. pp. 71-72. “O sacerdote, ou ministro, como ele chama a si mesmo, orou. Senti como se minha alma tivesse sido transportada para o alto. Então, ele abriu sua Bíblia e leu que Cristo enviou seus discípulos por todo o mundo para pregar o evangelho a toda criatura. Ele disse que essa tarefa não se limitava àqueles homens, pois teria sido impossível para onze homens alcançar o mundo todo; que era para todos os que haviam recebido as boas novas – isso é o que significa evangelho; e que era em obediência a esta comissão que ele tinha vindo até nós.” (Tradução livre).

Quando de sua migração solitária ao Vale do Amazonas em busca de melhores condições financeiras para a família, Augusto surge aos leitores atuando como missionário nos momentos de folga do trabalho nos seringais da inóspita floresta:

Augusto found but little congeniality among the workmen. They were mostly very rough in appearance and habits, and had no idea of diversion beyond drinking and gambling. When they sat down, hungry and clamorous as wolves, for the two o'clock meal, their faces smoked almost beyond recognition, Augusto had frequently to struggle against a feeling of repulsion, for he felt that the external blackness was but symbolical of that which reigned within.

He had found no one ready to listen to the teachings of his Bible save two young brothers, Ernesto and Raymundo Rodrigues, who were in every way superior to the others. They became humble, reverential students of God's Word, and, as months rolled on, the three, derided, even persecuted, yet secretly respected, by their mates, found much comfort in one another. On the Sabbath they would wander apart from the others, and hold precious, strengthening meetings in the depth of the forest. He who never breaks his word met with them, and his peace preserved them through the trials of the week to come.³¹⁷

Diante de seus companheiros de trabalho, “*hungry and clamorous (...) wolves*”, que traziam a Augusto um sentimento de repulsa, a força da comissão missionária era maior, levando o esposo de Candida a formar uma pequena comunidade protestante com os irmãos Rodrigues, que se reuniam “*in the depth of the forest*” para ouvir os ensinamentos de Augusto acerca da Bíblia.

A todo o momento, Augusto é apresentado pela autora do romance como um missionário nativo pronto a utilizar-se dos diversos encontros com outros brasileiros para propagar a fé protestante, fosse na floresta amazônica, no vapor que o transportava de volta ao Ceará, fosse entre a população pobre que habitava nas imediações da fazenda de seu pai em Baturité. Contudo, semelhante a vários missionários presbiterianos oitocentistas, Augusto teve sua vida abruptamente ceifada por uma enfermidade adquirida no vale do Amazonas:

³¹⁷ Ibidem, 229-230. “Augusto encontrou pouca simpatia entre os trabalhadores. Eles eram, em sua maioria, muito ásperos na aparência e nos hábitos, e não tinham ideia de outra diversão além de beber e jogar. Quando se sentavam, famintos e vociferantes como lobos, para a refeição das duas horas, seus rostos escurecidos pela fumaça os deixavam quase irreconhecíveis, e Augusto tinha frequentemente de lutar contra um sentimento de repulsa, pois ele sentia que aquelas trevas externas apenas representavam aquilo que reinava internamente. Ele não encontrou ninguém disposto a ouvir os ensinamentos de sua Bíblia, exceto dois jovens irmãos, Ernesto e Raymundo Rodrigues, que eram, em todos os sentidos, superiores aos outros. Eles se tornaram humildes e reverentes estudantes da Palavra de Deus e, com o passar dos meses, os três eram ridicularizados, mesmo perseguidos, mas secretamente respeitados, por seus companheiros, encontrando muito conforto uns nos outros. No domingo se distanciavam dos outros e faziam preciosas reuniões no interior da floresta. Aquele que nunca quebra Sua palavra reunia-se com eles, e Sua paz os preservava nas provações da semana por vir.” (Tradução livre).

The dreaded Amazonian chills had come unbidden into the camp. Those who had not yet been seized often rose at two or three o'clock in the night, hanging lanterns upon the trees to see to work by. The illness increased. The men began to die, sinking, one after another, into hopeless graves. Augusto and the Rodrigues brothers worked indefatigably among them, nursing them, doctoring them, — above all, urging them to accept the Saviour they had so long slighted.

But their pleadings fell upon brains stupefied by disease.

Raymundo Rodrigues was brought very low, but did not die. Pale and bloated, he crept about the camp, seeking to minister to those who were farther gone than he. Augusto was one of the last to give way, but the strain of his multiplied duties was too much for him. His was soon one of the most desperate cases. Ernesto Rodrigues nursed him like a brother. Indeed, Augusto and Raymundo both felt that they owed their lives to Ernesto's devotion.³¹⁸

Apesar de, a princípio, sobreviver e retornar ao Ceará, meses depois Augusto teria uma recaída em decorrência dos “*Amazonian chills*” e faleceria mesmo com todos os esforços de Candida em cuidar da saúde do esposo. Esse episódio, Mary Wardlaw abordaria com uma carga bastante emotiva, com o jovem Augusto dando seu último suspiro nos braços do missionário Reverendo Cary, olhando para o alto e exclamando “*Now, Yes! (...) Ready!*”³¹⁹.

“Candida” traz, com o falecimento de Augusto, a triste, porém gloriosa, morte de um missionário protestante no campo. Tal descrição assemelha-se à abordagem do manual missionário de John Lowrie acerca das terríveis doenças e mortes a que os missionários estariam sujeitos. Em seu “*Manual of the foreign missions*”, Lowrie esboça qual seria o mais sério obstáculo do trabalho missionário no continente africano:

The most serious obstacle to missionary labor in this part of the world is the unhealthiness of the country to foreigners. The climate is not deleterious to the natives, who are described as physically a vigorous and long-lived people; but foreigners are subject to fevers which often prove fatal. Unusual mortality has marked the progress of the missionary work on this coast. This may have been owing partly to the want of prudence in some cases, and in others to the want of proper care and treatment. (...) It must be conceded, however, that the climate of this part of Africa still proves more or less injurious to the health of those who have been brought up in northern latitudes. Yet

³¹⁸ Ibidem, pp. 230-231. “Os temidos calafrios amazônicos tinham chegado ao acampamento. Aqueles que ainda não tinham adoecido muitas vezes subiam nas árvores as duas ou três horas da noite com lanternas para trabalhar pelos outros. A doença se espalhou. Os homens começaram a morrer, caindo, um após o outro, em sepulturas sem esperança. Augusto e os irmãos Rodrigues trabalharam incansavelmente entre eles, cuidando deles, medicando-os, acima de tudo, instando-os a aceitar o Salvador que tinham por tanto tempo desprezado. Mas, também adoeceram. Raymundo Rodrigues ficou bastante mal, porém não morreu. Pálido e inchado, ele rastejava sobre o acampamento procurando ministrar àqueles que estavam piores do que ele. Augusto foi um dos últimos a ceder, no entanto a tensão das suas funções multiplicadas foi demais para ele. Seu caso foi um dos mais graves. Ernesto Rodrigues cuidou dele como a um irmão. Na verdade, Augusto e Raymundo, ambos, sentiram que deviam suas vidas à devoção de Ernesto.” (Tradução livre).

³¹⁹ Ibidem, p. 285.

*this consideration should not receive more than its proper weight in the scale of Christian duty. The missionary work is surely worthy of greater sacrifices.*³²⁰

As várias mortes de missionários estadunidenses causadas por enfermidades endêmicas dos locais de atuação serviria como inspiração para Mary Wardlaw demonstrar, através de Augusto, que nem os nativos estariam a salvo da possibilidade de enfrentarem este terrível destino. Porém, o grande sacrifício do missionário sempre é descrito em tons triunfalistas. Sua morte representa para ele a salvação da alma e para os seus pares a inspiração para a continuidade do trabalho.

Uma pequena inflexão na discussão deve ser feita aqui. Augusto tratava-se de uma espécie de missionário leigo, não possuía formação teológica, tampouco exercia funções pastorais na comunidade protestante. Contudo, tal artifício parece ser uma estratégia literário-protestante bem articulada, na medida em que o exercício da prática missionária protestante não postulava como requisito uma consagração ao exercício das funções pastorais. Um dos principais postulados do protestantismo legitimado pela Reforma foi justamente a doutrina do sacerdócio universal, ou seja, a todos os fiéis Deus era acessível de modo que, com a conversão, todos seriam “sacerdotes” e tinham o dever de propagar a fé cristã.

Logicamente, isso não significou o fim das lideranças eclesiásticas, pois tal doutrina não anulava a perspectiva teológica de que Deus distribuía dons diferentes aos indivíduos. Assim, apenas alguns eram dotados com a vocação do ministério pastoral, porém a todos era ordenada a “Grande Comissão” ou o famoso “Ide” bíblico, no qual se determinava a difusão do cristianismo no mundo.

Através da imprensa do Ceará podem-se ver notícias da atuação de membros da Igreja Presbiteriana, administrada pelo casal Wardlaw, efetivando práticas missionárias leigas, por exemplo, as informações publicadas acerca do cirurgião-dentista Albino José de Farias realizando pregações na cidade de Baturité no ano de 1883: “ha dias pregando o protestantismo na feira e pelas ruas da cidade de Baturité, o Sr. Albino de Farias, ultimamente improvisado

³²⁰ LOWRIE, John Cameron. Op. cit. p. 68. “O mais sério obstáculo ao trabalho missionário nesta parte do mundo é a insalubridade do país aos estrangeiros. O clima não é prejudicial para os nativos, que são descritos como um povo fisicamente vigoroso e longevo, mas os estrangeiros estão sujeitos a febres que muitas vezes revelam-se fatais. A mortalidade marcou o progresso da obra missionária na costa. Isso pode ter sido, em parte, em alguns casos devido à falta de prudência e em outros, à falta de cuidado e tratamento adequado. (...) É preciso reconhecer, contudo, que o clima desta parte da África ainda se prova mais ou menos prejudicial para a saúde dos que são provenientes de latitudes do norte. No entanto, essa consideração não deve pesar mais do que o dever cristão. O trabalho missionário é certamente digno de grandes sacrifícios.” (Tradução livre).

ministro protestante, dentista morador n'esta capital"³²¹. Em outra oportunidade, já no ano de 1887, Albino de Farias publicaria uma defesa na imprensa às Bíblias vendidas na livraria do Reverendo Wardlaw que, através de uma denúncia anônima³²², receberam o epíteto de “truncadas”. Na defesa, o dentista Farias postaria seu nome seguido pelos adjetivos “O evangelista ou protestante”³²³.

Cabe levantar uma hipótese quanto ao foco em um missionário leigo presente no romance que seria mais particular à autora: a própria Mary Hoge Wardlaw, por ser mulher, apesar de possuir instrução letrada, não tinha formação teológica formal, pois isso era exclusividade para aqueles a quem se destinava o ministério, isto é, para os homens. Assim, a imensa leva de mulheres missionárias fazia uso dos seus conhecimentos como professoras, médicas, enfermeiras – e também como financiadoras –, a fim de difundir também a missão e a visão de mundo protestante que possuíam àqueles a quem se dedicavam no campo missionário.

As relações assimétricas de gênero, sempre bastante vigorosas nas comunidades protestantes estadunidenses, foram reelaboradas a partir da prática missionária de mulheres em terras estrangeiras. Os encontros culturais com homens e mulheres de outras nações, como o que Mary Wardlaw vivenciou no Brasil, proporcionaram-lhe formatar novas práticas culturais e forjar novas fronteiras de gênero, isto é, as linhas de atuação feminina e percepção de mundo se tornaram muito mais voláteis.

Se os ditames eclesiásticos presbiterianos lhe vetavam o púlpito, o campo missionário lhe abriu uma chance para a pregação em outros espaços, como em visitas domiciliares, reuniões de sociedades femininas, classes da escola dominical e através de seu romance. Os papéis de gênero, apesar de continuarem ditando comportamentos e práticas, acabaram sofrendo ressignificações. Conforme afirma Kathleen Wilson: “*Colonial encounters generated a ‘gender frontier’, where ‘two or more culturally specific systems of knowledge about gender and nature’ met and confronted one another, forcing the invention of new identities and social practices*”³²⁴.

³²¹ Jornal “Libertador”. Fortaleza, 28 de julho de 1883.

³²² Tratava-se de uma denúncia à ausência dos livros deuterocanônicos nas Bíblias comercializadas ou distribuídas na livraria de Lacey Wardlaw: “Previne se aos christãos sinceros que as bíblias annunciadas á venda pelo Sr. Lacy, ministro protestante, são truncadas; pois faltam nellas os livros seguintes Tobias, Judith, Sabedoria, Ecclesiastico, Baruch, e Machabeus 1º e 2º. (...) Não se illudam os incautos!” In. Jornal “Libertador”. Fortaleza, 29 de março de 1887.

³²³ Ibidem, 02 de abril de 1887.

³²⁴ WILSON, Kathleen. Empire, gender and modernity. In. LEVINE, Philippa (Org.). *Gender and Empire*. Oxford: Oxford University Press, 2009. p. 23. “Encontros coloniais geraram uma ‘fronteira de gênero’, em que ‘dois ou mais

Nesse sentido, entra em cena a figura da missionária casada do romance – Mrs. Cary – e sobre a qual nos detivemos no capítulo anterior. Assim como Augusto, Mrs. Cary também possui na trama uma ativa participação no trabalho missionário protestante no Ceará e também é atingida por uma severa enfermidade. A missionária norte-americana por muito pouco não encontrou destino similar ao do jovem Augusto. No entanto, o desenlace mais surpreendente nessa parte da obra não é a recuperação da missionária, mas o espírito calmo e conformado de sua pequena filha caçula, Nellie, quando todos acreditavam que Mrs. Cary não sobreviveria:

It was an eventful night in the house she went to. No one expected Mrs. Cary to see the morning. Faithful Dr. Hippolyto and some of the devoted women of the church fought for her life all through the long night. (...) Candida watched Nellie, who was just Estrella's age. Her features lost none of their accustomed serenity, but in a deeply solemn voice she prophesied (speaking, like Portia, in Portuguese), "I think my mamma is going to die. To-morrow, perhaps, she will be lying here, with her eyes shut, dead — dead!"³²⁵.

A respeito da visão de mundo que formatava esse modo sereno como Mary Wardlaw acreditava que a morte deveria ser encarada já nos debruçamos em trabalho anterior³²⁶, cabendo aqui apenas apresentar um trecho de um de seus artigos publicados no “*The Missionary*” sobre esse assunto, em que a missionária considerava que o enlutado deveria ceder à vontade divina: “*When all was over, the chastened sorrow told of a heart that bowed to God's will (...) solemn funeral elevated the soul of the mourner*”³²⁷.

Conforme Alves, “o elogio da morte é uma das notas mais marcantes da maneira pela qual os protestantes vivem seu mundo (...). A morte é o meio pelo qual Deus se apropria, toma posse, dos homens”, enquanto a vida se define como “um nível inferior da realidade e que, por

sistemas culturais de conhecimento sobre gênero e natureza’ se encontravam e se confrontavam, forçando a invenção de novas identidades e práticas sociais.” (Tradução livre).

³²⁵ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. pp. 308-309. “Foi uma noite memorável naquela casa. Ninguém esperava que a senhora Cary resistisse até a manhã. O fiel Dr. Hippolyto e algumas das dedicadas mulheres da igreja lutaram pela vida dela durante toda a longa noite. (...) Candida tomava conta de Nellie, que tinha apenas a idade de Estrella. Suas feições não haviam perdido a serenidade habitual, mas com uma voz profundamente solene ela profetizou (falando, como Portia, em Português), ‘Eu acho que minha mãe vai morrer. Amanhã, talvez, ela estará descansando aqui, com os olhos fechados, morta – morta!’” (Tradução livre).

³²⁶ Trata-se do tópico intitulado “Hábitos imorais: olhares civilizadores protestantes na vida e na morte” In. OLIVEIRA FILHO, Sergio Willian de Castro. Op. cit. (2011) pp. 83-109.

³²⁷ “*The Missionary*”. A monthly Journal, issued in behalf of The Foreign Missions of the Presbyterian Church in the United States. Edited by the secretaries. Vol. XXIII. Published by Whittet & Shepperson. Richmond: Novembro de 1890, p. 429. “Quando tudo acaba, a tristeza que castiga o coração deve ceder à vontade de Deus (...) o funeral solene eleva a alma do enlutado.” (Tradução livre).

isso, não pode merecer nossa paixão”³²⁸. Assim, a morte do missionário deveria sempre ser vista com serenidade e conformismo, sentimentos exemplarmente incorporados por Nellie, uma criança (com menos de cinco anos de idade!). Não deveria haver ressentimentos quanto a um possível retrocesso das conquistas da missão desenvolvidas por aquele indivíduo, pois havia dentre os missionários a certeza quanto ao sucesso final deste trabalho.

Lowrie apregoa a seus leitores que a difusão do protestantismo pelos recantos do mundo teria inexoravelmente o resultado favorável ao projeto, pois seria a confirmação da profecia bíblica de que todas as “terras” tomariam conhecimento do “Evangelho”:

*no Christian can doubt the final issue of the contest now waging in the world between the powers of darkness and of light. Nor can any reasonable doubt be entertained concerning the success of the measures now commonly employed by the Church in the missionary work, as tending to the general diffusion of Christianity. These measures are the same, substantially, in unenlightened as in Christian lands. (...) The success of this apostolic preaching will become more marked in coming ages, until all nations are converted unto God. We know no other means of success.*³²⁹

A certeza do sucesso do projeto missionário difundido pelos manuais missionários encontra ressonância na obra de Mrs. Wardlaw a partir das conversões das personagens centrais da trama, mesmo quando muitas destas conversões são eivadas de tensões e conflitos precedentes. A esse respeito retornaremos a discussão no próximo tópico.

Cabe ainda aqui fazer algumas aproximações entre o Manual Missionário de John Lowrie e o romance “Candida” em dois pontos: 1) A ênfase constante na degradação religiosa dos povos almeçados pelas missões presbiterianas; e 2) A distinção do romance de Mary Wardlaw ao focar um campo missionário específico, isto é, o Brasil, tornando seu romance uma leitura bastante voltada aos interessados em missões neste ponto do globo.

Ignorância, superstição e depravação são alguns dos adjetivos empregados pelo Reverendo Lowrie para descrever os países destituídos da “Luz” da verdade que os missionários protestantes estadunidenses possuíam e tinham por tarefa propalar. A condição espiritual dos homens sem o protestantismo seria:

³²⁸ ALVES, Rubem. Op. cit. (2005) pp. 167-168.

³²⁹ LOWRIE, John Cameron. Op. cit. pp. 14-15. “nenhum cristão duvida do resultado final do embate agora travado no mundo entre os poderes das trevas e da luz. Não há qualquer dúvida quanto ao sucesso das medidas comumente empregadas pela igreja na obra missionária que tendem para a difusão geral do cristianismo. Essas medidas são substancialmente as mesmas tanto em terras não iluminadas como em terras cristãs. (...) O sucesso dessa pregação apostólica se tornará mais perceptível no futuro próximo, quando todas as nações serão convertidas para Deus. Sabemos que não há outro meio de sucesso.” (Tradução livre).

*This is truly deplorable. Ignorance, superstition, and depravity, — almost all kinds of evil, — abound in countries where the light of the Sun of righteousness does not shine. Under afflictions their inhabitants are destitute of support, and in death are without hope.*³³⁰

Nicola Gasbarro, ao analisar a prática missionária cristã, analisa os fundamentos de um universalismo cristão e sua busca por uma “conquista espiritual” dos povos devotos de outras religiões, na medida em que: “O cristianismo é, antes de tudo, ‘verdadeiro culto do verdadeiro Deus’; a relação prioritária dos homens com a divindade dá inevitavelmente sentido às relações dos homens entre si (...). A hierarquia é evidente”³³¹.

O discurso missionário protestante do século XIX parte desse pressuposto básico. Para grande parte dos missionários, não havia a necessidade de explicação teológica para tal máxima, isto é, o cristianismo era a religião verdadeira, todas as outras crenças nada mais eram que engodos malignos fortalecidos pela ignorância quanto ao Deus cristão.

Mas, tal discurso tende a tornar-se mais complexo com a difusão dos protestantismos – talvez seja mais adequado pluralizar o termo por conta de sua diversidade e tendência ao sectarismo – que arrogavam a si a áurea de verdadeiro cristianismo, isto é, para muitos grupos protestantes, nem todas as religiões cristãs podiam ser consideradas como dignas de levarem o epíteto de “cristãs” (tal afirmativa era válida, inclusive, em oposição a outros grupos protestantes).

Contudo, apesar das várias desavenças e peculiaridades teológicas dentre as seitas protestantes dos Estados Unidos, o projeto missionário dos séculos XIX e XX caminhou no sentido de reduzir as tensões decorrentes de tais discórdias com o fim de se difundir a religião cristã protestante. Por certo, diversos conflitos ocorreram entre as diferentes denominações no campo missionário, muitos dos quais gerados pela busca de fiéis. No entanto, paulatinamente, as lideranças dos comitês de missões estrangeiras buscaram direcionar uma unidade ecumênica nas ações, principalmente em nações com baixo contingente protestante.

Diante de tantas peculiaridades de crenças e práticas existentes entre as variadas denominações protestantes estadunidenses, criou-se um ponto de unidade voltado para a

³³⁰ Ibidem, p. 12. “Isso é verdadeiramente deplorável. A Ignorância, a superstição e a depravação – quase todos os tipos de mal – abundam em países onde a luz do Sol da justiça não brilha. Seus habitantes, sob aflições, são destituídos de apoio e na morte estão sem esperança.” (Tradução livre).

³³¹ GASBARRO, Nicola. Missões: a civilização cristã em ação. In. MONTERO, Paula (Org.). *Deus na Aldeia: missionários, índios e mediação cultural*. São Paulo: Globo, 2006. pp. 82-83.

consecução do projeto missionário, os “WASP”³³², em detrimento de suas tensões teológicas internas nos Estados Unidos, viam-se em diversos aspectos superiores: na cor branca da pele; na trajetória histórica de seu país (tida como heróica); na religião protestante (que seria despojada dos mitos e superstições que atrasavam a evolução dos outros povos); e na economia liberal e industrializada (que trazia progresso material à humanidade).

A partir disso, o Reverendo Lowrie distribui em seu manual capítulos dedicados aos locais do mundo que teriam a atuação missionária protestante em andamento. Mas, além de discorrer acerca das ações missionárias desenvolvidas e dos sujeitos envolvidos, Lowrie reserva algumas linhas para apontar os aspectos tidos como degradantes presentes nos costumes e religiões dos povos que eram alvos das missões.

O autor toma como ponto de partida as missões nacionais entre os nativo-americanos. Diante dos conflitos sangrentos advindos com o contato com as nações indígenas que aumentavam na medida em que os Estados Unidos expandiam sua fronteira rumo ao Oeste, Lowrie considera que o único modo de impedir a aniquilação destes povos seria a conversão dos mesmos, pois ela lhes traria a civilização e salvação: *“This only can civilize them. This only can save them from extinction as a people. And this can save them for this world and the world to come”*³³³.

O capítulo seguinte trata sobre o continente africano, considerado pelo autor como *“one of the darkest parts of the world”* e sua população a *“most ignorant and debased of the human family”*³³⁴. Logicamente, fazia parte da constituição desse discurso não apenas uma perspectiva religiosa, mas uma imensa carga de concepções civilizacionais e de teorias racialistas que afirmavam haver estágios civilizacionais distintos entre os povos de acordo com o que se convencionou como “raças humanas”, criando perspectivas etnocêntricas no olhar sobre o outro.

Assim, seguem-se capítulos sobre o missionarismo presbiteriano na Índia, Sião e China, respectivamente, citados a seguir:

*The Bible and the missionary are indispensable, in order to save the Hindus from infidelity. They are indispensable also to direct them unto “the Lamb of God that take the away the sin of the world”.*³³⁵

³³² White, *Anglo-Saxons and protestants*.

³³³ LOWRIE, John Cameron. Op. cit. p. 55.

³³⁴ Ibidem, p. 56.

³³⁵ Ibidem, p. 91. “A Bíblia e o missionário são indispensáveis, a fim de salvar os hindus da infidelidade. Eles são indispensáveis também para encaminhá-los até ‘o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo’”. (Tradução livre).

The religion of the Siamese is Buddhism, which may be characterized as a kind of atheistical idolatry; for Budh, in his most common form, Guadama, is not supposed to take any concern in the affairs of men. Some of the practical precepts of Buddhism are good; murder, theft, adultery, falsehood, intoxicating drinks, are prohibited; yet, it sanctions polygamy, and the morals of its votaries are the morals of the heathen everywhere. As a religion, it makes no provision for the pardon of sin, nor for the purifying of a depraved nature; and it yields neither support to the afflicted, nor hope to the dying.³³⁶

Give them the Gospel, and they will stand before long amongst the foremost nations of the world. As it is, they are superior to the self-lauding Anglo-Saxon and other European races, before these were lifted up from their early condition by the Gospel of Christ (...) when we survey their religious and moral system, we find it necessary to classify them with the Hindus, the Siamese, and other heathen people. Their religion is idolatry, more or less refined, but still idolatry; their morals are those which characterize pagans everywhere.³³⁷

Na linha de raciocínio dos manuais missionários, assim se constituíam os povos não alcançados pelas missões protestantes: pagãos; idólatras; pecadores; imersos nas trevas; moralmente degradados; sem perspectiva de futuro (tanto na vida terrena quanto após a morte). No entanto, se havia um discurso imperialista que entoava as mesmas afirmações como justificativa para o domínio, mesmo que isso significasse a destruição do outro, para os missionários não poderia haver tal exacerbação, na medida em que se criam como os portadores da salvação para tais populações.

Paradoxalmente os missionários protestantes estavam imersos nas redes dos Impérios Britânico e Norte-Americano, utilizando-se e sendo utilizados pelas teias de dominação imperialista, porém não podiam compactuar por completo da alteridade radical que impunha a destruição não apenas cultural mas também humana dos povos sob o controle do Império. Pode-se afirmar que muitos missionários estadunidenses, principalmente aqueles que atuaram no continente africano e asiático, tiveram seu trabalho possibilitado pelo apoio do governo imperial britânico que autorizou, geralmente sem entraves, a instalação de estações missionárias em seus

³³⁶ Ibidem, pp. 111-112. “A religião dos Siameses é o budismo, que pode ser caracterizada como um tipo de idolatria ateia; Buda, em sua forma mais comum, Guadama, não crê em qualquer preocupação nos assuntos dos homens. Alguns dos preceitos práticos do budismo são bons: o assassinato, o roubo, o adultério, a mentira, as bebidas intoxicantes, são proibidas. No entanto, ele sanciona a poligamia e a moral de seus adeptos é semelhante à moral das nações pagãs. Como essa religião não faz provisão para o perdão dos pecados, nem para a purificação de uma natureza depravada, ela não proporciona apoio aos aflitos, nem esperança aos moribundos.” (Tradução livre).

³³⁷ Ibidem, p. 122. “Dê-lhes o Evangelho, e eles em pouco tempo estarão entre as nações mais importantes do mundo. Eles serão superiores a raças europeias anglo-saxãs quando forem elevados pelo Evangelho de Cristo (...), quando examinamos seu sistema religioso e moral, vemos que é necessário classificá-los com os hindus, siameses e outros povos pagãos. Sua religião é idólatra, mais ou menos refinada, mas ainda assim idólatra; sua moral é aquela que caracteriza os pagãos em todos os lugares.” (Tradução livre).

domínios, inclusive fornecendo, em algumas ocasiões, suporte financeiro. A conversão ao protestantismo e a aproximação com os ocidentais por parte dos povos sob a “*Colonial Rule*” era de interesse do Império, pois poderia minimizar as tensões e resistências das populações locais.

Sue Gronewold ao analisar a atuação da missionária protestante Inez Green na China, no princípio do século XX, aponta a ligação entre o imperialismo e o “trabalho do Senhor”:

*Green’s description of rural China touched all the familiar Western evangelical tropes: China was dirty, dark, and dangerous. Only Western missionaries could bring cleansing, light, and the progress of civilization. To missionaries like Green, imperialism was the Lord’s work.*³³⁸

Contudo, diante da exacerbação de conflitos e do ensejo à tomada de medidas violentas e generalizadas contra os povos nativos, geralmente se criava um impasse e resistência dos missionários. Tal impasse já se manifestava desde as missões católicas na América frutuosas da Contra-Reforma. Acerca desses missionários, Gasbarro aponta que:

Os missionários (...) mudaram a direção e o sentido das culturas dos “selvagens”, inventando novos códigos de comunicação e novas igualdades sociais, frequentemente lutando contra outros ocidentais que teriam preferido exacerbar as diferenças para transformá-las mais facilmente em discriminações sociais e políticas.³³⁹

Os missionários assumiram uma posição ambivalente, pois se por um lado podiam ser um entrave à exacerbação da violência imperialista forjando uma espécie de discurso de anticonquista³⁴⁰, por outro há um claro objetivo de, através do discurso de amor ao próximo, “transformar o outro em nome de si mesmo, e conseqüentemente, de submetê-lo”³⁴¹.

Conforme já esboçamos no primeiro capítulo, o romance de Mary Wardlaw apresentava aos seus leitores como justificativa da manutenção do missionarismo presbiteriano

³³⁸ GRONEWOLD, Sue. *New life, new faith, new nation, new women: Competing models at the Door of Hope Mission in Shanghai*. In: REEVES-ELLINGTON, Barbara & SKLAR, Kathryn Kish & SHEMA, Connie A. (Orgs.). Op. cit. p. 209. “A descrição de Green da China rural tocava em todas as familiares concepções evangélicas ocidentais: a China era suja, estava nas trevas e era perigosa. Somente missionários ocidentais poderiam trazer limpeza, luz e o progresso da civilização. Para missionários, como Green, o imperialismo era obra do Senhor.” (Tradução livre).

³³⁹ GASBARRO, Nicola. Op. cit. p. 104.

³⁴⁰ Utilizamos tal termo na acepção dada por Mary Louise Pratt, que o entende como “estratégias de representação por meio das quais os agentes burgueses europeus procuram assegurar sua inocência ao mesmo tempo em que asseguram a hegemonia europeia (...) estas estratégias de afirmação de inocência são constituídas tendo por base a velha retórica imperial de conquista associada à era absolutista.” In: PRATT, Mary Louise. Op. cit. pp. 32-33.

³⁴¹ TODOROV, Tzvetan. Op. cit. p. 245.

no Brasil a precária condição espiritual dos brasileiros em decorrência do catolicismo. Diante de uma perspectiva protestante que não via o catolicismo como digno de ser denominado de religião cristã, a autora apresenta os católicos brasileiros como impingidos por superstições e ignorâncias, tanto a nível religioso quanto relativo ao letramento e aos aspectos científicos.

Alguns momentos do romance se passam durante as festas dedicadas a São João, realizadas por todo o mês de junho. A autora, então, faz uso de suas memórias quanto a tais festividades para, ao inseri-las na estória, destituí-las de qualquer sentido cristão e equipará-las às celebrações pagãs da antiguidade:

*The two stood in the door and watched the bonfires blazing up and down the streets, and upon distant heights. Boys and girls, by leaping together over the flames, were selecting “compadres” and “comadres,” a ceremony which many profess to consider as binding as if the tie had been formed in church. They were telling fortunes in many a Hallowe’en fashion. This relic of paganism, introduced into Cornwall by the Phoenicians, and subsequently spread over Europe, has a cherished place in the hearts of Brazilians. Not even Christmas is so universally observed as this festa originally sacred to Baal and Astarte.*³⁴²

As diversas descrições de episódios de intolerância religiosa, ignorância e credências tidas por absurdas, presentes em “Candida”, assemelham-se às alusões dadas por Lowrie em seu manual aos povos não convertidos ao protestantismo. Em determinado momento da trama, Mrs. Wardlaw, ao descrever a vida piedosa de oração e leitura da Bíblia por parte de Candida, destaca as dificuldades em se viver no Brasil: “*A day in Brazil presents unending trials and temptations*”³⁴³. Esses testes e tentações a que Mary Hoge se referia diziam respeito, nesse trecho de sua narrativa, à arquitetura das casas brasileiras, nas quais a privacidade era um elemento pouco valorizado, pois o que se fazia em um cômodo podia ser ouvido nos demais, o que gerava desavenças nos lares. No caso de Candida, suas orações e leituras bíblicas eram prejudicadas por tal falta de privacidade, levando-a a ter atritos com seus familiares desgostosos com seu comportamento religioso.

³⁴² WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. pp. 298-299. “As duas se puseram à porta e viram as chamas das fogueiras de cima até embaixo nas ruas, e em grandes alturas. Meninos e meninas saltavam juntos sobre as chamas, eram selecionados ‘compadres’ e ‘comadres’ em uma cerimônia que muitos consideram obrigatória, como se tivesse sido criada na igreja. Eles acreditavam que dava sorte e era um costume como o Halloween. Essa relíquia do paganismo, introduzido em Cornwall pelos fenícios, e, posteriormente, difundida pela Europa, tem um lugar querido no coração dos brasileiros. Nem mesmo o Natal é tão universalmente observado como essa festa originalmente sagrada para Baal e Astarte.” (Tradução livre).

³⁴³ Ibidem, p. 176.

Buscamos até aqui demonstrar como a obra de Mary Wardlaw, apesar de tratar-se de uma ficção e propor-se como tal pela própria autora, dentre as inumeráveis apropriações por parte de seus leitores, também poderia ser utilizada como uma espécie de manual missionário, isto é, diversos fatores aproximavam esse romance dos manuais destinados aos candidatos à carreira missionária protestante, como: a apresentação dos perigos do campo missionário; a justificação do empreendimento como uma missão divina, destinada a todos os cristãos e com o sucesso previamente garantido; a demonstração da impiedade religiosa dos povos não protestantes, o que reforçava a relevância do trabalho missionário; e os meios de atuação das missões (pregações, visitas paroquiais, instrução, distribuição de literatura protestante).

Em todos esses pontos, há uma aproximação entre esses dois tipos de literatura protestante, no entanto, pelas próprias especificidades do que constituía o romance-protestante, “Candida” propunha-se a abordar um espaço geográfico em particular: O Brasil (ou mais especificamente ainda, a Província do Ceará). De modo que a leitura de tal obra de ficção escrita por uma missionária que atuara duas décadas no Brasil configurava-se como uma leitura indicada pelo *Presbyterian Committee of Publication* aos interessados em missões no Brasil.

Devido ao caráter generalista de Lowrie cujo interesse era dar aos seus leitores um panorama geral das missões presbiterianas no mundo, o Brasil aparece em algumas poucas linhas de seu manual. Tal fator também se reforça pela edição do manual do Reverendo Lowrie que analisamos ter sido publicada em 1868, isto é, menos de dez anos após a chegada da Missão Presbiteriana no Brasil na pessoa de Ashbel Green Simonton.

John Lowrie cita elogiosamente a ação do Reverendo Simonton no Brasil e em seguida tece algumas considerações sobre esse campo:

*Three churches have been organized in Brazil; a religious newspaper has been published for several years, which has been the means of diffusing much evangelical knowledge in that empire; but it is not deemed needful here to enter into detailed statements of the work of missions in these countries. In both, an open door is set before the Church, and there is much to encourage the expectation of success in the use of the usual means of spreading the knowledge of the Gospel.*³⁴⁴

³⁴⁴ LOWRIE, John Cameron. Op. cit. p. 151. “Três igrejas foram organizadas no Brasil; um jornal religioso é publicado há vários anos e tem sido o meio de difundir muito conhecimento evangélico pelo Império; mas não entrarei em detalhes sobre o trabalho das missões nesses países. Em ambos, há uma porta aberta para a Igreja e há muito para nos incentivar na expectativa do sucesso no uso dos meios habituais de difusão do conhecimento do Evangelho.” (Tradução livre).

Dessa forma, os vários romances protestantes missionários que surgiram a partir da segunda metade do século XIX possibilitaram aos leitores, através de tramas ficcionais, o aprofundamento do conhecimento de algumas estações missionárias pontuais e dos povos pelos quais tais missionários se dedicavam. Logicamente que tal tipo de literatura não era a única para se obter informações de tais localidades, já que os *Reports* e missivas dos missionários proliferavam de modo inexaurível nos periódicos protestantes norte-americanos. Contudo, as características literárias próprias do romance traziam com maior ênfase aos seus leitores qual seria o “sentido” de todo o projeto missionário protestante de maneira muito mais emotiva e visceral a partir da identificação com a trajetória das personagens, conforme afirma Benjamin: “Com efeito, ‘o sentido da vida’ é o centro em torno do qual se movimenta o romance”³⁴⁵.

A autora de “Candida” insere em seu romance um “sentido”. Todas as peripécias que acontecem com a protagonista levam a algo que dê sentido às suas alegrias e infortúnios. Candida de Oliveira tem sua vida aberta aos leitores, com todos seus sofrimentos e venturas, a fim de se demonstrar sua conversão e a de seus familiares. O “sentido da vida” nesse tipo de literatura vincula-se diretamente a um *ethos* transcendente, isto é, a salvação da alma das personagens.

Mas, para além disso, havia uma confessada intenção de Mary Hoge Wardlaw em demonstrar a seus leitores aquilo que Lowrie em poucas linhas apontara em seu manual, isto é, o Brasil era “*an open door*” e Mrs. Wardlaw almejava, conforme apresentado em seu prefácio, “*deepen the interest in Brazilians as fellow-beings*”³⁴⁶.

“Candida” trazia a seus leitores um protestantismo missionário romanceado. Em um primeiro ato, as dificuldades, perseguições e injustiças sofridas pelos missionários e conversos; em seguida, as diversas estratégias missionárias que exigiam perseverança e forjavam uma espécie de conhecimento de práticas (uma espécie de manual) apontando caminhos a serem tomados; e, por fim, como ato final, o sucesso da empreitada.

O ápice do sucesso para o projeto missionário configurava-se com a conversão dos nativos. Notícias de abertura de escolas, hospitais, livrarias e orfanatos sempre eram celebradas pelos comitês missionários, contudo nada era mais significativo e exultado do que relatos de conversões.

³⁴⁵ BENJAMIN, Walter. Op. cit. p. 229.

³⁴⁶ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. p. 6.

Pode-se compreender a relevância dada a este ato – a conversão do nativo – através do modo como é narrada a abjuração de Maria da Glória, uma das irmãs de Candida, ao catolicismo e sua conversão ao protestantismo:

"Little by little, from time to time, by flitting gleams, the mystery of the cross shone out" upon that Rome-deluded soul. The weary, unsatisfied look upon her brow gave place to a gradually deepening peace. A timid joy imparted a new sweetness to her smile, for she was no longer starving in a strange country. Famine-days were ended for her. She had returned to her Father's house, where "there is bread enough and to spare." No longer did she "spend" her "money for that which is not bread," nor her "labor for that which satisfieth not." It was "blessed" to "hunger and thirst after righteousness," for now she was "abundantly satisfied with the fatness of his house." More than this, she who was once so reluctant to taste a crumb of the Lord's bounty, was now even made to "drink of the river of his pleasure."³⁴⁷

Com tal parágrafo, repleto de citações bíblicas, Mrs. Wardlaw apresenta aos leitores, com uma forte carga emocional, as benesses advindas ao indivíduo converso. Glória não foi a única personagem do romance cuja conversão foi descrita de modo triunfalista. Era característica comum às diversas literaturas protestantes do final do século XIX e princípio do século XX apresentar seus projetos missionários em um tom de triunfo. Contudo, diante dos relatos de numerosas conversões nem sempre se tinha a confirmação da manutenção dos prosélitos à nova fé e seus preceitos. O romance, porém, não necessitava de tal compromisso. Assim, essa literatura podia exacerbar o discurso triunfalista e acerca de tal aspecto trataremos no próximo tópico.

3.3: “Eu venci o mundo”: O discurso triunfalista

Em abril de 1889, chegava ao público leitor do proeminente periódico presbiteriano “*The Missionary*” informações sobre a missão protestante atuante na Província do Ceará que pareciam ser bastante auspiciosas. O *report*, advindo do responsável pela missão presbiteriana naquele ponto do Império do Brasil, o Reverendo De Lacey Wardlaw, tratava de confissões de fé,

³⁴⁷ Ibidem, pp. 304-305. “‘Pouco a pouco, passo a passo, com uma mudança cintilante, o mistério da cruz brilhou’ sobre aquela alma iludida por Roma. O olhar cansado e insatisfeito deu lugar a uma paz que gradualmente se aprofundou. Uma alegria tímida transmitia uma nova doçura a seu sorriso, pois ela já não estava mais morrendo de fome em um país estranho. Os dias de fome haviam terminado. Ela tinha retornado à casa de seu pai, onde ‘há pão suficiente e de sobra’. Ela não precisava mais ‘gastar’ seu ‘dinheiro naquilo que não era pão’, nem seu ‘trabalho naquilo que não satisfazia’. Ela foi ‘abençoada’ por ter ‘fome e sede de justiça’, agora ela estava ‘abundantemente satisfeita com a fartura da sua casa’. Mais do que isso, ela que fora tão relutante para saborear uma migalha da graça do Senhor, agora estava a ‘beber da corrente de suas delícias’.” (Tradução livre).

batismos, arrecadação de fundos, atividades eclesiais e distribuição de literatura religiosa, de um modo bastante otimista e promissor.

Publicado nas “*Editorial Notes*” daquela edição, isto é, na primeira página, a missão no Ceará e o missionário Reverendo Wardlaw ganhavam destaque naquele número, com o seguinte conteúdo:

During the last year at Ceara, Mr. Wardlaw has received fifteen adults into the communion of the Church, and baptized fourteen children. He says “I have been back from the States four years, and in that time I have been permitted to receive into the communion at the Church sixty-three adults, and to baptism about as many minors. At all the places advanced in my work, our members have been instrumental in leading others to Christ. They have contributed about nine hundred mil reis (\$450) to the support the gospel”.

*There are four Sunday schools in connection with this work, which report ten teachers and eighty scholars. Mr. Wardlaw and the native Christians with him have sold and distributed during the year more than 2.000 Bibles and others books, besides circulating seventy-five copies of religious periodicals every month.*³⁴⁸

Tais relatos acerca do desenvolvimento da missão presbiteriana no Ceará faziam referência ao ano de 1888. O casal Wardlaw havia chegado ao Ceará no segundo semestre de 1882, mas apenas em 1883 conseguiu formar uma comunidade presbiteriana na cidade de Fortaleza, quando batizaram e receberam por profissão de fé os primeiros conversos. De modo que, apenas cinco anos depois, as notícias que chegavam aos Estados Unidos a respeito dessa estação missionária pareciam ser bastante favoráveis.

Diante de todas as dificuldades, sofrimentos e perseguições expressas nos relatos missionários, como contrapartida estava o discurso do triunfo. Se havia uma ênfase presente nos variados tipos de literatura missionária protestante do século XIX e princípio do XX a respeito dos obstáculos à consecução da missão, tal aspecto tinha seu fecho discursivo através de uma perspectiva quase dialética, isto é, sobrepunha-se aos reveses a perseverança missionária que trazia como fruto o sucesso através de conversões e crescimento do protestantismo no campo missionário.

³⁴⁸ “*The Missionary*”. Vol. XXII. Richmond: Abril de 1889. “Durante o último ano no Ceará, o Sr. Wardlaw recebeu quinze adultos na comunhão da Igreja e batizou quatorze crianças. Ele escreveu: ‘Eu retornei dos Estados Unidos há quatro anos e nesse período recebi na comunhão da igreja sessenta e três adultos e ministrei o batismo a muitas crianças. Em todos os lugares meu trabalho tem avançado, nossos membros têm sido fundamentais para levar outros a Cristo. Eles contribuíram com cerca de novecentos mil réis (\$ 450) para o suporte do evangelho’. Há quatro escolas dominicais ligadas a esta obra, com cerca de dez professores e oitenta estudantes. O Sr. Wardlaw juntamente com os cristãos nativos venderam e distribuíram ao longo do ano mais de 2.000 Bíblias e outros livros, além de terem propagado setenta e cinco cópias de periódicos religiosos por mês.” (Tradução livre).

Maina Chawla Singh, ao analisar os variados escritos missionários a respeito da Índia, aponta que havia da parte do público leitor uma grande expectativa sobre estes tipos de relato. O sucesso da missão, presente em cartas, jornais, panfletos, memórias – e porque não falar em romances – era o cumprimento dos anseios daqueles que financiavam, oravam e compactuavam da certeza de que o projeto missionário protestante constituía-se como uma ordenação divina que estaria salvando as almas dos conversos e permitindo aos mesmos uma melhor vida terrena. Tal autora afirma que, diante disso, “*missionary writings were aimed at an audience whose eagerness for success stories of conversion generated considerable anxiety among the missionaries to produce a triumphalist discourse, even when conversions were rare*”³⁴⁹.

Ante uma empresa que era fomentada por milhares de dólares e grandes esperanças, os missionários, mesmo distantes de suas congregações nos Estados Unidos, sentiam a expectativa da obrigação em demonstrar os frutos do trabalho, ainda que atuando em ambientes hostis e com mínimos avanços. A qualquer pequeno sinal de crescimento da missão, textos eram produzidos com a finalidade de demonstrar que estava havendo progresso nos trabalhos.

A produção de discursos triunfalistas auxiliava a manter em atividade o ciclo de sustentação da missão que incluía o financiamento e envio de novos missionários às diversas estações. Assim, mesmo em localidades onde, conforme Maina Singh, as conversões eram raras, os relatos a respeito das mesmas eram constantes.

Isso não significa que os relatos missionários fossem falseados, apenas havia da parte dos produtores de tais escritos uma extrapolação na ênfase a respeito dos sucessos alcançados pelas missões. Qualquer sinal de avanço no trabalho era comemorado e reportado. As profissões de fé eram relatadas como a principal vitória, mesmo que muitos dos que professassem não viessem a prosseguir na nova fé.

Da parte do público leitor, havia a prévia certeza do sucesso das missões (em alguns casos a longo prazo) e os relatos seriam apenas a confirmação de que o projeto estava sendo efetivado. A confecção desse tipo de escrito era uma espécie de contrapartida por parte dos missionários que retribuía àqueles que colaboravam, ou que poderiam vir a colaborar, com as

³⁴⁹ SINGH, Maina Chawla. Op. cit. p. 11. “escritos missionários eram destinados a um público cuja ânsia de histórias de sucesso de conversão gerava considerável ansiedade entre os missionários em produzir um discurso triunfalista, mesmo quando as conversões eram raras.” (Tradução livre).

missões divulgando o andamento de seus trabalhos e apontando que, apesar das diversas dificuldades, o caminho trilhado apresentava êxito.

Assim, ciente das expectativas dos leitores do “*The Missionary*”, mas também imbuído delas, Lacey Wardlaw constrói seu texto a partir de aspectos quantitativos: 1) em 1888 quinze adultos haviam realizado profissão de fé; 2) no mesmo ano catorze crianças foram batizadas; 3) a comunidade presbiteriana de Fortaleza havia recebido por profissão de fé até aquele momento sessenta e três adultos e muitas crianças; 4) os membros da igreja também contribuía financeiramente para a manutenção da missão tendo levantado novecentos mil réis; 5) a escola dominical contava com dez professores e oitenta alunos; 6) durante o ano de 1888 os presbiterianos no Ceará haviam vendido e distribuído mais de duas mil Bíblias e livros protestantes, além de manterem mensalmente a circulação de setenta e cinco cópias de periódicos religiosos.

No dia 06 de agosto de 1890, pouco mais de um ano depois dessas notícias a respeito da Igreja Presbiteriana em Fortaleza, ocorreu a organização oficial da Instituição. Neste dia, deu-se a primeira reunião da Sessão da comunidade protestante sob a moderação do Reverendo De Lacey Wardlaw, tendo sido lavrada a “Acta de instalação da Igreja Presbyteriana da cidade de Fortaleza capital do Estado do Ceará”³⁵⁰. Nas primeiras folhas do livro de atas da Sessão da Igreja, constava a relação nominal dos “membros professos e seus filhos”, ali lançados quando da abertura do livro, em 1890. Nessa relação há um quantitativo de cento e vinte e dois nomes o que torna plausível o número de congregados existentes na igreja informado por Wardlaw a seus compatriotas um ano antes: sessenta e três adultos acrescidos de seus filhos.

Apesar da possibilidade de comparação entre os dados informados por Lacey Wardlaw em seus *reports* aos periódicos protestantes dos Estados Unidos e os dados existentes nas Atas da Sessão da Igreja Presbiteriana de Fortaleza, produzidas a partir de 1890, tal empreitada não constitui nosso objetivo nesse tópico. Conforme já mencionado, nossa discussão

³⁵⁰ Acta da sessão da Igreja Presbyteriana da cidade da Fortaleza capital do Estado do Ceará. Sessão de 06 de agosto de 1890. Livro nº 1 (1890-1899). Arquivo da Igreja Presbiteriana de Fortaleza. Quando da instalação oficial da Igreja Presbiteriana de Fortaleza, ela contava com o Ministro responsável pela congregação, De Lacey Wardlaw, e com um Presbítero, Lucas Alves Rodrigues Martins, que assumiu as funções de secretário das sessões. Acreditamos que o lapso temporal entre a chegada do casal Wardlaw a Fortaleza (1882) e a instalação oficial da igreja (1890) tenha se dado, dentre outros motivos, pela necessidade de composição de uma liderança eclesiástica que pudesse administrar a igreja, o que só foi possível com o decorrer dos anos quando os membros da comunidade passaram a ser consagrados aos cargos eclesiásticos de presbíteros e diáconos.

aqui caminha para a percepção da relevância de um discurso de caráter triunfalista nos escritos missionários.

Tomamos como exemplo a correspondência de Lacey Wardlaw publicada no “*The Missionary*” por ser o tipo documental mais profuso quanto a essa produção literária que tratava de informações sobre as missões, apresentando os sucessos do trabalho. Contudo, outros escritos a respeito das missões poderiam trazer e maximizar esse constructo discursivo de uma missão vitoriosa cujas conversões eram recorrentes.

Ambientado justamente no período sobre o qual o Reverendo Wardlaw tratou – década de 1880 –, está o romance de Mrs. Wardlaw, a esposa do Ministro. Mas, além da ambientação temporal, “Candida” também se enquadra geograficamente no mesmo contexto apresentado por Lacey Wardlaw, isto é, na Província do Ceará. Todavia, o gênero literário que Mary Wardlaw utilizou para tratar da missão presbiteriana no Ceará lhe abria um universo de possibilidades jamais permitido ao seu esposo nos escritos dele.

Enquanto De Lacey Wardlaw precisava enquadrar suas experiências vivenciadas no campo missionário em textos marcados pela sobriedade objetiva e estatística do relatório acerca da missão, Mary Wardlaw desenvolveu sua visão da mesma missão em uma tessitura marcada pela subjetividade emocional de uma literatura ficcional. Ambos os escritos possuíam tons triunfalistas, entretanto, por não necessitar de um compromisso com a “verdade”, Mrs. Wardlaw tinha em “Candida” a liberdade para exacerbar as conquistas alcançadas pela missão presbiteriana no Ceará da qual fizera parte.

Ora, consoante Marthe Robert:

Seja fundamentado num fato ou livremente inventado, de toda forma, assim como não é o tema que faz o romance, com mais razão ainda não se pode pedir-lhe que esclareça as relações entre o “verdadeiro” e o “fingido”, cuja complexidade ultrapassa em muito a oposição rígida admitida pelos verbetes dos dicionários. (...) O grau de realidade de um romance nunca é coisa mensurável, representando apenas a parcela de ilusão que o romancista deseja representar.³⁵¹

Isso não significa que Mary Wardlaw tornou seu texto uma narrativa fantástica e totalmente distante de uma realidade verossímil aos seus leitores, pois, no romance, apesar de estar claramente posto aos olhos do leitor que o que se lê é uma obra de ficção, tal leitor acaba se deixando seduzir pela ilusão forjada pelo autor: apaixona-se pelos protagonistas; enfurece-se com

³⁵¹ ROBERT, Marthe. Op. cit. p. 18.

as “injustiças”; toma partido por algum antagonista; torce por determinado destino à trama, enfim, o jogo “verdadeiro”-“fingido” é uma característica vigorosa presente no romance.

Mas, em que sentido Mary Wardlaw pôde exacerbar o discurso triunfalista da literatura missionária com seu romance? A resposta reside inicialmente no tom emocional que a trama deu às conversões dos sujeitos atingidos pela missão, isto é, o escrito de Mrs. Wardlaw podia levar a uma identificação profunda do leitor com os brasileiros – mesmo em se tratando de personagens imaginários –, pois tal tipo de escrito carregava nuances psicológicas que nenhum *report* conseguia trazer.

As várias formas de escrita triunfalista protestante disseminavam o discurso missionário ao mesmo tempo em que “*celebrated ‘heroes’ and ‘heroines’ working in nonChristian societies to ‘save the heathen’*”³⁵². A percepção de tais heróis e heroínas é muito mais nítida em um romance missionário, na medida em que a própria construção deste tipo de literatura esboça ao leitor a figura de personagens cujos destinos na trama serão objetos de admiração ou descontentamento, paixão ou desdém.

“Candida” possui um casal de protestantes estrangeiros que são *per se* grandes heróis missionários, haja vista que essas figuras são protagonistas da literatura protestante missionária de modo geral. Porém, Mary Hoge Wardlaw ultrapassou esse paradigma ao apontar como sua personagem principal não uma missionária protestante estadunidense, mas uma jovem mulher brasileira, inicialmente católica, proveniente de uma humilde família de empregados de uma fazenda do interior de uma Província pouco conhecida do Brasil.

A trajetória de conversão de Maria Candida de Oliveira e sua nova vida após a adesão ao protestantismo são os fios que conduzem a leitura da obra. A estratégia da autora leva seus leitores, já identificados aos missionários norte-americanos presentes na estória, a também encontrar empatia por uma brasileira prosélita.

Contudo, Candida de Oliveira não foi o único triunfo apresentado. Todos os membros de sua família, paulatinamente, abjuram da fé católica e aderem aos novos caminhos indicados pelos missionários. Apontado o processo de conversão de cada uma destas pessoas, Mary Wardlaw constrói seu discurso triunfalista acerca da missão. Por mais que seus personagens possam nunca ter existido, aos seus leitores, essa era a experiência narrada por quem vivera duas décadas no Brasil presenciando esses tipos de conversão.

³⁵² SINGH, Maina Chawla. Op. cit. p. 131.

Uma das narrativas mais efusivas trata-se da conversão de tia Theresa. A tia de Candida é apresentada no romance como uma pessoa idosa que ama as sobrinhas, o filho e as netas, mas que mantém uma aparência de rigidez e intransigência. Além disso, crê sempre estar com a razão em todas as situações, o que repercute em suas certezas religiosas, sendo Theresa uma católica que não admite a religião protestante como possibilidade para si e que critica diversas vezes sua sobrinha e o esposo desta por terem aderido à religião protestante dos “*Car-ree*” (Cary).

Mesmo com a resistência para a consecução da conversão da velha tia, Theresa doente e pouco antes de falecer abjura o catolicismo e abraça a religião de Candida, chegando a travar um fervoroso diálogo com Padre Monteiro, que surge no romance como a representação do clero católico (arrogante, errôneo, insensível e degradado). Diante da enfermidade que deixara tia Theresa acamada, a fervorosa católica Glória convida Padre Monteiro para realizar uma visita à idosa, pois a sobrinha mais velha de Theresa teme pela alma de sua tia, já que ela agora estava muito enferma e trilhava pelo caminho das ideias protestantes:

“Peace be with you, daughter,” was his salutation.

“Peace is with me, thank God,” responded the old woman, struggling to a sitting posture. “Have you come to molest it?”

The fire of battle was in her eye.

“God deliver me from such a sin!” exclaimed the priest, advancing. “I have come to arouse you from this false peace with which you have deceived your soul. Return to the mother of God, whom you have so grievously outraged. Bow yourself before her in repentance. Entreat her to intercede for you with the Almighty. Confess, deluded woman; confess your heresy. I am here, God’s minister, to receive your confession and grant you absolution. The church yearns for your salvation.” Had he substituted the word “savings” he might have been nearer the truth. He extended a crucifix towards her, but she pushed it away with energy.

“Confess!” she cried, “to you? Have I sinned against you, perchance? But against God, yes! A thousand times, yes! And to him I have confessed. To him I have gone in his own way. Through Christ, I tell you, through Christ, his own blessed Son, who gave himself for me. What? Should I go to you, and you to Saint Joseph, and he to the Virgin, and she to her Son, before my prayer for pardon reaches the Father? Did you ever read Christ’s own words, ‘I am the way’? What do you make of this: ‘There is one God, and one Mediator between God and man, the Man Christ Jesus’?”

“Repent, woman, repent and confess!” shouted the priest, baffled and enraged.

“Repent you, great deceiver of the ignorant!”

“Auntie, auntie!” pleaded Gloria, in sore distress. “Think whom you are defying. He is a priest of God!”

“Then may God have mercy upon his soul!”

*“Amen!” responded the priest. “But, alas for you, miserable apostate! Upon yours you have brought woe for time and for eternity!”*³⁵³

³⁵³ WARDLAW, Mary Hoge. pp. 219-221. “‘A paz esteja contigo, filha’, foi sua saudação. ‘A paz está comigo, graças a Deus!’, respondeu a velha, lutando para ficar em uma postura sentada. ‘Você veio para molestá-la?’. O fogo

Apesar de longo, citamos tal trecho da obra de Mrs. Wardlaw por ser bastante representativo nesta dinâmica triunfalista do discurso protestante, pois traz aos leitores uma personagem que em grande parte da estória guarda as diversas tradições católicas com fervor e dedicação, mas que, após perceber que sua religião seria falsa, converte-se ao protestantismo. Além disso, em toda a obra este é o único momento em que um sacerdote católico é desafiado de modo tão vigoroso em uma discussão verbal. Mary Wardlaw não perde a oportunidade de traçar vários aspectos negativos no modo como padre Monteiro se comporta no episódio, tratando de modo tão insensível e cruel uma velha senhora de veras doente.

Após essa feroz discussão o padre é expulso da casa por Cosmo - filho de Theresa – que chega ao local no exato momento em que sua mãe começa a sentir-se mal enquanto era fustigada pelo sacerdote. A velha senhora faleceria poucas páginas depois, mas pela perspectiva de Mrs. Wardlaw, o triunfo estava no fato da alma da mulher estar salva e no desafio vitorioso à Igreja Católica, encarnado na pessoa de padre Monteiro, simbolizando a conversão definitiva da mulher que por tanto tempo havia se subordinado a “Roma”.

Se tal episódio denota uma tensão inerente à discussão verbal, outros momentos do romance buscam insuflar outros sentimentos em seu público leitor como no relato a respeito da conversão de um velho senhor negro de oitenta e nove anos de idade, cuja narrativa é marcada por um tom emotivo.

Candida e Augusto encontravam-se conversando com o Rev. Cary na varanda da casa deste, quando o octogenário aproximou-se:

da batalha estava em seus olhos. ‘Deus me livre de tal pecado!’, exclamou o padre, avançando. ‘Eu vim para despertar-lhe dessa falsa paz com a qual você tem enganado sua alma. Volte para a mãe de Deus, que tendes tão gravemente ultrajado. Curve-se diante dela em arrependimento. Rogue-lhe que interceda por você junto ao Todo-Poderoso. Confesse, mulher iludida; confesse a sua heresia. Eu estou aqui, como ministro de Deus, para receber sua confissão e conceder-lhe a absolvição. A igreja anseia por sua salvação’. Se ele tivesse substituído pela palavra ‘salário’, poderia ter sido mais verdadeiro. Ele estendeu um crucifixo em direção a ela, mas ela empurrou-o com energia. ‘Confessar?’, ela gritou, ‘para você? Pequei contra ti, por acaso? Mas, contra Deus, sim! Mil vezes, sim! É a Ele a quem eu me confesso. Para ele, mas do modo Dele. Através de Cristo, digo-lhe, através de Cristo, o Seu bendito Filho, que se entregou por mim. O quê? Devo ir antes até você e você a São José, e ele à Virgem, e ela a seu Filho para minha oração pelo perdão atingir o Pai? Você já leu as palavras de Cristo: Eu sou o caminho? O que você acha disso: Há um só Deus e um só Mediador entre Deus e o homem, o homem Cristo Jesus?’. ‘Arrependa-se, mulher, arrepende-se e confesse!’, gritou o padre, perplexo e furioso. ‘Arrependa-se você, grande enganador dos ignorantes!’. ‘Tia, tia!’, implorou Gloria em um tom de agonia dolorida. ‘Pense quem você está desafiando. Ele é um sacerdote de Deus!’. ‘Então, que Deus tenha piedade da alma dele!’. ‘Amém!’, respondeu o padre. ‘Mas, infelizmente para você, miserável apóstata! Você trouxe desgraça para si no século e na eternidade!’” (Tradução livre).

While they were sitting in the veranda, which also served as a dining-room, an aged negro entered, and begged the privilege of kissing the "padre's" feet.

"No, my friend, this cannot be," replied the missionary. "We are all equal in the sight of God."

(...)

The gospel story was told him in the plainest, simplest language, and he listened with the tears pouring down his aged cheeks. At its conclusion he said, brokenly, "As for me, I should ask nothing better."³⁵⁴

A respeito deste homem, Augusto faria menção em outra oportunidade ao discutir assuntos religiosos com tia Theresa (quando ela ainda não tinha aderido ao protestantismo):

What do you say to a negro eighty-nine years old, who never misses attending church on the Sabbath, who has rejected his faith in the Virgin Mary and the saints; who says he is no longer afraid to die, that he expects to go to heaven, not to purgatory, when he leaves his old body, and so needs no prayers when he is gone? That, too, when the minister had not mentioned purgatory to him, but had only preached Christ.³⁵⁵

De modo que, por toda a obra as conversões são apresentadas com descrições apaixonadas. O diferencial desse tipo de escrita estava no fato de que a narrativa extrapolava a abordagem quantitativa ou estatística, dando um caráter mais humano e subjetivo às conversões, isto é, ao imprimir sentimentos às ações das personagens, Mary Wardlaw dava aos seus leitores a sensação de um triunfo da missão que fora capaz de transformar a visão de mundo de seus prosélitos.

De modo similar aos romances batistas brasileiros publicados entre as décadas de 1950 e 1970 analisados por Elter Maciel³⁵⁶, o enredo primordial da obra de Mrs. Wardlaw é a conversão. As várias angústias psicológicas das personagens são solucionadas, na medida em que o processo de conversão é desencadeado, apesar de em "Candida" isso não significar a resolução das dificuldades terrenas relacionadas à vida material. Mas, tal aspecto é visto como de segunda categoria, pois mais importante do que a vida no século é a vida eterna advinda com a salvação

³⁵⁴ Ibidem, pp. 78-79. "Enquanto eles estavam sentados na varanda, que também servia como uma sala de jantar, um velho negro entrou e pediu o privilégio de beijar os pés do 'padre'. 'Não, meu amigo, não posso permitir isso', respondeu o missionário. 'Somos todos iguais aos olhos de Deus'. (...) A história do evangelho foi dita a ele claramente, na linguagem mais simples, e ele ouviu com lágrimas escorrendo pelo seu rosto envelhecido. Como conclusão, ele disse, entrecortado, 'Quanto a mim, eu não poderia querer nada melhor'." (Tradução livre).

³⁵⁵ Ibidem, p. 97. "O que você diria sobre um negro de oitenta e nove anos de idade, que nunca deixa de frequentar a igreja no domingo, que rejeitou sua fé na Virgem Maria e nos santos, que diz que não está mais com medo de morrer, que espera ir para o céu e não para Purgatório quando ele deixar seu velho corpo, e que por isso não precisa de orações quando ele se for? E isso quando o ministro ainda não tinha tratado sobre o purgatório com ele, mas só tinha pregado Cristo." (Tradução livre).

³⁵⁶ MACIEL, Elter Dias. Op. cit.

da alma. Assim, “Na visão dos missionários não só era necessário ganhar o mundo pagão e incrédulo fora das fronteiras de seu próprio país, como também (...) garantir um espírito permanente de conversão”³⁵⁷.

Várias outras são as personagens cujas conversões são descritas na obra, das quais Mary Wardlaw prima por explorar as nuances psicológicas da decisão de adentrar na comunidade religiosa sob os cuidados dos Carys. A ênfase primordial é dada no alcance que a missão tem a partir da família da protagonista, de antemão o pai de Augusto – Joaquim de Oliveira – já é apresentado como protestante (converso em Pernambuco), em seguida vê-se a conversão de Augusto, de Candida, de duas das irmãs de Candida (Christina e Joanna), de Cosmo (filho de tia Theresa), de tia Theresa e, finalmente, de Glória (irmã mais velha de Candida). Paulatinamente, as pessoas próximas a estas personagens também são alcançados pela missão.

Essas descrições que tratam dos aspectos psicológicos que envolvem a conversão que são sequencialmente crise, dor, dúvida, reestruturação da realidade e certeza da salvação eram bastante relevantes ao público leitor de Mrs. Wardlaw, pois elas traziam elementos mais sólidos a respeito do sucesso da empreitada.

Ao apresentar uma tia Theresa que, mesmo enferma, enfrenta de modo veemente e corajoso um sacerdote católico, Mary Hoge Wardlaw esboça aquilo que Rubem Alves interpreta como a perspectiva de conversão protestante:

Pode-se usar a palavra conversão para indicar um processo puramente externo, pelo qual uma pessoa abandona uma comunidade religiosa e se filia a outra. Mas esse ato externo, por si mesmo, não garante que a consciência tenha passado por um processo de desestruturação e reestruturação. (...) Não é nesse sentido que usamos a palavra conversão. Referimo-nos, antes, a um processo psicossocial que se caracteriza pela desestruturação de esquemas de significação, seguido da adoção de outro, estruturalmente distinto do primeiro.³⁵⁸

Com tal mote, as conversões são descritas no romance. A autora empenha-se em demonstrar que, diante do processo de conversão das personagens ao protestantismo, segue-se uma radical mudança no modo que essas encaravam a realidade. Ao fazer isso, a obra de Mary Wardlaw exprime seu desejo de mudança diante da experiência que vivenciou no Brasil. Em um país majoritariamente católico, suas descrições romaneadas a respeito da conversão ao protestantismo maximizavam aos olhos do leitor o grau de êxito dos missionários.

³⁵⁷ Ibidem, p. 48.

³⁵⁸ ALVES, Rubem. Op. cit. (2005), pp. 72-73.

Um exemplo disso está no comportamento de Augusto após sua conversão, visto que o referido personagem pede demissão da empresa em que trabalhava pelo simples fato de ter de labutar aos domingos. Ora, a guarda do “*Sabbath*” cristão, isto é, o domingo, era um dos preceitos que os presbiterianos mais prezavam. Nesse dia, a ética do trabalho rearticulava-se para o “trabalho do Senhor”, em que deveria ser interrompido qualquer ofício mundano e todo presbiteriano deveria dedicar-se às atividades religiosas na igreja e no lar: “No domingo interdita-se o *homo faber* e o *homo ludens*, a fim de dar lugar ao *homo religiosus*”³⁵⁹. De modo que, ao optar por ficar sem emprego para que não quebrasse o “*Sabbath*”, Augusto dava provas de sua real conversão ao protestantismo, informando com extrema convicção a decisão à sua esposa nos seguintes termos:

“But now, Candida, there may be changes before us. I see things with different eyes. I can no longer work upon the Lord's day — Sunday,” he added, seeing her look puzzled. “I have had several talks with the minister about it, and my duty is clear to me. I shall inform my employer tomorrow, and — it may cost me my place.”
Candida started.
*“But I am young,” he continued, “I am strong. I do not think we shall suffer.”*³⁶⁰

Pouco tempo depois, Augusto conseguiu novo emprego, no qual não precisaria trabalhar no “dia do Senhor”, contudo seu novo ofício exigia do jovem converso muito mais esforço físico, pois se tratava de um trabalho no qual o esposo de Candida tinha que ficar muitas horas do dia exposto ao sol o que lhe causava severas dores de cabeça. Apesar de tal situação desconfortável, em momento algum, a personagem exprime queixas por conta de sua nova situação. Tal comportamento coadunava-se com as prédicas do Reverendo Wardlaw publicadas no “Libertador”:

Mas alguém dirá que tem tantos dias santos que não se pode observar todos. Porém na Bíblia Sagrada só há um dia santo para cada semana; e todos os outros são invenções dos homens, que ninguém está obrigado pela lei de Deus a observar.
(...)
Vemos que não só é ilícito vender no Domingo, mas até preparar-se para vender na segunda-feira.

³⁵⁹ Ibidem, p. 224.

³⁶⁰ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. p. 85. “Mas agora, Candida, pode haver mudanças para nós. Eu vejo as coisas de modo diferente. Eu não posso mais trabalhar no dia do Senhor – Domingo’, vendo o olhar dela intrigado, acrescentou, ‘Eu tive várias conversas com o ministro sobre isso, e meu dever é claro para mim. Eu devo informar ao meu patrão amanhã e isso pode custar-me o emprego’. Candida estava atenta. ‘Mas eu sou jovem’, ele continuou, ‘Sou forte. Eu não acho que vamos sofrer’.” (Tradução livre).

É uma obra esta para os christãos evangélicos; ficar firmes em tudo que respeita a este dia, e revistar o dia com aquella solemnidade e reverencia que manda o nosso Guia infallivel. Primeiramente por nós mesmos guardemos o dia para descanso e serviço de Deus.³⁶¹

No entanto, não foi apenas Augusto que demonstrou zelo na guarda do domingo. A pena de Mrs. Wardlaw também apresentou aos leitores de seu romance sua protagonista como uma protestante virtuosa que, enquanto governanta da família Vieira, não realizava as compras de gêneros alimentícios aos domingos. Diante de tal comportamento, uma das cozinheiras da família, que era católica e não simpatizava com Candida por conta da religião desta, queixa-se à senhora Esmerina Vieira. A resposta de Candida à patroa é a simbiose do triunfo da ética religiosa e do trabalho apregoado pelos missionários presbiterianos:

*“Most certainly, Senhora. It is a very simple matter. Some supplies are laid in by the month, as you know, and others by the week. Every Saturday evening my sister sends lettuce and fruit of her own growing. On Saturday I go to market myself, and select the vegetables for the next day. As to the meat, there are many ways of preserving it. Then there is the man of mutton, Senhora, who comes every Saturday evening, and frequently the man of fish. And there are fowls always, and eggs. I do not know, Senhora, if the Senhor has said as much to you, but he has praised the Sunday dinners very often.”*³⁶²

Mas, enquanto no romance os conversos a partir do trabalho missionário realizado pelo casal Cary davam mostras do êxito da missão, as conversões da “realidade”, frutos dos esforços do casal Wardlaw, nem sempre produziam protestantes tão cientes de seus deveres para com a igreja. As reuniões da Sessão da Igreja Presbiteriana de Fortaleza realizadas na década de 1890 trazem relatos de várias punições a membros da comunidade que cometeram faltas passíveis de disciplina eclesiástica. Dentre elas, há, inclusive, menção à quebra do domingo por Christovam Pereira Guerra, um dos primeiros membros da comunidade protestante de Fortaleza:

Acto continuo a Sessão fundamentando o procedimento irreligioso do irmão Christovam Guerra, que depois de muitas reflexões e admoestações continua a sua forma de

³⁶¹ Jornal “Libertador”. Fortaleza, 23 de abril de 1887. Seção “Tribuna do Povo”. Coluna “Notas Religiosas” de autoria do Reverendo De Lacey Wardlaw.

³⁶² WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. pp. 322-323. “Com certeza, Senhora. É uma questão muito simples. Alguns suprimentos são comprados mensalmente, como você sabe, e outros semanalmente. Todos os sábados à noite minha irmã envia alface e frutas de sua horta. No sábado, eu vou ao mercado e seleciono os legumes para o dia seguinte. Quanto à carne, há muitas maneiras de conservação. Também há o homem da carne de carneiro, Senhora, que vem todos os sábados à noite, e muitas vezes o homem do peixe. E sempre há aves e ovos. Eu não sei, Senhora, se o Senhor tem dito para você, mas ele elogia os jantares de domingo com muita frequência.” (Tradução livre).

proceder, vendendo ou negociando no dia do Senhor, e, a cada admoestação mais refratário, irresoluto, permanecendo em quebrantar a Ley de Deus. Em vista de sua reluctancia, a Sessão resolveu suspendel-o da Santa Ceia do Senhor por tempo indefinido.³⁶³

Ironicamente, a ilusão é a estratégia discursiva empregada no romance protestante, a mesma do romance como gênero, e como tal ia de encontro às severas acusações de meados do século XIX contra a utilização desse gênero literário pelas comunidades religiosas por parte de alguns líderes protestantes. Para construir uma realidade a partir de sua ficção, Mary Wardlaw fez uso da negação da realidade em prol da consumação de seu sonho pessoal, ou seja, o incentivo às missões protestantes no Brasil a partir de um relato que demonstrava o vigor e o triunfo de uma missão existente na Província do Ceará.

Sobre tal dinâmica inerente ao romance, Robert afirma que:

Quem “faz” um romance exprime com isso um desejo de mudança que tenta se realizar em duas direções, pois ou ele conta histórias, e muda *o que é*; ou busca casar-se acima de sua condição, e muda *o que ele é*; de toda forma, ele nega a realidade empírica em nome de um sonho pessoal que acredita possível realizar graças à mentira e à sedução.³⁶⁴

A mudança aqui caminha em duas direções: a primeira direção é da própria experiência vivenciada por Mary Wardlaw enquanto missionária no Brasil, suas memórias rearticulam-se para incorporar os aspectos ficcionais inseridos no texto, criando um ambiente favorável às ações da missão protestante do casal Cary; a segunda diz respeito ao objetivo do romance, claramente disposto pela autora, que seria despertar em seus compatriotas o interesse nos brasileiros para que esses fossem vistos como pessoas que necessitavam da salvação que seria possível apenas com a ação de missionários protestantes.

O romance de Mrs. Wardlaw extrapola a dinâmica da dimensão espaço-temporal ao realizar um jogo entre passado-futuro e Brasil-Estados Unidos. A partir da mudança do passado no Brasil busca-se mudar o presente/futuro do mesmo país a partir da ação de missionários estadunidenses. Assim, a missão Presbiteriana desenvolvida no Ceará durante a década de 1880 é apresentada em “Candida” como dotada de triunfo e ao leitor é dada a impressão de que o protestantismo estaria caminhando em largos passos e alcançando numerosos prosélitos, apesar

³⁶³ Acta da sessão da Igreja Presbiteriana da cidade da Fortaleza capital do Estado do Ceará. Sessão de 25 de setembro de 1892. Livro nº 1 (1890-1899). Arquivo da Igreja Presbiteriana de Fortaleza.

³⁶⁴ ROBERT, Marthe. Op. cit. pp. 28-29.

de, ao analisarmos a documentação referente ao período, notarmos que as conversões não foram tão abundantes se comparadas ao número de habitantes da Província³⁶⁵.

Contudo, conforme assinalamos acima, essa modificação do passado tinha por objetivo uma proposta para o futuro, pois, apesar de Mary Wardlaw finalizar sua obra de modo otimista a respeito do avanço do protestantismo no Brasil, ela deixa claro que ainda havia a necessidade de uma forte atuação missionária em tal país.

Correlata à ênfase nas conversões dos nativos há também uma apresentação da visão de mundo protestante marcada pela superioridade diante da sociedade em que tais sujeitos estavam inseridos. Uma sociedade composta por indivíduos protestantes se destacaria diante de pessoas de outras religiões, pois seu modo de vida seria pautado pela ética protestante de valorização do trabalho, da liberdade, do progresso, da tolerância e da autodeterminação. Esse aspecto também fazia parte dessa construção forjada no espectro do triunfo.

Os missionários protestantes estadunidenses se viam como os portadores de um modo de vida superior. Eles seriam os guias que levariam aos outros povos as benesses existentes nos Estados Unidos, país que seria para os missionários um modelo de sucesso a ser seguido. Contudo, tal discurso se alicerçava na certeza de que o sucesso dos Estados Unidos da América – uma República imersa na liberdade, progresso e democracia – só fora possível devido à religião de seus fundadores e construtores, isto é, o protestantismo³⁶⁶.

Nada mais triunfal que demonstrar o comportamento de sujeitos protestantes como algo superior perante aqueles que ainda necessitavam ser alcançados e convertidos ao protestantismo. Isso é posto no romance de modo extremamente naturalizado, pois tal era a convicção da autora. Assim, novamente citamos o momento em que o Reverendo Cary, ao tentar

³⁶⁵ Diante dos cento e vinte e dois (122) nomes postados na Ata da Sessão da Igreja Presbiteriana de Fortaleza em 1890 como membros da dita comunidade protestante, nos deparamos com um levantamento demográfico de 1888 que atribuíu à Província do Ceará o número de 860.000 habitantes. Apesar de impreciso, tal levantamento populacional demonstra o quão diminuto era o número de fiéis protestantes em comparação com a quantidade de habitantes da Província, e depois Estado, do Ceará. A respeito das informações demográficas do período Cf. POMPEU, Thomaz. *População do Ceará em 1889*. In. Revista do Instituto do Ceará. Tomo IV. Ano IV. pp. 253-272. Fortaleza: Typographia Economica, 1890.

³⁶⁶ Fernando Catroga aponta que no discurso do Destino Manifesto estadunidense há uma “caracterização da América como um novo mundo (...) iniciador de uma nova ordem do tempo (...); encerra uma história da salvação que narra como Deus protege os americanos dos seus inimigos; fomenta ritos (discursos, inaugurações, funerais nacionais, etc) que elegem e promovem seus santos (Washington, Jefferson, Lincoln, e outros) (...) [chegando ao culto] da bandeira nacional, a qual, por sua vez, também se encontra exposta nos altares das igrejas; invoca um credo maior – a liberdade” In. CATROGA, Fernando. Op. cit. pp. 30-31.

visitar um dos membros de sua igreja (Hilário) que se encontrava hospitalizado na Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza, é impedido pelas freiras que trabalhavam a instituição:

*They took him to the Santa Casa. One of your church members learned of it, and went for Mr. Cary. They say there was a dreadful scene. (...) they say the sisters tried to put Mr. Cary out by force, telling him he had no right to come to a Catholic institution. 'Excuse me, Senhora,' said he, 'this building belongs to the State.'*³⁶⁷

Diante de uma ação de intolerância religiosa praticada pelas freiras que buscavam impedir a entrada do missionário protestante em uma instituição supostamente católica, a resposta de Cary expressa algo que era bastante caro aos missionários estadunidenses no Brasil: a necessidade de separação entre Igreja e Estado. Para o Reverendo Cary, a Santa Casa tratava-se de um hospital público, pois era subsidiado pelo Estado e, como tal, seus funcionários não poderiam impedir a entrada de qualquer pessoa que fosse, pautados pelo aspecto religioso.

Tal reação de Mr. Cary, ao mesmo tempo em que exalta a visão de mundo que percebe a necessidade de serviços públicos destituídos de qualquer acepção de pessoas por motivos de crença religiosa, também buscava passar aos leitores uma imagem depreciativa das freiras católicas brasileiras e sua ignorância. Coadunava-se à visão de mundo do Reverendo Cary, os textos de seu equivalente no “espelho”, o Reverendo De Lacey Wardlaw, a respeito da Proclamação da República no Brasil:

*A Igreja Romana é intolerante; aonde tem o poder não tolera a liberdade de pensamento, opinião, palavra, etc. (...) O povo brasileiro era educado pela Igreja e é em geral intolerante. (...) Porém as cousas mudarão em Brazil, a República veiu; os sábios homens que foram chamados ao governo sabiam que n'uma República não podia haver classe privilegiada e por isso separarão a Igreja e o Estado.*³⁶⁸

O embate entre as freiras da Santa Casa e o Reverendo Cary reforçava aos leitores a certeza de que seus missionários enfrentavam a intolerância católica no Brasil, mas que, apesar das dificuldades, essa árdua batalha estava destinada à vitória. O próprio romance “Candida” encerra sua trama temporalmente duas semanas antes da queda da Monarquia no Brasil tanto passando aos leitores a impressão de um futuro glorioso para essa nação envolta no regime

³⁶⁷ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. p. 182.

³⁶⁸ Jornal “Libertador”. Fortaleza, 23 de agosto de 1890. Seção “Tribuna do Povo”. Coluna “Notas Religiosas” de autoria do Reverendo De Lacey Wardlaw.

político republicano laico, tal qual seu grande irmão do norte, quanto ganhando espaço com o protestantismo.

Essa vitória do modo de vida estadunidense protestante que conquistava os corações e mentes dos prosélitos com vias a transformar toda uma nação é representada sutilmente em outro trecho do romance de Mrs. Wardlaw. Diante da comparação entre Estrella, filha de Candida, e as filhas de Dona Lucretia (a primeira patroa de Candida em seu trabalho como governanta):

*Candida looked at the three little girls. Estrella's hair was freshly curled; Mariquinha's and Anita's hung in an uncouth tangle. Estrella's stockings were whole, and her shoes neatly brushed and tied. Her plain black and white checked calico was clean and well-fitting. The other little girls were clad in faded finery. Anita's dress was unhooked half the way, while torn lace hung from Mariquinha's. Both wore slippers into which only the toes were thrust, and over which their stockings drooped untidily.*³⁶⁹

Tal percepção de Candida sobre as filhas da patroa é descrita no momento em que Dona Lucretia, invejosamente, queixa-se com Candida considerando um desrespeito vestir sua filha tão finamente diante de sua posição de empregada. Contudo, mais relevante que o conflito entre Candida e sua patroa está a sutileza da autora em demonstrar que a conversão de Candida ao protestantismo a tornara diferenciada diante de seus pares brasileiros e isso se materializava em seu cuidado com as vestes de sua filha. Nesse sentido, Estrella estava impecavelmente vestida devido ao fato de ser filha de uma protestante.

O vestir-se adequadamente está inserido no aparato simbólico da representatividade da decência, moralidade e higiene a partir do vestuário. O cuidado com a aparência de sua filha só lhe era possível em decorrência de sua conversão, fazendo com que Estrella estivesse muito melhor vestida que as filhas de sua patroa católica. Essa severidade quanto à vestimenta das crianças, cuja nudez deveria ser evitada, fazia parte das recomendações dadas por teólogos e pregadores na Nova Inglaterra acerca do cuidado que os fiéis deveriam possuir, devendo envergonhar-se de seu próprio corpo: “Não só os presbiterianos mais austeros, mas todos os

³⁶⁹ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. p. 333. “Candida olhou para as três meninas. O cabelo de Estrella fora recém-cacheado; o de Mariquinha e de Anita pendurado em um emaranhado rude. As meias de Estrella estavam inteiras e seus sapatos cuidadosamente escovados e amarrados. Seu vestido de chita preto e branco estava limpo e bem ajustado. As outras meninas estavam vestidas com elegância desbotada. O vestido de Anita estava sem um pedaço, enquanto rendas rasgadas pendiam do de Mariquinha. Ambas usavam chinelos em que se via os dedos e sobre os pés meias caídas e sujas.” (Tradução livre).

‘evangélicos’ que se esforçam para ‘despertar’ e ‘converter’ as multidões compartilharam e afirmaram a convicção de que o corpo é de certo modo a prova de nossa corrupção”³⁷⁰.

Essa passagem, que a um primeiro olhar surge de maneira desprezível, carrega os louros do triunfo do missionarismo protestante. Além da salvação da alma, a conversão ao protestantismo traria em seu bojo uma mudança no modo de vida dos fiéis que se tornariam semelhantes àqueles que lhes trouxeram um novo modo de ver o mundo, isto é, os missionários.

Talvez as conversões provenientes da missão presbiteriana no Ceará na década de 1880 não tenham sido tão numerosas e emotivas quanto às do romance de Mrs. Wardlaw; talvez no campo prático a suposta superioridade protestante não tenha sido tão visível e surpreendente aos olhos católicos; ou talvez sim. Contudo, tal ponto não importa à nossa discussão, a nós importa perceber que a partir do momento em que “Candida” foi publicado e lido pela primeira vez por algum sujeito nos Estados Unidos, um Brasil e um Ceará foram forjados por Mary Hoge Wardlaw. Os protestantes, católicos, brasileiros e estrangeiros do romance tornaram-se “reais”.

Assim, “Candida” aproxima-se da perspectiva dada por Sevcenko à literatura, isto é “A literatura, portanto, fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram”³⁷¹. Mas, na visão de mundo da missionária Mary Wardlaw, a história que não ocorreu, as possibilidades que não vingaram e os planos que não se concretizaram estariam em curso de viabilização e seu papel, agora como missionária-romancista, era o de insuflar seus leitores a darem continuidade ao que iniciara enquanto agente da Igreja no campo missionário.

³⁷⁰ DELUMEAU, Jean. *O Pecado e o Medo: a culpabilização no Ocidente (séculos 13-18)*. Volume II. Tradução de Álvaro Lorencini. Bauru: EDUSC, 2003. pp. 338-339.

³⁷¹ SEVCENKO, Nicolau. Op. cit. p. 30.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: *CHERCHEZ LES FEMMES*

O porto do Ceará, que a libertadora cearense, fechou ao trafico infame dos escravos, está ainda aberto ao trafico ainda mais vil das bíblias falsas. Um tal Lacy Wardlou, que se diz ministro evangélico da igreja (sic) presbyteriana na União Americana (...) E eil-o todos os dias com a bíblia na mão a repetir textos truncados e a emprestar aos auctores sagrados sentimentos dignos sómente de um reformado! Mas, felizmente, o catequista norte-americano é de uma intelligencia muito rasa (...)

Felizmente este vendedor de bíblias falsas vai breve nos deixar, descontente por não ter feito aqui sequer um proselyto (...)

*Iamos esquecendo de dizer que o nosso mylord trouxe e leva em sua companhia uma loura milady. É o caso de dizer-se: “Chercher la femme”.*³⁷²

Findava o ano de 1882 e, passados pouco mais de dois meses da chegada do casal de missionários presbiterianos De Lacey e Mary Wardlaw à Província do Ceará, uma carta foi enviada à redação do periódico católico “O Apóstolo” publicado na cidade do Rio de Janeiro. Os editores desse órgão da imprensa militante católica, que tinha por característica a luta contra os inimigos da religião e a defesa de sua fé, publicaram a correspondência do correligionário cearense a respeito do casal de protestantes recém-chegados à cidade de Fortaleza, da qual transcrevemos um trecho na citação acima.

Muito mais que o tom polemista, deveras comum na imprensa de cunho católica ou protestante da época, o que nos saltou aos olhos após a leitura do texto foram as linhas finas da correspondência publicada n’*O Apóstolo*, que destacamos, nas quais o devoto correspondente aponta a existência de uma companheira frequente do ministro evangélico em seus trabalhos religiosos, no caso Mary Hoge Wardlaw, apresentada apenas como “uma loura milady”. Ao que, de maneira extraordinariamente sarcástica, o articulista encerra seu discurso impondo uma correlação às ações vistas como impertinentes do ministro protestante devido à existência da esposa deste, impondo desse modo a máxima: “*Cherchez la femme*”.

Muito provavelmente, aos leitores de “O Apóstolo”, o sentido do fecho em francês da correspondência proveniente da Província do Ceará era bastante claro e deveras difundido dentre os círculos letrados brasileiros de então. Tal termo fora cunhado por Alexandre Dumas no romance folhetinesco “*Les mohicans de Paris*”, publicado na década de 1850 e que rapidamente

³⁷² Jornal “O Apóstolo”. Rio de Janeiro, 17 de novembro de 1882. Seção “Interior. Correspondências do Apóstolo. Ceará”. Destaque nosso.

ganhou espaço no Brasil, especialmente em folhetins publicados por órgãos da imprensa. Essa obra de Dumas trata-se de um romance policial no qual o detetive M. Jackal constantemente repete tal bordão com o intento de afirmar que em qualquer problema cotidiano ou caso policial a causa sempre estará em uma mulher:

Cherchez la femme, pardieu! Cherchez la femme!

(...)

*Toutes les fois que l'on venait lui dénoncer une conspiration, un assassinat, un vol, un enlèvement, une escalade, un sacrilège, un suicide, il ne faisait qu'une réponse: "Cherchez la femme!"*³⁷³

*l y a une femme dans toute les affaires; aussitôt qu'on me fait un rapport, je dis "Cherchez la femme!"*³⁷⁴

De modo que, a máxima de Monsieur Jackal, constituída de forte conotação misógina, logo ganhou replicadores dentre os leitores brasileiros do famoso romancista francês, confirmando o presságio de Salvator, protagonista dos “*Mohicans de Paris*”, segundo o qual: “*vous êtes un grand homme, monsieur Jackal, et (...) votre maxime ‘Cherchez la femme’ passera á la posterité!*”³⁷⁵.

De fato, passou! E, três décadas depois, era com tal máxima que um periódico publicava uma carta que buscava apontar de onde provinha a reprovável atuação de um missionário presbiteriano no Ceará. Por detrás de seu “tráfico vil das bíblias falsas”, de sua pregação truncada e de sua “intelligencia muito rasa”, havia um elemento que necessitava ser levado em consideração, a partir da recomendação de que se deveria “*Cherchez la femme!*”.

Ora, apesar de seu teor depreciativo, ironicamente, foi a sugestão de Monsieur Jackal que nos propusemos seguir nesta tese, mas não sob o mesmo prisma do detetive de Dumas. Na verdade, todo este trabalho esteve empenhado, tendo por fonte documental principal uma obra literária, em *cherchez la femme*, que, em muitos dos estudos a respeito das missões protestantes, foi/foram colocada(s) como uma sombra ou mero apêndice.

³⁷³ DUMAS, Alexandre. *Les mohicans de Paris I*. Paris: Calmann Lévy Editeur, 1885. pp. 232-236. “Procurem a mulher, por Deus! Procurem a mulher! (...) Todas as vezes que lhe faziam uma denúncia de uma conspiração, um assassinato, um roubo, um sequestro, uma violência, um sacrilégio, um suicídio, ele dava apenas uma resposta: ‘Procurem a mulher!’.” (Tradução livre).

³⁷⁴ DUMAS, Alexandre. *Théâtre complet de Alex. Dumas. XXIV. Les mohicans de Paris – Gabriel Lambert*. Paris: Michel Lévy Frères Éditeurs, 1874. p. 103. “Há sempre uma mulher envolvida em todos os casos. Assim que me trazem um relatório, eu digo: ‘Procurem a mulher!’.” (Tradução livre).

³⁷⁵ *Ibidem*, p. 106.

Dessa forma, ao desenvolver a análise do romance escrito por uma missionária casada que esteve por duas décadas no Brasil e que ao retornar aos Estados Unidos publicou uma ficção baseada em suas experiências e expectativas missionárias, procuramos ir além de uma análise crítica literária. Debruçamo-nos sobre “Candida” empenhados em emular o historiador apontado por Erich Auerbach: “para o historiador que procura determinar o lugar de uma obra dentro de um processo histórico é, contudo, necessário, na medida do possível, esclarecer o que significou a obra para o seu autor e para seus contemporâneos”³⁷⁶.

Mas, para esclarecer tais significados se fez necessário trazer ao centro da discussão *la femme*, ou melhor, *les femmes*, pois inegavelmente o universo da literatura ficcional protestante norte-americana entre os séculos XIX e XX possuiu um amplo espectro de protagonismo feminino. Conforme apontamos, a literatura, em especial os romances, constituiu-se como mecanismo de atuação validado pelas instituições religiosas cujas autoras estavam filiadas, além de terem servido como espaço de articulação de visões de mundo e posicionamentos teológicos.

Apesar das resistências por parte de algumas lideranças eclesiásticas na primeira metade do século XIX, em poucas décadas o mercado editorial protestante dos Estados Unidos deu aos romances de cunho religioso um espaço de destaque. Com a ascensão do movimento missionário, houve uma ampliação temática nas tramas de tais romances, possibilitando que missionários e entusiastas das missões transformassem esse tipo de literatura em um escrito missionário juntamente com os *reports*, cartas, relatórios e diversos outros escritos produzidos pelos missionários e juntas de missões das mais variadas denominações protestantes.

Em especial, nos ativemos à “loura mylady” mencionada em “O Apóstolo” e sua obra. Mary Hoge Wardlaw teceu em “Candida” uma trama que amalgamou seu olhar retrospectivo a respeito de suas experiências missionárias em terras estrangeiras por vinte anos antes com suas expectativas de continuidade do trabalho missionário protestante no Brasil. Conforme buscamos apontar por todo o trabalho, a vivência de Mrs. Wardlaw por duas décadas no campo missionário lhe possibilitou uma ampliação de seu espectro de atuação religiosa que lhe seria difícil caso nunca tivesse saído dos Estados Unidos.

³⁷⁶AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura Ocidental*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2015. p. 316.

Assim, mesmo vista por muitos de seus compatriotas contemporâneos como uma mera acompanhante do líder da missão – o Reverendo De Lacey Wardlaw – na zona de contato que se configurou o Brasil, sua participação na efetivação de comunidades protestantes excedeu o âmbito doméstico, na medida em que Mrs. Wardlaw teve a seu cargo uma série de atribuições de protagonista, especialmente com relação à administração dos negócios religiosos da Igreja Presbiteriana de Fortaleza voltados às mulheres e crianças.

Além disso, os vários anos dedicados à missão foi o que lhe possibilitou a publicação de um romance pelo *Presbyterian Committee of Publication* de Richmond, cuja a lembrança da atuação no Brasil geralmente vinha à tona quando das postagens de propagandas nos periódicos norte-americanos acerca de “Candida” durante a primeira década do século XX.

De certa forma, a ampliação de mulheres enquanto escritoras nos Estados Unidos nos oitocentos desenvolveu um fenômeno de aumento do espectro de atuação feminina no âmbito público, mesmo diante das severas resistências. As “*Domestic Novels*”, estudadas por Helen Papashvily³⁷⁷, a uma primeira vista, inocentes e despretensiosas, traziam em seu bojo vigorosas denúncias de abusos e maus tratos às mulheres da parte de maridos, pais, noivos, e que iam desde o cerceamento à participação social da mulher na esfera pública (estudar e trabalhar), passavam por violências físicas e psicológicas, e chegavam a tramas envolvendo embusteiros-sedutores que roubavam as riquezas das famílias das protagonistas.

Mas, além disso, muitas das personagens construídas pelas autoras desses “Romances Domésticos”, de modo similar ao romance missionário-protestante de Mary Hoge Wardlaw, possuíam voz e expressavam suas visões de mundo. Isso era algo que ia de encontro a uma premissa que durante muito tempo se tentou sustentar por diversas autoridades eclesiásticas protestantes, isto é, às mulheres o silêncio, de modo que, mesmo abalizado por editores ou casas publicadoras gerenciadas pelas denominações dirigidas por homens, obras como “Candida” romperam tal silêncio, de modo que: “*The ‘silence’ was broken by a chorus of feminine voices, explaining and interpreting the Divine mysteries*”³⁷⁸.

Mary Wardlaw, além de escritora, era leitora de obras ficcionais e, como tal, forjou sua obra com intenções militantes quanto àquilo que cria ser uma missão divina que cumprira no Brasil por vinte anos e cuja continuidade se dava através de seu romance mesmo após seu retorno

³⁷⁷ PAPASHVILY, Helen Waite. Op. cit.

³⁷⁸ Ibidem, p. 105. “O ‘silêncio’ foi quebrado por um coro de vozes femininas, explicando e interpretando os mistérios divinos”. (Tradução livre).

aos Estados Unidos. Conhecedora do universo de leitores de tais obras, cuja maioria era formada por mulheres, Mrs. Wardlaw seguiu uma tendência comum a outras obras do mesmo gênero quanto à construção de seus protagonistas, ou seja, muitas trajetórias femininas dispostas em suas mais de trezentas páginas.

No entanto, apesar da temática central de seu romance circundar em torno das conversões e do crescimento de uma comunidade protestante em um país majoritariamente católico, personagens como Candida, Florinda, Estrella, Theresa, Glória, Joanna, Christina e Mrs. Cary tocavam em assuntos que iam além da militância missionária. A partir de tais mulheres, Mary Wardlaw buscou também abordar sutilmente aspectos relacionados à atuação feminina no ambiente eclesiástico, no sustento doméstico, em espaços públicos, bem como diante do marido (postadas em pé de igualdade).

Acreditamos que um ponto que deva ser reiterado é a capacidade de reinvenção a partir das apropriações realizadas pelos leitores de obras literárias. O romance de Mary Wardlaw absolutamente não foi encerrado em seu trigésimo terceiro capítulo, apenas houve da parte da autora um fechamento preliminar daquilo que ela cria como sendo o “sentido da vida” para sua protagonista, pois como aponta Walter Benjamin: “é essa justamente a lei da forma romanesca: no momento em que o herói consegue ajudar-se, sua existência já não pode mais ajudar-nos”³⁷⁹.

Ao chegar-se a esse sentido, a história “acaba”, mas acaba apenas nas letras do romancista, pois o romance tem a capacidade de permanecer em suspenso na mente do leitor que fará articulações e buscará imaginar o “depois” a partir do ponto em que o autor encerrou sua história, levantando questões como: Qual o destino dos personagens após aquele ponto? Quais os desfechos dos nós não desatados pela autora?

Mary Wardlaw também deixa questões em suspenso ao encerrar sua trama com seu personagem ideal, Estrella, enquanto uma criança protestante promissora em uma nação ainda majoritariamente católica. Assim, seu fecho tem relação direta com seu prefácio, no qual a autora apresenta seu desejo em “*deepen the interest in Brazilians as fellow-beings*”³⁸⁰. Caso Mrs. Wardlaw tivesse sucesso em seu ensejo militante-missionário construído em “Candida”, caberia a partir de então aos seus compatriotas a continuidade da missão no Brasil, e ela poderia, então, considerar-se “*blessed above measure*”³⁸¹.

³⁷⁹ BENJAMIN, Walter. Op. cit. p. 61.

³⁸⁰ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. p. 6.

³⁸¹ Ibidem.

Dito isso, concluímos nossas palavras apontando que nosso esforço neste trabalho concentrou-se majoritariamente em um romance e em uma missionária, mas acreditamos que há ainda uma infinidade de possibilidades de análises relacionadas a tais tipos de fontes. Esses sujeitos inegavelmente necessitam ter abordados e problematizados seus passos, modos de vida e visões de mundo.

Diante da zombeteira e sarcástica frase do correspondente de “O Apóstolo” – “Vamos esquecendo de dizer que o nosso mylord trouxe e leva em sua companhia uma loura milady. É o caso de dizer-se: ‘*Chercher la femme*’” –, paradoxalmente, juntamo-nos ao coro, mas partindo de um raciocínio diferente: muitas vezes totalmente esquecidas ou relegadas a um segundo plano, várias missionárias – solteiras e casadas – desenvolveram atividades das mais variadas tanto no campo missionário como após seu retorno à terra natal. É o caso de dizer-se aos pesquisadores: *Cherchez les femmes!*

BIBLIOGRAFIA

Obras de referência

- ALMEIDA, Jane Soares de. *Ler as letras: por que educar meninas e mulheres?* São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo: Campinas: Editores Associados, 2007.
- ALVES, Rubem. *O que é Religião*. 3 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.
- _____. *Dogmatismo & Tolerância*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- _____. *Religião e Repressão*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura Ocidental*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e Estética: A teoria do romance*. 5. ed. Tradução de Aurora Bernadini et. al. São Paulo: Unesp/Hucitec, 1998.
- _____. *Teoria do Romance I: a estilística*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BAUDRILLARD, Jean & GUILLAUME, Marc. *Figures de l'altérité*. Paris: Descartes & Cie, 1994.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8 ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BENTLEY, Nancy. *Literary forms and mass culture, 1870-1920*. In. BERCOVITCH, Sacvan (Org.). *The Cambridge History of American Literature*. Volume 3. *Prose Writing: 1860-1920*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: a gênese do campo literário*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BROWN, Candy Gunther. *The word in the world: Evangelical writing, publishing, and reading in America, 1789-1880*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2004.
- BURKE, Peter. *Estereótipos do outro*. In. *Testemunha Ocular: história e imagem*. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos; revisão técnica de Daniel Aarão Reis Filho Bauru: EDUSC, 2004.
- _____. *O que é História Cultural?* Tradução de Sérgio Goez de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

- _____. *Hibridismo cultural*. Tradução de Leila Souza Mendes. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2006.
- CAPELARI, Márcia Regina & NAXARA, Izabel Andrade & MARSON, Marion Brepohl de Magalhães (orgs.). *Figurações do outro na história*. Uberlândia: EDUFU, 2009.
- CARVALHO, Edgar Assis de. Estrangeiras imagens. In. KOLTAI, Caterina (Org.). *O Estrangeiro*. pp. 21-36. São Paulo: Escuta / FAPESP, 1998.
- CATROGA, Fernando. *Nação, Mito e Rito: Religião civil e comemoracionismo (EUA, França e Portugal)*. Fortaleza: Edições NUDOC / Museu do Ceará, 2005.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- CHALOUB, Sidney. *Machado de Assis: historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Lisboa, Presença, 1998.
- _____. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora Universidade UFRGS, 2002.
- _____. (Org.). *História da vida privada, 3: Da Renascença ao Século das Luzes*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____. (Org.). *Práticas da leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. 5 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Tradução de Sonia Coutinho. 5 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- _____. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do Povo: sociedade e cultura no início da França moderna*. Tradução de Mariza Corrêa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- DELUMEAU, Jean. *Nascimento e afirmação da reforma*. Tradução de João Pedro Mendes. São Paulo: Pioneira, 1989.
- _____. *Mil anos de felicidade: Uma história do Paraíso*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- _____. *O Pecado e o Medo: a culpabilização no Ocidente (séculos 13-18)*. Volume II. Tradução de Álvaro Lorencini. Bauru: EDUSC, 2003.

- _____. *História do medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. Tradução de Maria Lúcia Machado. Companhia das Letras, 2009.
- DEUSEN, Nancy E. Van. *Between the Sacred and the Wordly: The Institutional and Cultural Practice of Recogimento in Colonial Lima*. Stanford: Stanford University Press, 2001.
- DUNSTAN, Leslie. *Protestantismo*. Tradução de George Braziller. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1964.
- FERREIRA, Júlio Andrade. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil* (vol. I). 2 ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992.
- FILORAMO, Giovanni. *Monoteísmos e dualismos: as religiões de salvação*. Tradução de Camila Kintzel. São Paulo: Hedra, 2005.
- FRANCO, Stella Maris Scatena. *Peregrinas de outrora: viajantes latino-americanas no século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008.
- FUNES, Eurípedes Antônio. Negros no Ceará. In. SOUSA, Simone de (Org.). *Uma nova história do Ceará*. 3 ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.
- GASBARRO, Nicola. Missões: a civilização cristã em ação. In. MONTERO, Paula (Org.). *Deus na Aldeia: missionários, índios e mediação cultural*. São Paulo: Globo, 2006.
- GAY, Peter. *Represálias selvagens: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Tradução de Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1978.
- _____. *O Saber Local: Novos ensaios em antropologia interpretativa*. Tradução de Vera Mello Joscelyne. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GIRÃO, Raimundo. *Cidade de Fortaleza (Filmagem histórica)*. Fortaleza: Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, 1945.
- GOLDMAN, Frank P. *Os pioneiros americanos no Brasil: educadores, sacerdotes, covos e reis*. São Paulo: Pioneira, 1972.
- GONÇALVES, Carlos Barros. *Até aos confins da terra: O movimento ecumênico protestante e a evangelização dos povos indígenas*. Dourados: Editora UFGD, 2011.
- GRIMSHAW, Patricia. Faith, missionary life, and the family. In. LEVINE, Philippa (Org.). *Gender and Empire*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JORDÁN ARROYO, María V. *Sonhar a história: risco, criatividade e religião nas profecias de Lucrecia de León*. Bauru (SP): EDUSC, 2011.
- KAESTLE, Carl F. [et al.]. *Literacy in the United States: Readers and reading since 1880*. New Haven and London: Yale University Press, 1991.
- KIERNAN, Victor Gordon. *Estados Unidos: o novo imperialismo*. Tradução de Ricardo Doninelli Mendes. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- KING, Ursula & BEATTIE, Tina (Orgs.). *Gender, religion and diversity: cross-cultural perspectives*. London and New York: Continuum, 2005.
- LAWRENCE, David Herbert. *Estudos sobre a literatura clássica americana*. Tradução de Heloisa Jahn. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução de Bernardo Leitão [et al.]. 5 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.
- LESSA, Vicente Themudo. *Anais da Primeira Igreja Presbiteriana de São Paulo*. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2010 [1938].
- MACIEL, Elter Dias. *O drama da conversão: análise da ficção batista*. Rio de Janeiro: CEDI, 1988.
- MCARTHUR, Judith N. *Creating the new woman: the rise of southern women's progressive culture in Texas, 1893-1918*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 1998.
- MCMULLEN, Lorraine. *Dictionary of Canadian Biography (verbete Margaret Murray Robertson)*, vol. 12, University of Toronto/Université Laval, 2003. Disponível em: <http://www.biographi.ca/en/bio/robertson_margaret_murray_12E.htm>.
- MASSENZIO, Marcello. *A História das Religiões na Cultura Moderna*. Tradução de Camila Kintzel. São Paulo: Hedra, 2005.
- MATOS, Alderi Souza de. *Os Pioneiros presbiterianos do Brasil (1859-1900): Missionários, pastores e leigos do século 19*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.
- MELNYK, Julie. Evangelical theology and feminist polemic: Emma Jane Worboise's Overdale. In: MELNYK, Julie (Org.). *Women's theology in nineteenth-century Britain: transfiguring the faith of their fathers*. New York: Garland, 1998.

- MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celeste porvir. A inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1995.
- NOBRE, Geraldo da Silva. *Introdução à História do Jornalismo Cearense* – Edição fac-similar. Fortaleza: NUDOC / Secretaria de Cultura do Estado do Ceará – Arquivo Público do Estado do Ceará, 2006.
- OLSON, Roger. *História da teologia cristã: 2.000 anos de tradição e reformas*. Tradução de Gordon Chow. São Paulo: Editora Vida, 2001.
- ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1983.
- PAPASHVILY, Helen Waite. *All the happy endings*. New York: Harper & Brothes Publishers, 1956.
- PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Tradução de Jézio Gutierre. Bauru: EDUSC, 1999.
- REEVES-ELLINGTON, Barbara & SKLAR, Kathrin Kish & SHEMA, Connie A. (Orgs.) *Competing Kingdoms: women, mission, and the American Protestant Empire, 1812-1960*. Durham & London: Duke University Press, 2010.
- ROBERT, Dana L. (Org.). *Gospel Bearers, gender barriers: missionary women in the twentieth century*. Maryknoll, New York: Orbis Books, 2002.
- ROBERT, Marthe. *Romance das origens, origens do romance*. Tradução de André Telles. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SCHWARTZ, Rosana (Org.). *Mulheres de fé: norte-americanas no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Editora Expressão & Arte, 2011.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SILVA, Eliane Moura & BELLOTTI, Karina Kosicki & CAMPOS, Leonildo Silveira (Orgs.). *Religião e sociedade na América Latina*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

- SILVA, Eliane Moura. Viajantes e missionárias protestantes norte-americanas: narrativas e alteridades na segunda metade do século XIX. In. DIETRICH, Ana Maria... [et al.]. *Viajantes, missionários e imigrantes: olhares sobre o Brasil*. Campinas: Unicamp/IFCH, 2013.
- SINGH, Maina Chawla. *Gender, religion, and "heathen lands": American missionary women in South Asia (1860s-1940s)*. New York and London: Garland Publishing, 2000.
- SOUZA, Sandra Duarte de (Org.). *Gênero e Religião no Brasil: ensaios feministas*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.
- TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. 2 ed. Tradução de Moysés Baumstein. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.
- _____. *Nós e os Outros: A reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Volume 1. Tradução de Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- _____. *A Conquista da América: a questão do outro*. 3 ed. Tradução de Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.
- WIESNER, Merry E. *Women and Gender in Early Modern Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979.
- WILSON, Kathleen. Empire, gender and modernity. In. LEVINE, Philippa (Org.). *Gender and Empire*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- WOODWARD, C. Van. *Ensaio comparativo sobre a história americana*. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Editora Cultrix, 1972.
- VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília: Editora UNB, 1980.
- VOLTAIRE. François-Marie Arouet de. *Tratado sobre a tolerância*. Tradução de Antonio Geraldo da Silva. São Paulo: Editora Escala, S/d.

Monografias, Dissertações e Teses

- OLIVEIRA, Gledson Ribeiro de. *Sal da Terra: identidade e intolerância de católicos e protestantes no Ceará do século XIX*. Recife Dissertação UFPE, 2001.
- OLIVEIRA FILHO, Sérgio Willian de Castro. “*Emissários do frade apostata*”: Inserção, transgressão e Disciplina Eclesiástica na Igreja Presbiteriana de Fortaleza (1882-1899). Fortaleza Monografia de Graduação UECE, 2008.
- _____. “*Estranho em terra estranha*”: Práticas e olhares estrangeiro-protestantes no Ceará oitocentista. Fortaleza Dissertação UFC, 2011.
- RODRIGUES, Eylo Fagner Silva. *Liberdade ainda que precária: Tornando-se livre nos meandros das leis, Ceará (1868-1884)*. Fortaleza Dissertação UFC, 2012.
- SOUZA, Robério Américo do Carmo. *Fortaleza e a “nova fé”*: a inserção do protestantismo na capital cearense (1882-1915). São Paulo Dissertação PUC, 2001.

Artigos

- CAMPOS, Leonildo Silveira. *A inserção do protestantismo de missão no Brasil na perspectiva das teorias do imaginário e da matriz religiosa*. In: Estudos Teológicos. V. 52. N. 1. pp. 142-157. São Leopoldo: Jan./Jun. 2012.
- _____. *Protestantismo de Missão no Brasil, cidadania e liberdade religiosa*. In: Educação & Linguagem. V. 17. N. 1. pp. 76-116. São Bernardo do Campo: Jan./Jun. 2014.
- MANTHORNE, Katherine Emma. *O imaginário brasileiro para o público norte-americano do século XIX*. In: Revista USP. *Brasil dos viajantes*, junho-julho-agosto, Dossiê 30, pp. 58-71. São Paulo: 1996.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas*. In: Revista USP, Dossiê 67 (set-out-nov) pp. 48-67, 2005.
- MORETTI, Franco. *O Romance: história e teoria*. In: Novos Estudos – CEBRAP. Nº 85. pp. 201-212. São Paulo: 2009.
- OLIVEIRA FILHO, Sergio Willian de Castro. *Disciplina Eclesiástica e relações de poder na Igreja Presbiteriana de Fortaleza ao findar do século XIX*. Saeculum – Revista de História, ano 20, n. 32, pp. 55-67, João Pessoa, 2015.

- POMPEU, Thomaz. *População do Ceará em 1889*. In. Revista do Instituto do Ceará. Tomo IV. Ano IV. pp. 253-272. Fortaleza: Typographia Economica, 1890.
- SCOTT, Joan W. *Preface a gender and politics of history*. Cadernos Pagu. nº. 3. Campinas/SP: 1994.
- _____. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação & Realidade. N. 20. Jul/dez. 1995.
- SILVA, Eliane Moura. *Gênero, Religião, missionarismo e identidade protestante norte-americana no Brasil ao final do século XIX e inícios do XX*. In. Mandrágora (São Bernardo do Campo), v. 14, pp. 25-37, 2008.
- _____. *Missionárias protestantes americanas (1870-1920): Gênero, cultura, história*. In. Revista Brasileira de História das Religiões – ANPUH. Ano III, n. 9, jan 2011. pp. 21-40, 2011.

Ficções

- COLERIDGE, Samuel Taylor. *The rime of the ancient mariner*. New York: D. Appleton & Co., 1857.
- DEFOE, Daniel. *The Storm: Or, a collection of the most remarkable casualties and disasters which happen'd in the late dreadful tempest, both by sea and land*. Auckland: The Floating Press, 2013.
- DUMAS, Alexandre. *Théâtre complet de Alex. Dumas. XXIV. Les mohicans de Paris – Gabriel Lambert*. Paris: Michel Lévy Frères Éditeurs, 1874.
- _____. *Les mohicans de Paris I*. Paris: Calmann Lévy Editeur, 1885.

FONTES

Fontes Bibliográficas

- ARMSTRONG, Oscar Vance & ARMSTRONG, Helen (Orgs.). *Prayer poems*. Abingdon: Abingdon-Cokesbury Press, 1942.

- HARRISON FIRM PUBLISHERS. *Florida Poets: an Anthology of Contemporary Verse*. Vol. 1. New York: H. Harrison, 1931.
- KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de Viagens e Permanências nas Províncias do Norte do Brasil: compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias*. Tradução de Moacir N. Vasconcelos. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 1980.
- WARDLAW, Mary Hoge. *Candida; or, by a way she knew not. A story from Ceará*. Richmond: The Presbyterian Committee of Publication, 1902.

Fontes Bibliográficas em Formato Digital

- ANDREWS, Charles Wesley. *Religious Novels: an argument against their use*. New York: A. D. F. Randolph, 1856. (<http://babel.hathitrust.org/>)
- BAILEY, Thomas Pearce. *Race orthodoxy in the South: and others aspects of the negro question*. New York: The Neale Publishing Company, 1914. (www.archive.org)
- BARSTOW, Zedekiah Smith. *The ministers of Christ should not miss their aim: a sermon preached at the Actworth*. Boston: T. R. Marvin Printer, 1829. (<http://babel.hathitrust.org/>)
- BELLET, Louise Pecquet du. *Some proeminent Virginia families*. Vol II. Lynchburg: J. P. Bell Company, 1907. (<http://babel.hathitrust.org/>)
- BRORUP, Rasmus Peterson. *The race question in the United States*. Fitzgerald: North and South Publishing Co., 1902. (www.archive.org)
- DICKSON, S. O'H. "*Within our doors*": our work among the Negroes. Richmond: Presbyterian Committee of Publication, 1913. (www.archive.org)
- GUERRANT, Edward O. *The Galax Gatherers: The Gospel among the Highlanders*. Kentucky: Published by Onward Press, 1910. (<http://www.archive.org/details/cu31924010165680>).
- LOWRIE, John Cameron. *A manual of the foreign missions of the Presbyterian Church in the United States of America*. 3 ed. New York: William Rankin Jr., 1868. (<http://babel.hathitrust.org/>)
- PERMANENT COMMITTEE ON WORK AMONG COLORED PEOPLE. *Our colored brethren: the Presbyterian and reformed churches in co-operation for their betterment in the South*. 1912. (www.archive.org)

- PHILLIPS, A. L. *The call of the home land: A study in home missions*. Richmond: The Presbyterian Committee of Publication, 1906. (<http://www.archive.org/details/callofhomelandst00phil>).
- PHYSICIAN, A. *Confessions and experience of a novel reader*. Chicago: William Stacy, 1855. (<http://babel.hathitrust.org/>)
- POTTER, M. E. (Org.). *A cumulative index to the books of 1902*. Minneapolis: The H. W. Wilson Company, 1903.
- PRESBYTERIAN CHURCH IN THE UNITED STATES OF AMERICA. *Minutes of the General Assembly of the Presbyterian Church in the United States of America*. Vol. IV, N° 2. Philadelphia: Office of the General Assembly, 1904.
- RANDOLPH, Robert Isham. *The Randolphs of Virginia: a compilation of the descendents of William Randolph of Turkey island and his wife Mary Isham of Bermuda hundred*. Chicago, 1936. (<http://babel.hathitrust.org/>)
- RECORD OF THE CLASS OF SEVENTY-SIX PRINCENTON. Number VIII (1876-1906). Princeton University, 1906. (<https://archive.org>)
- ROBERTSON, Margaret Murray. *Allison Bain; or, by a way she knew not*. London: Hodder and Stoughton, 1897. (<https://archive.org>)
- TUCKER, Hugh Clarence. *The Bible in Brazil: colporter experiences*. New York, Chicago, Toronto, London & Edinburgh: Fleming H. Revel Company, 1902. (<http://babel.hathitrust.org/>)
- WEATHERFORD, Willis Duke. *Negro life in the South: present conditions and needs*. New York: New York Association Press, 1911. (www.archive.org)

Periódicos

Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel. Setor de Microfilmagem:

- Jornal 'Constituição'. Fortaleza, 1882-1888.
- Jornal 'Libertador'. Fortaleza, 1883-1886-1887-1889-1890.
- Jornal 'O Cearense'. Fortaleza, 1888.
- Jornal 'O Estado do Ceará'. Fortaleza, 1891.
- Jornal 'Pedro II'. Fortaleza, 1888.

Arquivo Presbiteriano de São Paulo:

Jornal 'Imprensa Evangélica'. São Paulo, 1870-1878-1884-1886-1887-1890-1891-1892.

'*The Missionary*'. Vol. XXVIII. Nº 11. Nashville. November, 1895.

'*The Missionary*'. Vol. XXXVI. Nº 9. Nashville. September, 1903.

'*The Missionary Survey*'. Richmond. December, 1917.

'*The Presbyterian Survey*'. Vol. 24. Nº 7. Nashville. July, 1934.

Periódicos em Formato Digital

A General Catalogue of the officers and alumni of Union Theological Seminary in Virginia.

Prepared and published by order of the board of trustees. Baltimore, 1884.

(<http://www.archive.org/details/generalcatalogue00rich>).

'*Brazilian Missions*'. Vol. IV. Nº 7. New York. July, 1891. (www.archive.org).

'*Miami Daily News and Metropolis*'. Seção '*In the Social World*'. Miami, 1921, 1924, 1934.

(<http://news.google.com/newspapers>).

'*New York Observer*'. Seção '*Among the new books*'. Vol. LXXXI, N. 10. New York, March 5, 1903.

'*North Carolina Presbyterian*' Seção '*Children's Column*'. Fayetteville, 1896.

'O Apóstolo'. Rio de Janeiro, 1882. (<http://memoria.bn.br>).

'*Presbyterian Standard*'. Charlotte, N. C.: 1904-1925. (www.archive.org).

The American Catalogue. New York: Published by A. C. Armstrong & Son, 1905.

(<http://www.archive.org/stream/americancatalog01applgoog>).

'*The Gospel In All Lands*'. An Illustrated Monthly Missionary Journal. Representing the Missionary Society of the Methodist Episcopal Church and the missions of other churches and societies. Nova York, 1880-1881 e 1887.

(<http://www.cmalliance.org/resources/archives/gospel-in-all-lands>).

'*The Miami Metropolis*'. Seção '*Society and the Social Service*'. Miami, 1919.

(<http://news.google.com/newspapers>).

'*The Missionary*'. A monthly Journal, issued in behalf of The Foreign Missions of the Presbyterian Church in the United States. Edited by the secretaries. Vol. XXIII. Published

by Whittet & Shepperson. Richmond: 1890.

(<http://www.archive.org/details/missionary00missgoog>).

'*The Missionary Review*'. Vol. X, N° 2. Princeton. February, 1887. (www.archive.org).

St. Nicholas, an illustrated magazine for young folks. Conducted by Mary Mapes Dodge. Volume XXVI, part I – November 1898 to April 1899. The Century co. New York, 1899. (<http://www.archive.org/details/stnicholas04unkngoog>).

Demais Fontes

4ª Carta Pastoral do 2º Bispo do Ceará, Dom Joaquim José Vieira. 25 de março de 1886. In. Cartas Pastorais de Dom Joaquim José Vieira, 2º Bispo do Ceará; e outros documentos. Biblioteca Padre Luiz Uchôa – Faculdade Católica do Ceará.

Actas da sessão da Igreja Presbyteriana da cidade da Fortaleza capital do Estado do Ceará. Livro nº 1 (1890-1899). Arquivo da Igreja Presbiteriana de Fortaleza.

Almanach Administrativo, estatístico, mercantil, industrial, e literário do Estado do Ceará para o ano de 1895. Confeccionado por João Câmara. Fortaleza: Typographia d' A República, 1895.

Almanach Administrativo, estatístico, mercantil, industrial, e literário do Estado do Ceará para o ano de 1896. Confeccionado por João Câmara. Fortaleza: Typographia d' A República, 1896.

Almanach Administrativo, estatístico, mercantil, industrial, e literário do Estado do Ceará para o ano de 1897. Confeccionado por João Câmara. Fortaleza: Typographia d' A República, 1897.

Almanach Administrativo, estatístico, mercantil, industrial, e literário do Estado do Ceará para o ano de 1898. Confeccionado por João Câmara. Fortaleza: Typographia Universal, 1898.

Arrolamento da população da Freguesia de S. José da cidade da Fortaleza, capital do Ceará. 1887. Livro 383. Fundo: Chefatura de Polícia. p. 12. APEC – Arquivo Público do Estado do Ceará.

Collecção dos actos legislativos da Província do Ceará promulgados pela respectiva Assembleia no ano de 1885. Typographia Constitucional

Collecção dos actos legislativos da Província do Ceará promulgados pela respectiva Assembleia no ano de 1886. Typographia Constitucional

Folheto Presbiteriano '*Leite para crianças. Catechismo Bíblico para as classes infantis*'. De Lacey Wardlaw. Fortaleza Typographia do Libertador. 1883.

United States Passport applications, 1795-1905 [microform]. 1880, 1884, 1917, 1919. (<http://search.ancestry.com/search/db.aspx?dbid=1174>).